O MUNDO DO LIVRO
1 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 369951
LISBOA

RB185,992

VELUT ARBOR ÆVO

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

CARLOS REDUZIDO,

INGLATERRA ILLUSTRADA.

POEMA HEROICO

OFFERECIDO

'A' SOBERANA MAGESTADE DELREY N. S.

D. JOAÕ V.

Por maõ do Desembargador

BERTHOLAMEU DE SOUSA MEXIA,
Do seu Conselho, & seu Secretario das Merces, & Expediente, &c.

E ESCRITO

POR PEDRO DE AZEVEDO TOJAL,
Formado na faculdade dos Sagrados Canones.

Manoel Pedro Pereyra

LISBOA,
Na Officina de ANTONIO PEDROZO GALRAM,

Com todas as licenças necessarias. Anno de 1716.

A ELREY N. SENHOR
ANTILOQUIO.

SENHOR.

ESTE Poema, que ha doze annos anda continuamente na laborio∫a officina do Parna∫o, deve o impul∫o ao Catholico zelo, & fervoro∫o e∫pirito, com que a Sereni∫∫ima Rainha da Gram-Bretanha, ∫empre ∫u∫pirada Infante de Portugal, Tia de V. Mage∫tade, promoveo à Fé Romana a ∫eu por todos os titulos felici∫∫imo E∫po∫o Carlos Segundo de Inglaterra. Relevante, & inacce∫∫ivel acçaõ ao mais remontado voo ainda da mais elevada penna! quanto mais ao da minha, que ∫ó tem de Heroica os magnanimos e∫piritos, de que ∫e animou, tanto para idear a glorio∫a Empreza, que decanta; como para bu∫car o ∫oberano patrocinio, que implora.

V. Mage∫tade, porèm, aceyte a offerta, que lhe con∫agra a minha Mu∫a, porquenão he menos deco-

roſo nas mãos dos Monarchas ſoarem as Citharas, do que reſplandecerem os cetros: ao menos porque fique na aceytaçam da humildade da minha victima realçada a benevolencia de V. Mageſtade, a cuja Real Peſſoa dilate Deos a vida pelos annos, que eſte Poema merece eternizar-ſe tanto pela ſoberana Heroina, que decanta; como pelo auguſto Mecenas, que invoca.

Beija os Reaes pès de V. Mageſtade ſeu taõ humilde, como fideliſſimo Vaſſallo.

Pedro de Azevedo Tojal.

ADDITAMENTO AO ANTILOQUIO

Na circunſtancia de ſer offerecido eſte Poema ainda manuſcrito o anno paſſado no dia do Naſcimento de S. Joaõ Bautiſta.

SENHOR.

NAM cuydado, he ſim providencia expedirſe da minha maõ eſte Poema a tempo, que chega à de V. Mageſtade em hũ dia tres vezes grande; hũa pela cõmemoraçaõ do ſacroſanto Planeta, que o illumina; outra pela quaſi mayor circunferencia do Sol, que o dilata; & a terceyra pela occurrencia do ſoberano nome de V. Mageſtade, que o illuſtra. Neſte, pois, tão feſtivo dia coſtumou ſempre a vulgar, & a politica Urbanidade diſpender floridas, & frondoſas capellas, por ſer o dia todo triunfos, & imaginarem-ſe nelle triunfantes todos. Iſto ſuppoſto, a quem com mais razão ſe deve hoje tributar a capella, do que a V. Mageſtade? Não temos que apontar os fundamentos, mais que pormos os olhos no eſtado dos Eſtados, que de taõ grande confuſaõ ſe vem hoje na mayor ſerenidade com taõ gran-

Inter natos mulierum non ſurrexit maior Joanne Baptiſta.

de credito do poder de V. Mageſtade, decoro da ſuã Monarchia, & veneraçaõ das ſuas armas; porèm toda a duvida agora conſiſte na qualidade da Capella, que dignamente ſe deva enlaçar com a auguſta Coroa a cingir a ſoberana fronte de V. Mageſtade; os louros do Pindo, as heras, & os myrtos do Parnaſo acho que ſaõ muy vulgares penachos a taõ altos motivos. Hoje, pois, a minha Muſa por laurear a mayor cabeça lhe tece a melhor laureola das meſmas folhas deſte Poema, que como ſaõ colhidas da auguſta rama de taõ illuſtre Heroina, eſtaràm a naſcer no preclaro conſanguineo tronco da Real Peſſoa de V. Mageſtade.

Eſta he a Capella, que compoz o meu deſvelo, & hoje colloca na Real cabeça de V. Mageſtade a minha Muſa; V. Mageſtade ſe digne do obſequio, que lhe conſagra a minha veneraçam; & perdoe a temeridade, em que delinque o meu affecto, attendendo que o relevante da materia patrocina toda a indignidade do Artifice.

Pedro de Azevedo Tojal.

CARTA.

Senhor Bertholameu de Sousa Mexia.

AOnde, senaõ nas mãos de V. Senhoria podia eu buscar mais seguro o fundamento a este edificio Poetico, que formando a sua machina da acçaõ mais heroica de hũa Rainha a mais preclara, na offerta dirige a sua elevaçaõ à esfera mais superior do Monarcha mais poderoso? Aonde senaõ nas mãos de V. Senhoria, em que o peso dos requerimentos dos vassallos, & o dos continuos despachos de hum Rey a estes taõ atento se sustenta com tanta igualdade, que nem fica ingrata a Coroa na remuneraçaõ dos serviços, nem queyxosos os merecimentos na omissaõ dos premios? Entre estes, pois, taõ gloriosos papeis, que da maõ de V. Senhoria passaõ á de S. Magestade, em que todos os dias pelas façanhas dos seus vassallos está vendo a altura da sua grandeza, seja V. Senhoria servido de lhe apresentar este, que naõ he de menor apreço pela soberania da materia; para que reconheça S. Magestade que somos taõ fervorosos em o servirmos, que aquelles, que naõ podem com a espada dilatarlhe o Imperio pelo impedimento das suas occupações, lho desejaõ eternizar com a penna pelo impulso dos seus affectos. A Pessoa de V. Senhoria guarde Deos muytos annos. Casa 20. de Junho de 1715.

Menor Criado de V. Senhoria

Pedro de Azevedo Tojal.

PRO-

PROTESTAÇAM DO AUTHOR.

PRotesto que os sonhos, & visoés celestes, de que uso neste Poema, naõ saõ mais que hũas licenciosas ficções, de cujas ideas se costuma entretecer a engenhosa contextura da laboriosa fabrica de hũ Poema Heroico. E em quanto a epictetos encarecidos de Divindades, praticas amorosas, & actos amatorios, de que n'algũs lugares trato, naõ saõ a fim de offender a pureza dos bons costumes; mas somente por dar alma na propriedade das vozes á pintura poetica, viveza aos affectos, & valentia ás expressoés d'arte, imitadora da natureza; que de outra sorte ficaria froxa, & inverisimel a representaçaõ das payxoés naturaes; o que naõ obstante, tudo o que neste Poema se achar contra os bôs costumes, ou contra a Doutrina de nossa santa Fé, resalvo na correcção dos Religiosos, & vigilantes Ministros da Sãta Madre Igreja, a quem como Mãy venero, & como filho voto todos os meus actos, affectos, & obediencias, &c.

Satisfaçaõ.

TErseha por novidade pelo dezuso o extracto destes Indices neste Poema, quando o rigor d'algũs Criticos modernos a Poemas Heroicos nem ainda permittem Prologos, Proemios, ou outro qualquer preludio avulso do corpo do Poema; opiniaõ, & naõ preceito, seguida de poucos; exceptuando a Dedicatoria, que esta, como hũa das quatro partes principaes do Poema Heroico, dentro nelle se deve incluir: causa porque neste dey o titulo de Antiloquio ao que facilmente poderia parecer segunda Dedicatoria; porèm tanto as cotas das margẽs, como a individuaçaõ dos Indices naõ saõ por aclarar a noticia, ou lição aos Professores da arte, que como peritos a naõ ignoraõ, mas sim sómente para mais facil intelligencia dos Curiosos.

CAN-

CARLOS REDUZIDO, INGLATERRA ILLUSTRADA.

CANTO I.

ARGUMENTO.

COM puro zelo de amoroso fogo
Ursula pede ao Padre omnipotente
Que, pois tanto com elle pode o rogo,
A' luz da Fé reduza a Ingleza gente:
Manda Deos a Miguel que bayxe logo
A Portugal, & inspire ao Rey potente
Da filha o Hymineo, Carlos com Ella
Sonhando, o sonho ao charo Irmaõ revella.

I.

SE na doce manhãa da tenra idade
Adulando as verduras dos meus annos
Dey amorosos cultos à vaidade,
Erros seguindo, idolatrando enganos;
Meu plectro consagrando à eternidade,
Aquelles templos, que erigi profanos,
Agora postrarei, cantando agora
Aquella, que foy de Anglia illustre Aurora.

2.

Aquella ſem igual Heroina Auguſta,
Que inflammada de hum zelo peregrino
Com ſoberano ardor, com fé robuſta,
O Eſpoſo ao culto reduzio Divino:
Aquella emfim, de quem Plutaõ ſe aſſuſta,
Cujo exemplo o Emiſpherio diamantino
De Aſtros encheo, que tanto ſe illuſtràram
Que de Anglicos a Angelicos paſſàram.

3.

Celeſte Muſa, aquelle ardor ſagrado,
Que diviniza a humana natureza,
Me inſpiray, porque em rithmo levantado
Eſta cante, que he mais que humana empreza;
Dando-me tal furor, taõ dilatado
Som, que ao mundo girando a redondeza,
Admire Apollo a voz cà do Occidente
Soar pelos confins lá deſſe Oriente.

4.

Vòs, que à culpa geral nunca ſogeita
Por dom da graça foſtes preſervada,
Antes da natureza ſendo eleyta
Por Mãy de Deos, dos Ceos Rainha amada;
Eſta empreza amparay, que he bem que aceita
Vos ſeja, (deſta acçaõ como Advogada)
Fazendo ſer no templo da memoria
Clarim meu canto de taõ alta hiſtoria.

5.

Vòs, que ao Dragaõ, que o mundo contamina,
Duro jugo fazeis da tenra planta,
A que o Monſtro feroz poſtrado inclina
O creſpo collo, a tumida garganta:
Onde erigida a Fabrica Divina,
Em tanto horror ſe admira gloria tanta!
Vendo-ſe (elle opprimido, & Vòs triumphante)
Vòs Ceo fermoſo, & elle horrendo Athlante.

6.

Vòs, que izenta das ſombras do peccado
Bella Aurora naſceſtes luminoſa,
Para ſeres do Sol mais ſublimado
Pura Mãy, doce Filha, amada Eſpoſa;
Favoravel ao rogo, attenta ao brado,
Benigna ouvi, patrocinay piedoſa
Eſtas vozes, que agora em metro grave
Alterna do meu plectro a humilde clave.

7.

Vòs, que da Graça ſois a criſtallina
Fonte, manancial de pura neve,
Deſatay a Caſtalia peregrina
No longo mar, que cifro em concha breve:
Pois ſois brilhante Eſtrella matutina,
A quem o Nauta errante o porto deve,
Sede a meu giro norte, que navego
Por taõ extenſo mar, taõ alto pégo.

8.

E vòs, excelſo Rey, que o ſoberano
Severamente unindo ao veo glorioſo,
Entre o ar de Divino, & o ſer de humano,
Qual ſejais não diſtingo, duvidoſo;
Pois neſſe attento olhar altivo, & urbano
De tal reſpeito ornais o mageſtoſo,
Que ſó de ponderar-vos no conceito
Turbado o coraçaõ pulſa no peito.

9.

Vòs, que do mundo ſois mayor Luzeyro,
Fazey que aſſombros dous nos veja o mundo,
Vòs ſendo nas proezas ſem primeyro,
Eu ſendo em decantallas ſem ſegundo;
Vòs os aſſumptos dando-me guerreyro,
Eu os Annaes compondo-vos facundo,
Ambos fazendo digreſſoens eſtranhas,
Eu nos raſgos, ſenhor, Vòs nas façanhas.

10.

Vòs fulminando a vencedora eſpada,
Eu a lyra tocando ſonoroſa,
Na voſſa dextra aquella venerada,
Eſta na minha maõ por Vòs famoſa;
Huma temida, a outra reſpeitada,
Da voz mordaz, da gente bellicoſa,
Meu pleсtro, & voſſo nome ſem ſegundo
ſoaràõ pelos ambitos do mundo.

Suſ-

11.

Suſpendey por hum pouco a vigilancia,
Dando attençaõ à voz, que a hiſtoria ordena,
E vereis onde chega a conſonancia
Da tuba, que jà foy ſilveſtre avena;
Porque ouvireis em metrica elegancia
Alta empreza cantar minha Camena,
Que por melhor Mecenas vos invoca,
Pois da acçaõ tanto o jubilo vos toca.

12.

E poſto que empunheis o ſceptro auguſto,
Venerado terror deſte Emisferio,
Opprimindo do Atlante o povo aduſto,
Sendo às barbaras Luas vituperio;
A todo o gentiliſmo dando ſuſto,
Que a Lusbel cultos vota em outro Imperio,
Manchando com o ſangue do Otomano
As criſtalinas aguas do Oceàno.

13.

Pois quanto admiro, quanto reconheço
No poder, que oſtentais taõ ſublimado,
Cede à preſente acçaõ por naõ ter preço;
Digna de eterno annal, mais digno brado:
Inclinay a alta fronte, que começo
A rara hiſtoria em metro levantado;
E lá tempo virá, que aurea Camena
Por vòs afine a lyra, apare a penna.

14.

Ouvi da heroica Musa Lusitana
A doce voz, a metrica armonia;
E vede se esta, que facundias mana,
Da Latina hoje excede a melodia:
A alta cythara cesse Mantuana,
Que jà a Lusa por vòs tem mais valia;
Pois quem a vosso nome auxilio pede,
Só por vos invocar a tudo excede.

15.

Do quarto globo o excelso Rayo ardente,
Que por contrarios tropicos caminha,
Navegando baixel resplandecente
A frigida regiaõ, torrida linha,
Jà lustros trinta & dous a resulgente
Machina de zafir girado tinha,
Que Anglia dava com barbaros insultos
Escandalos a Deos, a Lusbel cultos.

16.

Anglia, que entregue a hum louco barbarismo,
Profanando os altissimos decoros,
Professora de heretico aforismo
A's Tiaras negava os sacros fóros:
Onde holocaustos dando ao negro abismo,
Roubava os fumos aos celestes córos,
Sem vencerem do auxilio as luzes claras
Os absurdos ao rito, o vicio às aras.

Antes

17.

Antes de Pedro aos ſummos Succeſſores
Cada vez mais rebelde o povo inſano
Vivia deſprezando os reſplendores,
Que lhe inſpiravaõ luz no cego engano;
De outro rito ſacrilegos cultores
Jà todos ſendo emfim, culto profano
Contra o ſanto Paſtor foraõ ſeguindo,
Ao ſoberano jugo reſiſtindo.

18.

Chamares-te, ò Inglez, naõ te acredita
Senhor da Hieroſolyma Cidade;
Que ſe a domina o barbaro Iſmaelita,
Sem imperio que importa a dignidade?
A ſanta Ley na erronea ſeita eſcrita!
Com dògmas viciando a Chriſtandade!
Sem te lembrar aquella fé primeira,
Ah cego engano! ah miſera cegueira!

19.

Aſſim Anglia ſubmerſa em torpes vicios,
Sacrilegos altares levantava,
Roubando a chama aos puros ſacrificios
Nas aras, que a Lusbel multiplicava:
Onde violando os altos exercicios
Com falſo rito o ſacro profanava,
Transferindo a execrando, & cego inſulto
O verdadeyro altar, o ſanto culto.

20.

Mas Urſula, que encheo com zelo ardente
De Eſtrellas Virginaes o ethereo muro,
Vendo a ſua Naçaõ que ampla corrente
D'almas por feudo dava ao Reyno eſcuro;
Deſenvolvendo o eſpirito eloquente,
Aguia do reſplendor do Sol mais puro,
Solto em fragrancias o ſonoro alento,
Da pia vos deſata o doce accento.

21.

Deidade immenſa, diz, Tu, que governas
Eſta, que illuſtras, fabrica Divina,
De quem tremem as horridas cavernas,
De quem pende eſta esfera diamantina;
Tu, que eſte globo moves, Tu, que alternas
As cauſas, que teu ſceptro predomina,
Pois dellas es Motor, ſolta a luz pura,
Que de Anglia rompa os vèos da nevoa eſcura.

22.

Naõ te obriguem, ſuprema Intelligencia,
De teu culto os obſequios decoroſos,
Que, a ſeres adorado com decencia,
Os teus rayos te baſtaõ luminoſos;
Mas commova-te ver que a reſiſtencia,
Que os Meus aos ritos moſtraõ religioſos,
Os faz ſer nas regioens do eterno luto
Em negras aras victimas de Pluto.

Lem-

23.

Lembrate em fim daquelles ſingulares
Alumnos de meu Reyno eſclarecido,
Cujas Imagens tem no mundo altares,
De cujos Soes te ves aqui aſſiſtido;
Das Virgens te recorda, que a milhares
No dia eternamente engrandecido
Por eſte Reyno entràram luminoſo,
Qual pelo mar o rio caudaloſo.

24.

Se eſte povo, que he meu, na ſua infancia
Foy à Igreja eſplendor, exemplo ao mundo,
que diſgraça mayor, que mayor ancia,
Que hoje vello engolfar no pégo immundo?
Deſvanecelhe a barbara ignorancia,
Dalhe luz do myſterio mais profundo.
Jà aqui pellos dous Ceos das faces bellas
As lagrimas corriaõ como eſtrellas.

25.

Qual a Roſa, tropheo da madrugada,
Delicia da manhãa, mimo da aurora,
Que em matutinas lagrimas banhada
Por faces de carmim perolas chora:
Tal a piedoſa Santa, que inflamada
Fazia emulação à meſma Flora,
Oſtentava no bello roſto ardente
Surcos de aljofar por coral vivente.

Aelo-

26.

A' eloquencia outra vez o fio dando,
Quiz trazer varios casos à memoria;
Mas com o choro a voz embaraçando,
No pranto submergia a sacra historia:
(No pranto compassivo, terno, & brando,
Pois naõ ha pena aonde tudo he gloria)
E suffocada a voz, que na ancia esconde,
Deos com benigno affecto lhe responde.

27.

Amada Filha, bem que o vosso povo,
Por quem de amor soltais reliquias puras,
Obstinado professe hum rito novo,
De Summano observando as Leys prejuras;
Por taõ suave pranto eu lhe removo
De meu alto decreto as penas duras,
Que assinadas lhe estaõ no eterno exilio,
Se á luz se commover de hum novo auxilio.

28.

Disse; & manda a Miguel, seu Nuncio amado,
Que da regiaõ serena à terra deça,
E em conversaõ do povo rebelado
Ao Rey Joaõ em sonhos appareça;
Que na mente lhe seja revelado
Que Catherina de Anglia alta cabeça
Se ha de ver, onde (assumpto a eterna historia)
Serà da Igreja luz, de Lycia gloria.

Que

29.

Que o meyo de ſe obrar taõ alto intento
Della ha de ſer o thalamo glorioſo,
Com Carlos celebrando o Sacramento,
Que as almas liga em vinculo amoroſo.
Miguel cruzando os pelagos do vento,
Voa à terra do Olimpo luminoſo,
De luzes matizando a esfera pura,
Qual aſtro, que illumina a treva eſcura.

30.

Em apparencia humana reveſtido
Viſivel forma oſtenta o Genio alado,
Soltando ao vento hum manto entretecido
De eſplendor, & de neve fabricado;
D'alvas plumas o elmo guarnecido,
De ſolido metal o peito armado,
Rayos vibrava á viſta, qual diamante,
Que ao Sol deſata alento ſcintillante.

31.

As azas bate pelo campo etherio,
Cortando o ar com brando movimento,
As azas, que illuſtrando eſſe Emisferio,
Moſtraõ ſerem dous Soes no luzimento:
O cabello innundando o claro Imperio,
Dava rayos ao Sol, ondas ao vento,
E o roſtro cheyo de eſplendor divino
Alento reſpirava peregrino.

Pelo

32.

Pelo ſereno golfo da aura eſtiva
As refulgentes azas eſtendendo,
A treva penetrava ſucceſſiva,
Com ſonoro rumor o ar rompendo:
Bem como quando voa a Aguia altiva,
Que hum ſuave murmureo vay fazendo;
Tal o ſagrado voo parecia
No ſom, com que as esferas ſuſpendia.

33.

Vence a ſumma diſtancia ao meſmo inſtante,
O Rey acha no ſono ſepultado,
Poem-ſe o divino Embayxador diante
Nas azas eſteliferas librado:
Em quanto na potencia vacillante
Lhe forma o ſonho o Eſpirito abrazado,
Dando ao ſilencio voz, alma ao conceito,
Eſtas razoens produz do ſabio peito;

34.

Luſitano Monarcha, o Ceo te ordena
Por converſaõ do Rey, que Anglia domina,
(Fim, a que deço da regiaõ ſerena)
Que lhe dès por eſpoſa a Catherina:
Que magnanima acçaõ neſta terrena
Esfera Luſitana o Ceo deſtina!
Catherina ha de ſer por alto imperio
Gloria deſte Orbe, Sol d'outro Emisferio.

Diſſe

35.

Disse; & agitando as plumas fugitivas,
Os ares rompe o Paranimpho armado;
Jà cortando as esferas successivas,
Jà penetrando o globo sossegado:
Puro o vestigio nas regioens altivas
Deyxou o Ceo de luzes matizado,
Qual fulgor, que desata a esfera pura,
Que de aureas linhas raya a noyte escura.

36.

Quando o Rey no letargo adormecido
suspenso admira a Luz, o Objecto attende,
Que impresso nos fantasmas do sentido,
Se he sonho, ou se he visaõ mal comprehende:
O leyto deyxa, & o corpo suspendido,
Os braços à Visaõ celeste estende,
E tres vezes, que chega à Luz sagrada,
Tres vezes se resolve a forma em nada.

37.

Do insolito esplendor maravilhado
Os doçes laços rompe do sossego,
E o coraçaõ no peyto fatigado
Com vista incerta busca o estranho Emprego:
Qual vago caminhante, que assombrado
Do subito fulgor, que o deyxa cego,
Sente no tremolar dos resplendores
Sem luz a vista, o peyto com temores.

Onde

38.

Onde ferida a eſcura ſombra admira
Da Luz, que lhe moſtràra o penſamento,
Mil vezes vigilante os olhos gira
Por hũa, & outra parte do apoſento:
Naõ vendo a Imagem, que radiante vira,
Os paſſos da Vilaõ diſcorre attento,
Tè que em varias ideas influido
Nas Imagens ſe eleva do ſentido.

39.

Qual em giro veloz, em voo errante,
O convexo criſtal, ſe ao Sol ſe applica,
A toda a parte o tremulo inconſtante
Reflexo, que deſata, communica;
Onde ſem ſoſſegar no meſmo inſtante
Por varias eſtações ſe multiplica,
Fazendo por vaſtiſſimos eſpaſſos
Diverſas digreſſoẽs, incertos paſſos.

40.

Tal nos diſvelos d'alma imaginados
Vacilla em fugitivas apparencias
O Rey, que fluctuando em mil cuydados
Já cede do diſcurſo às diligencias:
Crè que ſegredos ſaõ naõ penetrados,
Aſſenta ſerem altas influencias,
E obedecendo a Deos, dar determina
A Carlos por Eſpoſa a Catherina.

Quan-

41.

Quando apenas a aurora a luz moſtrando,
Logo o Monarcha buſca a Eſpoſa bella,
A quem o eſtranho ſonho relatando,
O opinado conceyto lhe revella:
Ella em tanto na mente conſultando
Ser do Ceo Providencia, o effeyto anhella,
E porque mais ao Rey à empreza mova,
O deſignio lhe aplaude, a acçaõ lhe approva.

42.

Porèm a Sacra Eſſencia ſoberana
Para ella a execuçaõ do que intentava,
Rompendo ao Rey os nòs da liga humana,
Por occulto myſterio reſervava:
Luiza à Monarchia Luſitana
Tomando o leme em quanto lhe tocava,
Do Eſpoſo conſervando o penſamento,
Trata de pòr por obra o digno intento.

43.

Logo a Conſelho os ſeus Miniſtros chama,
Onde eloquente em ſolito conclave
Do ſabio peyto a inſigne voz derrama,
Propondo o caſo em methodo ſuave:
Alguns, a quem da Fé o zelo inflama,
Se oppoem nos votos com diſcurſo grave,
Tè que em hum parecer por varios modos
Concluem finalmente unidos todos.

Ao

44.

Ao grande Mello elege author da empreza,
Aquelle Conde, em quem reſplendecia
D'arte o primor, os dõs da natureza,
Que Embayxador em Londres reſidia;
Aquelle excelſo Herôe, cuja nobreza
Co eſplendor das eſtrellas competia,
Onde o brazaõ do ſangue eſclarecido
Aos timbres de Minerva andava unido.

45.

Elle a Carlos propoem o caſo, & em quanto
Do thalamo as razões lhe proferia,
Carlos no que anhelava em mudo encanto
Benevolo o eſcutava, attento o ouvia:
A' luz d'aurora o Ceo naõ còra tanto,
Nem taõ purpureo ao Sol ſe oſtenta o dia,
Como o Rey fez da grã, que eſmalta o roſto,
Indices d'alma, rubricas do goſto.

46.

Depois de ter o Rey ouvido attento
A propoſta do Herôe eſclarecido,
Buſca no mais recondito apoſento
Soſſego ao Bem, que leva no ſentido:
Onde entregando o vago penſamento
Ao prazer, que tem n'alma reprimido,
Aos deſcuydos de hum ſono brando, & leve,
Lhe fez Morfeo à vida hum furto breve.

Quan-

47.

Quando na doce gloria, em que imagina,
Em mentida visaõ, fórma apparente,
Hum sonho lhe apresenta a Catherina,
Mais do que o mesmo Sol resplandecente;
Que, elevada na esfera cristallina,
Em acçaõ se ostentava reverente,
Levando as mãos, & os olhos lagrimosos
Para os celestes vultos luminosos.

48.

Os olhos; que as esferas serenando,
Moviaõ na ternura os astros pios,
Dous thesouros de perolas soltando,
Desatando de lagrimas dous rios:
As lagrimas nas faces scintillando,
Como cristaes ao Sol, em tersos fios,
Brilhavaõ, qual nos tenros esplendores
Lustra o pranto da aurora sobre as flores.

49.

Entre as sentidas queyxas, que formava,
Entre o liquido aljofar, que vertia,
As palavras com perolas ornava,
Com suspiros as vozes confundia:
Na dor, com que as estrellas lastimava,
No pranto, com que a terra humedecia,
Invocando o Motor da Empyrea Corte,
A pia voz soltava desta sorte;

50.

Ineffavel Senhor, Ser infinito,
Que por climas asperrimos guiastes
O povo de Israel ao fim prescrito
Pelo mar Eritreo, que lhe apartastes;
Porque outra vez se lea o caso escrito,
(Se he que a tão alta acçaõ me destinastes)
Fazey que outro Moysés em mim se veja,
Guiando o povo Inglez à vossa Igreja.

51.

Fazey, Senhor, que a fim tão providente
Sò se consiga a acçaõ, que tanto imploro,
Allumiando de Anglia a cega gente
Com os influxos desse ethereo Coro:
Fazey que meu fervor, meu zelo ardente
Consiga a vosso culto amplo decoro,
Por mim tornando o Inglez ao rito santo,
Que só tanto farà quem póde tanto.

52.

E contra os seus escandalos piedoso
Reprimi o furor, a mão sostende,
Que a piedade he brazaõ do generoso,
E a vingança dezar de quem a emprende:
Naõ procedais com braço rigoroso
Contra quem vosso culto ignora, & offende,
Naõ castigueis os erros da impericia,
Sò seja a pena usura da malicia.

53.

Assim orando; o Rey vè bayxar logo
Huma Luz, penetrando a etherea via,
A qual com linguas tremulas de fogo
Toucandoa de esplendores lhe dizia;
Descança, Catherina, que o teu rogo
Rompendo o alcaçar, donde nasce o dia,
Tem alcançado jà no Empyreo templo
Seres de Lycia glória, de Anglia exemplo.

54.

Ella em quanto attendia à voz, que adora,
Das perolas serena o bello encanto,
E ouvindo a concessaõ de quanto implora,
Lhe reverbera o gosto d'entre o pranto:
Nunca por entre as lagrimas da Aurora
Os fulgores do Sol luziraõ tanto,
Como por entre os liquidos candores
Brilhárão da alegria os resplendores.

55.

Ao jubilo das vozes eloquentes
Novo ardor pareceo se lhe acendia
Nos olhos, que attrahiaõ por clementes
O Ceo, que namorallos parecia:
Aonde em dous effeytos differentes
Hum Ethna, & hum diluvio confundia,
Exhalando naquella anciosa fragua
Fogo do coraçaõ, dos olhos agua.

56.

Qual verde tronco, que na ardente pyra
Sendo alimento ao fogo, que o devora,
Quando por hum extremo incendios gyra,
Lagrimas mil a mil por outro chora:
Ou qual urna, que fervida respira,
O fogo entranha, & inunda o licor fóra;
Assim Ella produz na intensa calma
Agua dos olhos, tendo o fogo n'alma.

57.

O Amante Rey, que estava sepultado
Nos tumulos do doce esquecimento,
Aos vinculos do sono tendo atado
Das naturaes acções o movimento,
Adorando no altar do seu cuydado
A Imagem, que lhe finge 'o pensamento,
Busca a Visaõ, que a vista lhe recrea,
Ignorando ser fabula da idea.

58.

Abrindo as mãos, os braços dilatando,
Abraçar o incorporeo Vulto emprende,
Nos quaes em vaõ o Idolo apertando,
Presume que nas mãos a Sombra prende:
Aos sobresaltos d'ancia despertando,
Vè que da vista o Emprego se lhe estende,
E achando ser engano a Luz, que admira,
Inda ver o mentido Objecto aspira.

Sem

59.

Sem cessar com os olhos a buscava,
E no ardente desejo, que mentia,
Aqui em qualquer sombra a imaginava,
Alli em qualquer vulto a descobria:
Em fim na confusaõ, com que luctava,
Credulo a duvidava, incerto a cria,
Reproduzindo-a Amor com fé prevista
Presente ao coraçaõ, ausente à vista.

60.

Qual em sonora queyxa o passarinho,
Que afflicto corre a muda soledade,
Lamentando roubado o charo ninho
Dos emblemas gentis da tenra idade;
De hum raminho inquirindo outro raminho,
Pasma na dor, desmaya na saudade,
E depois que a roubada planta gira,
Os olhos fecha ao Sol, geme, & suspira.

61.

Tal o Rey parecia, quando ausente
Sentio aquelle bem, que a fantesia
Lhe apresentara à vista taõ patente
Como o Esplendor, que aos olhos mostra o dia.
Ah como em sombra esquiva se desmente
O fantastico ser de huma alegria!
Pois ainda a mayor, como sonhada,
He na apparencia luz ; na essencia nada.

62.

Suſpenſo ſe levanta o Rey da cama
Na apprehenſaõ da Imagem tranſitoria,
Que o coraçaõ lhe accende, abraza, & in flama
Na vacillante fragoa da memoria:
E como ſó do Amor a intenſa chama
Era o proprio criſſol de tanta gloria,
Buſca por mitigar tão vivo fogo
Na attençaõ de Jacob ſeu deſafogo.

63.

Sabe, diz, charo Irmaõ, como na idea
Vi entre ſonhos o mayor Portento,
Que oſtenta em maravilhas Amalthea,
Que em prodigios eſtampa o Firmamento:
Eſtranha luz, que os aſtros ſenhorea,
Naõ nos eleva tanto o penſamento,
Quando, rompendo os vèos da noyte fria,
Já mais viſto fulgor à terra envia.

64.

Nem taõ bella ſe vè na madrugada
A' luz do Sol a candida bonina
Das perolas da aurora matizada,
Com que a belleza faz mais peregrina:
Como a, que vi, Donzella, que elevada
Na refulgente esfera criſtallina
Em reverente acçaõ, acto devoto,
Do pranto lhe fazia ardente voto.

Neſta

65.

Nesta taõ grata ao Ceo acçaõ piedosa
Os astros attrahindo ao Firmamento,
A esfera assemelhava luminosa,
Lagrimas derramando cento a cento:
Quando hũa Estrella em tudo portentosa
Hũa aurea linha despregando ao vento,
Para Ella dirigindo os seus fulgores,
De Sol a veste, a adorna de esplendores.

66.

Menos là quando o Sol na tarde inclina
Pallido sobre o mar a face pura,
Aos reflexos da campa cristallina
Restaura a pompa, dobra a fermosura;
Do que o sacro Planeta a Luz divina,
Sobre o mar produzido da ternura
O fulgor duplicando, na corrente
Tinha melhor Zeniht, mais claro Oriente.

67.

A Imagem, que os sentidos me atrahia,
O Sol digo, que a vista me cegava,
De tèla em brancas roupas se envolvia,
Aurea nuvem, que a luz mais lhe afinava:
Onde candores esprayando o dia,
Tal luzimento o Sol communicava,
Que se naõ distinguia em seus ensayos
Se os rayos eraõ Soes, se os fios rayos.

68.

Agora corre tu pelos ſentidos,
Confundindo os eclipſes, & os fulgores,
Onde os nublados eraõ taõ luzidos,
Como ſeriaõ, como, os reſplendores?
Mas paſſando do fauſto dos veſtidos
A graos mais altos, dôs mais ſuperiores,
Ouve que a empreza ſubo mais ſublime,
E ſeja deſta vez liſonja o crime.

69.

E Tu perdoa, ò Catherina, em quanto
O meu, mas reverente, atrevimento
Sacrilego retrata eſplendor tanto
Com o toſco pincel do penſamento:
Que bem ſey que inda o extaſi do eſpanto
He curta esfera a tanto luzimento,
E que a pintura chega em ſeus primores
Dar fórma ao Sol, naõ luz aos reſplandores.

70.

Em tormentas de Ofir, diluvios de ouro,
Creſpo mar o cabello ſe oſtentava,
O qual desluſtre ao Sol, inveja ao Douro
Pelas coſtas em ondas ſe eſprayava:
Deſatado eſplendor, incendio louro,
Que em golfos de criſtal lhe illuminava
O ſemblante gentil, onde ſe alcança
Marè de roſas, de Jaſmins bonança.

A fron-

71.

A fronte, que candores reverbera,
Mar leyte se ostentava peregrino;
A fronte; que era d'alva branca esfera,
Sendo a dous Soes Oriente cristalino:
Aos quaes florida sempre a Primavera
Ao doce influxo de hum olhar benigno,
Se vè naõ serem sempre os resplendores
Verdugos dos Abris, rayos das flores.

72.

Dous Iris neste mar de neve pura
Por triunfantes arcos à Beldade
Lhe poz nas sobrancelhas a ventura,
Arcos de Amor, doceis da Magestade:
Mas por bello senaõ da fermosura,
Hum defeyto lhe argue a ociosidade
E he que naõ tendo par por singulares,
Deyxaõ de unicas ser por serem pares.

73.

Os olhos, que em tal Ceo duas estrellas
Eraõ mais que dous Soes no luzimento,
Por se ostentarem no esplendor mais bellas
Buscàraõ de seu rostro o firmamento:
Porèm taes Soes, estrellas taes que dellas
Recebe o mesmo Sol mais claro alento,
Sendo a todos emfim com evidencia
Nos rayos Soes, estrellas na influencia.

74.

Era o nariz do Amor brinco animado,
Que em relevo ſutil, baliza breve,
De flores dividia hum bello prado,
Em que mixto ſe unia fogo, & neve:
As faces, digo, aonde equivocado
De Janeyro, & de Abril o imperio eſteve,
Pois nellas ſe alternava duvidoſa
A purpura, o jaſmim, a neve, & a roſa.

75.

De Thetis producçaõ, parto de Flora,
Era a boca gentil, pois parecia
Tenra flor, em que o Ceo aljofar chora,
Breve concha, em que o mar perolas cria:
Ruby partido em dous, aonde a Aurora
O ſeu melhor theſouro produzia,
As quaes por diligencia da ventura
Se achàraõ neſte mar da fermoſura.

76.

O bello collo, que a atenções provoca,
Oh que altivo, & ſoberbo ſe oſtentava,
Vendoſe Atlante de criſtal de roca
A taõ fermoſo Ceo, qual ſuſtentava!
Columna, que do Amor o templo toca,
Non plus ultra melhor ſe acreditava,
Mongibello gentil, que entre candores
Eſconde brazas, diſſimula ardores.

As

77.

As mãos, que ſendo em doce ſacrificio
A victimas de Amor aras de prata,
As almas abrazando por officio,
Saõ da mais pura neve injuria grata:
A breve baſe emfim deſte edificio,
A que o cothurno em ambares recata,
Naõ pòde copiarſe, que he loucura
Buſcar pè no alto mar da fermoſura.

78.

Vendo aſſim taõ patente a Prenda bella,
Em duvidas vagando a fanteſia,
Alli mil vezes deſmentia aquella
Gloria dos olhos, que preſente via:
A viſta duvidava o bem, que anhella,
No objecto a idea crè, que lhe mentia,
E confuſo entre aſſombros o ſentido,
Incerto a creyo, & credulo a duvido.

79.

Qual errante Paſtor, que por fortuna
Em toſcas grutas hum theſouro vira,
Que do que toca ao credito repugna,
Dubio deſmente o meſmo bem, qne admira;
Neſtas contradicções, que abſorto impugna,
Os olhos pelo eſtranho objecto gira,
Onde em dubia atenção, em mudo emprego,
O admira immovel, o contempla cego.

80.

Tal fiquei, vendo o Bem, que à vista tinha,
Entre pasmos neutral na minha gloria,
Que emfim a conheci por gloria minha,
Por ser ao mesmo passo transitoria:
A' Visaõ, que estranhezas taes continha,
Querendolhe fazer a fé notoria,
Nos assaltos, & affectos, que padeço,
Fallo sem voz, rhetorico emmudeço.

81.

Elevado naquelle doce engano,
Desta alma sendo Iman seu gesto lindo,
Para Ella fuy correndo cego, & insano,
Os braços estendendo, as mãos abrindo:
E cuydando tocar hum corpo humano,
De improviso acordey, nada sentindo,
Porque extincto o vapor, que a idea envolve,
Alli em si mesmo a Fórma se resolve.

82.

Menos turbada vio Apollo a chama,
Quando nas mãos a esquiva Daphne prende;
Pois cuydando nos braços ter quem ama,
A vè no ar que em ramos se lhe estende:
Abraçado no tronco olhando a rama,
Pára, emmudece, pasma, & se suspende,
Ficando em muda acçaõ, em susto bronco,
Hum tronco vinculado noutro tronco.

Assim

83.

Assim fiquey, naõ vendo o Objecto lindo,
E vendo extincto em fabula o letargo,
Onde feliz estava possuindo
O curto bem de meu martyrio largo:
Agora a breve ponto resumindo
O fim perpetuo de hum sentido amargo,
Sinto nesta da vida estreyta idade
O que naõ cabe em huma eternidade.

84.

Duas vezes eterno a ser começa
Este, em que vivo, amor, pois na tardança
Porque outra vez eterno ser mereça,
Eternidades conta na esperança.
Oh de amor providencia, porque creça
Teu culto ao summo grao com segurança,
Te fazes com affavel tyrannia
Eterno na esperança de hum só dia.

85.

Mas ay, que vay passando a vida em quanto
Espero pela gloria appetecida;
Ay, que ser vejo neste doce encanto
Para taõ largo amor taõ curta a vida:
Mas como o meu affecto crece a tanto,
Que por immenso jà naõ tem medida,
Peno, por igualar o Amor á idade,
Mais que hũa em cada instante eternidade.

Ah

86.

Ah fementido Amor, ah Deos tyranno,
Que as almas condenando a dura pena,
As a brazas naquelle fogo insano,
Que por alivio a tua ley lhe ordena:
Mas dessa doce frexa o golpe usano
Que importa; a não haver hũa serena
Vista? porque nos peytos recordadas
Inda as Troyas fumeguem abrazadas.

87.

Que es Amor, senão d'alma hum rayo ardente?
Hum engano, a que adora o pensamento?
Hum alivio, que em pranto se desmente?
Huma gloria fundada em hum tormento?
Hum incendio sem ser, que a alma consente?
E da payxaõ hum proprio vencimento?
Colhe, pois, teus tropheos, ò Deos Cupido,
Que he vencedor o mesmo, que he vencido.

88.

Mas que peyto haverá, que te resista?
se atè penhas render teu sceptro emprende,
Hũ so olhar doce, & brando expondo à vista,
Que em chamas vivas o desejo acende:
Se arde o peyxe nas aguas, & se alista
Nos teus pendoens o Deos, que tudo rende,
Que mais, ò fero Amor, que mais procuro?
Ninguem de teu contagio està seguro.

Esta

89.

Esta he a Imagem, pois, que sinto impressa,
Desde a hora em que a vi, no pensamento,
Que qual relogio nem hum ponto cessa,
Vacillando em continuo movimento
Tanto na idea viva, & à vista expressa
Com aquelle mesmo traje, & lusimento:
A tenho, com que a vi, que me parece
Que aonde os olhos volto me apparece.

90.

Esta a Luz, este o Sol, porque ando cego,
E taõ cego que eu mesmo a mim me ignoro,
Pois fugindo de mim, a mim me nego,
Por darme todo ao Resplendor, que adoro:
Agora julga Tu se he alto emprego
A gloria, que desejo, o bem, que imploro.
Disse; & no amante ardor, que lhe encarece,
Melhor lhe explica o mais quando emmudece.

91.

Respondelhe o Irmão, Tão alto intento
Faz virtuosa ser em ti a vangloria;
Pois mostras a altivez do pensamento
Na excellencia, a que aspiras taõ notoria:
Estas, & outras razoens ouvindo attento,
Reveste o coraçaõ de nova gloria,
Tè que em fim Hum do Outro despedido,
Cadaqual leva a historia no sentido.

92.

Naõ tanto duas Citharas acordes,
Imitando hũa de outra a melodia,
Em juſtos pontos, numeros concordes,
Alternas ſe equivocaõ na armonia:
Como os Irmãos em nada diſconcordes
Com gloria igual, reciproca alegria,
Nas razoens, que eloquente hum expreſſava,
Conforme o outro a ellas ſe ajuſtava.

CAN-

CANTO II.

ARGUMENTO.

FAzem Concilio os Numes do Profundo
Sobre o fausto Hymineo de Catherina,
Onde o Monarca atroz do Reyno immundo
Teme do Imperio seu toda a ruina:
Hum delles, que no peyto furibundo
Industrias contra os Ceos em vaõ machina,
Em bruta forma a hum Mago se apresenta,
Que ao Rey Hispano afea o que Anglia intenta.

I.

EMquanto ao santo vinculo aplicados
Os dous Reynos andavaõ; bravo ao dano
O Rey feroz dos Còros rebelados,
Inimigo cruel do ser humano;
Os labios morde, os olhos vibra irados,
Rangendo os dentes com furor insano,
A tè que exasperado à dor vehemente
Blasfemo brama, raiva de impaciente.

2.

No conceyto revolve as ſublimadas
Ditas do Homem, que lhe occupa o aſſento,
Ve-ſe no horror das inferas moradas,
Diſcorre de Hum, & de Outro o nacimento;
Furias do peyto arroja fabricadas
Na officina infernal do ſeu tormento,
E aqui ſoltando hum frémito profundo,
A firme baſe fez tremer do mundo.

3.

Nunca nuvem raſgada o fogo occulto
Com bramido abortou taõ eſtupendo,
Quando o terreo vapor, já rayo adulto,
Com duro eſtrondo os orbes vem rompendo:
Nem tanto ſacodido treme o vulto
Da Machina terreſte ao jacto horrendo
Do opprimido vapor, que o centro exhala,
Que ao vaſto globo o grave pezo abala.

4.

Como ſahindo envolto em fogo ardente
Da immunda boca o brado furibundo,
Ao retumbante eſtrondo, & impulſo ingente,
Eſtremeceo a fabrica do Mundo:
Irado á dor, á colera impaciente
Convoca os Moradores do Profundo,
Depois de impreſſo ter no penſamento
Da vingança cruel o fim violento.

O bravo

5.

O bravo alento ao rouco bronze aplica,
O ſom diſcorre o globo ſempiterno,
Onde em eccos o horror ſe multiplica
Pelos profundos concavos do Averno:
O clamor, que penhaſcos damnifica,
Largas bocas abrio no muro eterno;
Fauces crueis por onde o eſcuro Abiſmo
Vomita em fogo o negro Barbariſmo.

6.

Largaõ eſtranha Turba os elementos,
Onoſcelios a terra ao ar derrama,
Sangos a agua produz, Genios os ventos,
Abrazados Eſtenopos a chama:
Disformes Feras, Monſtros truculentos,
De cerdoſa cerviz, de bruta eſcama,
Se vem por toda a parte em vultos broncos
Os montes abortar, parir os tronços.

7.

O Hemiſpherio vagando tenebroſo
De eſtranhos Monſtros multidaõ ligeira,
Congreſſo ſe ajuntou taõ numeroſo,
Quaes atomos ao Sol na luz primeyra:
Chega o negro Concurſo pavoroſo
A' diſtancia do Averno derradeyra,
Onde de Pluto o paço horrendo, & eſcuro
Occupava as regioens de bronze duro.

8.

Atroaõ os eſtrepitos violentos
Os Cercos funeraes do eterno pranto,
Tormentos dando ao Reyno dos tormentos,
Pondo o Lago do eſpanto em novo eſpanto:
Nunca os nocturnos ſibilantes ventos
A opaca brenha encheraõ de horror tanto,
Como o bravo clamor, rouco alarido,
No tenebroſo Reyno foy ouvido.

9.

O rebelde Motor do infernal culto,
Nas ſalas o ruido percebendo,
Manda entrar o fantaſtico Tumulto,
Abrem-ſe as portas com rumor tremendo;
Menos no eſcuro valle, ou monte inculto,
ſe ouve eſtalar o Ceo ao golpe horrendo
Da fulminada nuvem, que ſombria
Denſo globo de pedra á terra envia.

10.

Varias Formas, Aſpectos differentes,
Eſtranha confuſaõ, horrivel bando,
Sombras medonhas, Vultos apparentes
Pelas ſoberbas portas vem entrando;
Pelas portas Lethaes, onde aſſiſtentes
Sempre bramindo eſtaõ, ſempre ſilvando
Negros Dragoens, ſerpentes horroroſas,
Monſtros terriveis, Feras eſpantoſas.

Da

11.

Da grande ſala o vaſto pavimento
De Cadeyras de fogo ſe adornava,
Onde a Turba occupava o proprio aſſento,
Conforme a precedencia lhe tocava:
Que enorme confuſaõ, que ajuntamento,
Que theatro cruel, que Curia brava,
Que conſelho feroz, que aula tyrana,
Se armava contra a fraca eſtirpe humana!

12.

Scyllas alli ſe vem, Furias, & Harpyas,
Centauros, Hydras, Gorgones, Chymeras,
Briareos, Geryoens, Syrtes impias,
Esfinges, Poliſemos, varias Feras,
Ephialtes, Pytoens, negras Eſpias,
Argos, Protheos, Dragoens, Dites, Megeras,
Que em diſcorde armonia de impacientes
Hum mixto formaõ de eccos differentes.

13.

Huns nas frontes ſerpentes retorcendo
Mortes eſtaõ dos olhos fulminando,
Outros immenſas caudas eſtendendo
Varios no meſmo ſer ſe eſtão moſtrando:
Illuſoens em fim todos parecendo
Horrivel variedade eſtão formando;
Monſtros diverſos, & entre ſi contrarios,
De eſtranhas formas, & de aſpectos varios.

14.

Alarido infernal, clamor violento
Em confusaõ medonha se alternava,
De huyvos, & silvos, que ergue o irado alento,
Se enhia o ar, o centro retumbava:
Huns latem, rugem Outros, como aó vento
Costuma sibilar a selva brava;
Outros bramindo em lugubres cavernas
As grutas enchem de ancias sempiternas.

15.

Confusa inimizade de Elementos
Unidos em contraria repugnancia
Erige ao Rey dos asperos tormentos
Sulphureo trono em horrida distancia:
Dandolhe a terra, a agua, o fogo, os ventos
Soberbo culto à tumida arrogancia,
O fogo, a agua, a terra, o ar nacidos
Dos narizes, dos olhos, boca, & ouvidos.

16.

No docel, em que alli se entronizava,
Blasfemando em palavras insolentes
Barbaramente os Ceos ameaçava,
Cevando a furia no estridor dos dentes:
Descinge a larga toga, que adornava
De immundos animaes, brutas serpentes,
Que girandolhe o collo denegrido,
Grilhaõ lhe formaõ de Aspides tecido.

17.

Hũas, quaes vides no alamo robusto,
se lhe enroscaõ no corpo em laço estreyto,
Outras mordemlhe a lingua, donde o adusto
Sangue em ondas lhe banha o largo peyto:
A braveza, que dava aos outros susto,
Lhe faz mais horrido o feroz respeyto,
Exaltando a tremenda Magestade
No terror, na soberba, na crueldade.

18.

A Diadema, que cinge a fronte horrenda,
(Plumbea muralha, torre inexpugnavel)
A cabeça lhe occupa taõ tremenda
Que era da vista assombro formidavel:
Por desmedida a boca era estupenda,
A dextra por disforme abominavel,
Esta hum ferreo Dragaõ por Cetro move,
Rayo tyranno em maõ de horrendo Jove.

19.

Da crespa fronte as pontas retorcidas
Rompiaõ as esferas, se as alçava,
Onde pellas regioens introduzidas,
Cadaqual lá no Tauro se ostentava:
Em quanto as queyxas teve reprimidas
Do peyto a furia em serpes vomitava,
Promettendo nos olhos, que fulmina,
Ao ser humano a ultima ruina.

 Qual

20.

Qual à dextra ſe poem, qual à ſiniſtra
Do Principe cruel, que entre a Cohorte
Fero preſide, barbaro miniſtra
O conſelho, que ordena, duro, & forte:
A tudo attento o povo ſeu regiſtra
(Lynce Infernal) co a viſta, aonde a Morte
Suas armas forjando por officio
Rayos fulmina de immortal ſupplicio.

21.

Aſſim conforme o grao, & a dignidade
Cadaqual occupando o proprio aſſento,
Se hia ſeguindo a horrenda Poteſtade
Do reyno atroz do miſero lamento:
Do mais Povo a confuſa variedade
Inundava da ſala o pavimento,
Erguendo tal rumor, tal vozeria,
Que novamente o Inferno confundia.

22.

No meyo o fero Pluto ſe oſtentava,
De membros deſiguaes Penhaſco informe;
A barba eſpeſſa, & negra lhe obumbrava,
Qual tenebroſa noyte, o peito enorme:
Envolto em chamas todo fulminava
Da rubicunda viſta ardor disforme,
Qual eſtrella autumnal, que alta ruina
A's Cidades, & Imperios vaticina.

23.

Menos o Bruto, a quem a natureza
Do nativo furor o peyto inunda,
Estimulado de feroz braveza
Se prepara à contenda furibunda;
Vendo o Emulo armado à dura empreza,
Os olhos vibra, lambe a boca immunda,
E quanto mais a colera reprime,
Mais fortalece o coraçaõ sublime.

24.

O braço adusto em nervos enleado,
Meyo nu com feroz terror sustenta
O Cetro asperrimo, o bastaõ pezado,
Que à maõ robusta igual fereza ostenta:
Já com elle ferindo o solio, irado,
Os pòlos quebra, as feras afugenta,
Perde o esplendor o Luminar segundo,
Pàra o Sol, treme o mar, aballa o mundo.

25.

Ao fero golpe o irado movimento
Do barbaro Tumulto se aplacava,
Qual ao trovaõ, que rompe os Ceos violento,
Pasma o mundo suspenso á furia brava:
Despois de hum pouco estar cuidando attento
No que o vago conceito lhe dictava,
Medindo o consistorio, assim derrama
A vòz, que envolve em fumo, alterna em chama.

Dos

26.

Dos abiſmos Tartareos Moradores,
Eſpiritos ſupremos, que do Averno
Neſtes noſſos Eſtados ſuperiores
Lograis o mando, tendes o governo;
Sabei que por nos dar perdas mayores
Eſſe, que he Uno, Trino, Immenſo, Eterno,
A' profunda Regiaõ do Infernal luto
Nos quer tirar o ſolito tributo.

27.

Eſſe, que conheceis; que naõ me he dado
Nomeallo (ay de mim, como a lembrança
Me naõ conſome o alento, em que abrazado
Vivo ſem redempçaõ, nem eſperança!)
Mas ſe he verdugo d'alma o bem paſſado,
Que faço, ou que diſcorro em tal mudança,
Que eſſes Ceos, que abomino, naõ eſtrago?
Ou que eu meſmo a mim proprio me naõ trago?

28.

Recorday quanto mal, quantas injurias
Nos tem feyto lá deſſe ethereo Muro,
O lançarnos do Ceo em mil decurias
Neſte, que nos encerra, Abiſmo eſcuro:
E por mais incitar as noſſas furias
(Oh quanto recordallo, oh quanto he duro!)
Formou o Homem, cujos Deſcendentes
Noſſas cadeyras logra õ refulgentes.

Se

29.

Se bem que desta acçaõ taõ temerarios
Se ouveram na vingança os brios vossos
Que os fizestes á morte tributarios,
E com jugo perpetuo escravos nossos:
Mas que importa nos fossem feudatarios?
Se os remio seu Autor dos Lethaes fossos,
Dandosse á morte, & vindo em nossos danos
Romper o Averno, & porlhe pès humanos.

30.

Como sofreis que em nosso vituperio
A ultrajarnos se atreva a gente humana;
Pois admittida ao gremio do alto Imperio,
Do nosso culto as victimas profana?
Que fazeis, porque todo esse Hemispherio
Ao Caos naõ reduzis com furia insana?
Porque vos naõ vingais nas Luzes bellas,
Arrancando dos orbes as estrellas?

31.

Nós, que lá nessa machina divina
Assentos occupámos refulgentes,
Formados de materia diamantina,
Esmaltados de Espiritos luzentes;
Nós, que assistindo em roda peregrina
Ao sacro solio em Atomos ardentes,
Como he possivel, como, em tanta injuria
Não rendermos o Ceo á nossa furia?

Em

32.

Em vez de nos banharmos nos Sagrados
Fulgores, que reſpira o Firmamento,
De habitarmos nos Orbes eſtrellados,
No eſcuro Abiſmo eſtamos do tormento:
Mais que da redempçaõ deſeſperados
Nos deve ter (que duro ſofrimento!)
Vermos aos graos celeſtes admittido
O Homem vil da terra produzido.

33.

Mas para que renovo a dor, que urgente
Funda em noſſa ruina a ſua gloria;
Pois recordado o bem no mal preſente,
Se faz mais viva a magoa na memoria?
Aſſim eſta deyxando dor vehemente,
Vamos agora á Empreza mais notoria,
Em que intenta o Fiel por derradeyro
Reduzir a ſeu Culto o mundo inteyro.

34.

Vede, pois, quanto mal ſe nos prepara
Neſſe Hymineo, que trata o Luſitano;
Ah como vendo eſtou ſeu culto, & ara,
As noſſas ultrajar nas do Anglicano!
Os altares cahirem da preclara
Baſe, que lhe erigio o noſſo engano!
Os noſſos holocauſtos apagados!
Do Reyno Averno os porticos fechados!

Vede

35

Vede que o Lusitano declarado
Do nosso nome foy sempre inimigo,
Vede quantos trofeos nos tem roubado,
Sendo o triunfo seu, nosso o perigo:
Vede quantas Meschitas derribado
A nosso Imperio tem, mas o que digo?
Vede-o por todo o mundo dilatando
A sua ley, & a nossa aniquilando.

36.

De Africa combatendo os fortes muros,
Lá conserva maritimos Lugares,
De Asia desterra os Idolos mais puros,
Na Europa Templos funda, erige Altares:
Agora de Anglia preverter seguros
Intentaõ nossos ritos singulares;
Tanto, que sua Fé, Ley, Culto, & Ara,
Se novo mundo ouvera, lá chegàra.

37.

Ah naõ pareça em nòs que já apagados
Saõ aquelles impulsos generosos,
Quando de fogo, de ira, & de odio armados
Os muros combatemos luminosos:
Que inda que entaõ ficamos despenhados,
Ganhamos o brazaõ de valerosos;
Pois do valor se exalta a fortaleza
Menos pelo trofeo que pela empreza.

Mas

38.

Mas porque vos detenho, Eſtigio Fogo,
Baſes, em que o poder Tartareo fundo,
Apoſtay ligeirezas, ide logo
A dar remedio a mal taõ ſem ſegundo;
Correy, & ſeja eſtimulo o meu rogo,
Ea leaes Miniſtros do Profundo,
Correy a reparar o feudo antigo,
Que uſurparnos intenta eſte Inimigo.

39.

Qual buſcando as Efimeras fragrantes
Denſo globo de Eſpiritos voadores,
Pela muda floreſta ao vento errantes
Ligeyros vaõ libar o ſucco ás flores:
Que hum rouco ſom em vozes ſuſurrantes,
Enſurdecendo os ares inferiores,
Levantaõ d'entre ſi, ſendo o zonido,
Mais que armonia, confuſaõ do ouvido.

40.

Tal hum vago rumor ſe levantava
Da Turba, que em confuſa vozeria
O ſilencio da ſala perturbava,
Da ſala, que Ermo d'antes parecia:
Hum no conceito attonito pezava
O groſſo feudo, que o ſeu Rey perdia,
Outros com normas vans, razoens oppoſtas,
Altercavaõ queſtoens, davaõ reſpoſtas.

Unem-ſe

41.

Unem-ſe os votos todos approvando
O que irado Plutaõ propoſto havia,
Como o ferido touro, que rayvando,
Mugindo explica a dor da lança impia:
Quando o tremendo Cetro levantando,
Qual trovaõ, eſtas vozes proferia:
Que eſperais, acodi ſem mais tardança,
Correy, que a vòs compete eſta vingança.

42.

Da voz, & do baſtaõ o tom violento
Altera o mar, os Orbes enfurece,
E o diffuſo clamor rompendo o vento,
Geme no ar, nos Orizontes crece:
Qual da atra nuvem o ſulfureo alento
Atroa a terra, os pòlos enſurdece,
Deyxando a ſeu eſtrepito, & bramido,
Confuſo o Ceo, o Mundo eſtremecido.

43.

Apenas os Eſpiritos danados
Perceberam os ultimos accentos,
Voàram, dando á esfera horrendos brados,
Tornando em novo Caos os elementos:
Qual de occultas cavernas deſatados
Vem de improviſo os ſibilantes ventos,
Que revolvendo a area ao mar profundo,
O golfo alteraõ, fazem guerra ao mundo.

A

44.

A ſala, que em tres naves dividida
Em ſeis ferreas columnas ſe eſtribava,
A caducos eſtragos reduzida
Entre pallida, & negra ſe oſtentava:
Qual do nocturno incendio acometida
A caſa, que no ſono repouſava,
Moſtra, manchada de horridos prodigios,
Da extincta chama os pallidos veſtigios.

45.

D'entre as ruinas a funeſta ſala
Pelos deſtrictos do ſilencio eterno
Manes ao ar em atomos exhala,
De Eſpiritos enchendo o Reyno Averno:
A negra Multidaõ, que em ſoma iguala
As areas do mar, cobria o Inferno;
Como do Auſtro ao furioſo alento
Terreas reliquias vagaõ pelo vento.

46.

Menos no Inverno exercito volante,
Aos ares dando as azas cortadoras,
Outro clima buſcando em giro errante,
Cobrem o mar de plumas voadoras:
Nem tanto de Eulo à furia devorante
Combatidas as plantas vividoras,
Na brumal eſtaçaõ em curſo vago
As folhas voaõ com diffuſo eſtrago.

Como

47.

Como Huns rompem da terra o ſeyo eſcuro,
Outros o coraçaõ da ardente chama,
Outros da agua Lethal o centro impuro,
Outros as regioens do ar, que brama:
Os Mais nos bojos de hum madeiro duro,
Quaes ſoaõ as abelhas entre a rama,
Suſpiraõ queyxas lamentando injurias;
Megera brama, em fim mordem-ſe as Furias

48.

Porèm os que as esferas fatigavaõ,
Enchendo o ar de eſtrondo pavoroſo,
A conſeguir a empreſa caminhavaõ
Com bravo impulſo, & impeto furioſo:
Quando Aquelle, a que os mais ſe ſugeytavaõ,
General do tropel tumultuoſo
Pàra, dizendo (a inſignia aqui levanta)
Suſpendey meus Soldados furia tanta.

49.

Suſpendey os impulſos do alto alento,
Que eu baſto para darvos a victoria,
Voſſo ha de ſer, naõ meu, o vencimento,
Minha ha de ſer a acçaõ, mas voſſa a gloria:
Eu irey ſó, de mim fiay o intento,
Se he que tendes ainda na memoria
Aquella, com que á morte, aſtuta traça,
O Homem ſugeitey, perdendo a graça.

50.

Ao feroz General obedecendo,
Suſpenſos naõ daõ mais hum paſſo avante,
Antes o voo atroz retrocedendo,
Rompem o ar com furia devorante:
Qual o Noto furioſo, que rompendo
Do eſpeſſo boſque as ramas ſibilante,
O campo atropellando, erguendo a ſerra,
Eclipſa o Sol com atomos da terra

51.

Fica o Miniſtro ſó, que fraudulento
Do fim protervo os meyos machinava,
E depois de ter já no penſamento
Revolvido o que a mente lhe dictava;
Bruta forma tomando em hum momento,
Em mentida apparencia ſe oſtentava;
Negras azas eſtende, o peyto libra,
Dous Cometas produz, tres linguas vibra.

52.

Da agreſte coma a riſpida grinalda
Em ſerpentes no collo ſe lhe enlea,
A cauda em giros tres lhe mede a eſpalda,
Como açoute que eſtende, & que rodea:
Cor verdinegra de horrida eſmeralda
Mancha a pelle de eſcamas brutas chea,
E por mais afear a forma toſca,
A eſpalda ençreſpa, & a cerviz enroſca

53
E quando o mundo já ſe rebuçava
Nos tenebroſos veos da noute fria,
E o cahir das eſtrellas convidava
A ſono os olhos na eſtaçaõ ſombria;
Por medonha ribeyra, que ignorava
De pès humanos eſtampada via,
O Monſtro pelo horror da treva eſcura
Aplicava a hum deſerto a planta dura.

54.
A hum valle chega inculto, & ſolitario,
De eſteril eſpeſſura, & de eſcabroſo
Sitio às humanas vidas adverſario,
Inda ao trato das feras rigoroſo:
Alli de agreſtes aves clamor vario
Se percebia em eccos pavoroſo,
Alli de eſtranhas feras o bramido
Era d'alma terror, ſuſto do ouvido.

55.
Alli ſe via hum funebre edificio,
Aonde ſubterraneo hum apozento
Moſtrava do Theſalico exercicio
Cractéres mil no eſcuro pavimento:
Nelle a Pluto execrando ſacrificio
Ardia em negro altar ſanguinolento,
Que eſcondido no vão da terra fria,
Nunca illuſtrado foy da luz do dia.

56.

Alli com fero horror se ouvem troncados
Tragicos quebros, lugubres gemidos,
Vem-se pelas paredes pendurados
Defuntos Reos, Cadaveres despidos,
Funestos membros, ossos descarnados,
Mirrados corpos, vultos denegridos,
Cortadas mãos, cabeças sanguinosas,
Hirtos cabellos, ervas venenosas.

57.

Aqui habitava hum Velho, cujo aspeyto
Mil visagens fazia a hum mesmo instante,
Ostentando no horrifico respeyto
A vista turva, pallido o semblante:
O qual na adolescencia naõ perfeyto,
Era já d'arte Magica observante,
De encantos professor, terror do Fado,
Da Nigromancia author, Lusbaõ chamado.

58.

Lusbaõ, a cuja voz o Sol, & o dia,
Eclipsa a luz, os rayos escurece;
Lusbaõ, que lá da sepultura fria
Os corpos ergue, os mares enfurece;
Lusbaõ, a quem de Pluto a monarchia,
E o curso das estrellas obedece;
Alterando o voluvel movimento
Dos eixos, em que gira o Firmamento.

59.

A vara, com que os ventos açoutava,
Dava ao Cadaver voz, ao Vivo espanto,
Ferindo a terra as Almas revocava
Do escuro Reyno do confuso pranto:
Se hum giro, ou susurrante voz formava,
(Nem Medea, nem Cyrce obràram tanto)
Os homens transformando com destreza,
Os convertia em bruta natureza.

60.

Do sono ao doce vinculo enlaçava
O Mago a vigilancia dos sentidos,
Aonde aos pensamentos tregoas dava
Nos braços de Morpheo adormecidos:
Quando em fera visaõ se lhe ostentava
O Monstro, que de horror lhe enche os ouvidos,
Intimandolhe a falsa fantesia
Ser sonho o Vulto, & a voz, que olhava, & ouvia.

61.

Qual em vapor envolta a humana Mente,
Com Imagens de horror talvez sonhando,
Dá credito á Visaõ, que falsamente
A' vista se lhe está representando:
Tal (ao contrario) o Velho vendo o ardente
Simulacro, que em voz lhe está fallando,
De tal sorte o que admira desconhece,
Que sonho, & naõ verdade, lhe parece.

62.

O Dragaõ Infernal em fumo envolto,
Em quanto arranca a voz do peyto occulto,
Oſtentava no incendio em Ethnas ſolto
Os olhos Phlegras dous, hum Caſio o vulto:
Em chamas funeraes todo revolto,
De vozes ſolta horriſono tumulto,
Deſenvolvendo aſſim com tom violento
Trovoens da voz, relampagos do alento.

63.

O' Tu Legislador do Reyno Averno,
Que obedientes tens ao teu conjuro
Por teu ſummo poder, teu dom ſuperno,
Os Numes immortaes do Centro eſcuro:
Tu, que fazes tremer do meſmo Inferno
Somente com a voz o ferreo muro,
Legislador, que Pluto reconhece,
Pois ás leys, que promulgas, obedece.

64.

Tu dormindo, eu velando, ah que bem dormes!
Deſperta, eſcuta, os olhos abre, atende,
Naõ com o ſono tanto te conformes,
Deſperta, acode ao mal, que a todos pende:
Olha que o Rey dos Incolas informes
Vencer por tua induſtria hum riſco emprende,
Deyxa o repouſo, acode ao noſſo eſtrago,
Que do dano o temor ſempre he preſago.

Naõ

65.

Naõ tanto o Enfermo, que em funesto culto
Vota a Morpheo o usado sacrificio,
Que fingindolhe o sonho estranho Vulto,
Ou pender de eminente precipicio,
Fatigado desperta, vendo esculto
Na fantastica idea o falso indicio;
Onde no susto da illusaõ, que admira,
O mesmo alento bebe, que respira.

66.

Como o Velho acordando perturbado
Da Imagem, que lhe estampa a viva idea,
Lhe palpita no peyto fatigado
O coraçaõ, que teme a Visaõ fea:
Cuyda que he sonho, & torna sossegado
A entregarse ao letargo, aonde enlea
Outra vez as potencias, & os sentidos:
E a voz torna a baterlhe nos ouvidos.

67.

Dizendo, Alerta, alerta, ò Mago, alerta,
(Aqui retumba a voz trovaõ violento)
Quando ao clamor atonito desperta,
Salta da cama, admira o Vulto atento:
Vé que naõ sonha, & que a Visaõ he certa,
Nella immovel imprime o pensamento,
E pasmado no Objecto pavoroso,
De o ver turbado està, mas naõ medroso.

68.

Ante elle posto de constancia armado,
O silencio rompeo assim dizendo,
Quem es tu, que me tem maravilhado
Esse, que vendo estou, corpo estupendo?
Se es Dragaõ, que no Estigio te has criado,
Quantos Monstros produz o Inferno horrendo,
(Deyxo os que Lybia cria em duro trato)
só com palavras amedronto, & os ato.

69.

Por taõ notorio ser, taõ manifesto,
O poder (lhe tornou) do teu conjuro,
Na apparencia, que admiras, deste gesto,
Pedir te venho o auxilio, que procuro:
Quem es tu, diz Lusbaõ, que esse funesto
Fantasma, quem serà naõ conjecturo?
Ou quem te manda a este occulto abrigo?
Entrando nelle sem temer perigo.

70.

Responde-lhe o Dragaõ: Eu sou do Averno
Aquelle, aquem lá chamaõ Rhadamanto,
Ministro principal, cujo governo
De Pluto he ley, de seu imperio espanto;
E por temer hum dano sempiterno,
De lá venho a pedirte auxilio tanto,
Para que logo dès a mal tam fero
O remedio, que em ti somente espero.

Sabe

71.

Sabe que o Inglez unido ao Luſitano,
Firmando eſtreytos pactos de amizade,
Do alto Hyminéo ao laço ſoberano
Vincula a Ingleza, & Luſa Mageſtade:
Ah ſe iſto ſe conſegue, o Luſo uſano
Triunfará de nòs em toda a idade,
Noſſos antigos templos deſtruindo,
Dos Seus a porta a todo o Mundo abrindo.

72.

Olha que o Portuguez como inimigo
Do noſſo nome, & culto preheminente,
Nos intenta uſurpar o feudo antigo
Que á noſſa ara tributa a Ingleza gente:
Ah naõ haja deſcuydo, que o perigo,
Que te proponho, he certo, & eſtá pendente,
Acode, pois, & com veloz preſteza
Repara o dano, ſendo Author da empreza.

73.

Com ſommiſſaõ profunda ſe lhe inclina
O Velho, que ás palavras prompto atende,
Na reverencia demoſtrando indina
Que os affectos mais intimos lhe rende:
Qual rayo, o Monſtro o vento entaõ fulmina;
Taõ rapido que mal ſe comprehende,
Ficando reſolvida em hum momento
A forma em fumo, a vãa materia em vento.

Qual

74.

Qual rompe o ar com impeto impelida
A imperceptivel frecha, que emplumada,
Sendo no curso exhalaçaõ mentida,
Dirige o golpe à meta assinalada:
Tal a serpente em furias convertida,
Vencendo a esfera, aonde o vento brada,
No arrebatado vóo, que despenha,
Penetra a gruta de hũa bronca penha.

75.

Já de aureos carmezins toucada a Aurora
Os Ceos de ouro purpureo revestia,
Em quanto Infante o Sol, que os ares cora,
Nos roxos braços da manhãa nascia:
Fragrancias dava ao Ceo a bella Flora,
Rayos prestava ao prado o claro Dia,
Vendo-se entre matizes, & esplendores,
As luzes florecer, brilhar as flores.

76.

Quando Lusbaõ a Hespanha encaminhava
Por solitaria via o passo errante;
Taõ solitaria, & inculta que ignorava
Pés de Pastor, sinaes de caminhante:
Onde chegando, ao Rey se apresentava,
Dando hum baculo á dextra tremolante,
Ante o qual vacillando o vaõ conceyto,
Assim soltou a voz do falso peyto.

Au-

77.

Augusto, & ſabio Rey, cuja excelencia
Nos annaes da memoria a Fama eſcreve,
Hum Soldado, que deſde a adoleſcencia
Nas armas te ſervio como ſe deve,
Por temer de hum perigo a contingencia,
Lhe fáz com que naõ ſofra, nem releve
Que teu ſupremo cetro ſoberano
Sugeyto viva ao mal, incauto ao dano.

78.

E poſto que do tempo o curſo lento
Hoje me tenha já na frouxa idade,
Esfriandome aquelle altivo alento,
Que Marte me influhio na mocidade;
Nem por iſſo, Senhor, me deyxa iſento
Dos annos a ſenil debilidade
De te ſervir, que exprimentado, & velho,
Como tal venho a darte o meu conſelho.

79.

Jà ſaberàs que o Inglez, & o Luſitano
Ligar os dous Imperios determina
Por meyo do Conſorcio ſoberano,
Com Carlos vinculando a Catherina:
Ah chara patria minha! ah Reyno Hiſpano!
E tres vezes aqui o roſtro inclina,
Ficando em dubio aſſombro, abſorto eſtudo,
Atado nas acçoens, nas vozes mudo.

Depois

80.

Depois de eſtar hum pouco conſultando
Em acto penſativo a vaga idea,
A tremula cabeça levantando,
Aſſim a voz do aſſombro deſenlea:
Que fazes, pois, Senhor, para onde, ou quando
Guardas o teu valor, que o mundo enfrea?
Ah como temo, ſe iſto ſe conſegue,
A' ruina mayor teu Reyno entregue.

81.

Olha que contra o Luſo ſempre o Ibero
Armado de valor, & de arrogancia,
Lhe achou o forte braço, o peyto fero,
No esforço hum muro, hum monte na conſtancia:
Olha agora: porèm moſtrar naõ quero
Que o eſtimulo da dor paſſa a ignorancia;
Poſto que, excelſo Rey, a hum peyto forte
Naõ he dezar o que he rigor da ſorte.

82.

Atento eſtava o Rey ao que dizia
O fraudulento Velho, o Mago impio,
E vendo que o reſpeyto o ſuſpendia,
Da eloquencia ſeguir lhe manda o fio:
O Mago que ſomente pretendia
Acender-lhe em furor o peyto frio,
Vendo-o a ſeu deſignio abſorto, & entregue,
Pegando no diſcurſo aſſim proſegue.

Poſto

83.

Poſto que, excelſo Rey, acçaõ he indigna
Naõ fazer o valor do mal vangloria,
Pois deſmentindo os golpes da ruina,
Deve a lingua affectar dos danos gloria;
Os caſtigos, porèm, que o Ceo deſtina,
Sempre alcançaram dos Mortaes victoria;
Mas ſe he que inda à cenſura me ſugeyto,
Rimo o dezar, ſeguindo o teu preceyto.

84.

Olha agora, tornou, quam deſtemido
Orfaõ de Rey o Imperio Luſitano,
Por feminil eſpirito regido,
A eſpada contra nòs fulmina uſano:
Collige o que ſeria ſe a Anglia unido
Vier contra o teu cetro ſoberano,
Ah Reyno praza a Deos que em teu deſtroſſo
Naõ ſejas trono ſeu, ſepulcro noſſo!

85.

Aſſim neſte receyo a aconſelharte
Te venho como experto, & como amigo;
Jà que naõ poſſo ás armas ajudarte
Por fraco, inerme, enfermo, cego, & antigo:
Uſa, excelente Rey, de força, ou d'arte,
Conforme for a urgencia do perigo;
E depreſſa, Senhor, naõ te dilates,
Depreſſa, porque o laço lhe deſates.

De-

86.

Depreſſa acode, pois ſe naõ ſeremos
(Se he que peyto preſago nunca mente)
Entre infauſtos, & miſeros extremos
Deſpojo atroz da Luſitana gente:
Acode, que eſte dano, que tememos,
Della ha de ſer ſe andares diligente;
Acode, que das clauſulas de hũa hora
Pende de hum Reyno o dano, ou a melhora.

87.

Depois de ter o Rey ouvido atento
A pratica do Velho fementido,
O deſpede, entregando ao penſamento
As razoens, que lhe havia percebido:
Trata de divertir do Inglez o intento,
De varias fanteſias perſuadido,
E a commiſſaõ do caſo logo envia
Ao Miniſtro, que em Londres reſidia.

88.

Mas oh cega illuſaõ da mente humana,
Como os juizos teus ſaõ mentiroſos!
Pois contra a Sacra força ſoberana
Naõ valem maõs, nem cetros poderoſos:
Que a Cauſa prima, donde tudo mana,
Seus influxos produz taõ vigoroſos,
Que a derrogarlhe as leys naõ he baſtante
Eſtrella fixa, nem Planeta errante.

CAN-

CANTO III.

ARGUMENTO.

OPpoem-se ao Hymineo o Nuncio Hispano;
Mas Carlos na constancia persistente
Firma o tratado ao Thoro soberano,
Que obsequiosa applaude a Lusa gente:
A armada chega ao Reyno Lusitano,
Ao General recebe o Rey potente:
E jà partindo a singular Rainha,
Ao Templo da Metropoli caminha.

I.

JA' soltavà os penachos cortadores
Essa, que em vozes mil com linguas cento
Pela gente vagando em vãos rumores,
Caminha mais veloz que o mesmo vento:
Já dando á tuba acentos superiores,
Pelo mundo alternavà o aureo alento,
Fazendo a todas as Naçoens notoria
Dos Reynos dous a conseguida gloria.

Em

2.

Em tanto o Butavilla, Nuncio Hiſpano,
Que na Anglicana Corte reſidia,
Por cõmiſſaõ do Rey, que teme o dano,
Se oppóz ao intento, mas com vãa porfia;
Que de Carlos o peyto ſoberano
Seguindo a Luz, que n'alma lhe aſſiſtia,
Se armava a todo o rogo, a toda a inſtancia,
Muro em firmeza; & penha na conſtancia.

3.

Não tanto o freyxo antigo ás mãos do Inverno,
Em ſeus robuſtos membros preſumido,
Com vigoroſo aſſalto, choque alterno
Se vè do Auſtro, & Boreas combatido;
Onde ſem humilhar o esforço interno,
Naõ ſó ſe oppoem ao ſopro enfurecido,
Mas reſiſtindo ao rapido combate,
Lhe quebra a força, a furia lhe rebate.

4.

Nem taõ conſtante ao mar tempeſtuoſo
Se oſtenta o duro eſcolho levantado,
Quando a onda com impeto furioſo
lhe aſſalta o cume nunca contraſtado;
Pois quanto mais lhe fere o cavernoſo
Peyto a continuos golpes coſtumado,
A penha, que abalar-ſe não coſtuma,
Mais lhe desfáz o impulſo em froxa eſcuma.

Como

5.

Como com resistencia esclarecida
De Carlos a magnanima constancia
Se vio continuamente combatida
A' bataria de hũa, & de outra instancia:
Alto primor da palma, que opprimida
Triunfando da contraria repugnancia,
Quanto mais o robusto peso a opprime,
Mais lhe resiste com vigor sublime.

6.

A' muda voz em fim do auxilio atento
Do thoro o Augusto Rey firma o tratado,
Volta com elle o Mello ao Lycio assento,
Chega da Patria ao porto desejado:
A Fama dando á tuba novo alento,
Ao povo publicava alvoroçado
A conclusaõ feliz, que o Luso altivo
Solemnisa com jubilo excessivo.

7.

Quando em nocturnas tochas scintilava
O celeste Theatro luminoso
Vago tumulto as ruas inundava,
O Consorcio acclamando venturoso:
A voz nos sacros bronzes se alternava,
Vivas soava o monte cavernoso,
E pelas bocas do metal vehemente
Dava a Hyminéo Vulcano culto ardente.

8.

A bomba os orizontes ensurdece,
Cometas vibra o ignifero montante,
A roda ardente em giros se enfurece,
O pò sulphureo estala fulminante,
O ar se acende, a noyte resplandece,
O penhasco retumba mais distante,
Da cayxa o duro estrondo occupa o vento,
Da tuba fere o Ceo o forte alento.

9.

Com o Ceo a Cidade em competencia,
Em rayos cintilando se ostentava
Promontorio de estrellas na apparencia,
Firmamento de Soes no que brilhava:
Onde com grata, & lucida evidencia
Na luminosa pompa, que formava,
Parecia entre tremulos fulgores
Penha de luzes, selva de esplendores.

10.

Neste, pois, taõ feliz contentamento
As lentas sombras, as nocturnas horas,
Com carreyra veloz, com passo lento,
Foraõ de tanto gosto aduladoras:
Tè que do novo Sol no infante alento
A'quella, que era enveja das Auroras,
A nobreza, que o thalamo festeja,
Dando-lhe o parabem a maõ lhe beija.

11.

Praça real em tanto ſe apreſtava,
Onde em pompoſa machina arrogante
Fervendo a gente, o Cerco ſe oſtentava
Aos favos das abelhas ſemelhante:
Com o ſom das trombetas ſe alternava
Do tumulto o murmureo diſſonante,
Cujo rumor diſcorde na armonia
Os eccos gratamente confundia.

12.

Neſta taõ aprazivel diſſonancia
Acordes confuſoens bebe o ſentido,
Sendo o vario rumor com elegancia
Da viſta agrado, ſuſpenſaõ do ouvido:
Mas com mais agradavel conſonancia
O reſplendor dos Reys eſclarecido
Nos coraçoens formando outra armonia,
Dava prazer ás almas, gloria ao dia.

13.

Quando ſoando varios inſtrumentos,
Quaes ſe coſtumaõ ver no Pindo as Deas,
Em leves giros deſtros movimentos
Na Praça vagaõ placidas Choreas:
Aquarios carros, Vultos corpulentos
De Deoſes vãos, fantaſticas Ideas,
Rodando, daõ com engenhoſa traça
Criſtaes ao vento, perolas à praça.

14.

Formada em duas alas arrogantes
A Real Guarda jà no circo entrava,
Onde altivo entre as archas rutilantes
O Illuſtre capitaõ ſe ſublimava:
Aos preceytos das rémoras brilhantes
O ſoberbo Animal, que ouro talcava,
Com viſtoſo furor, com brio ardente,
Prompto obedece, piſa reverente.

15.

Grave encurvando os pés, dobrando os braços,
A terra fere, as cilhas bate altivo,
Té que chegando junto aos Regios Paços
Se ſuſpende cortez, ſe encolhe eſquivo:
Onde em regreſſos tres cedendo os paſſos,
Tres vezes piſa o eſpaço ſucceſſivo,
Oſtentando-ſe em curvo movimento
Quadrupede Bayxel, que ſurca o vento.

16.

Com garbo igual, ayroſa bizarria,
Feroz bruto o Tenente governando,
A meſma ceremonia feyto havia
A's almas goſto, aos olhos gloria dando:
Já Cadaqual retrocedendo a via,
Vaõ o feſtivo cerco rodeando,
Deſempedindo a Praça populoſa
Da turba, que a embaraça fervoroſa.

Quan-

17.

Quando com alta pompa refulgente,
Qual o Joven, que rege o igneo carro,
De Sarzedas o Conde preeminente
Entrou no Campo com valor bizarro:
Dominando o furor de hum Bruto ardente,
Com modo ayroso, com gentil desgarro,
Se ostenta nos assombros, que reparte,
Galhardo Adonis com acçoens de Marte.

18.

Pedestre multidaõ, turba vistosa,
De vario traje, & varia cor vestida,
Com pompa illustre, gala aparatosa,
Lhe acompanha a Pessoa esclarecida:
Naõ tanto ao prado na estaçaõ frondosa
De Abril orna a republica florida,
Como o Fausto, de varia cor trajado,
Da praça adorno foy, da gente agrado.

19.

O soberbo Ginete, que aprazivel
Na arrogante fereza se ostentava,
Com vistoso furor, belleza horrivel,
Tascando escumas, fogo respirava:
Onde em quebrados passos taõ plausivel
Batia os pès, & tanto as mãos dobrava
Que do ferreo metal da planta dura
Fazia espelho á propria fermosura.

20.

O Conde, que em ſumiſſo acatamento
Por tres vezes os paſſos retrocede,
Depois que em ſucceſſivo movimento
Outras tantas altivo o campo mede;
Traçando a capa, plumas dando ao vento,
Buſca o fero animal, que hum monte excede,
O qual nelle empregando a viſta turva,
A terra eſcarva, & a cerviz encurva.

21.

Circundando o Ginete o Bruto armado,
Quando em curſo veloz o campo gira,
Nas cilhas bate as mãos taõ levantado
Que co a terra, que apanha, ao vento atira:
O Touro com impulſo arrebatado,
Abrazado em furor, ardendo em ira,
Vendo o Campiaõ, que o giro lhe repete,
Feroz encara, rapido arremete.

22.

Nunca o rayo da nuvem deſpedido
Com tam bravo furor enveſte a ſerra,
Nem treme tanto o centro ſacudido
Dos vapores, que em ſi grávido encerra;
Como no ardente impulſo enfurecido
O Touro, eſtremecer fazendo a terra,
Ràyo ſe vio ſahir com furia tanta
D'entre a nuvem de pó, que ao ar levanta.

O

23.

O Conde entaõ com ardimento altivo
O rojaõ apertando fulminante,
Das injurias de Europa vingativo,
Poſtra por terra o fero Bruto amante:
Da gente rompe o ar clamor feſtivo,
Vivas retumba o pòlo mais diſtante,
Vendo-ſe a hum tempo com paſmoſo abiſmo
Aceno, impulſo, encontro, & paroxiſmo.

24.

Vivas cauſando ao ar, trofeos ao vento,
Aſſim o grande Heroé com brio ardente
Roubando a Amor a gala, a Marte o alento,
Era aos brutos feroz, viſtoſo á gente:
Acabado o feſtim ſanguinolento,
Inunda a praça a multidaõ contente,
Sendo na luta atroz, no jogo vago
O perigo prazer, a feſta eſtrago.

25.

Na contenda ſeguinte o Campo eſpera
O Conde, que da Torre ſe apelida,
Cuja animada Torre a praça impera,
Onde a Fama conſegue merecida:
Sahe á terceyra luta Aquelle, que era
Dos nobres Caſtros rama eſclarecida,
Merecedor de eſtatuas de alabaſtro,
Digo o famoſo D. Joam de Caſtro.

26.

Com ſucceſſo feliz, applauſo ingente,
Geral louvor, empenho primoroſo
Deu fim ao acto quando o Aſtro ardente
Negava ao dia o reſplendor fermoſo:
Sahio da praça recontando a gente
A acçaõ, que mais notou no Marte ayroſo,
Tendo entre vivas mil, feſtivo alarde,
O dia fim, plauſivel termo a tarde.

27.

Neſtas, & noutras feſtas, que alegravaõ,
Era hum dia eſperança de outro dia:
Pois quando apenas hũas ſe acabavaõ,
A's outras ſubſequentes ſe atendia;
As horas naõ corriaõ, mas voavão
Nas fugitivas azas da alegria,
Que alternada dos tempos a carreyra
Gira tarda no mal, no bem ligeyra.

28.

Lycia aplaudindo o Talamo glorioſo;
As velas ſolta ao vento a Armada Ingleza,
Dividindo os Criſtaes do Imperio ondoſo,
Buſcando a alegre barra Portugueza:
Jà pelo Tejo entrando caudaloſo,
Quando em vago tumulto a gente aceza
Pelas prayas fervendo, em altos vivas
Enchia o ar de clauſulas feſtivas.

29.

De Monte-Gui Duarte, Conde illustre
De Sanduhic, era o inclyto Legado;
Cuja Armada ás Náos Gregas foy deslustre,
E a quantas d'antes vira o mar salgado:
A qual pompa do ar, das ondas lustre,
Dividindo os Cristaes do golfo inchado
Pela corrente entrou do Tejo ameno
Com vento favoravel, mar sereno.

30.

Era o tempo, em que Flora renovava
Seus Imperios de plumas olorosas,
E verde o Campo os olhos alegrava,
Vestindo ás plantas tunicas frondosas:
No Roubador de Europa quasi entrava
O Deos, que gira as Zonas luminosas,
Quando rompendo o mar, chegava ufana
A Armada Ingleza á praya Lusitana.

31.

De Vulcano os terriveis instrumentos,
De Mavorte os horrisonos clamores,
Dos montes abalando os fundamentos
Os orbes atroavaõ superiores:
Soaõ pelas regioens dos vagos ventos
Os eccos dos clarins, & dos tambores,
Sendo o rumor, que se ouve em toda a parte,
De Vulcano prazer, gloria de Marte.

32.

Daõ fundo as Naos, do Sol passando as horas
Com festivos obsequios militares,
Tè que as sombras do sono aduladoras
Deraõ vida aos celestes Luminares:
Em tanto seis alli contando auroras,
Prevenindo os aprestos singulares,
O illustre General, Legado egregio,
Se prepara á funcçaõ com fausto regio.

33.

Quando trazendo o Sol o sexto dia,
D'almas cuberta a lamina salgada,
A gente em varios lenhos concorria
Para onde estava surta a Ingleza Armada:
Nos convezes a Turba se movia,
Assim como na rustica morada
Se ve ferver nas fabricas fragrantes
O tumulto das aves susurrantes.

34.

Festeja ao Luso a nautica Cohorte,
Mostraõ todos geral contentamento,
Ricas sedas se vem de toda a sorte,
Onde o ouro realça, lustra o argento;
Brilha a tèla imitando a etherea Corte,
A Joya excede o Sol no luzimento,
Recrea a vista a purpura abrazada,
Revolve o vento a pluma levantada.

Mas

35.

Mas já quando o Planeta luminoſo
Elevava ao zenith o carro ardente,
De luzes quaſi enchendo o valle umbroſo,
De rayos reveſtindo o monte ingente;
O Tejo navegando caudaloſo,
Entre luzida multidaõ de gente
Em dourado Delfim, Garça de remos,
Buſca Duarte os humidos extremos.

36.

Bayxando pelo rio acompanhado
De varios bargantins, fauſto luzido,
Chega ao Templo á memoria conſagrado
Da Patria; aonde foy Jeſus naſcido:
Ao ſom de acordes tubas alternado
Parou o Embaxador eſclarecido
No famoſo Jardim, com que Amalthea
De S. Lourenço aos Condes liſongea.

37.

D'alli já quando o Sol partindo o dia,
Para os braços de Thetis declinava,
O Conde de Redondo o conduzia
Para a Corte Real, que o Tejo lava:
Onde entre o fauſto, que paſſar ſe via,
O rumor mais ſonoro ſe alternava,
Sendo os clarins, & os coches repetidos,
Paſmo da viſta, encanto dos ouvidos.

Hoſ-

38.

Hoſpedado alli foy com excellente
Fauſto o Varaõ de tal grandeza dino,
Em quanto giros quatro o Rayo ardente
Deu pelo vaſto campo diamantino:
Donde com regia pompa preeminente,
Eſtranho eſtado , obſequio peregrino,
Do Marquez de Gouvea acompanhado
Dos Reys o Paço buſca ſublimado.

39.

A nobre pompa , o fauſto grandioſo
Chegando aonde à etherea immenſidade
Se elevava o Palacio ſumptuoſo,
Templo ao reſpeyto, culto á Mageſtade;
Entra o Varaõ no alcaçar mageſtoſo,
Emulo ao tempo , aſſombro á eternidade,
Que era na forma, que a Corintho deve,
A tanto reſplendor esfera breve.

40.

O Rey , que urbano , & altivo ſe oſtentava
Em regia ſala , em trono ſublimado,
O Heróe recebe, que ſe apreſentava
Ante Elle em reverencias inclinado:
O qual vendo que jà ſe ſoſſegava
O rumor entre a Turba levantado,
Aſſim formando o alento reſpirante,
Soltou a voz em methodo elegante.

An-

41.

Augusto Rey, a quem na Lusa esfera
Por linguas do immortal pregaõ da Fama
Europa em cultos tímida venera,
O Mundo em pasmos reverente acclama:
A quem ver Rey do orbe a Patria espera,
A quem a enveja tece eterna rama,
Templos dando-te a Fama, o Tempo altares,
Padroens o Mundo, laminas os Mares.

42.

Ati, que com imperio preeminente
Occupas este solio esclarecido,
Regendo o leal povo obediente
Naõ menos delle amado que temido:
A quem senaõ ati, que es de tal gente
Senhor, por quem es mais engrandecido,
Buscar deve o meu Rey, cuja grandeza
Nos creditos se exalta desta empreza.

43.

Por seu Embayxador ati me envia,
Ati, que es Sol do Occaso derradeyro;
Para que Precursor da luz do dia
Conduza a Anglia o mais gentil Luzeyro:
Por quem espera a Ingleza Monarchia
Dominar em seu nome o mundo inteyro,
Que junta a teu Imperio sem segundo,
Lhe será breve esfera, o mar, & o mundo.

Disse

44.

Disse, & com breve estylo, & grave affecto,
Affonso lhe responde agradecido,
Mostrando-lhe na lamina do aspecto
O que no Coraçaõ tinha esculpido:
Com summissaõ cortez, primor discreto,
Duarte do Monarcha despedido,
Caminha lá para onde tinha o Estado,
De luzido concurso acompanhado.

45.

Mas quando o alegre mes, author das flores,
Declinando hia já da meya idade,
Vinte, & tres vezes vendo os resplendores
Do Deos, que á mais esquiva amou Beldade;
E Aurora em rosicleres, & candores,
Confundia a primeyra claridade,
Matizando purpurea, & luminosa,
A serena manhãa de neve, & rosa.

46.

A multidaõ da gente alvoroçada
Em popular corrente se envolvia
A ver de Lycia a Flor mais sublimada,
Que do Paço a embarcar-se já partia:
Nunca se vio taõ bella á madrugada,
Taõ claro o Sol, nem taõ fermoso o dia,
Como a assistir entaõ á Regia Flora
Sahio daquelle dia o Sol, & Aurora.

Visto-

47.

Viſtoſos apparatos differentes,
Das janellas adorno, ao ar pendiaõ,
Onde de Tyro as cores preeminentes
Em tecidos incendios de ouro ardiaõ:
Ricos panos, matizes excelentes,
Co a luz da Aurora em rayos competiaõ;
Pois no lavor, que orientes reverbera,
Moſtravaõ ſer do Sol mais clara esfera.

48.

Com Real pompa, igual magnificencia,
Ao Ceo ſoberbos arcos ſe elevavaõ,
Nos quaes em ſucceſſiva deſcendencia
Em vulto os Luſos Reys ſe retratavaõ:
Os Luſos Reys, que ainda na apparencia
Da gente os coraçoens intimidavaõ,
Cujas acçoens, façanhas belicoſas,
Moſtra a tinta excedendo as fabuloſas.

49.

No primeyro o ſubtil pincel retrata
A raiz generoſa, donde mana
Por troncos d'ouro, laminas de prata
Toda a Real Eſtirpe Luſitana:
O grande Henrique, digo, que dilata
Sobre os aſtros a prole ſoberana;
O qual ſe via alli bravo Pompeyo,
Ao duro Mouro pondo duro freyo.

No

50.

No ſegundo vibrando a eſpada invicta
Com viſta ardente, aſpecto furibundo,
Deſtroe dos de Agar copia infinita
Affonſo, Rey primeyro ſem ſegundo:
E formando do barbaro Iſmaelita
De ſangue hum lago fervido, & profundo,
Tinha, em honra das Quinas ſublimadas,
Coroas cinco aos Regios pès poſtradas.

51.

Na machina terceyra ſe diviſa
Sancho, inundando em purpura vivente
Os deſtrictos, que o Bethis fertiliſa,
Tornada roxa a candida corrente!
Sancho, que as Luas Mahometanas piſa,
Afugentando a bellica torrente
Do Agareno cruel, que desbarata,
Que opprime, que deſtroe, fere, & mata.

52.

Na quarta alçando a eſpada ameaçadora
Brilha o ſegundo Affonſo, & Rey terceyro,
Sojugando co a dextra vencedora
O Povo aduſto, o Barbaro guerreyro:
A eſpada, que por fina, & cortadora,
Foy eſtranho terror do mundo inteyro,
Sendo por alto dom, valor ſublime,
Rayo, que eſtraga, ſe trovaõ, que opprime.

Na

53.

Na quinta ſe moſtrava retratado
Sancho ſegundo, ao qual eſtava junto
O Rey, terceyro Affonſo ſublimado,
De Alexandres, & Ceſares tranſſunto:
Affonſo ſeu Irmão, por quem privado
Sancho ſe vio do Reyno, que conjunto
Por ſeu deſcuydo eſtava ao precipicio,
Que a Roma reſultou do meſmo vicio.

54.

No alto, & ſexto Babel Diniz ſe oſtenta,
De quem ſó de lhe ouvir o nome auguſto,
Em Caſtella Fernando ſe affugenta,
E em Africa eſmorece o povo aduſto:
O qual à viſta alli ſe repreſenta
Guerreyro, armado, férvido, & robuſto;
Fundando ſobre marmores ſeguros
Villas, Torres, Caſtellos, & altos muros.

55.

Lá no ſetimo a Effigie ſublimada
Do bravó Affonſo quarto reſplendece,
Em cujo aſpecto a viſta apacentada,
Só de vello pintado ſe eſtremece:
Inclinando a cerviz á invicta eſpada,
Alli rendida Eſpanha lhe obedece;
E de Granada o Rey dentro em ſeu muro
Se naõ dava inda delle por ſeguro.

56.

No outavo a ſcientifica pintura
Com eſtudo ſubtil, pincel ſubido
Moſtra do amante Pedro a alta figura,
Alvo das duras frechas de Cupido;
Digo d'aquella infauſta Fermoſura,
Por quem ſuſpira Amor inda ſentido,
D'aquella linda Ignes, em cuja ſorte
Formou duro anagrama o Amor, & A morte.

57.

Em o nono ſe via o Rey Fernando
A amores, & a delicias vans entregue,
Que por dar ao deleyte o peyto brando
O occio vil, & o froxo vicio ſegue:
Mas com tudo altos muros levantando
Se eterniſa na fama, que conſegue;
Pondo magnifico a mural coroa
A Santarem, a Evora, a Lisboa.

58.

Com viſta eſtá no decimo iracunda,
(Em hũa maõ o Cetro, em outra a eſpada)
O primeyro Joaõ, que invicto inunda
De Hiſpano ſangue a terra conquiſtada:
Por cuja eſtranha dextra furibunda
Se via a Luſa patria reſtaurada,
Triunfante ſuſtentandolhe a bandeyra
O bravo D. Nuno Alveres Pereyra.

59.

No undecimo Duarte ſe oſtentava
Aos criſtallinos Ceos alevantando
Os olhos, com que os aſtros calculava,
Os ſegredos dos orbes penetrando:
D'alli tè aonde o mar ſe prolongava,
As ſolitarias ondas povoando
Se viaõ pelo tumido caminho
Aves de lenho abrir azas de linho.

60.

No duodecimo o grande Affonſo quinto,
Cuja fronte immortal cingia o louro,
Tinha na dextra o alfange em ſangue tinto,
Fulminante terror do aduſto Mouro:
Jaſpes de Paro, bronzes de Corinto,
Por eternos padroens, eſtatuas de ouro,
Lhe erige a Fama em culto ſoberano,
Que inda venera, & teme o Reyno Hiſpano.

61.

No decimo terceyro apparecia
O ſegundo Joaõ, Rey ſem ſegundo,
Levando o ſacro eſcudo aonde o dia
He mais ardente, & o Sol menos fecundo:
Lá chegando do Nilo á enchente fria,
E paſſando onde o golfo rubicundo
Envolve as roxas ondas Erythreas,
Vê do Tigres, & Euphrates as areas.

62.

Lá no decimo quarto ó preeminente
Unico Manoel se vé, que atento
Os mares vay buscando lá do Oriente,
Contrastando o furor do salso argento:
A cujo invicto Cetro reverente
Se sogeyta do Turco o bravo alento,
E pede leys o barbaro Ismaelita,
Que adonde nace o Sol disperso habita.

63.

Em o decimo quinto está o terceyro
Joaõ, invicto Rey, Sol sublimado,
Terceyro sem segundo, & sem primeyro,
Aquem atè obedece ó mesmo Fado:
A Este, que deu susto ao mundo inteyro,
Desde hum a outro polo respeytado,
Raro Exemplar, vivente Maravilha,
O negro collo a gente adusta humilha.

64.

Em o decimo sexto se ergue o Vulto
Do bravo Sebastiaõ grave, & arrogante,
Rodeado de bellico tumulto
Da plebe vil, que habita o monte Atlante:
Intentando arrazar, (mysterio occulto)
De Marrocos o muro, & o de Trudante,
Cuja taõ temeraria valentia
Inda de a recordar o Mouro enfia.

65.

Lá na ultima fabrica apparece
Sustentando a Coroa o Santo Henrique,
Cujos hombros a purpura guarnece,
Porque nelles melhor se qualifique:
O escudo, que na maõ lhe resplendece,
He esse, que no Campo lá de Ourique
Vencendo cinco Reys, ás armas dinas
Formou das cinco Chagas cinco Quinas.

66.

Assim os Regios Arcos as memorias
Recordavaõ dos Cetros soberanos,
De Portugal as inclytas victorias,
As famosas acçoens dos Lusitanos:
A cuja vista as belicas historias
Dos Persas, Godos, Gregos, & Romanos,
E todas, as que a Musa antiga acclama,
Mudas ficaram nos annaes da Fama.

67.

Quando jà na estaçaõ da meya idade
A manhãa mais brilhante florecia,
E o Sol de luminosa claridade
Banhava o monte, o valle quasi enchia,
De Catherina a augusta Magestade,
Esplendor dando ao Sol, & lustre ao dia,
Pelo Paço sahia acompanhada
Da Mãy, & Irmãos com pompa sublimada.

68.

Sahia pelas ſalas mageſtoſas,
Onde os panos, & as télas liſongeyras
Em cores oſtentavaõ primoroſas
Dos Deoſes vãos as fabulas guerreyras:
Alli ſe via ás nuvens luminoſas
Atreverem-ſe mãos aventureyras,
Que do tear ſubtil o ſabio eſtudo
Parece faz mover no pano mudo.

69.

Alli os Filhos barbaros da terra
Se viaõ contra Jove ſoberano
Em tremendo combate, em dura guerra
Fulminados dos rayos de Vulcano:
Huns amontoaõ ſerra ſobre ſerra
Com neſcio impulſo, com intento inſano;
Outros ouzaõ com furia irrevevente
Os muros demolir do Olympo ardente.

70.

Do Oriente a ſubtil tapeçaria
Fingia Auroras, Mayos debuxava,
Onde o Sol com Abril ſe confundia,
Onde com Tyro Ophir ſe equivocava:
O ouro com a luz ſe entretecia,
Com Amalthea Aragnes ſe enlaçava,
Dando o lavor em circulos diſtintos
Paſmos à idea, aos olhos Labyrintos.

Os

71.

Os fumos excedendo de Cynara,
As gomas de Hybla, as lagrimas de Hymeto,
Em halitos ſutis, fragrancia rara,
O balſamo reſpira mais ſeleto:
Cujo vapor ſubindo à esfera clara
Em negros globos de oloroſo objeto,
Tributava ás Imagens radiantes
De maſſas mil eſpiritos fragrantes.

72.

Alli ſe via em fim quanto o Sol gera,
Quanto produz em lagrimas a Aurora,
Quanto em ambar cultiva a Primavera,
Quanto Pancaya exhala, Arabia chora:
Por eſta, pois, de Ophir taõ rica esfera
A Amalthea melhor, & a melhor Flora
Vinhaõ, atè que (ah duro ſentimento!)
Foy a uniaõ ſinal do apartameuto.

73.

Mas ambas na altivez taõ affectadas
Que da violenta dor, que a voz lhe oprime,
Tendo as ancias no peyto reprezadas,
Moſtraõ izento o coraçaõ ſublime:
Mas ay que chamas ſaõ reconcentradas
As lagrimas, que n'alma Amor reprime;
Pois por damno mayor ſem deſafogo
O Ethna oſtenta a neve, & occulta o fogo.

74.

Oh razão ſem razaõ de hum peyto altivo,
Da natureza eſcandalo agravante,
Que antes queres negarte ao ſenſitivo,
Que abater os reſpeytos ao ſemblante:
Mas eſſe, que te izenta, affecto eſquivo
Te reconcentra a dor mais penetrante,
Por te naõ permittir em tanto imperio
Alivio á pena, à magoa refrigerio.

75.

Neſta doce prizaõ dos tenros braços
A delicia em rigor o effeyto muda,
Que onde Amor tece os ultimos abraços
Deſembainha a dor a eſpada aguda:
Porèm neſtes da auſencia eſtreytos laços
Já naõ podendo abſterſe a ancia muda,
A Cadaqual Amor moſtrar lhe ordena
Deſpojos da altivez, tropheos da pena

76.

Neſte aſſalto gentil doſentimento
As lagrimas ſubtis correndo a pares
Nublàram dos dous Soes o luzimento
Nuvens de pranto, de triſteza mares:
Nunca em nocturno eclipſe o Firmamento
Taõ mortos vio os claros Luminares,
Como ſe viraõ eclipſar aquellas
Do Ceo do Amor taõ nitidas eſtrellas.

Fican-

.77.

Ficando em fim vencida a Mageſtade,
Deſvanecida fica a Natureza,
Vendo cahir em bella tempeſtade
Prendas do Amor, reliquias da beleza:
Mas ſe Amor, que a ternuras perſuade,
Abranda atè das penhas a dureza,
Qual o effeyto ſerá de hum brando peyto,
Que por humano tem de cera o effeyto?

78.

Jà a Soberba quadrupede tirava
Pela carroça, que no vento arfando,
Bayxel, que ſurca os ares, ſe oſtentava,
Luzes cingindo, rayos ſcintillando:
Tal que no reſplendor, que deſatava,
Em diluvios de Ophir reverberando,
Alumeava os ares taõ radiante
Qual ſe fora de ſolido diamante.

79.

Os vidros, & paineis, de que cingida
Fazia emulaçoens ao Aſtro louro,
Tremolavaõ com pompa eſclarecida
Auroras de criſtal, Orientes de ouro:
Por ella outo Frizoens em forma unida,
Que à Quadriga do Sol foraõ deſdouro,
Com belleza feroz vinhaõ tirando,
As ruas opprimindo, o ar pizando.

So

80.

Soberbos com o pezo mageſtoſo
Os pés batiaõ taõ deſvanecidos
Que moſtravaõ no eſpirito vaidoſo
Serem dos meſmos ares concebidos:
Mas taõ promptos ao freyo rigoroſo,
Que aceſa a viſta, atentos os ouvidos,
Obſervavaõ com fervida fadiga
As arbitrarias leys do deſtro Auriga.

81.

Ferindo a terra, os marmores raſgando
Dos duros pés Veſuvios fuſilavaõ,
E dos olhos faiſcas ſcintilando
Em fogo o ar, que bebem, reſpiravaõ:
Pelas abertas ventas exhalando
O bravo alento eſcumas maſtigavaõ,
E em vaga oſtentaçaõ das ſedas finas
As caudas daõ á terra, ao vento as crinas.

82.

Nobreza juvenil, florida idade
O Criſol ladeava de eſplendores,
Onde a Guarda, defenſa á Mageſtade,
D'archas a mura, a cerca de fulgores:
Cujos Baſtoens, Emblemas da vaidade,
Opprimem tres Pyroens, que em ſeus furores
Fazendo dos adornos deſperdicio,
Lhes ſervia a deſordem de artificio.

Fe-

83.

Femineos Soes em tronos differentes,
Esmeros mais gentis da natureza,
Seis carroças occupaõ preeminentes,
Timbres do fausto, empenhos da grandeza:
Em cujas aureas roupas refulgentes
D'agulha se admirava a subtileza,
Onde as pedras, & Joyas, que cegavaõ,
Astros fingiaõ, Soes assemelhavaõ.

84.

Hia adiante a via franqueando
De Ministros tropel tumultuoso,
Logo de coches multidaõ rodando
Concurso se estendia aparatoso:
Os quaes illustre Sequito occupando
Triunfo parecia magestoso;
Qual fazer costumava em acto ufano
Aos seus Heróes o inclyto Romano.

85.

Por alas de ordenada Infantaria,
Que do Paço á Matriz se prolongava,
Lá para onde a Metropoli se via
A grandiosa Pompa caminhava:
Por toda a parte em vozes de alegria
Soava o pifaro, o tambor soava,
E os sinos atroando os orbes onze
Davaõ da ferrea lingua a voz de bronze,

Quan-

86.

Quando do Sol a chama luminosa
Se avizinhava ao grao de seus ardores,
Chegava ao Templo a Aurora Magestosa,
Vestindo Soes, toucando resplendores:
Alvoroçase a turba populosa
Clarins se tocaõ, ferem-se tambores,
Ouvem-se cantos, vaga a melodia
Soa o rumor, confunde-se a armonia.

87.

Ao grato som dos alternados Córos
O popular murmureo se sossega,
E ás doces vozes dos Orpheos canoros
Suspenso cadaqual o ouvido entrega:
Onde a armonia em numeros sonoros
Com tanta suavidade à alma chega
Que era cada cadencia, ou sostenido
Prizaõ à idea, remora ao sentido.

88.

Turbando os ares com fragrancias raras
Sobem de incenso nuvens olorosas,
Que fragrantes lisonjas sendo ás aras,
Eclipse ás linguas eraõ luminosas:
Onde excedendo o pranto de Cynaras,
De Hybla imitando as lagrimas cheyrosas,
Exhalava a casoula respirante
Suave alento, espirito fragrante.

Em

89.

Em matizes de Tyro, em faixas de ouro,
As columnas do Templo ſe envolviaõ,
As quaes ſendo de Ophir gentil deſdouro,
Do Ceo as aureas Zonas excediaõ:
Quantos metaes no Atlantico theſouro
Pulem dextros buris, alli pendiaõ,
Em cujo primoroſo beneficio
Superava à materia o arteficio.

90.

Alli ſe via em fim quanto Ophir gera,
E quanto o Pothoſy nas veas cria,
Quanto Amalthea anima, Flora impera,
Quanto o Guzano tece, Aragnes fia,
Quanto Arabia produz, oſtenta a esfera,
Doura o Sol, banha a aurora, alenta o dia;
Sendo o Templo na pompa ſoberana
Celeſte gloria expoſta á viſta humana.

91.

Em quanto o ſacrificio celebravaõ
Os Miniſtros do Templo ſuperiores,
Da clauſtra em ver os panos ſe occupavão
Co a gente Ingleza os dous Embayxadores:
Huns, & outros a viſta apacentavaõ
No elegante matiz das varias cores,
Onde abſortos na hiſtorica apparencia
Lhe naõ ſabiaõ dar inteligencia.

Quan-

92.

Quando depois de hum pouco eſtar notando
Duarte o que ideava a varia tinta,
Pergunta ao Mello(o dedo levantando)
Quem he aquelle Rey, que alli ſe pinta?
O Mello vendo o Vulto venerando
Lhe reſponde aqui tens em cor diſtinta
Da acclamaçaõ mais rara a rarahiſtoria,
De Eſpanha injuria, deſte Imperio gloria.

D. Francisco de Mel. Conde da Ponte, depois Marquez de Sande Embayxador a Inglaterra Comiſſario do ajuſte do caſamento, & Conductor deſta Sephora.

93.

O Ramo, que na dextra (proſeguia)
Lhe ves por palma; mas O' Muſa ouſada,
Suſpende por hum pouco a melodia,
Que a lyra pulſa jà deſafinada:
Deſcança naõ proſigas rouca, & fria,
Taõ grande empreſa, acçaõ taõ ſublimada,
Em quanto a Phebo novo rithmo imploro
Em tom mais alto, accento mais ſonoro.

94.

Tu, pois, hum ſacro influxo, hum doce alento,
N'alma, que ſe me inflamma, Apóllo, inſpira,
Se he que cabe no metrico inſtrumento
A acçaõ, que decantar meu peyto aſpira:
Dame aquella cadencia, aquelle accento,
Que á Latina já déſte, & á Grega lyra;
Para que dé meu plectro ao mundo eſpanto
No aſſumpto digno do mais grave canto.

Do

95.

Do louro, com que o Pindo enrama a eſpalda,
Do freſco myrto, que o Parnaſo gera,
Naõ pertendo tecer verde grinalda,
Nem a palma empunhar, nem cingir hera:
A fronte adorne Homero da eſmeralda
Da eſquiva Planta, a que inda o Sol venera,
Que eu para mais ſubir ſó quero a gloria
De cantar tal acçaõ, taõ alta hiſtoria.

CANTO IV.

ARGUMENTO.

Da acclamaçaõ se conta a rara historia,
Embarca-se a Rainha, & Pluto atento,
Naõ lhe passando a empreza da memoria,
Convoca os Seus a novo ajuntamento;
Onde intentando contra as Naos victoria,
Cadaqual se desata em rijo vento,
Ursula a Deos auxilio deprecando,
Se converte a tormenta em tempo brando.

I.

O Ramo, que na dextra (proseguia)
Lhe ves por palma, o Tronco he soberano
Donde mana a Real Genealogia
Dos altos Reys do Imperio Lusitano:
Ve como á sombra deste a Monarchia
Se acolhe alegre do rigor tirano,
Em que, perdendo o resplendor primeyro,
Chorou por lustros doze o cativeyro.

Este

2.

Este Alcasar, que ves acometido
De luzido tumulto numeroso,
Dos Luzos Reys he o Paço esclarecido;
Repara como o investe o vulgo iroso:
Aquelle, que entre a turba está metido,
Em quem o illustre iguala ao valeroso,
Por D. Miguel de Almeyda se apelida,
Columna da Naçaõ, da patria vida.

D. Joaõ de Sà de Menezes Camarei-ro mòr del Rey.

3.

Os tres, que a Guarda assaltaõ furibundos,
De varia multidaõ acompanhados,
Saõ Mello, Castro, & Cunha, que em facundos
Metros seraõ no mundo celebrados:
Dos Dous, que ves, quaes Tigres iracundos,
Entrarem pelas archas dos Soldados,
Hum he Luis de Mello, outro he Saldanha,
Aos quaes reserva o tempo historia estranha.

Jorge de Mello, Antonio de Mello de Castro, Estevaõ da Cunha. Luis de Mello porteyro mòr, Joaõ de Saldanha de Souza.

4.

Destes, que as archas pondo vaõ por terra,
He Menezes, he Brito, he Azevedo,
Herôes, em cujas mãos Marte se encerra,
De cujos braços tem a morte medo:
O Par sem par, que com a Guarda cerra,
A' porta cadaqual firme rochedo,
Hum Mendoça, Outro Souza se apelida,
Ambos Varoens de fama esclarecida,

D. Affonso de Menezes, Gaspar de Brito Freyre, Marco Antonio de Azevedo. Pedro de Mendoça, Tomé de Souza.

G Essou-

5.

Esſoutro, que lá ves altivo, & ouſado
Naquelle corredor, qual Rayo ardente,
He Dom Antonio Tello, cujo brado
Será no mundo ouvido eternamente:
Ve como tenta o Forte acompanhado
De eſpeſſa multidaõ de varia gente,
Olha como as eſpadas fulminantes
Formaõ brenha de rayos ſcintillantes.

6.

Do concurſo, que o ſegue, hum he Menezes,
Os ſinco, que ſe lhe unem, ſaõ Saldanhas,
Os quaes com gloria igual por tantas vezes
Foraõ do mundo aſſombro nas façanhas:
Aquelles quatro em tudo Portuguezes,
De quem a Fama admira acçoens eſtranhas,
Cunhas ſaõ, hum he pay, & os Dous ao lado
Saõ filhos, & eſte o Genro he ſublimado.

7.

O que num braço entre elles ves ferido,
Antonio Telles he, que em furia ardendo
Vay pela Guarda ouſado, & deſtemido
Huns derribando, & outros combatendo:
Repara como o vulgo enfurecido
Vay as ſalas do Forte diſcorrendo,
Na vingança colerico, & impaciente,
Por ſaciar do odio a ſede ardente.

D. Joaõ de Sá de Menezes Camareiro mòr del-Rey, Ayres de Saldanha, Sancho Dias de Saldanha, Joaõ de Saldanha da Gama, Antonio, & Bertolameu de Saldanha. D. Antonio Alveres da Cunha, Triſtaõ da Cunha de Ataide, & ſeus filhos Luis, & Nuno da Cunha, & ſeu genro D. Manoel Chil de Rolim.

A

118.

Aquelle, que vês virse despenhando,
O Vasconcellos he, que aos Insolentes
Na morte mais cruel exemplos dando,
Serve ao mundo de horror, de assombro ás gentes:
Olha como na terra ó vão pizando,
Atende como os animos contentes
Estaõ de o verem nesta adversidade,
Nelles faltando a natural piedade.

Miguel de Vascõcellos Secretario de estado.

9.

Ve como miseravelmente horrivel
O vaõ á terra dar por pasto indino
Naquelle esquife pobre, & desprezivel,
Sem honra funeral, sufragio dino:
Olha como o plebeo quanto he possivel
Atè negar lhe quer lugar divino,
Que ao menos por Christaõ se lhe devia,
Castigo igual á sua tirania.

10.

Este, que pela turba populosa
Abrindo á tumba vay largo caminho,
De Catholico usando acçaõ piedosa,
Por nome D. Gastaõ se diz Coutinho:
Vé como aperta a espada luminosa
Com valerosa acçaõ bizarro alinho,
Como no ar com ella em giro breve
Scintillante esplendor de fogo escreve.

11.

Aquella, que á janella está clamando
Ao povo, que se altera, he a Duqueza
De Mantua, que em voz alta está gritando
Que he da fidelidade Portugueza?
Olha como de cá lhe está bràdando
Enfurecido o vulgo, a gente aceza,
Liberdade acclamando em voz sublime,
Viva el-Rey D. Joaõ, Pay, que nos rime.

12.

Aquelle, que cortez lhe inclina o peyto,
E sumisso os impulsos lhe refrea,
A cujo braço o mundo he campo estreyto,
D. Carlos de Noronha se nomea:
Mas repara que jà contra o respeyto
Parece que lhe falla; pois lhe arquea
Severo as sobrancelhas, donde tira
Dos dous arcos, que encurva, frexas de ira.

13.

Da gente, que alli ves na quella escada,
Dous Costas, Mellos dous, & hum Menezes,
O outro D. Luis se diz de Almada,
No valor, & lealdade Portuguezes:
Mendoças saõ os Dous, que a sublimada
Estirpe acreditàraõ tantas vezes,
Estes Noronhas saõ, estoutro he Faro,
Ruina do Espanhol, da patria amparo.

D. Joaõ, & D. Antonio da Costa, Martim Affonso de Mello, Manoel de Mello filho de D. Luis de Mello que foy porteyro mòr de el Rey. Fernaõ Telles de Menezes. D. Luis de Almada filho de D. Antaõ de Almada, Tristaõ, & Luis de Mendoça. D. Thomàs, & D. Francisco de Noronha, D. Fernando Telles de Faro.

14.

Dos Dous, que influem respeitoso medo,
He Alcaçova Aquelle, este he Sampayo,
Aquelle Freyre, estoutro Figueiredo,
E essoutro he seu Irmaõ, vivente Rayo:
Aquelle, cujo peyto he qual rochedo,
Do Universo terror, do Sol desmayo,
He Gil Vaz Lobo, o outro he Mascarenhas,
Que excede na constancia as mesmas penhas.

D. Antonio de Alcaçova, Francisco de Sampayo, & seu filho Gomes Freyre de Andrada, Rodrigo de Figueiredo, & seu Irmão Luis Gomes. D. Antonio Mascarenhas.

15.

O Edificio, que ves acometido
Lá junto áquelle Templo levantado,
Onde concorre o povo embravecido,
He de Lisboa o inclyto Senado:
Olha de quantas Almas vem seguido
D. Alvaro de Abranches, que inflammado
De zelo, & amor da Patria, a que atendendo,
Vem co a bandeyra as ruas discorrendo.

16.

Aquelle, que o honorifico roxete
Reveste, sendo assumpto ao tempo eterno,
D. Rodrigo he da Cunha, a quem commete,
Em quanto chega o Rey, Lycia o governo:
Olha o vario plebeo, que se somete
A' Cruz Arcebispal, Onde o superno
Rey aos olhos mortaes de toda a gente
Della desprega a dextra omnipotente.

D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa.

17.

O que hum montante joga, & vem ſeguido
Dos quatro Filhos, que lhe ves ao lado,
Proprio no nome, improprio no apelido,
Por Miguel ſe nomea Maldonado:

D. Antonio Luis de Menezes, & D. Rodrigo de Menezes filhos de D. Pedro de Menezes Conde de Cantanhede Preſidente da Camara.

Aquelle, que lá vés d'armas cingido,
E eſſoutro, de quem vem acompanhado,
Filhos do Conde ſaõ de Cantanhede,
Em fim Menezes, Dom, que a tudo excede.

18.

Eſſe, que ves com animo fogoſo
Pelos ares vibrando a fina eſpada,
Seguido de tumulto populoſo,
Por nome D. Antaõ ſe diz de Almada:
Vè como vem com peyto generoſo
A plebe conduzindo levantada,

D. Antaõ de Almada Pay de D. Luis de Almada.

Da lealdade, & valor ſendo modello,
Franciſco, & ſeu irmaõ Jorge de Mello.

19.

O que o braço levanta deſtemido
Vivas clamando, o lenço dando ao vento,
D. Franciſco he de Souza, que impelido
Do patrio amor, vem dando ao povo alento:
Eſſe he, que lá de tantos vem ſeguido,
Dividindo o vulgar ajuntamento,
Joaõ Rodrigues de Sá, que em zelo ardendo
Pela turba, qual Tigre, vay rompendo.

Da-

20.

Daquelles, que ves vir correndo as ruas,
He Telles hum, o Outro he Figueyredo,
Que as espadas ao ar girando nuas,
Na furia vem metendo à morte medo:
Dos Dous, que seguem as pisadas suas
Acclamando o seu Rey com vulto ledo,
O que o prefere he Cunha, essoutro he Souza,
A quem tirar a enveja os dons naõ ousa.

Fernando Telles Irmão de Antonio Telles da Silva. Henrique de Figueyredo.

Simaõ da Cunha, Diogo de Souza.

21.

O que adiante vés com modo irado,
Cuja espada fusila chama estranha,
De immensa multidaõ acompanhado
O Capitão Antonio he de Saldanha:
Olha como com brio sublimado
Em honroso suor o rostro banha
D. Hieronymo, Conde de Atouguia,
Marte, que a Marte, & a Morte desafia.

D. Hieronymo de Ataide.

22.

O que lhe segue o impulso valeroso,
E de brilhantes ferros se rodea,
He seu Irmaõ, & Irmaõ no timbre honroso,
D. Francisco Coutinho se nomea:
Nota como com peyto generoso
D'armas a illustre Māy os veste, & enlea;
Oh Vilhena immortal, de immortal gloria
Mais que nenhũa he digna a tua historia.

23.

Duarte lhe pergunta quem he Eſte?
(Depois de largo tempo o eſtar notando)
Que de laminas finas ſe reveſte
No bruto, que parece eſtar ſaltando;
O qual por toda a parte o Paço inveſte,
Quaſi empenho mayor na acçaõ moſtrando;
Em quem hum pouco o Mello eſtando atento,
Aſſim da voz ſoltou o grave alento.

24.

Eſte que aqui ſe oſtenta derradeyro,
E o ves reproduzido em toda a parte,
Correndo mais que o Zephiro ligeyro,
He porque tem na empreſa a mayor parte:
Nota como diſcorre aventureyro,
D'alma exhalando eſpiritos de Marte,
O qual por voz da Fama eſclarecida
Joaõ Pinto Ribeyro ſe apelida.

25.

Eſte foy fideliſſimo Criado
Da ſempre auguſta Caſa de Bragança,
Por iſſo neſta acçaõ taõ empenhado
Aqui, & alli correndo naõ deſcança:
Nota agora, alto Heroê, pelo pintado
Qual ſeria do vivo a ſemelhança?
Qual ſeria o rumor? quaes as feſtivas
Vulgares vozes? quaes os altos vivas?

Bem

26.

Bem que o tear taõ propria a hiſtoria eſmalta,
Que dos olhos paſſando ao dubio ouvido,
Parece da facçaõ, que aqui ſe exalta,
Se percebe o tropel, ſe ouve o ruido:
Olha a Huns a cavallo, que em voz alta,
Outros a pé, que em bellico alarido
Parece vaõ gritando alerta, alerta,
Viva o Reſtaurador, que nos liberta.

27.

Aſſim o Mello a hiſtoria mais glorioſa
Ao General Britannico explicava;
Quando da alegre turba populoſa
O feſtivo rumor ſe levantava:
Grato o clarim, a tuba ſonoroſa
Os animos a jubilo incitava,
Duarte, & o Mello corre, & as mais Peſſoas
A acompanhar as inclytas Coroas.

28.

As ſacras ceremonias acabadas,
As carroças rodavaõ luminoſas
Para onde as creſpas ondas prateadas
Lavaõ do Tejo as prayas arenoſas:
O refulgente Pheniz jà as douradas
Azas baxando ás aguas caudaloſas,
Pendente declinava ſobre a tarde
A' pyra de zafir, que em criſtaes arde.

Na

29.

Na carroça, que excede o refulgente
Coche do Sol, que a esfera roda, & trilha,
Se recolhe a Rainha preeminente,
Que mais que o mesmo Sol realça, & brilha:
O Tejo mais que nunca transparente
Cuberto entaõ se vio de maravilha,
Onde rica hũa ponte, que admirava,
Passar a nado o pelago intentava.

30.

Nella mostrava a celebre Pintura
Os Deoses vãos, as barbaras Deidades,
Que a cega idolatria, a seyta escura
Seguio por verdadeyras Divindades:
Alli erige a magnifica Esculptura
Effigies de mentidas Potestades,
Cadaqual as insignias empunhando
Conforme seu officio, imperio, & mando.

31.

Alli Jove fulmina o Rayo ardente,
O verde Thyrso Baccho alli sustenta,
Neptuno empunha o humido Tridente,
O leve Caduceo Mercurio ostenta:
Pallas o escudo embraça refulgente,
Mavorte vibra a espada truculenta,
Diana o matador venablo esgrime,
E a clava Alcides, com que a Hydra opprime.

Alli

32.

Alli com pompa eſtava prevenido
Hum Bargantim, que ao Vellocino de ouro
No adorno, que oſtentava eſclarecido,
Podera ſer eſplendido deſdouro:
Onde apeado o Sequito luzido,
E jà occupando o ondivago theſouro,
Aos altos Reys dá ſalva a artelharia,
Brama o Caſtello, atroa a Infantaria.

33.

Deſamarra o Bayxel ſoberbo arfando
No golfo criſtalino, que o retrata
Refulgente Pavaõ, que vay cortando
Com peyto de ouro laminas de prata:
De eſcuma a proa a Thetis adornando,
Com grilhoens de criſtal a Doris ata,
E os remos, que o mar ferem vagaroſos,
Relampagos fuſilaõ luminoſos.

34.

O dourado Delfim deſvanecido,
As aguas dividindo com deſpreſo,
Nas ondas ſe engolfava preſumido
De levar taõ gentil, taõ rico peſo:
D'almas cercado, de bateis ſeguido,
O ſentido levava a todos preſo,
Dando na pompa, com que adorna os mares,
Reſplandores ao Sol, plumas aos ares.

Va-

35.

Varrendo vay as aguas o eſtandarte,
O toldo brilha, o galhardete voa,
E a muſica obſervando os pontos d'arte,
Em doces rithmos pelos ares ſoa:
Canta a trombeta de hũa, & d'outra parte,
Segunda vez o bronze o mundo atroa,
Ve-ſe do Tejo o pelago ſalgado
D'almas cuberto, de bateis murado.

36.

Chegaõ á Nao, que o Regio fauſto encerra,
Onde os ſupremos Reys ſe deſpediraõ,
Quando apartados, em feſtiva guerra
Longe os metais terceyra vez ſe ouviraõ:
Os Remadores vem vogando a terra
Com Pedro, & Affonſo, a quem os mais ſeguiraõ,
Buſcando a alegre praya, aonde a gente
Formava junto ao mar hum mar vivente.

37.

Do Deos Nocturno a Eſpoſa tenebroſa
O manto ja nos ares eſtendia,
E a noyte com o dia duvidoſa
As primeyras reliquias confundia:
Quando com pompa excelſa, & luminoſa,
Brilhava o Tejo, o mar reſplandecia,
Vendo-ſe dos metaes às vivas fraguas
As ondas fuſilar, arder as aguas.

Pe-

38.

Pelo ſereno ar da ſombra eſcura
Vagaõ cruzando os humidos extremos
Varios bateis, que abrindo a prata pura,
O Rio ferem com pauſados remos:
Onde a armonia, & metrica doçura,
De inſtrumentos, & canticos ſupremos,
Era em doces, & acordes ſuſtenidos,
Priſaõ ás ondas, Remora aos ſentidos.

39.

A triſteza da noute deſmentida
Neſtas, & noutras feſtas deleytoſas,
Da matutina Luz a nova vida
Jà apagava as eſtrellas luminoſas:
A Aurora de ouro, & purpura cingida
Reveſtindo jaſmins, toucando roſas.
Entre lagrimas, rizos, & eſplendores,
De perolas cobria as tenras flores.

40.

Quando Huns as graves ancoras levavaõ,
Soltando as redeas aos nadantes pinhos,
Outros na gavea aos ventos deſpregavaõ
As brancas azas dos volantes linhos:
Já dos maſtros as velas ſe afaſtavaõ,
Já a proa abria os tumidos caminhos,
E branda a viraçaõ, galerno o vento,
Já ſahiaõ com manſo movimento.

41.

Quando o fero Plutaõ no mesmo instante
Convoca os negros Numes do Profundo,
Ao metal applicando retumbante
Da denigrida boca o alento immundo:
Tremeo o Abismo ao brado penetrante,
Revolveo-se ao clamor o Mar profundo,
Ao terremoto o Averno abortou logo
A bruta multidaõ envolta em fogo.

42.

Rayo não rompe o ar tão estrondoso,
Trovaõ não mais atroa os Ceos primeyros,
Hum fulminando o centro cavernoso,
Outro abalando os orbes derradeyros;
Como o sinal da tuba temeroso
Erguendo valles, derribando outeyros,
No duro som, no estrepito iracundo,
Fez confundir a machina do Mundo.

43.

Nos altos orbes o clamor gemendo,
Retumba pelas inferas moradas,
Como soar costuma o mar batendo
Nas maritimas rochas levantadas:
Quando da trompa irada ao som tremendo
Logo se vem as Infernaes estradas
Cheas de estranhas Sombras, que as cavernas
Do escuro centro habitaõ sempiternas.

De

44.

De Espiritos crueis o ar coberto,
(Tenebrosas Legioens d'Auras viventes,)
De Cocyto surcava o rumo incerto
A multidaõ das Sombras apparentes:
Onde o Cerbero as fauces tendo aberto,
Delles bebia as funebres correntes,
Cujo tropel rompendo a nevoa fria
Vaga regioens, que nunca illustra o dia.

45.

No centro da infernal concavidade,
Rompendo o coraçaõ da terra occulto,
Se ajuntou logo a horrenda Potestade
Em densa turba, em férvido tumulto:
O Rey feroz despreza a Magestade,
Só da vingança trata cego, & estulto,
Fulminando com rabida aspereza
Dos turvos olhos Rayos de fereza.

46.

Alli bramando em horridos fremidos
Do coraçaõ cruel a furia exprime,
Como o Libreo, que em huyvos, & latidos,
Explica a sede atroz, que o fere, & opprime;
Ou qual Leaõ, que em asperos rugidos
Lamenta prezo o coraçaõ sublime;
Ou qual ferido Touro, que escumando
Vay o ar a mugidos atroando,

De

47.

De eſcuro aſſombro o Vulto dilatado
Occupa ós ares, qual immenſa roca,
Mongibello oſtentando-ſe animado
Nos fumos, que exhalava a negra boca:
De turva chama, ou de atra luz croado
Com a fronte a regiaõ ſuprema toca,
Intentando abrazar por deſafogo
Eſſes celeſtes circulos de fogo.

48.

Naõ pende o Calpe de eminencia tanta,
Nem penha moſtra o mar de tanta altura,
Nem tanto o monte Atlante ſe agiganta,
Como occupava o ar delle a eſtatura:
Qual terreſtre vapor, que ao Ceo levanta
De vulto denſo excelſa architectura,
Tal o Monſtro, que o ar eſcurecia,
Na machina disforme parecia.

49.

Depois de hum breve eſpaço eſtar ſuſpenſo,
Revolvendo na mente a acçaõ, que admira,
Da viſta ſcintilando fogo intenſo,
Pelo vaſto tumulto os olhos gira:
Em tanto hum rouco ſom, ſuſurro extenſo,
Que formava da Turba a cruel ira
Vagava pela ſala tenebroſa
Em barbaro clamor, furia eſpantoſa.

50.

A horrenda voz apenas arrancando,
Mal a primeyra ſillaba organiza,
Quando o Infernal bolicio foy ceſſando
Ao formidavel tom, que atemoriza:
Qual trovaõ, quando as nuvens vem raſgando,
Que a ſoberba dos montes tyraniza;
Aſſim da voz o aſperrimo rebate
Do Averno as penhas de ſeu cume abate.

51.

Altos Alentos, diz, que do profundo
Deſte horror, que habitais, ſois Poteſtades:
Columnas, onde o Reyno Averno fundo
Contra o poder das meſmas Divindades:
Porem que digo? nada ſois, que o mundo
Já não reſpeyta as voſſas dignidades,
Que em fim he tal a voſſa negligencia,
Que deyxais ultrajar tanta excellencia.

52.

Como daquelle altivo penſamento,
Que vos deu voſſa origem, jà eſquecidos
Soportais que vos tenha o humano Alento
Oppreſſos, ultrajados, & abatidos:
Eya pois, & de oprobrio taõ violento
A vingança tomay enfurecidos,
Oh mais não poſſa, naõ, que o Soberano,
A qualidade vil do lodo humano.

53.

Jà vos representey o dano activo,
Que em comum prejuizo a nòs se segue
Do presente Hyminéo, que taõ festivo
Hoje com Portugal Anglia prosegue:
Que atençaõ, que respeyto, ou que motivo
Há, que em tal caso as iras vos socegue?
Pois ás vastas regioens do eterno Luto
Deyxais perder o solito tributo.

54.

Lembrame que Hum de vòs soberbo, & ufano,
Tres vezes com altivo pensamento
Ao mesmo Deos o laço armou do engano,
Por conseguir o fim de occulto intento:
E posto fosse duro o desengano
De se não alcançar o vencimento,
Taõ grande foy de cometello a gloria
Que a acçaõ ficou eterna na memoria.

55.

Se, pois, jà contra os Ceos taõ destemidos
Vos armastes, tentando o Omnipotente,
Como agora sofreis ficar vencidos?
E de quem? que labeo! da humana gente!
Ah como vos contemplo já esquecidos
Daquelle heroico brio, impulso ardente;
Com que bravos, intrepidos, & duros,
Lá combatestes os celestes Muros.

 Que

56.

Que cauſa, pois; que eſtimulo mais juſto
Pòde haver, que á vingança vos exhorte,
Que ver ao Homem com valor robuſto
Hoje triunfar de nòs de toda a ſorte?
Naõ ſerá aſſim, por eſte cetro Auguſto
Que ha de ver como vibro o braço forte,
E aqui batendo o cetro, furibundo,
De eſtrondo encheo os ambitos do mundo.

57.

Ao terrivel clamor cheyo de eſpanto,
Dobrado no penhaſco cavernoſo,
Eſtremeceo a baze do Erymanto,
Mil feras abortando de medroſo:
Ouvio-o o Nilo, o Gange, o Tygre, o Xanto,
E o curſo ſuſpenderaõ caudaloſo,
E os Dragoens, que no Eſtigio ſe alvergavaõ,
Mais pelas grutas dentro ſe entranhavaõ.

58.

Qual do cavo metal, que reſolvendo
O pó ſulphureo em atomos ligeyros,
O horriſono clamor vay diſcorrendo
Pelos cercos do mundo derradeyros:
A mais remota gruta o eſtrondo enchendo,
Aballa torres, muros, Ceos, & outeyros,
E o monte, a que atroou o horrendo brado,
Retumba em quanto paſſa o eco irado.

59.

Aſſim o trono do baſtaõ ferido,
O eſtrepito vagou por todo o Inferno,
Os muros lhe abre o aſperrimo bramido,
Retumbando no vacuo mais interno;
Gemendo nas cavernas o zonido,
A' furia eſtremeceo o firme Averno.
Note-ſe agora neſte eſtranho enſayo,
Se fáz iſto o trovaõ, que fica ao Rayo?

60.

Taõ medonho ficou, taõ eſtupendo,
Que o coraçaõ feroz ardendo em ira,
Dous Infernos nos olhos acendendo,
Como Cometas dous, os volve, & gira:
Os dentes cruza, & o collo retorcendo,
Contagios da truncada voz reſpira,
E a boca immunda, que blasfemias falla,
Hum Mongibello em cada alento exhala.

61.

Naõ tanto o Ethna em fervidos rumores
Do coraçaõ reſpira o igneo alento,
Inundando de fétidos vapores
As ethereas regioens, que occupa o vento;
Que em negros fumos, pallidos ardores,
(Lutos do Ceo, horror do Firmamento)
Eclipſando os celeſtes Luminares,
Perturba os Orizontes, cega os ares.

62.

Nem tanto os meteoros fuzilantes
Por bocas de confusos Orizontes,
Acendendo as esferas obumbrantes,
Fragoas vomitaõ, que fomenta Brontes;
Como Plutaõ das fauces palpitantes
Lançava o fumo em veos, o incendio em montes,
Por cujo estranho horror se estavaõ vendo
As entranhas crueis do Monstro horrendo.

63.

Entre o sordido humor, que vomitava,
Do peyto irado serpes abortando,
Em rouca voz blasfemias susurrava,
Fel revolvendo, escumas mastigando:
Da barba, que em torrentes lhe inundava
O peyto horridamente venerando,
Enche a nervosa dextra, & ardendo em furia
Assim blasfemo rayva em tanta injuria:

64.

Que sofra eu tal, & ás mãos naõ tome o puro
Alcaçar, donde mana o luzimento,
Quebrando desse luminoso muro
Os eyxos, em que gira o Firmamento!
Como a meu odio o mundo está seguro,
Que o naõ trague o seu proprio fundamento?
Ou que ás mãos cheyas por mortal desmayo
Lhe não fulmine em cada estrella hum Rayo?

65.

Que a tal infamia chegue a natureza
Mais pura, & ſuperior que o Ceo gerado
Tem do mundo na larga redondeza!
Ou neſſe orbe de eſtrellas matizado!
Que ſe atreva a nos pòr em tal bayxeza
Hum limo vil, hum lodo deſprezado!
E que Eſpiritos taes por noſſos danos
Hajaõ de ſer celeſtes ſendo humanos!

66.

Naõ ſerá aſſim, que ſe deſconto admite
Tão grave dor, (repete o horrendo Pluto)
Eu farey com que lá ſe precipite
Toda a Armada no centro nunca enxuto:
Que inda que a tanto mal taõ ſem limite
O caſtigo mayor he diminuto,
Por vingança do noſſo dano eterno
Hoje ſe ha de acclamar triunfante o Inferno.

67.

Dayme, pois, atençaõ, meus Companheyros,
E atentos conſultay o que reſolvo,
Votando, como expertos Conſelheyros,
Na empreza, que na mente agora envolvo:
Como aſtutos, ſutis, ſabios, guerreyros,
Obray o mal, que neſta acçaõ diſſolvo:
Aqui da voz pendendo o Ajuntamento,
Nelle embebido eſtava prompto, & atento.

Suſ-

68.

Suſpenſo por hum pouco a fronte inclina,
(Ao pavimento eſcuro a viſta entregue)
E como quem conſulta o que imagina,
O collo levantando aſſim proſegue;
A ſer agora Authores da ruina
Jà maiś viſta nenhum de vòs ſe negue,
Soltayvos por vingar tantas injurias
Em fortes ventos, em bramantes furias.

69.

Naõ tanto o fogo, a agua, a terra, o vento,
Bravos mover ſe vejaõ guerra ao mundo,
Quanto ſolto em tormentas voſſo alento
Soverta logo as Naos no mar profundo:
Seja taõ fero o impulſo, taõ violento,
Que revelando o nunca viſto fundo,
Ao furor do combate embravecido
Hoje o mar com o Ceo ſe veja unido.

70.

Aſſim propoz; & d'entre o vaõ Tumulto
A's esferas levando a excelſa fronte
Hum ſe foy levantando horrendo Vulto,
Repreſentando de ſoberba hum monte:
Arranca em groſſo tom do peyto occulto
A voz, que fez tremer todo o Orizonte,
A viſta funeral, o aſpecto eſcuro,
E ſtupendo de mãos, de membros duro.

71.

Dizendo, ò Tu Monarcha, se do Averno
Com mando superior tens a regencia,
Deste Imperio occupando o grao superno,
Sendo entre nòs suprema Inteligencia;
Se em ti librado está todo o governo,
Que mais reposta esperas que a obediencia?
E assim no que nos mandas consentimos,
E o teu preceyto a executar partimos.

72.

Disse; & qual vago fumo, que do ardente
Exercito nos ares se condensa,
Que faz que a luz salitrea escassamente
Se divise entre os veos da nuvem densa;
Tal rebentando a Turba de repente,
Envolta em negro fumo a sala immensa,
Por entre o pò sulphureo, que obumbrava,
A luz dos que estouravaõ fuzilava.

73.

Entre fumos, incendios, & clamores,
Se arrebata o Tumulto sempiterno,
Ao Chaos de horror multiplicando horrores,
Em novo Inferno pondo o mesmo Inferno:
Em negro pez, em fetidos vapores,
Fumegando fervia o Lago Averno,
Cuja nevoa cobrindo os montes broncos
Matava as aves, & secava os troncos.

Em

74.

Em roucos ecos, fervido betume,
Se altera o Lethes, brama o Phlegethonte,
E o vapor mais voraz que o mesmo lume
Corrompe o ar, de horror cobre o Orizonte:
O de Memphite ferve atro cardume,
Vem-se os negros sepulcros de Acheronte,
Inundante o Cocyto alaga o Averno,
Soverte-se em si mesmo o mesmo Inferno.

75.

Denegridas areas revolvendo
O Estygio, das fataes concavidades
Em sulphureos relampagos fervendo
Exhala ao ar ardentes tempestades:
Onde chamas, & ondas envolvendo
Repugnavaõ contrarias qualidades;
Qual o incendio, que em ondas inimigas
Se ouve estridar por aridas espigas.

76.

Com impulso feroz, violencia fera,
Rayos de ira dos olhos fulminava
Entre as crueis Irmãas a atroz Megera,
Bramando cadaqual com furia brava:
O fero Rhadamantho, a quem venera
O Reyno de Plutaõ, que o Averno lava,
Embramidos soltava o irado alento,
Incitado da dor de seu tormento.

O ro-

77.

O robusto Charon, que inda excedia
Na disforme estatura a Polyphemo,
Charon, que do Cocyto o vao feria
A duros golpes do pezado remo;
Opposto ao Ceo os Deoses desafia
Com ignorante furia, nescio extremo,
Ficando nesta raiva taõ medonho,
Como horrenda visaõ de hum triste sonho.

78.

Com danado clamor por derradeyro
O Cerbero sentindo injurias tantas,
Com fome dos Mortaes, cruel Rafeyro,
Juntos dava huyvos tres por tres gargantas:
Qual o faminto Lobo carniceyro
A' roda do redil movendo as plantas,
Ao rebanho, a que mura a rede avara,
Huyvando a bruta sede lhe declara.

79.

Neste tempo ja hia alegre a Armada
Cortando altiva, ufana dividindo
Do ameno Tejo a lamina salgada,
Rompendo escumas, & cristaes partindo:
A sopros do Favonio a vela inchada
De arminho os grossos troncos revestindo
Cobria de trofeos o salso argento,
Dando doceis ao mar, pendoens ao vento.

O Mes-

80.

O Meſtre vendo os ventos, que aſſoprando
Cadavez mais nas arvores gemiaõ,
E que as aguas, que vinhaõ já engroſſando,
Turvadas pouco a pouco a cor perdiaõ;
Lá para a barra os olhos dilatando,
Nota hũas nevoas, que do mar ſe erguiaõ,
Os claros Orizontes eſcondendo,
Nublando o Ceo, o ar eſcurecendo.

81.

Das gaveas colher manda o largo pano,
E amaynar juntamente a grande vela,
Dizendo, alerta, que ſe naõ me engano,
Sobre nòs vem horriſona procela:
Haja, pois, prevençaõ antes que o dano
Nos aſſalte antepondo-ſe á cautella,
Naõ ſe deſpreze o riſco, que he grande erro;
Demos fundo outra vez, deytemos ferro.

82.

Correm logo os robuſtos Marinheyros,
E conſtrangidos do temor preſago,
Huns mais que os meſmos Aquilos ligeyros
Colhem as azas ao madeyro vago:
Outros movendo rigidos madeyros,
Ferem com graves ancoras o Lago,
Cadavez mais os ventos aſſoprando,
Vem pouco a pouco os mares levantando.

Quan-

83.

Quando ao dubio candor, de que coſtuma
Armar a Aurora os thalamos do Oriente,
Cahindo os ventos vem com força ſuma
Sobre o mar, que ſe altera em continente:
O mar bramando verte negra eſcuma,
As ondas ſe eſcurecem de repente,
Os orbes ſentem ſubita mudança,
Os ventos moſtraõ contra o mar vingança.

84.

Moſtrou o Sol tres vezes o ſemblante,
E tres a noyte o Vulto tenebroſo,
Em quanto de Eulo o impulſo devorante
Aos mares deu combate proceloſo:
O vento naõ ceſſava hum breve inſtante,
Mas cada vez creſcendo mais furiozo
Intentava com impeto iracundo
Soverter toda a machina do mundo

85.

Mas Urſula, que o bem da Ingleza gente
Solicita, & zeloſa pertendia,
Benevola atendendo ao riſco urgente,
Em que a Auguſta Rainha entaõ ſe via;
A voz ſoltando ao Padre omnipotente,
A voz; que jà elevada a fanteſia
Por conceytos da mente no alto Objecto
ſuſpenſa eſtava em ſeu profundo affecto.

O'

86.

O' ſacro Sol, lhe diz, mais que o Sol puro,
Da terra, mar, & Ceo Senhor ſuperno,
Gloria ineffavel do celeſte Muro,
Increado, Infinito, Immenſo, Eterno;
De cujo braço treme o Reyno eſcuro,
A cujos pés ſe poſtra todo o Inferno,
Olha que a teu poder, & a meu deſejo
De furia armado todo o Inferno vejo.

87.

Tu, pois, alto Eſplendor do Empyreo aſſento
Que nas ideas de ti meſmo eſcrito
Dos Aſtros vés o incluſo movimento
Dentro em ſeu meſmo circulo preſcrito:
Tu, que penetras ſó co penſamento
Quanto comprehende eſte Ambito infinito,
A teu ſupremo Culto atende, & acode
A quem ſem teu auxilio nada póde.

88.

Aſſim orava; quando o immenſo Objeto
Soltando o alento lhe reſponde ao rogo;
O alento, que produz do proprio affeto,
Do affecto, que arde no ſeu meſmo fogo:
Amada Filha minha, Eu vos prometo,
Pois tanto me obrigais, que vejais logo,
Tanto que o Ceo moſtrar o Rayo ardente,
Ir as ondas ſurcando a voſſa gente.

E Aquel-

89.

E Aquella, que inflammada d'alto intento,
Tem ás ondas entregue a vida amada,
Onde a conduz seu digno pensamento,
Vos prometto que seja em paz chegada:
E entronizada lá no Regio assento
Com virtude a vereis taõ sublimada
Que a seu exemplo, & instancia soberana,
Carlos a Fé protestará Romana.

90.

A Fé Romana crendo, & publicando,
Seguirá de meu Rito o claro norte,
Quando da vida ás clausulas chegando
Lhe for vida immortal a mesma morte:
Donde, qual Aguia ao Sol, aos Ceos voando
Aqui entrará por esta Empyrea Corte
Fermoso, puro, candido, & luzido,
Coroado de esplendor, de luz cingido.

91.

A' vista deste exemplo reduzindo
Se irà parte da Gente Protestante,
Pelas sacras bandeyras ir seguindo
Da Catholica Igreja Militante:
Esta ao mais alto numero subindo.
Sendo das minhas leys sempre observante,
Virá com mais fervor, com fé mais rara
Toda Anglia á santa obedecer Tiara.

92.

Aſſim, Filha, ſe de onze mil Eſtrellas
Eſta Corte eſmaltaſtes criſtalina,
Se vòs onze me deſtes mil Donzellas,
Hum Reyno me ha de dar ſó Catherina;
Porèm iſto ſerá depois que aquellas
Priſoens humanas d'alma peregrina
Ella tiver quebrado, & diſſolvido,
Pagando á morte o tranſito devido.

93.

Em tanto da Anglicana Monarchia
Com governo exemplar ſerà regente,
Em quanto o polo aduſto, & a zona fria
Cinco luſtros girar o Rayo ardente;
Tè que ás preciſas leys da Parca impia
Se voltará Viuva ao patrio oriente,
Buſcando aonde teve o nacimento,
Qual Sol, que acaba o giro, o monumento.

94.

Eſtas razoens formando; eis quando logo
Com a ſuave voz, que tudo cria,
Convoca cinco Eſpiritos de fogo,
A quem Miguel no poſto preferia:
Por dar ſatisfaçaõ da Santa ao rogo
Solta a voz, que em aromas ſe envolvia,
A voz, com que dos Ceos o giro ordena,
Os ares purifica, o mar ſerena.

O'

95.

O' Vos, que ſem materia procreados
Sois do amoroſo alento, que reſpiro,
Que tronos fabricando-me abrazados,
Me rodeais em luminoſo giro;
Baixay á terra, & os Vultos rebelados
Ao ſeu afugentay negro retiro;
Porque de tanto horror limpos os ares,
Navegue a Armada Ingleza logo os mares.

96.

Diſſe; & logo os Eſpiritos ardentes
Pelos golfos diafanos bayxavaõ,
No ar batendo as azas refulgentes,
Que aſtros vertiaõ, Soes reverberavaõ:
Quando as ſalas do Ceo ſe vem patentes,
De luzes as esferas ſe inundavaõ,
As nuvens ſe oſtentavaõ Firmamentos,
Brilhavaõ com mais luſtre os Elementos.

97.

Os mantos pelos ares deſatados
Em nuvens ſe eſtendiaõ tremolantes,
Os mantos; que moſtravaõ ſer banhados
No fulgor das Imagens ſcintilantes:
No vento os cinco Eſpiritos alados
Cinco Orientes formavão rutilantes,
Pelas esferas vendo-ſe ſombrias
Voar Ceos, correr Soes, & cahir Dias.

98.

Miguel, que do candor do Firmamento
Azas forma, que eſmalta de explendores,
Humana forma de humido Elemento
A' viſta oſtenta armado de fulgores;
Do ſemblante exhalava hum luzimento,
Que á viſta tira a luz; aò Sol dá ardores,
Qual pulido criſtal, ſe á luz ſe chega,
Que os ſentidos perturba, a viſta cega.

99.

Quando o celeſte Nuncio, que retrata
No roſto juvenil verdor ſublime,
Em dobrados grilhoens a Lusbel ata,
Com que a ſoberba vaã lhe doma, & opprime:
Vendo que aos Ceos blasfemo deſacata,
No horrendo collo o ſacro pé lhe imprime,
E tendo-o á tenra planta alli ſugeyto,
Co a lança lhe atraveſſa o irado peyto.

100.

Em tanto andavaõ co tropel danado
Os outros Paranymphos contendendo,
Quando Lusbel do golpe exaſperado
Hum bramido ſoltou profundo, & horrendo:
Parou a negra Turba ouvindo o brado,
E por hum pouco a furia ſuſpendendo,
Erguendo ſerras, montes derribando,
Huns com Outros ſe vaõ atropellando.

101.

Menos clamor ſe ouvio nos Orizontes,
Quando ás mãos de ſacrilegos deſmayos
Se vio ſubir ao Ceo a terra em montes,
O Ceo ſe vio cahir na terra em rayos:
Onde em combate atroz de altivas frontes,
De outro Chaos o Univerſo tendo enſayos,
Montes ao Ceo vibrava Centimano
Contra os rayos de Jove ſoberano.

102.

Nem tanto quando Hypotedes com dura
Força derriba a cavernoſa ſerra,
Que rebentando da prizaõ eſcura
Os ventos, vem movendo ao mundo guerra;
Como dos Vultos vãos a aura impura
Em furias ſolta foy varrendo a terra
Com tal furor, que em terremoto horrendo
Montes, & mares foraõ revolvendo.

103.

Ficaram mudos os nocturnos ares,
No ſeu ſilencio a noyte adormecida,
Scintillantes os puros Luminares,
Sereno o Ceo, a terra emmudecida:
Clara Lucina, armonicos os mares,
Toda a mais natureza ſuſpendida,
Só Alcione ſe ouvia em queyxa varia
Na muda praya, area ſolitaria.

CAN-

CANTO V.

ARGUMENTO.

AS velas solta a Armada alegre aos ares,
E insistindo Plutaõ no antigo intento
Falla a Protheo, & Este ao Rey dos mares,
Para que altere o liquido Elemento:
Neptuno de Protheo vendo os pezares,
Dar ás Naos determina fim violento,
A's quaes marinho hum Monstro lhe apparece,
Que as ondas turva, os ares escurece.

1.

Jà do Sol a celeste Mensageyra
Aos porticos di urnos conduzia
O purpureo candor, a luz primeyra,
Que illumina a manhãa, illustra o dia:
Risonho o Ceo, a Aurora lisongeyra,
Dourava o campo, as folhas revolvia,
Corria o mar com manso movimento,
Soava o o Tejo, & murmurava o vento.

2.

Quando o Piloto os duros Marinheyros
Co apito, que retine, despertando,
Manda levar aos concavos madeyros
O ferro, & as velas dar ao vento brando:
Eis huns çarpando as ancoras ligeyros,
Outros promptos as velas desatando,
Já nas agoas se via, & nas estrellas,
Nadarem lenhos, & voarem vellas,

3.

Das Torres, Fortes, Naos a artelharia
Com festivo clamor os orbes fende,
Da terra lhe responde a Infantaria,
Como que em Marcio jogo se contende:
Quando o salitreo fumo encobre o dia,
Tanto em sulphureos Soes o mar se acende,
Que os duros bronzes, que Ethnas exhalavaõ,
Formavaõ Dias, Soes multiplicavaõ.

4.

Já pelo Rio as nauticas Galeras
Dando ao vento vistosos galhardetes
Das nuvens eraõ vagas primaveras,
Das ondas fugitivos ramalhetes:
De Juno pelas fluidas esferas,
De Thetis pelos humidos tapetes,
Pareciaõ (voando as Naos ligeyras)
Nuvens as velas, Luas as bandeyras.

Do

5.

Do Tejo o grosso fluxo abrindo altivas
Jà das amenas prayas se affastavaõ;
O vento, ao parecer, lhe dava vivas
Nos sopros, que nos troncos respiravaõ:
As trombetas em clausulas festivas
Solfas de bronze aos ares desatavaõ,
Dando em quebros sutis do doce alento
Consonancias ao mar, tonos ao vento.

6.

Em quanto o Rio foraõ navegando,
Na cava gruta de hum penhasco bruto,
Onde sombrio o Tejo murmurando
Ao mar levava o liquido tributo;
A bella Lycia viraõ, que chorando
Imitava o penhasco nunca enxuto,
Que tão saudoso, & triste se mostrava
Que a magoas, & a ternuras condividava.

7.

Em muda suspensaõ na margem fria
Lycia, (na mão a face, & os olhos n'agoa)
Com lagrimas o Tejo enriquecia,
Adornava com perolas a magoa:
Tè que soltando a voz, assim rompia
Do emmudecido peyto a ardente fragoa:
Fermoso Tejo, o teu cristal suspende,
Hum pouco pàra, à voz mais triste atende.

8.

Como te vejo a ti, tu a mim contente
Me viste já logrando hũa alta gloria;
Mas oh que vejo em termo differente
Presente a tua, a minha transitoria:
Tu possues alegre o bem presente,
Eu de hum logrado bem tenho a memoria,
De hum jà logrado bem, mas jà perdido;
Gosto passado, dano possuido.

9.

Mas se risonho agora a pompa ostentas
Por decreto feliz do brando Estio,
Lá verás as bonanças em tormentas
A's rigorosas leys do Inverno frio;
Pois do caduco Outono ás mãos violentas
Em turvo mar se torna o claro rio,
Que o tempo, quando o seu furor fulmina,
Faz na pompa mayor, mayor ruina.

10.

Se em ti na minha dor fora possivel
A minha alma informar, Penhasco duro,
Verias, tendo affectos de sensivel,
Qual era aos golpes mais constante muro:
Mas o cristal, que manas aprazivel,
Ah como ser parece pranto puro,
Semelhante exemplar dá minha pena,
Que ás lagrimas, que vertes, te condena!

Oh

11.

Oh naõ te fies nessa clara fonte,
Nem nos doces cristaes, que te recreaõ,
Nem nas plantas, doceis da tua fronte,
Nem nos favonios, que te lisongeaõ,
Ou nessas aves, musicas do monte,
Ou nessas flores, que te galanteaõ,
Porque cedo verás trocada em magoa
A flor, a ave, a planta, o vento, a agoa.

12.

Que estes, que manas, liquidos candores
Logrando de seu fausto a idade breve,
Lá de Janeyro aos asperos rigores
Se tornarão cadaveres de neve:
Pois quando o tempo armado de furores
De Flora ás jurdiçoens voraz se atreve,
Das suas pompas alternando as horas
Troca em luto os arminhos das Auroras.

13.

Essas plantas, que à tua Magestade
Tecem doceis, em que o teu bem se alista,
Emprezas haõ de ser da tempestade,
Funestos espectaculos da vista:
Se as ves plumas de Abril, pompas da idade,
Lá seraõ quando o Inverno lhe resista,
Despojandolhe o vento os broncos membros,
Lamentaveis ludibrios dos Dezembros.

14.

Essas Aves, que em clausulas sonoras
Saõ armonicas lingoas das florestas,
Se hoje clarins se ostentaõ das Auroras,
Surdinas a manhaã seraõ funestas;
Pois durandolhe o gosto breves horas,
Seraõ pranto as cançoens, & luto as festas,
Sendo o canto, que foy do bosque agrado,
Do Caminhante agouro, horror do prado.

15.

Esse Favonio, se em cortez porfia
Com brandos tactos, osculos lascivos
Te liba namorado a face fria,
Seus sopros te haõ de vir a ser nocivos:
Pois quanto Abril te exalta neste dia,
Os Notos lá no Inverno successivos
Seraõ com fero horror, com giro vago
Da tua ostentaçaõ furioso estrago.

16.

Essas tenras Ephimeras, que a Aurora
De transparentes perolas matisa,
Saõ mortalhas de grãa, sobre as quaes chora
O Ceo, que breve a duraçaõ lhe avisa:
Nota a Rosa, tropheo da bella Flora,
Que hum livro de escarmentos se divisa,
Mostrando hum epitafio em cada folha,
Onde a vaidade desenganos colha.

17.

Se hoje este Rio cristalino estrado
Te faz de seus diaphanos liquores,
Amanhãa em si mesmo amortalhado
Urna infausta será dos seus candores:
Se hoje espelho se ve do alegre prado,
Das feras suspensaõ, vida das flores,
Será, quando inundar suas esferas,
Das boninas naufragio, horror das feras.

18.

Se haõ de ser prantos, pois, desta agoa os risos,
Se as plantas te haõ de ser horror constante,
Se as aves nas cançoens te daõ avisos,
Se te adula traidor hum vento amante,
Se das flores os golpes ves precisos,
Se turvo has de ver d'agoa o fluxo errante,
Sirva à tua vaidade de escarmento
A flor, a ave, o rio, a planta, & o vento.

19.

Eu já alegre vivi, jà andey contente,
Mas chorando hoje magoas, & saudades,
Quanto de ti me vejo differente!
Pois tu bonanças tens, eu tempestades:
Tu logras o teu bem, que tens presente,
Eu lamento do meu as soledades,
Tu só boninas ves, eu vejo abrolhos,
Pois nem a Luz jà vejo dos meus olhos.

Com

20.

Com tudo parecidos nesta magoa
A ambos nos fáz ador, fermoso Tejo,
Tu nessa tua enchente, eu nesta fragoa,
Tu no que abundas, eu no que sobejo:
Tu te estás vendo em mim em hum mar d'agoa
Eu em dous rios de agoa em ti me vejo,
Ambos nos retratamos matuamente,
Tu nos meus olhos, eu na tua enchente.

21.

Mas ay, que quando essa agoa me retrata
Nos espelhos gentis da prata viva,
Ao verme no cristal da viva prata,
Nella diviso ador mais excessiva:
Pois vendo que igualmente se desata
Em pranto a minha sombra insensitiva,
Sensivel vejo a fáz teu claro argento,
Sò por me duplicar o sentimento.

22.

Aqui chorando sobre o meu retrato
Sempre estarey atè que tomes brio
Que engrossando-te o pranto, que desato,
Passes a mar, & deyxes de ser rio:
Recebe os dous, que em mares dous dilato,
Oceáno será teu senhorio,
E com elles regando os frescos lirios,
Nessas margens verás nascer martirios.

23.

Ah como o criſtal puro deſſas agoas
Se me transforma em lamina ſerena,
Onde parece grava as minhas magoas
O tirano buril da minha pena;
Pois em ti deſte peyto vendo as fragoas,
A que a ley da ſaudade me condena,
Neſſes eſpelhos de teus vidros gratos
Tantos como ondas vejo á dor retratos.

24.

Aſſim pondero em ti hum claro indicio
De nos unir em tudo a Sorte eſquiva,
Que o teu bem do teu mal he certo auſpicio
De te ſer a Fortuna fugitiva:
Mas bem que o Inverno, nunca a ti propicio,
Da minha dor te faça copia viva,
Te ha de remir a nova Primavera,
Sermos em tudo iguaes ay quem me dera!

25.

Ay repetindo, o bello roſtro inclina
Sobre a maõ, alvo Atlante de explendores,
Onde do Sol o incendio ſe arruina,
Mortas as luzes, pallidas as cores:
Qual deſmayada a candida bonina,
Que enferma agonizando em ſeus candores,
No paroxiſmo oſtenta da ternura
Novo melindre, nova fermoſura.

Tal

26.

Tal mais gentil em lamina ſombria
A Belleza ſe vio, quando impiedoſa
Lhe exprayou a affliçaõ na face fria
Ondas de neve por jardins de roſa:
Cujo candor alento dando ao dia,
Ao bello roſtro deu cor taõ fermoſa
Que, inda excedendo a meſma natureza,
Foy o deſmayo vida da belleza.

27.

Digaõ o mais os concavos rochedos,
Que ſeus ays tantas vezes repetiram,
Cujos ecos nos aſperos penedos
As mais doces ternuras exprimiram:
Se as follias lingoas ſaõ dos arvoredos,
Contem as ternas magoas, que lhe ouviram,
Mas eu diſſera o mais, ſe he que podera
Peyto de pedernal ter voz de cera.

28.

Voz, ò fontes, & rios deſatados,
Na terſa oſtentaçaõ deſſas correntes,
A's magoas, que lhe ouviſtes, taõ callados,
Só para as murmurar taõ eloquentes;
Se eſſes pedaços de Criſtal quebrados
Saõ deſſas agoas lingoas tranſparentes,
As lagrimas dizey, que lhe bebeſtes,
Com que de rios mares vòs fizeſtes.

E vòs,

29.

E vòs, incultas ſerras ſolitarias,
Se ao clamor dos ſeus ays enternecidos
Foſtes as mais fieis depoſitarias,
Por lhos tornares logo repetidos;
Dizey as, que lhe ouviſtes, queyxas varias,
Contay os, que voando ao Ceo, gemidos,
Fizeram ſoar queyxas no Orizonte,
Alma dando ao penhaſco, voz ao monte.

30.

Os troncos, que abrandou com rogos puros,
O mar, que ſuſpendeo com vaõs clamores,
Os, que com ays ferio, penhaſcos duros,
As, que regou com pranto, tenras flores;
Os, que a vozes moveo, montes ſeguros,
Os ventos, que attrahio murmuradores,
Digaõ tudo, publiquem pena tanta
O vento, o monte, a flor, a penha, & a planta.

31.

Em tanto os curvos Lenhos impelidos
Do favoravel mar, do brando vento,
Se engolfavaõ nos gelos derretidos,
Rompendo globos de ceruleo argento:
Os toldos pelos ares eſtendidos,
Vagas as caudas pelo Firmamento,
Deſpregavaõ gentis, ſoltavaõ bellas,
Nuvens aos ares, vendas ás eſtrellas.

Em

32.

Em ſurcos dezanove a illuſtre Armada
Aſſim os hombros de Neptuno abrindo
Fazia pelas ondas branca eſtrada,
De eſpumoſos grilhoens o mar cobrindo:
Qual Cidade de pinho fabricada
Em vagas torres ſe hia dividindo,
Dando nas velas, que ſoltava aos ares,
Doceis ás ondas, & pendoens aos mares.

33.

Já lá apenas as Naos appareciaõ
Huns veſtigios ſutis repreſentando,
Que eſcaſſamente os olhos diſtinguiaõ,
Quaſi a vapor terreſte aſſemelhando:
Quando os noctarnos veos já ſe eſtendiaõ,
Retrato á confuſaõ do peyto brando
De Lycia, que em penoſa ſoledade
Muda eſtava nos Ermos da ſaudade.

34.

Em quanto a Monarchia ſcintillante
Ao mundo ſe oſtentou radiante, & aceza,
Eclipſava de Lycia o peyto amante
Nuvens de pranto, ſombras de triſteza:
Muda a ave no ninho, a Lua errante,
Convidava a ſilencio a natureza,
Dormia o mar, & repouſava o vento,
Só della em ays ſe ouvia o ſentimento.

35.

Com as puras Eſtrellas luminoſas,
Que com mudos reflexos lhe aſſiſtiaõ,
Deſafogava as ancias amoroſas,
Que o ſilencio da noyte interrompiaõ:
Onde ás vozes das queyxas laſtimoſas,
Que os penhaſcos em ecos repetiaõ,
Fielmente lhe foraõ ſecretarios
Na eſcura noyte os campos ſolitarios.

36.

Em quanto Soes alguns foy navegando
Alegre a Armada o campo tranſparente;
Prothéo os ſummos Fados conſultando,
Varias couſas revolve n'alta mente:
Alli fataes ſegredos penetrando,
Incitado de Pluto, em continente
Quiz o golfo alterar, aonde a Armada
Ficaſſe eternamente ſepultada.

37.

Junto do mar á furias ſempiternas
Hum robuſto penhaſco expoſto eſtava,
Que aberto todo em lugubres cavernas,
A toſca architectura ao Ceo levava:
Lá nas concavidades mais internas
O medonho Profeta ſe alvergava,
Pacendo pelas tumidas areas
Orcas, Delfins, Trizoens, Phocas, Baleas,

Entre

38.

Entre a copia de brutos, que apacenta,
Enchendo a cava gruta tenebrosa
Carregado de cans Prothéo se ostenta
Com semblante feroz, vista espantosa:
Tal que no fero horror, com que apresenta
A varia forma aos olhos portentosa,
Era por bronco, enorme, torpe, & feyo,
De si mesmo pavor, dos mais receyo.

39.

Dalli sahio Prothéo, & ardendo em ira
Se entranha pelo mais interno fundo,
Donde o mar nace, & aonde se retira,
Mais que Scilla, & Carybdes furibundo;
Chegando ao grande Reyno de Zafira,
Que lá no centro existe mais profundo,
Na melhor entra das azuis Cidades,
Que habitaõ as maritimas Deidades.

40.

Entra por hum Palacio cristalino,
Onde em aureo docel, em regia sala,
Se entronizava todo peregrino
O Deos, a quem Nenhum no golfo iguala:
Rendendolhe Prothéo obsequio dino,
Qual violento trovaõ medonho exala
Assim a horrenda voz do duro peyto,
A cujo estrondo o mar foy campo estreyto.

O Tu

41.

O Tu dos mares Rey, que o mar governas
Por alto dom com mando omnipotente;
Tu, que a bonança, & a tempeſtade alternas
Com o aceno menor deſſe Tridente:
Tu, que inundando as lobregas cavernas,
Alteras eſte globo tranſparente,
A cujos pés ſe poſtra, & te obedece
Quanto o mar ſalga, & tumido humedece.

42.

Tu, que penetras com ſaber divino
Os ſegredos, que occulta eſte emiſpherio,
Regendo por decreto do deſtino
Igual com Jove o dividido Imperio:
Tu, que neſte Univerſo criſtalino
Tens ſobre todos nòs o magiſterio,
Sendo em fim deſtes orbes de diamante
Supremo Numen, Jove vigilante.

43.

Olha como com louco, & ouſado extremo
Cada vez mais ſoberbo o Ser humano,
Dando as velas ao vento, á agoa o remo,
Surca as tumidas ondas do Oceano:
Ah que a ſua ouſadia he tal que temo
(Como me dicta influxo ſoberano)
Que inda por ſua gloria, & noſſa injuria
Delles venha a ter medo a ondoſa furia.

44.

Se ves que o teu dominio desprezando,
Sem temer o furor deste alto Imperio
Anda por todo o clima navegando,
Vendo os ambitos de hum, d'outro Emispherio,
Como deste Orbe tendo o cetro, & mando,
Sofres, Senhor, que em nosso vituperio
Padeça teu altivo pensamento
Injurias taes de tão humilde alento?

45.

Sey eu que quando os Minyas atrevidos
Profanàram teus lugubres altares,
Aos furores dos Deoses offendidos
Se viram nadar mares sobre mares:
Tanto que de seus ambitos sahidos,
Cobrindo os campos, transcendendo os ares,
No concavo os meteram das estrellas,
Envolvendo-se as nuvens com as velas.

46.

Pois se rasgaste entaõ do golfo as veas
Por vingar taõ insanos desvarios,
Enchendo as nuvens d'agoa, os Ceos de areas,
Soltando mares, desatando rios,
Como hoje o impulso a teu furor refreas,
Que naõ metas no Ceo os mares frios?
Como agora pacifico permites
Que o mar caiba em seus humidos limites?

Naõ

47.

Não cuides, naõ, Senhor, que aqui te venho
Buſcar ſó pelo mal, que te redunda;
Mas pelo dano igual, que tambem tenho
Na perda, que a mayor excede, & abunda:
Pois perturbado o mar com tanto lenho,
Inda cá neſta esfera mais profunda,
Em que do mar ſe eſconde eſte alto pego,
O meu gado não pòde achar ſoſſego.

48.

Se iſto te não incita a impulſo irado,
Atende a teu reſpeyto ſoberano;
Pois he contra as razoens do Regio Eſtado
Que as tuas aras pize o povo humano:
Mas porque nos ſegredos do alto Fado,
Reſervados ao tempo em noſſo dano,
Dés credito a mais altas ouſadias,
Te auſpicarey profundas profecias.

49.

Naſcer verás da origem deſta Armada,
Que taõ ſoberba vay o golfo abrindo,
Eſta regiaõ de velas povoada
A's leys de teu Imperio reſiſtindo:
A qual por ſeus commercios frequentada
Ao Ganges ſerá aſſombro, enveja ao Indo:
Sendo jugos fataes deſte Oceáno
As Naos do Portuguez, & as do Anglicano.

50.

Entre o guerreiro Inglez, & o Gallo altivo,
Taes guerras haverão neste emispherio
Que, em sangue tinto o golfo successivo,
Se verá roxo o cristalino Imperio:
Onde em bravos trovoens de fogo activo
(Dos rayos de Tonante vituperio)
Verás, (acceso o mar em turvas fragoas)
Abrazarem-se as Naos, arder as agoas.

51.

Disto a causa será verse chegado
O Monarcha Anglicano ao sono eterno,
Sem lhe ficar do thalamo sagrado
Filho, que lhe succeda no governo:
Onde entrando Jacob no Regio Estado
A succeder o Irmão no grao superno,
Se assentará no Solio mal seguro
Por violentar a Fé o povo duro.

52.

Mas no Franco paiz buscando abrigo,
Protecçaõ achará no Rey potente,
Deste modo escapando do perigo,
Que lhe ha de machinar a Ingleza gente:
Porèm dando-lhe França amparo amigo,
Contra Anglia se armará com zelo ardente,
Donde se ha de seguir em mar, & em terra,
Entre as duas Naçoens continua guerra.

53.

Em tanto Carlos, Rey da nova Heſpanha,
Falto de ſuceeſſor deyxando o Eſtado,
Alta origem ſerá de hiſtoria eſtranha,
Que revelalla ainda não me he dado:
Só te direy que para acção tamanha
O Reyno Portuguez ſerá buſcado
De Heſpanha, Imperio, de Inglaterra, & França,
Que tanto de ſeu braço ſe afiança

54.

E com razão, que o peyto Luſitano,
A quem o largo mundo he prazo eſtreyto,
Eſte teu vaſto Imperio ſoberano
Já todo a ſeu dominio tem ſogeyto:
Onde fazendo hum dano, & outro dano,
A fim ſó de ultrajar o teu reſpeyto,
Lá conquiſta com feytos ſingulares
De Africa as terras, & do Oriente os mares.

55.

Olha que tão ſoberbo em fim ſe aliſta
Que ſe chama ſenhor com larga copia
Do mar, navegaçaõ, & da Conquiſta,
Arabia, Perſia, India, & de Ethiopia:
E o que de hum polo a outro polo diſta
Olha que elle já tem por terra propia,
E ſofres iſto ſem que o mar profundo
Em ſeu ventre os ſepulte furibundo?

56.

Disse, & logo Neptuno ardendo em furia,
A Eulo por Tritaõ manda recado,
Que seu amigo o Rey da ondosa Curia
Determina alterar o mar salgado;
E por vingar contra ambos certa injuria
Lhe pede que no mar logo ajudado
Seja por elle, irando os Elementos,
Os carceres abrindo aos bravos ventos.

57.

Não bem estas palavras proferidas,
Pelo profundo mar Tritaõ estende
O corpo nu, & as carnes denegridas,
E os braços esgrimindo os mares fende:
Co as duras mãos, co as unhas retorcidas
Ferindo as ondas, nellas fogo acende,
Por hum cordaõ pendendo n'agoa, errante
Do immundo collo o buzio retumbante.

58.

Não taõ veloz o rapido Milhano,
Vago Bayxel naõ taõ ligeyro ao vento,
Hum despregando as azas, outro o pano,
O golfo surcaõ de hum, doutro Elemento:
Como Tritaõ os orbes do Oceáno
Penetrou mais veloz que o pensamento,
Té que chegou lá aonde o mar costuma
Hum penhasco açoutar com negra escuma.

59.

Huma profunda alli caverna eſtava
Taõ medonha, arruinada, horrenda, & eſcura,
Que tenebroſas noytes boccejava,
Horror da luz, das ſombras ſepultura:
Entrou, & lá chegando á eſtancia brava
(Funeſto coraçaõ da penha dura)
Os varios ventos vio, & o Rey no meyo,
Que tendo as redeas lhe apertava o freyo.

60.

Eſtes dentro na concava caverna
Como touros indomitos bramiaõ,
Onde ſempre em diſcordia, & furia alterna,
Bravos luctavaõ, rabidos gemiaõ:
Quando Tritaõ A'quelle, que os governa,
De cujo aſpecto, & voz eſtremeciaõ,
Os geolhos dobrando o alento exhala,
E em curva inclinação aſſim lhe fala:

61.

Temido Eólo, a quem eſtá ſogeyto
O vento, a agoa, o mar, o fogo, & a terra,
A cujo esfôrço o mundo he campo eſtreyto,
Pois com o alento ſó lhe fazes guerra:
Pede-te o Rey do mar, que em bravo effeyto
Soltes as furias, que eſta gruta encerra,
Sobre a Armada, que ſurca os mares largos,
Como o fizeſte jà contra a Nao d'Argos.

62.

Disse, & severo Eólo a fronte inclina,
Como o que se lhe pede concedendo.
E em tanto a Armada a esfera cristalina
Hia com vento prospero rompendo:
A noyte jà da casa de Lucina
Bayxava, as negras azas estendendo;
Eis na hora, em que o ar mais escurece,
Funesta luz ás Naos longe apparece.

63.

Hora se via, & hora se occultava,
Com vagaroso curso as Naos buscando,
Onde se via rouco o mar soava,
Pouco a pouco o rugido despertando:
O mar fervia, a agoa se enrolava,
Vertendo escumas, chamas alternando,
Onde a gente confusa, absorta, & atenta
Divisa em breve espaço alta tormenta.

64.

Que era hum Dragaõ jà a vista percebia,
Cuja horrenda cabeça ensangoentada
Em limos prenhes de agoa se envolvia
Sobre as tumidas ondas levantada:
Co a verdinegra cauda o mar varria,
D'escumas dilatando branca estrada,
Dos olhos scintillava luz profunda,
Lambe a vibrante lingoa a boca immunda.

65.

As ondas aſſoprando chega ao perto,
E reſpirando alli funeſtas chamas,
Fumos exhala do nariz aberto,
Raſgando a boca, que circunda em flamas:
Incha o peyto de conchas mil cuberto,
Encreſpa a eſpalda de aſperas eſcamas,
E a teſta aberta em buzios, como abrolhos,
Carregada lhe caê nos fundos olhos.

66.

Lança ás miſeras Naos o Monſtro impio
Os olhos, que manchava em fogo, & ſangue,
Rayos vibrando pelo ar ſombrio
Dos dous brazeyros onde a viſta langue:
Por todos diſcorrendo hum temor frio,
Quaſi lhes deyxa o ſuſto o corpo exangue,
Vendo que os negros ares ſe cobriaõ
Das faiſcas, que os olhos produziaõ.

67.

Em trovoens deſatando o alento immundo,
Larga o tremendo tom do peyto horrendo;
Em ecos lhe reſponde o mar profundo
A' voz, que foy aſſim deſenvolvendo;
O' Vòs, que ſem temer o negro fundo
Deſte profundo mar, que ides rompendo,
Ouſados o ſurcais, correis inſanos,
Tanto a pezar dos Deoſes ſoberanos.

Que

68.

Que loucura mayor, que atrevimento
ſe vio no mundo igual, ò gente inſana,
Que fundar a eſperança n'agoa, & vento,
Que a tanto chega a ouſada induſtria humana!
Mas a illuſaõ do voſſo penſamento
Como mortaes em tudo vos engana,
Que até motores ſois na acçaõ preſente
Do mal, que ſentireis perpetuamente.

69.

Mas para que não fique ſem caſtigo
A offenſa das maritimas Deidades,
Aqui perpetuo vos darey jazigo
Neſtas do mar fataes concavidades:
Aparelhaivos ao mayor perigo,
A ventos, a trovoens, & a tempeſtades.
Niſto dando hum aſperrimo bramido,
Rompeo o mar com horrido zonido.

70.

Pelas cavernas vans do mar profundas
Foy penetrando o eco retumbante,
Cujas areas revolvendo immundas,
Lançou hum pouco o mar mais adiante:
Fez tranſcender as ondas furibundas,
E tres paſſos a rocha dar conſtante,
Ficando do bramido ao eco extenſo
Enſurdecido o mar, o Ceo ſuſpenſo.

A

71.

As agoas ſe turvàram de repente,
Eſcuros ſe envolveram logo os ares,
Em nevoas ſe abafou o claro ambiente,
Bramidos deram longe os fundos mares:
Os geolhos dobrando a Luſa gente,
As mãos erguia aos puros Luminares,
E enternecendo o Ceo com fé devota
Lhe o ffrece altares, victimas lhe vota.

72.

Eſſa esfera, paiz dos reſplendores,
Com denſas nuvens enlutando os Rayos,
Nos ares arraſtrava negras cores,
Capuzes dando à luz, ao Sol deſmayos:
As eſtrellas cauſavaõ taes pavores,
(De funeſtos cometas tendo enſayos)
Que enferma cadaqual n'aura, em que langue,
Em vez de brotar luz, vertia ſangue.

73.

Pallida a Lua horrores eſpalhava,
E os candidos cabellos, que algum dia
Sobre os montes, & valles deſatava,
Em tenebroſos lutos envolvia:
Em nevoa ao mar o Ceo ſe deſpenhava,
Em vapores ao Ceo o mar ſobia,
Viaõ-ſe as nuvens lá nos Orizontes
Errantes penhas, fugitivos montes.

Bem

74.

Bem como quando os barbaros Gigantes
Sacrilegos ao Ceo fizeram guerra,
Que para o assaltarem, de ignorantes
Foraõ subindo serra sobre serra;
Taes se viaõ as nuvens obumbrantes
Desmentidas na cor de escura terra,
Estampando nos campos diamantinos
Alpes, Atlantes, Caspios, & Apeninos.

75.

As agoureyras, & nocturnas aves
Na costa brava estavaõ lamentando
Com funesto clamor auspicios graves,
Futuro temporal pronosticando:
Mudos os passarinhos nos suaves
Ninhos brandos jaziaõ repousando,
Temeroso habitava o alvergue rudo
O ferino animal, o peyxe mudo.

76.

Quando o soberbo Hypotades soltava
Do Hyperbóreo penhasco cavernoso
Os bravos ventos, que em grilhoens ligava,
A porta abrindo ao carcere horroroso:
Jà sibilando vem com furia brava,
Com fero estrondo, impulso procelloso,
Prostrando montes, arvores partindo,
Erguendo a terra, o mundo confundindo.

O Nau-

77.

O Nautico Miniſtro, que ſempre anda
Examinando o ar com viſta atenta,
As nuvens nota de hũa, & d'outra banda,
Pelos ſinaes collige alta tormenta:
Em continente as gaveas colher manda,
E o traquete largar; & em tanto iſenta
Hia rompendo a Armada o golfo inſtavel
Com mar tranquillo, & vento favoravel.

78.

Quando em ſuſpenſa acçaõ todos eſtando
Nas palavras do Monſtro diſcorrendo,
Entaõ para Duarte o Mello olhando,
O ſilencio rompeo aſſim dizendo;
Oh Ser da humanidade miſerando,
Que o mar, & o vento, & até o Inferno horreno
Te he contrario, & ſe mais violencia houvera
Contra tua fraqueza ſe puzera!

79.

Olha como o Demonio vigilante
Das Almas ſe deſvela na ruina,
Que inda não ſoſſegando hum breve inſtante
Deſatar eſte vinculo machina:
Mas o Ceo como em fim tão noſſo amante
Favorece eſte nexo, em que deſtina
Ao Reyno teu a mais feliz ventura;
Pois della tanto eſtorvo he conjectura.

Ah

80.

Ah quanto a Plutaõ doe, ah quanto o incita
Ver Portugal com Anglia vinculado!
Tres vezes ſeja Aquella, O' Ceos, maldita,
Que o de Anglia perverteo taõ juſto Eſtado.
Duarte lhe reſponde: Naõ milita
A viſaõ com o rito em Anglia uſado,
Que ás vezes taõ eſtranhos accidentes
Tem fins, dos que cuydamos, differentes.

81.

O Mello lhe difere, porque as horas
Da noyte em prevençoens vamos paſſando
Com praticas do ſono eſpertadoras,
Contame de teu rito a hiſtoria; quando
Duarte lhe reſponde: O que me imploras
Te irey ſumariamente relatando,
Naõ por meu rito pôr em conferencia,
Mas por te ſer devida a obediencia.

82.

Eis quando hum Religioſo, que alli eſtava,
Dayme licença, diz, para que diga
(Com a cabeça venia lhe tomava)
O caſo que o fervor dizer me obriga;
Que eu vos prometo, (& aqui ao ar levava
Os olhos) pelo Ceo, que nos abriga,
Não faltar á pureza da verdade,
Tão prezada da ſumma Divindade.

Apli-

83.

Aplicados eſtando os Circunſtantes
Ao que o Varão modeſto contaria;
Quando em vozes mais claras que elegantes
Deſatando a eloquencia, aſſim dizia:
Mas pàra, ó Muſa, hum pouco, & em diſſonantes
Quebros converte a doce melodia,
Que á hiſtoria, que lamento, á dor, que canto,
He armonia o mais diſcorde pranto.

CANTO VI.

ARGUMENTO.

DA perversaõ do Inglez a historia estranha
Se refere; & entretanto o vento irado,
Vindo sobre a maritima campanha,
Em montanhas levanta o mar salgado:
As Tagides gentis em dor tamanha
O Deos buscaõ do mar, que em porto amado
Depara ás Naos, que leva a salvamento,
Alegre hospicio, & grato acolhimento.

I.

COmeço a renovar, Senhor, a infanda
Historia, diz, mas quem no sentimento
Recordando a tragedia miseranda
Dará a voz, sem que a dor lhe embargue o alento?
Ouvindo, pois, a acçaõ mais execranda,
Illustre General, discorre atento
Se inda se vio tégora no Universo
Caso mais torpe, feyto mais perverso!

2.

Jà quinze vezes cento o Rayo ardente,
Dourando de explendor as Urſas frias,
Tinha dado no globo reſulgente
Igual diſtancia ao circulo dos dias:
Quando por alta ley do Omnipotente
Senhor do mundo, Author das monarchias,
Ao Reyno Inglez, que a Arturo lamentava,
Henrique outavo as redeas tenteava.

3.

Henrique, aquelle ſabio, cujo eſtudo
Do vaõ Lutero os dogmas refutando,
Foy columna da Fé, da Igreja eſcudo,
Seu culto defendendo, & acreditando:
Aquelle, que, qual Lince, douto, & agudo
Os divinos myſterios penetrando,
O pezo ſuſtentou, mais raro Atlante,
Da Catholica Igreja militante.

4.

Mas a Eſte, que ſer devia empreza
De hũa fera voraz, de hum rayo forte,
O dom, que lhe negou a Natureza,
Lho veyo a dar injuſtamente a Sorte:
Por cuja cauſa a Monarchia Ingleza
Seguindo d'outro rito o cego norte,
He hoje com perverſa apoſtaſia
Centro do vicio, fonte da heregia.

5.

Pois ficando por morte intempeſtiva
Do alto Rey ſeu Irmão, chamado Arturo,
No governo Real, na ſede altiva,
Herdeyro entrou, lhe ſuccedeo de juro:
Ah morte em tudo injuſta, em tudo eſquiva!
Executora atroz do mal futuro!
Como alternando ays, cauſando queyxas,
Troncas o cedro, a inutil cana deyxas?

6.

Poupas os troncos, cortas as boninas,
Deyxas o eſpinho, a roſa levas pura,
E chamaõ-te inda igual no que arruinas,
Sendo no que devoras taõ perjura!
Diga-o, pois, Anglia, ſe de igual te dinas
No Rey, que lhe levaſte, ò Morte dura,
Origem de ſeu mal, ſeu damno infauſto,
Porque hoje obſerva heretico holocauſto.

7.

Arturo falecido, a Eſpoſa bella
Dos Catholicos Reys auguſta Rama
Por cauſas, que não ſey, ficou Donzella,
Como murmura vulgarmente a Fama:
Donde o Inglez receando que Caſtella
Lhe perturbaſſe a paz, que tanto ſe ama,
Ao proveyto comum do Reyno atento,
Entre os Cunhados trata o caſamento.

O caſo

8.

O caſo ſe diſputa em conferencia,
Os Sabios ſe convocão mais peritos,
Conſulta-ſe a Theologica ſciencia,
Dos Doutores conformão-ſe os eſcritos:
Delles vendo o Pontifice a coherencia,
Ao rigor os eſcrupulos reſtritos,
E atentas as razoens, que o caſo envolve,
Na diſpenſa do Thâlamo reſolve.

9.

Caſados, pois; de Henrique, & Catherina
Unica ao Reyno, & unica em belleza,
Naſceo Maria, aquella peregrina
Prenda do Amor, primor da Natureza:
Mas como nos abiſmos da ruina
Vem a cahir a pompa da grandeſa,
O caſo ſuccedeo da Mãy meſquinha,
Que de morta tornou a ſer Rainha.

10.

A culpa foy de amor; mas tão crecido
O mal ſe vio, que nunca incendio eſtranho
De hũa leve faiſca procedido
Damno mayor, eſtrago fez tamanho:
Se hũa faiſca he tal, ò Deos Cupido,
Tu pois, que todo es fogo, como eſtranho
Que ſejas, abrazando os Emiſpherios,
Damno dos Reys, ruina dos Imperios?

11.

Tu lá de Troya foste a chama indina,
Tu lhe deste a beber da morte o trago,
Hoje tão sepultada na ruina,
Como eterna na fama pelo estrago:
Inda o teu cetro coraçoens fulmina?
Inda o teu fogo o mundo corre, vago?
Mas ay que a tua frecha he tão violenta
Que a Christandade a sente, Anglia a lamenta!

12.

O Monarcha infeliz do Amor ferido,
A seu sentido emprego era adorado
De hũa Dama a belleza, que rendido
Lhe havia a seu Imperio o seu cuidado:
Por quem hum Cardeal, do Rey Valido,
Conselheyro do Amor, Bolseo chamado,
No veneno cruel, que o Rey bebia,
Dandolhe o mel, o mal lhe prevenia.

13.

Qual o menino, que enganar usamos,
Na febre ardente, ou no mortal letargo,
Que os extremos do vaso lhe adoçamos
Por lhe dar a beber o succo amargo;
Tal Bolseo, & outros Muytos, que admiramos
Sonhos do mundo com Imperio largo
Na adulação aos Reys tão agravante
Fundaõ a sorte vãa; mas passo avante.

Anna

14.

Anna Bolena a Dama se chamava,
Falsa Esphinge, que armada de ternura
As almas mais indoceis provocava
A's suaves trayçoens da fermosura:
Tal que do seu Imperio não se achava
Izento coraçaõ, Alma segura,
Que inda ao mesmo desdem sempre absoluto
Lhe não fosse de amor certo tributo.

15.

Por esta, pois, que em doce tirania
Era das Almas jugo o mais vehemente,
Dar à Rainha a morte pertendia
Do iniquo Cardeal o odio ardente;
Não sey se a grande altura, em que se via,
O faria talvez taõ insolente,
Que entronizado o indigno na grandeza
Perverte a vida, muda a natureza.

16.

Do odio a causa foy que falecendo
O Decimo Leaõ, Pastor da Igreja,
A Rainha a cadeyra pertendendo
Fáz que nella a hum sobrinho a Curia eleja:
O Cardeal entaõ frustrada vendo
A pertençaõ, que conseguir deseja,
Contra Ella, & contra a patria igual machina
De huma a morte cruel, d'outra a ruina.

17.

Ao Rey induz com animo obſtinado
A ſeguir de ſeu norte a louca empreza,
Violando as leys do thalamo ſagrado,
Sacramento, que a Igreja tanto preza:
Por quem o Rey taõ mal aconſelhado
Se deo de todo á perſida Belleza,
Quebrar o ſanto vinculo intentando
Por admittir ao Thoro o amor nefando.

18.

Bem conhecia Henrique a falſidade
Do infame Conſelheyro fraudulento;
Mas o cego apetite da vontade
Lhe perturbava a luz do entendimento:
Não ignorava, não, que a Santidade
De Julio, que aſſentio no cazamento,
Diſpor podia tudo livremente,
Como ſupremo vice-Deos da gente.

19.

Sabia como Douto, que a Eſcritura,
Onde a origem das leys ſe funda, & mana,
Faltando a ſucceſſaõ, que Amor procura,
Conſente neſta liga ſoberana:
Que aſſim podia o Padre com fé pura
Na Eccleſiaſtica ley, na ley humana,
Deſpenſar tudo, que em comum proveyto
Aprova o eſcrito, & natural Direyto.

Di-

20.

De saber não deyxava finalmente,
Inda que foy na Ley antepassada,
Com quem em grao a este equivalente
Foy Thamar a segunda vez casada;
Mas aquelle infernal incendio ardente,
Lavareda do Amor n'alma ateada,
De sorte lhe turbava a fantezia
Que ignorava isto mesmo, que sabia.

21.

Em fim convoca a Corte, & o Parlamento,
O qual junto em Congresso costumado,
Assim lhe representa o estranho intento,
De zelo ornando o animo obstinado;
Que por ver que era nullo o casamento
Pelo incesto, que o tinha viciado,
Delle fazer queria desistencia,
Por salvar o gravame da conciencia.

22.

Na Proposta o Congresso consentindo,
A Catherina prende a gente dura,
Ao rigor de hũa Torre conduzindo
A virtude, a innocencia, a fermosura:
Onde da Sorte as sem-razoens sentindo,
Passava a vida em misera amargura,
Té que o duro rigor do sentimento
Lhe deo morte cruel com fim violento.

23.

Em tanto dava a vida ao Thoro infando
A illicita Consorte, o injusto Esposo,
Lisonjeando o estado miserando
Esse incendio do amor libidinoso:
Eis neste do Hyminéo crime execrando
O vulgo se inquietou tumultuoso,
E em bandos se alterou a Monarchia,
Por ver que assim casado o Rey vivia.

24.

O Rey por aplacar a tempestade
Do povo, que a reynar irado o impede,
Largas leys lhe promulga à liberdade,
Ecclesiasticas rendas lhe concede:
Como a ambiçaõ he venda da verdade,
A' ambição finalmente o zelo cede,
E cadaqual seguindo nova seita
A sacrilegos dogmas se sogeyta.

25.

Tu só, tu cego Deos, com força dura,
Tu só, tu louco Amor, com golpe indino,
Como em ti he só ley o que he loucura,
Podèras motivar tal desatino!
Que erro vão, acto crû, violencia impura,
Não foy teu dom mayor, brazaõ mais dino?
Mas es menino em fim, bem que es gigante,
Menino nas acçoens, no esforço Atlante.

Porèm

26.

Porèm não tardou muyto que a vingança
Não visse o Ceo de tanto vituperio,
Que ás vezes por castigo da privança
Se desordena o Rey, se muda o Imperio:
E foy que o Cardeal outra esperança
Vendo frustrada, (tudo em fim misterio)
Contra Bolena, que lha divertira,
Larga o freyo à payxaõ, a redea à ira.

27.

Estas desatençoens como em desprezo
Do respeyto Real Ella julgando,
Em chamas de ira o coraçaõ acezo,
Contra Elle em queyxas vay ao Rey clamando:
O Rey, que a seu Imperio andava prezo,
Convertendo em furor o peyto brando,
Na culpa, que a Bolseo severo argue,
De honras, cargos, fazenda o destitue.

28.

Bolseo nestes dous graos, que a Sorte aduna,
Quebrando-se lhe os nòs do valimento,
Cahio do excelso monte da Fortuna
No valle de seu bayxo nascimento:
Onde em pobreza vil, fome importuna,
Passando de hum portento a outro portento,
Quanto vangloria foy ao soberano,
Veyo a ser documento ao desengano.

29.

E como premio igual, & igual caſtigo
A's humanas acçoens o Empyreo ordena,
Se vio que o Ceo do Regulo inimigo
Deu à culpa o ſuplicio, ao crime a pena;
Succedendo que em hum incendio antigo,
Que em cinzas conſervava a vãa Bolena,
Ardendo Salamandra, ainda inſtava
Seguir a luz, que adultera anhelava.

30.

Não tanto Hyrcana Vibora piſada
De incautos pés de vago Caminhante,
Em venenoſas iras deſatada
A dor vingar intenta penetrante;
Como na afronta o Rey vendo ultrajada
A fé, que conſervava o peyto amante,
Contra a falſa Bolena ardendo em furia
Vingança ſolicita a tanta injuria.

31.

Manda prender o Monſtro de vaidade,
Que á ſanta Religiaõ fazendo guerra
Rayo terrivel foy da Chriſtandade,
Lamentavel ruina de Inglaterra:
Já preza a Dama, jà a mayor Beldade
No mais pequeno carcere ſe encerra,
Aquella, a quem da viſta a hum brando effeyto
Todo o Imperio do Amor lhe vinha eſtreyto.

E por

32.

E por lhe dar a morte merecida,
Ante ſi trazer manda a diſgraçada
Belleza, que foy delle tão querida,
Aborrecida jà, jà deſprezada:
Jà não ſoberba; não, mas abatida
Entre os Miniſtros vem como culpada,
Jà lhe não aproveyta a fermoſura,
A voz, o pranto, a laſtima, a ternura.

33.

Anna, turbada tu, tu temeroſa!
Tu que tudo a teus pés tinhas ſogeyto!
Não tratando do apreço de fermoſa!
Nem d'altivez, do timbre, ou do reſpeyto!
Que he do melindre, a graça? aonde a ayroſa
Gala ſe eſconde? aonde o doce effeyto?
Com que ſó com os olhos, que volvias,
Ao ſeu influxo as almas atrahias?

34.

Onde a ſoberba eſtá? onde a grandeza?
Onde o doce deſdem? que em vãos ardores
Provocava a mais toſca natureza
A' luz de teus fermoſos reſplendores?
Onde a caricia tens? onde a avareza
Dos teus olhos gentis? dos teus favores?
Com que do Amor o Imperio revolvendo,
O meſmo Amor te eſtava obedecendo?

Mas

35.

Mas ay quam differentes os effeytos
Saõ os que influes jà nos peytos duros,
Que esses, que conquistaste, brandos peytos
saõ a teu pranto os mais agrestes muros!
Rancor produzes só nos que sogeytos
Trouxeste a tuas leys sempre seguros;
Pois entrada não tem nos seus rigores
Teus brandos ays, teus miseros clamores.

36.

Em fim chega ante o Rey, que às ternas vozes
Duro, mas justamente endurecido,
A's carniceyras mãos de dous Algozes
Com escandalo a entrega aborrecido:
Elles cevando os animos ferozes,
Lhe atão as mãos, lhe prendem o vestido;
As mãos, que entre as prisoens por cristalinas
Erão num laço quaes duas boninas.

37.

Nos duros nós a Dama delicada
A morte jà bebendo o golpe espera,
Palida a cor, a vista perturbada,
Fez desmayár o Sol, nublar a esfera:
Eis levando hum Algoz da fina espada,
(Ah tragédia cruel, ah sorte fera!)
Postra por terra com atroz dureza
De soberba Babeis, Ceos de Belleza.

Nesta

38.

Nesta Tragedia, pois, taõ rigorosa,
Theatro à fanthesia temeraria,
Representou com lastima horrorosa
Suas mudanças a Fortuna varia:
Oh humana illusaõ, quam fabulosa,
Quam fementida, vãa, quam adversaria,
Na aura, a que chamas honra esclarecida,
Te he a sorte, a ambiçaõ, a pompa, & a vida!

39.

Julguem agora os Cetros, & as Tiaras,
As Purpuras, as Mitras, & as Privanças,
Se adverso o Fado até se atreve às aras,
Quem vivirá seguro nas bonanças?
Mas se as dadivas saõ da sorte avaras,
Digaõ de Sylla, & Synico as mudanças
Os deleytes da vida, em que viveram,
E o fim horrendo, que depois tiveram.

40.

Dize-o Philippe tu, Rey preeminente,
Tu Cesar, tu Pompeo, tu Polidoro,
Tu Apio, que infelices de eminente
Lugar cahistes neste horror, que choro;
Tu Maximino, que es de humilde oriente,
Elio, Athalo, Servio, & Metrodoro,
Dizey quanto vos foy o excelso assento
Fantastico Babel, Torre de vento.

Quem

41.

Quem, pois, mais q̃ Bolſeo, quem mais Privado?
Quem da varia Fortuna mais Valido?
Mas quem taõ bem no mais humilde eſtado
Cahio mais infeliz? mais abatido!
Penſamento o não julgue imaginado,
Nem diſcurſo o exagere encarecido,
Julgue-o ſomente quem na vil pobreza
Cae do excelſo Obeliſco da grandeza.

42.

Vòs, pois, que nos Palacios ſois intruſos,
Lede eſte exemplo neſta hiſtoria eſcrito;
E vereis que os que ſaõ neſta aura incluſos
Coſtumão acabar neſte conflito:
Vede em fim, ſe quereis ficar confuzos,
A Dion, Parmeniaõ, Cleandro, & a Clito!
Que da Fortuna adverſa, & a ſeus combates
Nem eſcapa hum ditoſo Policrates.

43.

Ah ſe eſtes Camelioens de vento inchados
A eſpada virão tremolar pendente,
Que entre caſſoulas, cantos, & guiſados,
Damocles ſobre ſi via eminente;
Ah como que andariaõ perturbados!
Vendo o perigo à viſta andar patente;
Pois quem tranſcende os graos da ſua esfera,
Icaro eleva ao Sol azas de cera.

D'a-

44.

D'aquelles que direy? que a hipocresia
Faz nos conselhos ser seu voto aceyto,
Crocodillos, de quem o Rey se fia,
Dirigindo a virtude a seu proveyto:
Rostros de Esphinge, & animos de Harpia,
Que com santas razoens, com falso peyto,
Sem que Fé vos reforme, ou ley vos mude,
Roubais o Rey com capa de virtude!

45.

Que direy de huns, que de Palacio aos vicios
(Momos dos Capitolios) dando abonos,
Que Hidropicos atraz dos beneficios
Os Reys enganão, adulando os tronos?
Senão que em miseraveis precipicios
Os da morte bebendo eternos sonos,
Quanto jà forão Idolos subidos,
Vem a ser espectaculos cahidos.

46.

Fortuna, se es hum mar, que mingoa, & crece,
Onda, que se despenha, & se levanta,
Astro, que quando luz desaparece,
Luz, que mal nasce, logo se transplanta;
Escuma, que se encrespa, & desvanece,
Sombra, que retrocede, & se adianta,
Como tua inconstancia não assombra,
Se es mar, onda, astro, luz, escuma, & sombra?

Se es

47.

Se es mar, a tua enchente he inconſtante,
Se onda, a tua intençaõ he vingativa,
Se aſtro, a tua influencia he varia, & errante,
Se luz, tua exiſtencia he fugitiva;
Se eſcuma, o ſer naõ tens perſeverante,
Se ſombra, a tua eſſencia em tudo he eſquiva:
Mas es em fim a meſma variedade,
Que ao tempo, em que es bonança, es tempeſtade.

48.

Quando na hiſtoria eſtando divertidos,
Movendo montes, ſerras levantando,
Os ventos chegaõ logo enfurecidos
Da atra caverna, aonde eſtão bramando;
De ſeus meſmos encontros impelidos,
Groſſos, & antigos troncos vem quebrando,
E ao mar precipitando altas montanhas,
Lhe deſcobrem as humidas entranhas.

49.

O Boreas açouta o mar, que irado brama,
Vertendo pela boca negra eſcuma,
O mar immundas coleras derrama
Nas prayas, onde vomitar coſtuma:
Suſpira o Aquilon, o Auſtro clama,
E com força feroz, braveza ſuma,
O Africo, o Eolo, o Euro, & o Noto,
Se combatem com duro terremoto.

Eis

50.

Eis desta confusaõ no estranho enleyo
Com subito temor os Navegantes
N'alma bebendo o palido receyo
Os Ceos ferem com gritos penetrantes:
O Piloto porèm posto no meyo
Bràdava em alta vòz, Correy prestantes,
A' bomba, à bomba que se mete dentro
Da Nao o mar, fugindo do seu centro.

51.

Logo mais que o temor correm ligeyros,
E à bomba apenas huns; outros ao leme,
Cruzaõ pelos altissimos madeyros
As enxarcias, aonde o vento freme:
As velas mareando os Marinheyros,
O lenho voltão, que entre as ondas geme,
Vendo-se com furiosa atrocidade
Por fóra, & dentro igual a tempestade.

52.

Não dá tão grande golpe no alto muro
O Ariete, que vendo-lhe a constancia
Co a bruta testa vay de metal duro
Por terra demolindolhe a arrogancia:
Nem impressaõ no escolho mais seguro
O rayo fáz com tanta exorbitancia,
Como as ondas nas Naos, que ao rijo vento
Eraõ ludibrios de hum, d'outro Elemento.

53.

Quando hũa nuvem negra, & carregada,
Que nos ares medonha ſe eſtendia,
Em penhaſcos errantes deſatada
Com eſtranho pavor as Naos cobria:
E quando mais diffuſa, & mais cerrada
O Ceo nublava, o mar eſcurecia,
Dando hum fero trovão, ſe raſgou logo
Desfeyta em agoa, & deſpenhada em fogo.

54.

No mar o vago eſtrepito ſoando,
De clamor as regioens ſe ouviram cheas,
E lanças de criſtal o Ceo vibrando,
Rebentàram do abiſmo as fundas veas:
O mar ao Ceo as ondas levantando,
As nuvens enche de agoa, os Ceos de areas,
O Ceo ao mar em circulos derrama
Frechas de fogo, viboras de chama.

55.

O pallido relampago nos ares
Tremulo ardia, aceſo fuſilava,
E abrindo os Ceos, alumeando os mares,
De luz os Orizontes inundava:
Recolhido o eſplendor dos Luminares,
De eſcuro horror a esfera ſe trajava,
Na repugnancia d'agoa, fogo, & ventos,
Formavão dura guerra os Elementos.

56.

Pelos destrictos, onde o vento vaga,
Cahindo bosques de cristal sombrios,
Forma o grosso licor, que o mundo alaga,
Volantes mares, caudalosos rios;
O diluvio, que a Flora a pompa estraga,
Occupando de Juno os campos frios,
Fingia no chuveyro, que desata,
Turvo explendor de derretida prata.

57.

Ao fero temporal, que a esfera enluta,
Aos estranhos trovoens, que vibra a esfera,
Com tremendo furor, terrivel luta,
Treme a terra, arde o Ceo, o mar se altera:
Do seyo mais recondito da gruta
Vem repetida a tempestade fera,
Parecendo que ás mãos do irado Eolo
Se quebra o eyxo de hum, & d'outro polo.

58.

O rio, que furioso ao mar corria,
Cristalino Dragaõ, azul Serpente,
Com espumosa bocca o mar mordia,
Tragando hũa corrente outra corrente:
A inundaçaõ, que pontes sovertia,
De sorte desatava a grossa enhente,
Como arroja no Inverno o Nilo irado
Horrisono diluvio ao mar salgado.

59.

Vendo-ſe, pois, confuſo, & pervertido
Tudo quanto ordenou a Natureza,
A novo chaos o mundo Reduzido,
Tornada em negro abiſmo a Redondeza;
Perde o brio o Piloto deſtemido,
Penetra o medo à nautica rudeza,
E alterados os animos conſtantes
Rompem os Ceos com vozes diſſonantes.

60.

Os triſtes ays, os miſeros clamores,
Que doloroſamente agonizavão,
Do rouco mar cos lugubres rumores
Em temerarios ecos ſe alternavão:
Quando os maſtos feridos dos furores
Dos ventos, a ignorada luz brotavaõ,
A qual prodigio ſendo à ruda gente,
Orou Hum deſta ſorte reverente.

61.

Miraculoſa Luz, ſagrado Lume,
Patrono celeſtial dos Navegantes,
Benigno accode aos Teus, pois por coſtume
Es ſocorro dos que andão n'agoa errantes:
E Tu, que o arco deſſe azul Volume
Por ſeguro aos primeyros Naufragantes
Prometeſte, & livraſte da Balea
A Jonas, pondo-o lá na enxuta area.

Tu,

62.

Tu, que desse Eritreo com alto imperio
As rubicundas ondas dividiste,
E por livrar da morte, & vituperio
Ao teu povo, por ellas passo abriste;
Tu, que ao teu Pescador deste Emispherio
A indomavel braveza reprimiste,
Solta Tritoens, que desta esfera ondosa
A furia agora lhe atem procellosa.

63.

Disse; & os Bayxeis das ondas impelidos,
E dos furiosos ventos contrastados,
Hora ás altas regioens se vem subidos,
Hora ao profundo centro despenhados:
Do mar vendo os segredos escondidos,
Vendo os orbes do Ceo não penetrados,
Rompendo nuvens, fulminando mares,
Eraõ n'agoa Delfins, Garças nos ares.

64.

Porèm a soberana Catherina
Não temeroso vio seu peyto forte,
Que esperando o favor da mão divina,
Tinha constante em Deos o melhor norte:
Orando estava á esfera cristalina
Pelo amparo dos Seus, que vendo a morte
Tão sem forças, valor, alento estavão,
Que jà do salvamento não tratavão

 Quan-

65.

Quando as Nynfas gentis, que o Tejo cria,
A influxos da Tutela ſublimada
Do berço, onde o mar naſce, & morre o dia,
Buſcaõ de Thetis a real morada:
Jà rompendo do Rio a esfera fria,
Vencem do mar a lamina ſalgada,
Jà o fundo lhe deſcobrem de ouro fino,
Onde hum Palacio exiſte criſtalino.

66.

Eſte hum portico oſtenta ſumptuoſo,
Que em ſeis columnas de topacio duro
Firmava hum arco excelſo, & luminoſo,
De hum ſolido metal mais que o Sol puro:
Por onde entrando, vem hum eſpaçoſo
Clauſtro, que inda ao Criſtal fazia eſcuro,
Pois na, que ſcintillava, luz radiante
Moſtrava que era feyto de diamante.

67.

De differentes conchas ſe embréxava
O tranſparente clauſtro, aonde a Aurora
Communicando a luz reverberava,
As cores imitando á bella Flora:
Em laminas de Jaſpe alli eſtampava
Da Natureza a Arte imitadora
Sabias Ideas, raras eſculturas,
Hiſtorias varias, & gentis Figuras.

Alli

68.

Alli ſe via a Imagem de Arethuſa
Desfeyta toda em fugitivas agoas,
A que Alpheo no criſtal, que inda o recuſa,
Seguia ardendo em criſtalinas fragoas:
De Adamaſtor a Nynfa ao Ceo accuſa
Ouſadias de amor, ſentindo magoas;
Onde cercada d'agoa, & de amargura,
Trocava o brando peyto em pedra dura.

69.

Alli Bybli chorando brandamente
Sahia de hum penhaſco errante fonte,
Donde manando em tremula corrente
Era tributo ao mar, laſtima ao monte:
Alli junto de hum lago tranſparente
Inclinava Narciſo a branca fronte,
Revendo-ſe no mar do ſeu perigo,
De ſi fugindo para eſtar comſigo.

70.

Expoſta ao mar, & nua nas areas
Ligada a hum penhaſco ſe oſtentava
Sendo magoa, & delicia das cadeas
Andromeda, que as penhas laſtimava:
Deſtas, & d'outras tragicas ideas
O criſtalino clauſtro ſe adornava,
De que eraõ guardas mil Dragoens marinhos
De eſcamas duras, de aſperos eſpinhos.

71.

Hua alli ſe elevava excelſa eſcada,
Que entrada abria ás ſalas tranſparentes,
Cuja machina em perolas cravada
Se eſmaltava de pedras differentes:
As portas de materia illuminada
Em quicios ſe moviaõ refulgentes,
Onde o fino rubi, & a pedra pura,
Faziaõ primoroſa contextura.

72.

Na variedade deſtas tão divinas
Couſas, que alli ſe viaõ claramente,
Não ſe detem as Tagides beninas,
Que a pena, que as conduz, lho não conſente:
Mas diſcorrendo as ſalas peregrinas
Entrão na mais que todas excellente,
Onde Neptuno eſtava acompanhado
Das Deidades, que inclue o mar ſalgado.

73.

A Nynfa principal, que a mais fermoſa
Era de todas, delle aos pés poſtrada
Com enferma ternura, & voz piedoſa
Se oſtenta toda em lagrimas banhada:
Qual ſe coſtuma ver a freſca roſa
No purpureo candor da madrugada,
Moſtrando no matiz da pompa breve
Por faces de carmim globos de neve.

Modeſta-

74.

Modeſtamente avara os reſplendores
Dos brandos olhos recatava hum tanto,
Donde vertendo os liquidos candores,
Qual neve ao Sol, lhe ſcintillava o pranto;
O pranto, que materia a vãos ardores
Foy com força mayor, mais raro encanto;
Os coraçoens aos rayos que fariaõ?
Quando as almas nas lagrimas ardiaõ.

75.

Com hum candido veo não muyto avaro
Nega, & diſpenſa o corpo criſtalino,
Como por nuvem branca, ou fumo raro,
Eſconde, & oſtenta o Sol o ardor benino:
Mas, como o Sol tambem por criſtal claro,
A viſta lhe penetra o eſtorvo fino,
E mais ſutil que a viſta o penſamento,
Qual lince, lhe obſervava tudo atento.

76.

Lá ſe introduz nos intimos ſecretos,
Onde de amor o fogo mais ſe atea,
Lá na vedada parte, onde os objetos
Mais do que a meſma viſta alcança a Idea:
Aſſim eſtes de amor cauſando affetos
A bella Nynfa o agrado liſongea
Do Monarcha do mar, que ſe vio logo
Qual Mariposa à luz, qual cera ao fogo.

Falar

77.

Falar quiz; mas na dor, que a contraſtava,
As mal formadas vozes lhe impedia
O pranto, que no mimo, que moſtrava,
Inda ao mais caſto amor tentar podia:
As lagrimas Neptuno lhe enxugava,
E beyjando-a na face, que atrahia,
Os braços lhe lançou enternecido
Ao bello collo de criſtal burnido.

78.

E a ſeu roſtro apertando o roſtro amado,
Com affavel carinho, & rogo amante
Lhe diz: O' chara Filha, o teu cuydado
Me communica a dor mais penetrante:
Dize-o, não chores, não, que ao teu mandado
Como devo hey de ſer ſempre obſervante,
Que ſe o muyto, que te amo, reconheces,
He tudo pouco ao muyto, que mereces.

79.

O choro ſerenando a Nynfa em tanto,
Sem nuvem moſtra os rayos de improviſo,
A cujo reſplendor luzindo o pranto,
Se inflamma toda de hum purpureo viſo:
E os olhos com recato erguendo hum tanto,
Ornando a cara de hum modeſto riſo,
Aurea cadea, com que as almas ata,
Da peregrina boca aſſim deſata.

Pay

80.

Pay venerando, a quem por alta ſorte
Foy concedido eſſe humido Tridente,
Que, rayo de criſtal, teu braço forte,
Qual o de Jove, empunha omnipotente;
Tu, que eſta de zafir cerulea Corte,
Cabeça deſte Reyno tranſparente,
Illuſtras, reges domas, tu, que alteras
O furor deſtas lugubres esferas;

81.

E Tu, preclaro Deos, Padre Oceano,
Que tens as redeas deſta eſtancia ondoſa,
Que parte com o mar Mediterrano,
E do Orbe cerca a machina fermoſa;
E vòs ſacro congreſſo ſoberano,
De Nereo deſcendencia generoſa,
Como alterando o mar com furia irada
Intentais ſubmergir a Ingleza armada?

82.

Pois vedes que a mais inclyta Princeza
Leva nella arriſcada a melhor vida,
Suſpendey deſtas ondas abraveza
Neſte vaſto Oceáno mais temida:
Se Deoſes juſtos ſois por natureza,
Dayme atenção à ſupplica devida;
Pois deve ſer Rainha tão prezada
Soccorrida por nòs, por vòs guardada.

83.

Com brando vento, & prospera bonança,
Daylhe porto, onde em grato acolhimento
Se consagrem no Templo da esperança
As velas por tropheos do salvamento:
Não permitais, oh não, que haja tardança
No auxilio, que de vòs agora intento,
Se he que atentos ás lagrimas, que choro,
Vos moveis ao favor, que tanto imploro.

84.

Assim a compassiva Protectora
Banhada em puras lagrimas se ostenta
Ante o Senhor do mar, que se namora
Da graça, com que a dor lhe representa:
O qual ternura ouvindo tão sonora,
Qual fogo, que com agoa mais se augmenta,
No pranto, que o appetite lhe acendia,
Por Tantalo de amor em sede ardia.

85.

Atada a voz, o pranto suspendido,
De quando em quando ainda solussava,
Pulsando-lhe no peyto enternecido,
Os dous globos do Amor, que o choro lava:
Qual o innocente Infante, que sentido
Do mimo, que talvez o offende, & agrava,
Que bem que ceda ao pranto, & jà se esqueça
Da simplez dor, de soluçar não cessa.

Assim

86.

Assim callada a Nynfa, claramente
Os soluços, que d'alma lhe sahiaõ,
Lá no mais interior do peyto ardente
Soar em mudos ecos se lhe ouviaõ:
Quando aqui levantando docemente
Os olhos, que as estrellas atrahiaõ,
Os poem no Deos, qual Flor banhada em pranto,
Como quem a reposta espera em tanto.

87.

Muyto mais que o que pedes te faria,
Pois de occuparme a gloria me concedes,
(Sorrindo-se Neptuno respondia)
Pesandome do pouco, que me pedes:
Porèm quanto esta esfera inunda fria
Pelo explendor, que desses Soes despedes,
Te juro, & pelo mais, que em ti venero,
De te render ao muyto, que te quero.

88.

Assim verás, O' Filha muyto amada,
Da tormenta a bonança successora,
Quando lá no candor da madrugada
De luz tingir o Ceo a nova Aurora:
Sitio alegre darey à Ingleza Armada,
Dos ventos, & dos mares vencedora,
Onde achará, triunfante do perigo,
Hospedajem fiel, & porto amigo.

89.

Aſſim, Tagides minhas, voltay logo
Aos ſerenos criſtaes do voſſo Tejo,
Advertindo que a ley do voſſo rogo
Aliſonja ha de ſer do meu deſejo:
Ellas as agoas ateando em fogo,
As ondas cortão com prazer ſobejo,
A cujas carnes, nuvens de açucena,
O mar ſe amanſa, o vento ſe ſerena.

90.

Logo alli conduzir Neptuno manda
As Filhas de Nereo a errante Armada,
Que rodeando-a de hũa, & d'outra banda
A levem para a parte aſſinalada:
Ajunta-ſe a Decuria veneranda,
E penetrando a lamina ſalgada,
Chegaõ lá onde os miſeros madeyros
Nos tranſes ſe julgavaõ derradeyros.

91.

Cercaõ as Naos as Nynfas, & metendo
Os hombros de criſtal aos negros pinhos,
Dos montes á Bahia os vaõ regendo
Contra o furor dos rapidos caminhos:
Os ventos aſſoprando, o mar crecendo,
Emprego fazem nos volantes linhos,
Até que ouveram viſta de hũa Ilha,
Outava, & ſem ſegunda maravilha.

Já

92.

Já affugentando o horror da noyte eſcura
Apontava no Oriente a nova Aurora,
Conduzindo a manhãa ſerena, & pura
Aos Imperios, que rege a bella Flora:
Quando o criſtal, que tremulo murmura,
A Armada dividindo cortadora
A Bahia aviſtou, cuja corrente
Cerca a Ilha, que ſe ergue alta, & excellente.

93.

O Filho da fermoſa Cytherea,
Que das ſalſas eſpumas foy gerado,
Vendo a Venus melhor, que o mar vadea,
De Frecheyros conduz tumulto alado:
De mil Cupidos o bayxel rodea,
D'outros povoa o ar já ſoſſegado;
Os quaes cruſando os zefiros, voadores,
Diſparaõ contra a Nao frexas de amores.

94.

Glauco, & Nereo diante o golfo abrindo,
Açoutão ſeis Tritoens, que ayroſamente
Aljofares das comas ſacudindo,
Por carros tirão de criſtal luzente:
Onde ſonoras Cytharas ferindo
Multidaõ de Sereas, docemente
A Hyminêo na armonia, que formavão,
Altos epithalamios lhe cantavão.

95.

Juno, Deopea, Doris, & Ericina
Da esquiva Galatea acompanhadas,
Por guardas da Beldade peregrina
Cinco Delfins occupão, sublimadas:
Assim rompendo a esfera cristalina,
De longe as Naos dos mares destroçadas
Viram da Ilha os cumes relevantes,
Que Thetis preparava aos Navegantes.

96.

Para ella as Naos as proas inclinàram,
E entrando pela tumida corrente,
Colhendo o pano, as ancoras deytàram
Com nautica celeuma, obsequio ardente:
A ligeyros Bateis Alguns passaram,
Nos quaes vogando a terra alegremente,
Cadaqual dos trabalhos se recrea
Pela deserta praya, & molle area.

CANTO VII.

ARGUMENTO.

A Ilha se descreve, aonde amparo
Acharão da tormenta os Navegantes,
A quem as Nynfas dão hospicio charo
Em mesas de iguarias abundantes:
Nas quaes passando o Conclave preclaro
Alegre o dia em praticas amantes,
A Nynfa principal, que às Mais precede,
Das guerras a noticia ao Mello pede.

I.

ONde dos montes a feliz Bahia
A maritima costa dilatava,
Soberba a Ilha as nuvens transcendia;
Mas grata no prazer, que aos olhos dava,
Pois nos frondosos mayos, que cingia,
Nas cristalinas agoas, que pizava,
Se via em seus cothurnos, & grinaldas,
Calçar cristaes, vestirse de esmeraldas.

2.

Lá na parte interior hum rio ameno,
Que era eſpelho a tres montes levantados,
Com rumor ſe envolvia tão ſereno
Que doce ſuſpenſaõ dava aos cuydados:
Adornava-ſe todo o ſeu terreno
De claras fontes, rios prateados,
Canoras aves, oloroſas flores,
Copadas plantas, frutos ſuperiores.

3.

Alli perdido em Labyrinthos de hera
Se occultava hum penhaſco taõ ſombrio
Que à ſombra dos doceis, que Abril tecera,
Rebelde ſe moſtrava ás leys do Eſtio;
Pois pelos toſcos marmores, que impera,
Perolas deſtilando fio a fio,
Avaro á luz do Sol, ao ar de Eolo,
Negava a Euro o tributo, o feudo a Apollo.

4.

Os membros deſiguaes com arrogancia
Erguia por padroẽs dos vencimentos,
Que armado de ſoberba, & de conſtancia,
Alcançou contra os impetos dos ventos:
De ſer dos montes Rey tendo jactancia,
Immovel ſe moſtrava aos eſcarmentos,
Que os tempos lhe gravavão na vaidade
De competir co a meſma eternidade.

Deſte

5.

Deſte penhaſco, pois, cuja extructura
Bem que toſca agradavel ſe oſtentava,
Hũa fonte ſerena, clara, & pura
Com pès de prata a hum boſque caminhava:
Onde o brando criſtal dando á verdura,
Cores, qual pomba ao Sol, varias moſtrava;
Pois, bem que criſtalina ſe envolvia,
Da varia cor das flores ſe tingia.

6.

Tanto que a bocca unida a ſeus candores,
Quando com doces oſculos a trata,
Os olhos bebem nella a graã das flores,
Em quanto a bocca goſta o humor da prata:
Na confuſaõ em fim de tantas cores
Iris errante a fonte ſe retrata,
Parecendo no brando movimento
Liquido Ceo, ſonoro Firmamento.

7.

Pois nella transferindo a esfera ardente
As brilhantes Imagẽs das eſtrellas,
N'agoa ardia a Republica luzente
Dos Planetas gentis, das luzes bellas:
Onde com reſplendor mais refulgente
Eſtes luzindo, ſcintillando aquellas,
Se oſtentava a corrente ſucceſſiva
Dos puros aſtros Zona fugitiva.

8.

Tal que nas terſas fragoas, que fingia,
No liquido explendor, que aſſemelhava,
Co as ondas os reflexos confundia,
Co as luzes os criſtaes equivocava:
Pois envolto ò fulgor, & a copia fria,
Tanto a viſta os objectos duvidava
Que, alternadas as ondas com as fragoas,
Via as luzes correr, arder as agoas.

9.

Alli às nuvẽs a frondoſa grenha
Dando as plantas nas crines dilatadas,
Pareciaõ, formando eſpeſſa brenha,
Por ſobidas ao Ceo, no ar plantadas:
As quaes plumas formando á bronca penha
Das ramas ao Favonio deſatadas,
Teciaõ entre ſi, bem que indiſtinto,
Verde Babel, frondoſo Labyrinto.

10.

Os cedros com os platanos creſcidos,
Atlantes de eſmeralda ſendo á esfera,
Davão tronos gentis, doceis floridos,
A' bella Flora, á freſca Primavera:
Onde abraçada em vinculos tecidos
Frutifera a Parreira, amante a Hera,
Enredando-ſe os troncos com as vides,
Reveſtia o facundo Baccho a Alcides.

A pom-

11.

A pompa eleva essa arvore, que inspira
Na Ave de Arabia espirito segundo,
Que nascendo nos tumulos da pyra,
Aposta durações, emula ao mundo:
A's Celestes regiões, que Phebo gira,
Caminha o louro com verdor jucundo,
As folhas tremolando por victoria
Desse Deos, de quem foy esquiva gloria.

12.

Os choupos pelos ares estendidos,
As olayas aos ventos desatadas,
Os ulmeyros nos Ceos introduzidos,
Eraõ da penha plumas levantadas:
Sendo os freyxos, os alamos crecidos,
Fayas altivas, palmas elevadas,
Frescos salgueiros, altos Cyparisos,
Do liquido cristal verdes Narcisos.

13.

Taõ docemente o Zephiro soava
Preso na rama, que seu curso enfrea,
Que a sono a natureza convidava,
Fazendo-a alli de seu cuidado alhea:
Onde as plantas, que o Zephiro embalava,
E as flores, que o Favonio lisongea,
Tremolando em sonoro movimento
Eraõ berços do ar, lingoas do vento.

14.

Deste de plantas verde Labyrinto
A fonte, que o seu ser à Aurora deve,
Discorre o campo de esmeraldas tinto,
Vibora de cristal, aspid de neve:
Onde abraçando os Goivos, & o Jacinto
Com laço cristalino, & tacto leve,
Se ostenta no rumor da voz sonora
Clarim da selva, Cythara de Flora.

15.

Nadantes plumas desatando em torno
O campo esmalta, o prado fertiliza,
Soltando pelo flórido contorno
Fugitivos grilhões de prata liza:
A qual das tenras flores sendo adorno,
Em quanto a hũas beija, à outras piza,
Com tal contradição que na espessura
As beija ao mesmo passo, em que as murmura.

16.

Passando avante de hũa a outra parte,
Seu cristalino fluxo communica
A hum jardim, que em seis quadros se reparte,
A que prodiga banha a copia rica:
Aonde a Natureza unida à Arte,
De obra Dedalia a terra se fabrica,
Pois no verde lavor, que á industria deve,
Com emblemas de murta se descreve.

Porti-

17.

Portico excelſo em bazes ſublimadas,
Cuja eſcultura excede as de Corinto,
Entre columnas doze illuminadas
Abre entrada ao fragrante Labyrinto:
As quaes em quatro ternos ſeparadas
Hum arco em ſi ſoſtem, que em dous diſtinto
Cauſava no primor excelſo, & raro,
Paſmo a Phidias, ſuſpenſoẽs a Paro.

18.

Em quatro vezes tres o clauſtro abria
Cingindo em quadro o ſitio deleytoſo,
Terſos arcos de ardente pedraria,
Torcidos com primor maravilhoſo:
Cuja materia alentos dando ao dia,
Nella ſe via o Sol mais luminoſo,
Pois ao criſtal furtando a qualidade
Scintillava de luzes variedade.

19.

Tal que a Fabrica em viſo tranſparente
Rayos vibrando aos aſtros ſcintillantes
Os Planetas gentis da esfera ardente
Nos arcos doze eſtampa circunſtantes:
Tres os rayos bebiaõ là do Oriente,
Tres do Auſtro os alentos reſpirantes,
Tres olhaõ cà para onde morre o dia,
Tres recebem do Boreas a aura fria.

20.

No meyo hum tanque jàz, cuja eſcultura
Admiraõ os cinzeis mais delicados,
Que hum lago reprezando d'agoa pura,
Se fabrica em dez angulos quadrados:
Eſte hũa fonte eleva, que murmura
Por ſeis bocas, ſeis Aſpides nevados,
Os quaes mordendo o lago tranſparente
Alternaõ ſeis clarins continuamente.

21.

O cume orbicular da excelſa fonte
Vibrando rayos de criſtal desfeyto,
Diſparava dos ambitos da fronte
Hum reſplandor de aljofar contrafeito:
Boſques de vidro dando ao Orizonte,
Frechas ſutis ſoltando ao clauſtro eſtreito
Deſatava no liquido Elemento
Ondas ao Jaſpe, perolas ao vento.

22.

Da freſca murta a fórma deleytoſa
Em grato Labyrintho ſe diſpunha,
A qual creſcendo fertil, & viçoſa,
Verde coroa à bella Flora punha:
O clauſtro em muda hiſtoria fabuloſa
De Deoſes vãos os ambitos compunha,
Toſcas lapas abrindo nas paredes,
Em que eſtendia Abril floridas redes.

Nellas

23.

Nellas co as rosas os jasmins tecidos
Tanto os frondosos braços confundiaõ
Que em verdes nòs, em vinculos floridos,
As plantas distinguirse não podiaõ:
Tanto que duvidavaõ os sentidos
Na bella confusaõ, em que se viaõ,
Qual das vergonteas entre si frondosas,
Produzia os jasmins, brotava as rosas.

24.

Melindre da manhaã, mimo da Aurora
Se ostentava o jasmim no alento breve,
Exhalando ao Planeta, que o devora,
Por bocca de cristal vida de neve:
A pura Rosa branca, onde o Ceo chora
As perolas sutis, que à Aurora deve,
Ostentando purezas ser blasona
Copia da casta filha de Latona.

25.

A outra mais gentil, a que circunda
Veste Real de nacar fabricada,
Em cada folha, em que arde rubicunda,
Hũa sangria ostenta congelada:
A qual ao Sol, que de fragrancia inunda,
As roupas desatando de encalmada,
Salamandra se abraza no compendio
De seu mesmo carmim, seu proprio incendio.

Com

26.

Com olorosa voz Cisne de prata
A candida cessem alli se via,
Dando nas brancas pennas, que desata,
Alentos à manhaã, candor ao dia:
Logo o cravo gentil, que o pè dilata,
Em que Tyro em carmins resplandecia,
Blasonando ser Rey das outras flores
Purpuras veste, traja varias cores.

27.

Alli a flor Cyphisio, em que Narciso
A memoria conserva, o rostro inclina;
Vendo a sua versaõ no espelho liso,
Que a fonte lhe formava cristalina:
Do tremulo cristal notando o riso
O filho alli se vè de Mirrha indina,
Aquelle no mais torpe incesto havido,
De Paphia taõ prezado, & tão querido.

28.

Alli subindo ao Ceo entre as mais flores
Aguia florida Clicie se sublima,
Bebendo a Phebo os aureos resplendores,
Com que para o seguir se alenta, & anima:
Ve-se o Jacinto em ays, & em vãos clamores
Exprimir de seu nome o brando Enima,
Estampando nas cifras, que descreve,
Da sua infausta morte a historia breve.

O cres-

29.

O creſpo thymo, a verde mangerona,
O fragrante alecrim alli creſcendo,
Toldos a Flora, eſtrados a Pomona,
Daõ, de verdura o campo guarnecendo:
As mais plantas, que a filha de Latona
Faz ir na terra os braços eſtendendo,
A Hera altiva, & o myrto, que recrea,
Diademas tece à linda Cytherea.

30.

O Cinnamomo, o aypo, o nardo, o acanto
Aromas reſpirando alli florece,
E das Sabéas arvores o pranto
Os ares de fragrancias enriquece:
Em fim quanto produz Arabia, & quanto
Cultiva o Pindo, a Attica enverdece,
E quanto Chypre, Heſperia, o Indo alenta
Cede ás dilicias, que eſte ſitio oſtenta.

31.

Logo de plantas hum pomar ſe eſtende,
Que o jardim em circuito cingia,
Cujo fruto no ar dos ramos pende,
Do Loto enveja, ultraje da Ambroſia:
Onde a Pereyra ſobre a terra fende
Formando verde abobada ſombria,
Que nos pomos vencia o aureo fruto,
Que a Ericina deu Paris por tributo.

A roxa

32.

A roxa ameixa, a ginja rubicunda,
No sereno cristal se retratavão,
Onde vistas mais bellas na jucunda
Cor os olhos a gosto convidavaõ:
Alli pendendo da arvore fecunda
Na terra as graves cidras se encostavão,
Alli imitão na fórma os limões duros
Da mais casta donzella os peytos puros.

33.

As fermosas laranjas, que vestiaõ
A cor dos Apollineos resplendores,
Com vistoso matiz se entreteciaõ
Hũas em fruytos, & outras inda em flores:
Alli aos Amadores construhiaõ
As Amoras o emblema dos amores,
Alli na agoa os lanigeros marmellos
Pendem, hũs verdes, outros amarellos.

34.

Ve-se a Persica fruta, que nociva
He no patrio paiz, no alheyo he pura,
Pelo Ulmeyro se enlaça a Vide altiva,
Grossos cachos mostrando entre a verdura:
Soltando aromas a maçãa laciva,
Que em premio dada foy á Fermosura,
Veste ouro, & carmezim com graça tanta
Que á de Paris excede, & á de Atalanta.

Abre

35.

Abre a Romaã, moſtrando as tranſparentes
Entranhas, que os rubins injuriavaõ,
Excedendo os pyropos mais ardentes
Nos grãos, q̃ em cofres de ouro ſe enclauſtravão;
Nativos globos de coral pendentes
As purpureas cereijas ſe oſtentavaõ,
O figo regoado á planta unido
Moſtra eſcarçado o natural veſtido.

36.

Das ſelvas os Eſpiritos canoros
Matizando de cores as esferas,
Sendo Arioẽs do ar em varios còros,
Eraõ do vento vagas primaveras:
Onde em quebros ſutis, cantos ſonoros,
(Do boſque enleyo, ſuſpenſaõ das feras)
Pareciaõ nos voos, & deſcantes,
Emplumados clarins, flores volantes.

37.

Hũs ſe vem dos raminhos pendurados,
Outros nos duros troncos ſuſpendidos,
Hũs ſaõ pomos de plumas disfarçados,
Outros flores de penas conſtruidos:
Quaes nos doces requebros deſvelados,
Quaes no alinho do peyto divertidos,
Qual com grato donayre, ayroſo pico
No duro tronco aguça o tenro bico.

38.

Em doces confuloẽs, accentos graves
Naõ ſe atina entre vozes, & entre cores,
Se o que exhala fragrancias ſaõ as aves,
Ou ſe o que alterna os cantos ſaõ as flores:
Que as boninas em ſcanticos ſuaves,
E os paſſaros em cheyros ſuperiores,
Reſpiraõ entre aromas, & deſcantes
Cheyros canoros, muſicas fragrantes.

39.

As feras, que ao venablo de Diana
Coſtumaõ ſer deſpojos na eſpeſſura,
Bebendo a limpha, que da penha mana,
Se viaõ no criſtal da prata pura:
Tornada em bruta fórma a fórma humana
Acteon n'agoa admira a fronte dura,
Cujo lago navega tranſparente
O Ciſne, de candor Baixel vivente,

40.

Alli por quatro fauces dividido
Diffuſo hum rio inundações reparte,
Moſtrando no furor do ſeu ruido
Que do mundo enſurdece a extrema parte:
Onde por vago eſcandalo do ouvido
Quatripartido o rapido eſtandarte
Se oſtentava no liquido theatro
Aquario traſtornado em urnas quatro.

Deſ-

41.

Deſpenhado Briareo braços eſtende,
Sendo entaõ contra a mãy nos que deſpenha
Ou furia de zafir, que a terra fende,
Ou rayo de criſtal, que arraza a penha:
Pois taõ arrebatado o dano emprende,
Que arando a ſelva, que trocando a brenha,
Envolve na torrente em gyro vago
Madeiros mil por indices do eſtrago.

42.

Bem como o Nilo, que com boccas ſete
Mordendo o mar, aò mar corre Hydra vaga,
Engulindo à ciara, que acomete,
Tragando o campo, que inundante alaga;
Que hum dano aqui, quando outro alli repete,
Com que arruina a penha, o monte eſtraga,
Dando ao Reyno de Tethis nunca enxuto
Por feudo aſſaltos, guerras por tributo.

43.

Aſſim o valle, & o monte deſtruindo,
Contra a pompa de Ceres, que arrebatão,
Os quatro rios tudo confundindo
Groſſo diluvio em pelagos deſataõ:
Porèm hũa planicie deſcobrindo,
Nella ſerenos ſeus criſtaes dilatão,
Cujo ſitio de areas abundante
Povoava de Nynfas turba errante.

Hũas

44.

Hũas na venatoria diſciplina
Fatigando de Tellus as esferas
Se moſtraõ, excedendo a Deoſa Trina,
Das Campanhas terror, Parcas das feras:
Outras poſtas em roda peregrina
As frontes cingem de triunfantes heras,
Outras ſe ouvem cantar em rithmo brando,
Lyras ferindo, Citharas pulſando.

45.

Outras armando ao ſimplez paſſarinho
Inſtrumentos, que urdio a ocioſidade,
As varas lhe franqueaõ de hum raminho
Por lhe roubar a doce liberdade:
Outras em redes de delgado linho
De vinculos lhe armavaõ variedade,
Onde o laço em trayção não preſumida
Nòs lhe armava ſutis á incauta vida.

46.

Qual com remos de prata dividia,
Animado Bayxel, a esfera ondoſa,
Incendios ateando n'agoa fria
Com o vivo criſtal de neve, & roſa:
Onde implicada a prata, que corria,
Naõ diſtinguia a viſta duvidoſa
Se a liquida corrente ſe gelava,
Ou ſe a Nynfa em criſtaes ſe deſatava.

Qual

47.

Qual na margem do rio prompta, & attenta
Pulſando a cana, donde a linha pende,
Lá do profundo pego ao dia oſtenta
O mudo peyxe, que no anzol ſe prende:
Qual a fiſga ſutil nas mãos ſuſtenta,
Qual colhe a rede, qual no pego a eſtende,
Onde de peyxes multidão fechando
Preſos ſe viaõ hũs, outros ſaltando.

48.

Qual nos robuſtos troncos eſculpia
O nome, que no peito lhe morava;
Qual de amor as lembranças divertia
Com motes, que a ſaudade lhe dictava:
Qual aſſentada junto á margem fria
De Amor o louro incendio penteava;
Qual a roupa colhia em creſpos molhos
Lavada em pranto, enxuta á luz dos olhos.

49.

Os Navegantes, que atè alli notado
Os deleytes haviaõ deſta Ilha,
Pola verem tão ſó ſem povoado
Com razão cada qual ſe maravilha:
Quando hum delles dá niſto hũ grande brado,
Dizendo: Mais eſtranha maravilha
He eſta; a cuja voz todos volvendo
As bellas Nynfas virão ir correndo.

O Dan-

50.

Dando as roupas ao ar, os vèos ao vento,
D'huma as fraldas ciofo o ar levava,
Onde, qual iſca ao fogo, o penſamento
Na materia, que via, ſe abrazava:
De outra o cabello em vago movimento
Em ondas de ouro hũ mar de Ophir formava,
Os cabellos, que forão fio a fio
Redes do Amor, cadeas do alvedrio.

51.

As outras recorrendo a ſeus veſtidos
Velozmente com elles mal cubertas,
Os hombros oſtentando eſclarecidos,
Fugindo pelas prayas vão deſertas:
A' ſede, & à gula dando dos ſentidos
Paſtos de amor nas partes deſcubertas,
Onde criſtaes bebendo a viſta preſa,
Hia a vontade n'alva neve aceſa.

52.

Perolas dos cabellos deſtilando
Sobre as tremulas carnes criſtalinas,
Eſtrellas pareciaõ, que orvalhando
Cobrem de fino aljofar as boninas:
Outras de ouro as madeixas deſatando
Aureos veos daõ ás partes peregrinas,
Vèos, que erão no encobrir tão pouco avaros,
Que por elles ſe vem ſeus criſtaes claros.

53.

Qual ficaria hũa alma conquiſtada
De objectos taes? ſenão qual Maripoſa,
Que da luz, que a provoca, namorada
Com cego precipicio a buſca ancioſa:
Qual ficaria? vendo-ſe incitada
De cor tão branca, alvura tão mimoſa,
Que em vario effeyto, em qualidade miſta,
Se oſtenta á alma fogo, & neve à viſta.

54.

Quando os aventureiros Navegantes,
A peregrina caça diviſando,
Tras della correm pela area errantes
As ſoberanas Prezas fatigando:
Atè que aos pès dos fervidos Amantes
Laſcivos ays, mimoſos gritos dando,
Se deyxão ir do Amor cahindo às frexas,
Entre ſorriſos affectando quexas.

55.

Qual quadrilha de galgos corredores
Vago bando de corças deſcobrindo
Na ſolitaria fonte, onde aos calores
Se abrigavão da ſeſta, ao Sol fugindo;
Que a muda ſelva enchendo de clamores,
Ligeiros vão correndo, & vão latindo,
Tras dellas, que no raſtro não deixadas
Antes do alcance cahem fatigadas.

56.

Aſſim todas rendidas, ſó fugia
Beliza mais ligeyra que Atalanta,
A quem Hum delles dando a voz ſeguia
Sem poder alcançar a veloz planta:
Seguindo-a jà canſado, lhe dizia:
Suſpende, ò Nynfa bella, furia tanta,
Pára a dar refrigerio a tanta calma,
Oh não fujas de hum corpo, de que es alma.

57.

Mas, pois, ligeira mais que o penſamento
Foges de hũa alma, que a adorarte anhella,
Vè que no deſprezar do rendimento
Moſtras não ſer Deidade, ò Nynfa bella:
Pára, ò querida Ingrata, a meu lamento,
Eſpera a quem por ti mais ſe deſvella,
Mas como pararás deſta alma ao rogo?
Se a me fugir te incita della o fogo.

58.

Vè que ha de poder mais que o teu deſpreſo
Eſſa carga, que levas diamantina,
Que has de vir a canſar co grave peſo
Deſta alma, que mais peſa por mais fina:
Pois nella o mayor bem me levas preſo,
Junta com ella a vida leva indina;
Por te ir com dous trofeos, dobrada palma,
Levame a vida, & irás com vida, & alma.

59.

Mas ay, tyrano Bem, doce Homicida,
Ay como o teu rigor aqui se alcança,
Pois queres por cruel deyxarme a vida
A fim de sentir mais tua esquivança:
Foge esquiva Illusaõ, Luz fementida,
Féra sem par, molher sem semelhança,
Que por mais que nas azas vas do vento
Sempre te ha de alcançar meu pensamento.

60.

Não dos rogos, do susto conquistada
A bella Nynfa em languidos ensayos
Tremula pàra, cae desanimada,
Dando a belleza á terra, a alma a desmayos:
Os vivos soes, & a face sublimada,
Onde activo o esplendor, bellos os Mayos,
Brilhar, & florecer d'antes se viraõ,
De sombras, & candores se cobriraõ.

61.

Mas taõ bella ficou, que inda excedendo
O eclipse ao resplendor da face pura,
Gloria ao desmayo a fermosura sendo,
Foy o desmayo adorno á fermosura:
Qual cortada bonina, que pendendo
Da tenra planta sobre a terra dura,
Envolta no candor, que enferma ostenta,
Nova belleza no desmayo alenta.

 O triste

62.

O triſte Amante em intimos treſpaſſos
Vendo a Prenda gentil neſte accidente,
Atando as vozes, ſuſpendendo os paſſos,
Paſma confuſo, pára de repente:
Quando huns rumores perto ouvindo eſcaſſos
Do brando murmurar de hũa corrente,
Aonde a voz ſoava criſtalina
Corre, & lhe tras nas mãos a medicina.

63.

Em quanto a branca fronte lhe orvalhava,
Tremer a maõ ſentia frio, & abſorto;
Parecendo na dor, que contraſtava,
Vivo nas ancias, n'apparencia morto:
Ao criſtal, que o melhor criſtal banhava,
Tomando a bella Nynfa algum conforto
Os olhos quaſi abrio, mas anciada
Logo os fechou, qual luz em veos nublada.

64.

Aos alternos ſinaes Elle attendendo,
Pendente eſtava ſobre a bella fronte,
Na acçaõ contemplativa parecendo
Qual Narciſo ſuſpenſo ſobre a fonte:
Onde determinarſe naõ ſabendo,
Afflicto olhava o Ceo, olhava o monte,
Olhava o monte, & o Ceo, que pareciaõ
Laſtimarem-ſe à dor, que em Ambos viaõ.

Quan-

65.

Quando emfim por lhe dar leito mais brando
Elle a ſeu peyto a encoſta levemente,
Aonde hum Ceo nos braços ſuſtentando,
Lhe applica de ſeus olhos a corrente:
O coraçaõ em lagrimas ſoltando,
Lhe enche o roſtro de aljofar tranſparente,
Que junto ao mais, que o enfermo Ceo vertia,
Hum theſouro de perolas fazia.

66.

Depois que em muda voz no Objecto mudo
A viſta poz, fazendo o penſamento
Nas mudanças, que via, incerto eſtudo,
Do deſmayo obſervando o movimento;
Com penetrante dor no tranze agudo
Em vozes deſatando o ſentimento,
Ao turvo Sol, que em ſombras ſe eclipſava,
Eſtas ſentidas queyxas expreſſava.

67.

Eu vivo? inda reſpiro? & deſſa esfera
O eſplendor, que abomino odioſamente,
Inda em meus triſtes olhos reverbera!
De mim, pois, foge, ó Sol, eternamente:
Porèm ſe vivo, deve ſer quimera
O que aqui vendo eſtou taõ claramente;
Mas quimera ſerà, ou ſonho eſquivo
Que eſtando eu morto me imagine vivo.

68.

Mas vivo devo eſtar, que a deſventura
Me guarda para exemplo de rigores;
Por iſſo me naõ mata a ſorte dura
Por não dar fim a morte a tantas dores:
Meu erro he bem que pague; aſſim na eſcura
Noute veſtindo aſſombros, & temores,
Sempre, ò querida Prenda, em ſombra fria
Preſente te trarey na fantazia.

69.

A mim me temerey, & a vida odioſa
Paſſarey habitando neſta esfera,
Expoſto ao Sol, & à neve rigoroſa,
Pagando de meu crime a pena fera:
Na ſerra vagarey mais eſcabroſa,
Sendo ás feras horror, aos homẽs féra,
Aqui farey, qual féra, o meu abrigo,
Só por me parecer que eſtou comtigo.

70.

Chegate a mim; mas ay quam differente
A meus olhos objecto es laſtimoſo,
O' turvo Sol, a quem irreverente
O eclipſe ſe atreveo mais tenebroſo:
Falla aqui, dize pois, neſſe Occidente
Onde ſe occulta o reſplendor fermoſo?
Onde eſſe Ceo encobre o luzimento?
Onde a engraçada bocca o doce alento?

71.

Ah bellissima Presa, ah Prenda amada,
Onde está dessa face a louçania?
Onde o branco jasmim? onde a encarnada
Rosa, que o rosicler venceo do dia?
Onde tẽs desses olhos a adorada
Chama, em cujo esplendor eu me revia?
Onde delles se esconde o riso avaro?
Onde da rica testa o cristal claro?

72.

Mas ay quam bella ainda em taes horrores
Essa de amor me agrada esfera breve,
Ay como saõ de mais os resplendores
Aonde a nuvem brilha, a sombra, & a neve:
Sem duvida que nesses teus candores
Illuminar o Sol seus rayos deve;
Oh disgraça indistincta do felice,
O esplendor que fará se brilha o eclipce!

73.

Ao pranto, que vertia o Amante afflito,
Que sobre a branca face lhe cahira,
Foy aclarando o tenebroso esprito,
Qual luz, que por cristal traspassa, & gyra:
O alento, que atè alli sentio restrito,
Bem que inda da ancia opressa jà respira,
Pois em voz debil quasi articulava
Hum ay, que na garganta se lhe atava.

Os

74.

Os bellos olhos abre escassamente,
Porèm de novo com mortal retiro
Os tornou a fechar em continente,
Articulando hum ay, dando hũ suspiro:
Qual a luz, que agoniza, ou qual o ardente
Relampago, que voa em vago gyro,
Este, que pela esfera corre, & passa,
Aquella, que abre, & fecha a chama escassa.

75.

Mas jà por entre os pallidos candores
Do Amor purpureava a linda esfera,
Qual o Sol, que por candidos vapores
Vertendo a luz em rayos reverbera:
Já entre hum suor frio as murchas flores
Nas faces quasi anima a Primavera,
Já a vida recupera, já respira,
Já pronuncia a voz, já os olhos gira.

76.

Elle cum vèo lhe enxuga levemente
As perolas, que o rostro lhe vertia,
Qual candido jasmim, que à luz nascente
Se banha todo em lagrimas do dia:
A's ancias jà a Beldade alivio sente,
Mas tal que de hora em hora inda gemia,
Que o mal de tanta gloria satisfeyto
Deixar lhe não queria o bello peyto.

Quan-

77.

Quando de todo já recuperada
Emprega os brandos olhos no Homicida,
Onde a tantas finezas obrigada
Se moſtrou por Deidade agradecida:
Doce queſtão em pratica altercada
Alli foy logo entre elles diſcutida,
Onde em ternuras d'alma Ambos desfeytos
O amor conferem com ſutis conceytos.

78.

Dando as mãos com reciproca alegria,
Fallando em varias couſas caminhavão
Para onde os mais Varões em companhia
Das mais Nynfas a Amor ſervindo eſtavão:
Onde o Mello em abobada ſombria,
Que hũs arvoredos contra o Sol formavão,
Das Nynfas á Princeſa preheminente
Contava a hiſtoria do Hyminéo preſente.

79.

Tão denſa ſe enredava a verde grenha
Das frondiferas plantas intrincadas
Que ſendo altos doceis de hũa alta penha,
De hũa fonte erão plumas levantadas
Cuja corrente, vibora da brenha,
Se occultava entre ramas tão fechadas
Que apenas era viſta a prata fria
Do reſplendor do Sol, da luz do dia.

Em

80.

Em criſtalinos Aſpides ſe quebra
A fonte, que da penha ſe derrama,
Dando no humor, que em cytharas requebra,
Ondas à terra; perolas à rama:
A qual ſaudando a Aurora, a quem celebra,
Vaga terſo clarim por entre a grama,
Dando em continua clauſula ſonora
Salvas a Ceres, muſicas a Flora.

81.

Os tremulos regatos, que divide
Pelo deſtricto, que os criſtaes lhe furta,
Enroſcando-ſe Viboras na vide,
São Aſpides occultos entre a murta;
Onde o licor, que armonico reſide
Na larga ſelva a ſeu imperio curta,
Nos liſtões, que produz de ondoſa prata,
Com ligas de criſtal as flores ata.

82.

Aqui hũa meſa de criſtal brilhante
Cuberta de alva olanda ſe oſtentava,
De exquiſitos manjares abundante,
Expoſtos no metal, que o Hebro lava:
Em tranſparentes vaſos de diamante
O licor rubicundo alli eſcumava,
Alli cheyrando o inclito Falerno
Vence o nectar de Jove ſempiterno.

83.

Finalmente por ordem ſucceſſiva
Com grandeza Real alli ſe oſtenta
Quanto Ceres produz, Baccho cultiva,
Pomona gera, Pallas apacenta:
Brincava a meſa multidão laſciva
Dos aſtros, que Abril cria], & Mayo alenta;
Com que Flora toucando a Cytherea
O prado eſmalta, o campo galantea.

84.

Todos alli comendo alegremente,
Os ſentidos lhe eſtava recreando
O ſuave bolicio da corrente,
Que murmurar ſe ouvia em rithmo brando:
Onde as aves cantando docemente,
Tonos compondo, vozes alternando,
Ao leve reſpirar do brando vento
Deſatavão no ar ſonoro alento.

85.

Entre a varia das aves armonia
Saudava em canções a tarde amena
O Melro, que as mais aves deſafia,
A quem reſponde a doce Filomena:
A qual nas gratas queyxas, que exprimia,
Fazendo alhea gloria a propria pena,
Por tal eſtylo as ancias modulava
Que chorando parece que cantava.

Fazen-

86.

Fazendo-lhe o compasso as tenras flores
Pela solfa do Zephiro saudoso
Sonora a Totinegra entoa amores
A' lyra de hum regato armonioso:
Onde outro arroyo em lugubres rumores
Cruza o regato, & corre vagaroso
Torcendo o passo, como que se perde
Na confusaõ do labyrintho verde.

87.

Acabado o banquete, inda assentados
Estando todos ao redor da mesa,
No excelso Heroe, Author dos seus agrados,
Das bellas Nynfas a gentil Princesa
Os olhos empregando sublimados,
Articulando a voz com altiveza,
Contame, diz, a guerra, & della a fórma,
De tudo, illustre Herôe, aqui me enfórma.

88.

Relatame as empresas bellicosas,
Dos teus me conta as inclitas façanhas,
Que o laço desatárão generosas
D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas:
As acções me refere mais gloriosas,
Estranho assombro das Nações estranhas,
Depois concluirás da acção presente
A que seguias pratica eloquente.

O Mello

89.

O Mello lhe reſponde: Alta Rainha,
A obediencia he tal, que ſe te deve,
Que a não ſer o que mandas gloria minha,
Inda a mais grave ley me fora leve:
Mas ſe a dobrarme a gloria ſe encaminha
O relatala, attende, & ſerey breve,
Que por muyto que diga, he tal a hiſtoria
Que os limites excede da memoria.

90.

Ouve, que não verás com vãs proezas
Encarecer fantaſticas façanhas,
Que as ſempre invictas armas Portuguezas
Vencèrão as ſonhadas, & as eſtranhas:
Das batalhas direy, não das emprezas,
Que eſtas em fim ſaõ tantas, & tamanhas,
Que fora da razão diſcurſo leve
Querer cifrar o mar em concha breve.

91.

N'alma, que aqui ſe inflamma, ò Marte, inſpira
Influxo tal, que em tragicos horrores
Forme nas doces clauſulas da lyra
As confuſões dos bellicos clamores:
Em rumores de guerra, em ecos da ira
Se tornem hoje os metricos furores,
Porque no rithmo a ſom mais alto ſuba
A humilde Avena que a guerreira tuba.

Calla-

92.

Callavão todos com ouvido attento,
Delle pendendo promptos, & embebidos,
A viſta immovel, ficto o penſamento,
Suſpenſa a voz, abſortos os ſentidos:
Em tanto o excelſo Herôe atando o alento,
Por todos gira os olhos advertidos,
E votando à Deidade alto reſpeyto
Solta a facunda voz do ſabio peyto.

CANTO VIII.

ARGUMENTO.

REfere o Mello como a gente Hiſpana
Rompeo a guerra contra a Luza gente,
Como ſabindo a campo altiva, & uſana
Aſſaltou de Olivença o muro ingente;
Como mais do que he dado à força humana
Rebatida ficou no aſſalto ardente,
Como o Albuquerque, General experto,
Mandou formar os Seus em campo aberto.

I.

ACclamado Joaõ, Monarcha invito,
Reſtaurador do Imperio Luſitano;
Quando Philippe ao bellico conflito
Guerreyro ſe prepara, ſe arma uſano:
Juntar mandando em numero infinito
As guerreiras legiões do povo Hiſpano
Contra o Reyno dos Ceos favorecido,
Que tem por dom vencer, não ſer vencido.

2.

Palreira em tanto a Dama voadora
Pelas lingoas dos homẽs divulgava
A guerra, de que Lycia ſabedora
Para a defenſa as armas preparava:
Já Previcacia, aquella atroz motora
De diſcordias, ſizanias ſemeava;
Já as portas abre (eſtremecendo a terra)
A' bifronte Deidade o Deos da guerra.

3.

A viſta Alecto gyra inficionando
O ar, a terra, a agoa, o fogo, o ambiente,
Odios, iras, venenos derramando
Pelas entranhas d'hũa, & d'outra gente:
Onde o rancor antigo renovando
O ſoberbo Eſpanhol na acção preſente,
Em rayvas conſpirando mal ſofridas
Moſtra a ſede, que tem das Luzas vidas.

4.

Em quebros a trombeta Caſtelhana
Nos ares duplicando o rouco alento
A' guerra convocava a turba Hiſpana,
Dando ſuſto ás regiões, terror ao vento:
Ave não houve, fera, ou gente humana,
Que não deyxaſſe o ninho, a gruta, o aſſento;
Ouvindo que ao pregaõ da dura guerra
Gemia o monte, o valle, o Ceo, & a terra.

Come-

5.

Começa-ſe nas praças deſarmadas
A fabricar redutos, foſſos, muros,
Parapeitos, trincheiras, & eſtacadas,
Seguras pontes, baluartes duros;
Os finos adereços das eſpadas,
Que ſervirão tè alli de adornos puros,
Sendo do luxo inuteis ornamentos,
Já ſão de Marte bravos inſtrumentos.

6.

Cotas, lorigas, dardos, piſtoletes,
Partazanas, rodellas, & montantes,
Adargas, couras, peitos, capacetes,
Finas eſpadas, lanças penetrantes,
Alabardas, borqueis, chuças, moſquetes,
Aureos eſcudos, elmos rutilantes
Se vem por toda a gente, & em toda a parte,
Por inſignias crueis do fero Marte.

7.

Qual exprimenta a coura; o peyto prova,
Buſcando a prevenção, que mais convinha,
Qual as armas refaz, qual as renova,
Que a ferrugem da paz gaſtadas tinha,
Qual o eſcudo prepara, a eſpada innova,
Qual fortalece o arnez, o elmo alinha,
Qual reforça o colete, a malha dobra:
Em todos finalmente ferve a obra.

8.

Roucos tambores, tubas ſonoroſas,
Em tanto os Marcios ecos dando ao vento,
Convocavão das terras populoſas
A' guerra o Luſitano ajuntamento:
Já promptas as eſquadras bellicoſas
Entre os muros fataes do Lycio aſſento,
Para o Tejo paſſar ſó lhes faltavão
Do amado Rey as ordẽs, que eſperavão:

9.

Quando da Fama, que veloz corria,
O rumor ſe introduz na Lycia terra,
Que marchar o inimigo pertendia
Nomeando os Baſtões, que o Campo encerra:
O numero da gente referia,
E como quaſi toda era apta á guerra,
Em tudo prompta, em tudo exprimentada,
Ligeira no atirar, deſtra na eſpada.

10.

Quando na meſma noute ao ſom vehemente
D'altos clarins, horriſonos tambores,
Manda o Rey que partiſſe a Luza gente,
Ao naſcer dos primeyros reſplendores:
Nunca ás Adẽs do mar no Eſtio ardente
Forão do Ceo tão gratos os clamores,
Como foy ao Mavorcio ajuntamento
Alegre o ſom do bellico inſtrumento.

11.

Já dos Pays, & das Mãys, irmãas, & eſpoſas
Os guerreiros ſoldados deſpedidos,
Entre doces palavras amoroſas
Se ouvião queyxas, prantos, & gemidos:
A Mãy banhada em lagrimas ſaudoſas,
Truncando a voz com ays enternecidos,
Emfim te apartas, diz, ò filho charo,
Deſte pobre capello unico amparo.

12.

Oh não te apartes, não, Prenda querida,
Doce conſolação deſta Mãy velha,
Oh cançada velhice aborrecida
Que contra ti já a morte ſe aparelha:
Que hey de fazer ſem ti, luz deſta vida?
Quem contra mim, ò filho, te aconſelha?
Não te vàs, não te apartes deſtes laços,
O' ſuave delicia dos meus braços.

13.

Mas, pois, deſta priſaõ tão amoroſa
Deſprezas o ſuave cativeyro,
Não queyra o Ceo, que em pena rigoroſa
Te vejas de outros braços priſioneyro:
Eſtes que com liſonja tão mimoſa
Forão o berço teu no ſer primeyro
Aceita, ò filho meu, por deſpedida,
Pois jà te não verey na minha vida.

14.

Chora a donzella, emblema da belleza,
Ao charo irmão dizendo desta sorte,
Oh quanto nos unio a natureza,
E quanto agora nos desune a sorte:
Que interesse, que estado, ou que riqueza
Te leva tão contente á dura morte?
Querias mayor bem, mais alegria
Que desta irmaã a doce companhia?

15.

Em tanto a Esposa, o gesto demudado,
Enfermo o alento, a voz desfalecida,
He possivel, exclama, Esposo amado,
Que te apartes desta alma, de que es vida!
Quem tal dissera quando no meu lado
Promessa me fizeste repetida
De neste, que nos une, Sacramento,
Ser só por morte o nosso apartamento!

16.

Mas inda mal, que tanto os meus receyos
Hoje o tal prazo vem, Prenda adorada;
Pois por nunca já mais cuydados meyos
A morte te estou vendo anticipada:
Quem me dera, se quer, nestes enleyos
Poder tão bem sahir a campo armada,
Oh quem me dera obrar o que desejo,
Sem me estorvar o passo a honra, & o pejo.

17.

Oh levame comtigo, Esposo charo,
Que por te defender a amada vida
Forças me dará Amor, a sorte amparo,
Já por amante, ou já por atrevida:
Verás, se n'arte não, no valor raro
Do meu séxo a fraqueza desmentida,
Porque verás obrar meu debil pulso
Quanto do Herôe mais forte pòde o impulso.

18.

Oh quam feliz que fora a minha sorte
Se do teu lado nunca me apartára,
Que quando te roubasse a dura morte,
Da minha vida a tua se animára:
Não fora o mal tão grande, a dor tão forte,
Se unindo bocca a bocca em ti espirára,
Se Consortes nos fez o amor na vida,
Sejamolo na morte apetecida.

19.

Mas que delirios saõ os que adulando
Estão a minha dor nesses teus passos?
A Deos, & já largalo aqui intentando,
Se liga mais nos ultimos abraços:
Qual simplez passarinho, que assentando
Os pès no visco, que lhe urdira os laços,
Quanto mais bate as azas, mais se enlea,
Sentindo em cada penna hũa cadea.

20.

Ou qual no monte o misero Cordeyro
Do rebanho perdido por disgraça,
Que vendo-se entre sylvas prisioneyro,
Quanto lhe foge mais, mais se embaraça:
Tal a Esposa no abraço derradeyro
Mais querendo apartarse, mais se enlaça,
Que sempre o Amor nos ultimos abraços
Tece mais fortes nòs, mais firmes laços.

21.

Qual por mais obrigar, (o filho ao peyto)
Movavos, diz, a paternal piedade
Deste, qne foy do Amor querido effeyto,
Cuja vista he estimulo á saudade:
Porque quereis que fique em prazo estreyto
Elle orfaõ, eu viuva em tenra idade?
Que mais gloria quereis, que melhor palma,
Que este fruto do amor, reliquia d'alma?

22.

Mas o pay, cujo brio não consente
Ternura no semblante respeytoso,
Ao charo filho diz severamente,
Ou vencer, ou morrer vitorioso:
Na batalha, no assalto, ou choque ardente
O teu sangue te lembre generoso,
Pois te ennobrece teus progenitores,
Não se infamem por ti teus successores.

23.

Mas ſobre tudo os ares laſtimava
A linda Flebia, aquella, a que a ventura
Avaramente a dita lhe encurtava
Pela diſgraça ſó da fermoſura:
Em ſolitaria noute lamentava
De ſeu querido Amante a auſencia dura,
Com ays interrompendo em vaã porfia
A muda ſolidão da noute fria.

24.

Flebia, que nos fantaſmas de hum lethargo
Julgava junto a ſi ſeu charo Enfrido;
Mas deſpertando, (ah dor, ah trance amargo!)
De ſeu lado achou falto o Bem querido:
Aquelle, que a tal noute em pranto largo
Se havia de ſeus olhos deſpedido,
Em cujo coração tiverão parte
Os Imperios do Amor, as leys de Marte.

25.

Aquelle, em cujo peyto competia
Marte ſem tyrania, Amor ſem vicio,
Servindo com ayroſa bizarria
A Amor por gala, a Marte por officio:
Tal que eſcutando a bellica armonia,
Que à guerra convocava o povo Lycio,
De Mavorte impellido ao ſom guerreiro,
Deixou do Amor o doce cativeyro.

Qual

26.

Qual o Ginete ás armas coſtumado,
Que froxo, vil, laſcivo, ocioſo, & brando
Do generoſo ardor já não lembrado,
Entre femineo bando anda paſtando;
Se ouve trombeta, ou cayxa, eſtimulado,
Como de ignavo ſono deſpertando,
Inflammado do bellico inſtrumento,
Relincha, corre, & deixa altivo o armento.

27.

Tal Enfrido incitado ao bellicoſo
Som de Marte, fugir a Amor procura,
Que não lhe ſofre o peyto generoſo
Amoroſa delicia em guerra dura:
De Flebia ſe auſentou, (bem que ſaudoſo)
De Flebia, que a voz dando á noute eſcura,
Com laſtimoſos ays, flebil gemido
De ingrato accuſa aos Ceos ſeu doce Enfrido.

28.

Mas quem dirá, ò Flebia, o que ſentiſte,
Quando aos aſſaltos d'ancia deſpertaſte
D'aquelle leve ſono, ou ſonho triſte,
E o teu amado Enfrido em vão buſcaſte?
As magoas, com que então os Ceos feriſte,
As queyxas, com que as penhas magoaſte,
Os ays, que ſe imprimirão nas eſtrellas,
O mar, em que eſcondeſte outras mais bellas.

Quan-

29.

Quantas vezes os olhos levantando,
Dando dous aſtros mais ao Firmamento,
A' piedade o eſtarias provocando,
Lagrimas derramando cento a cento?
O Ceo, que ouvio teu choro miſerando,
Diga o que proferio teu frio alento,
Se he que de tanta dor compadecido
De tão ſentido lhe ficou ſentido.

30.

O' noute, dize-o tu, que emmudecida
Eſtiveſte ao clamor de tanta pena,
E tu, que abſorto, ò vento, á voz ſentida
Pozeſte em paſmos a regiaõ ſerena:
Mas ſe, ò noute, eſtás inda ſuſpendida,
Se a dor, ò vento, a aſſombros te condena,
Profere-o Flebia tu, bem que ſómente
Menos explica a dor quem mais a ſente.

31.

Era a eſtação da noute a mais ſombria,
E da eſtação o quarto o mais profundo,
Em que todo o Vivente adormecia,
Pondo á vida hum parentheſis jucundo:
Tudo hũ medonho aſſombro ſuſpendia,
Emmudecia o Ceo, calava o mundo,
Dormia o mar, & repouſava o vento,
Sò de Flebia velavá o penſamento.

Flebia

32.

Flebia, que ſolitaria, muda, & abſorta
Fluctuava em cuydados penſativa,
Implicando-ſe a hum tempo viva, & morta,
Morta nos goſtos, nas anguſtias viva:
Onde naquella dor, que a magoa exorta,
Hum rico mar de perolas diriva
Sobre a mão, que era Atlante criſtalino
De dous fermoſos Soes, de hũ Ceo divino.

33.

Vacillando em delirios de impaciente
O leyto deyxa, dando a ſeus candores
O recato de hum vèo, que tranſparente
Foy nuvem tenue a tantos reſplandores:
Chega a hũa janella, onde a corrente
Do Tejo ouvia em lugubres rumores,
E vio (ah fera viſta!) dar eſquivo
Enfrido à praya as velas fugitivo.

34.

Chamallo quer; porèm a pena dura
Tanto lhe embarga a voz, a dor lhe augmenta,
Que o peyto cheyo de ays, & de amargura,
Sentio naquella dor nova tormenta:
E vendo que a corrente d'agoa pura
Lhe hia levando o Amante, abſorta, & atenta
Pondo os olhos no mar, nelles a enchente,
Do enfermo peyto ſolta a voz doente.

35.

Aonde vas, aonde? ò Bem querido,
Querido Bem, te chamo! ah duro ingrato!
Aonde vas? ò falso fementido,
Cruel, fero, incapaz de humano trato:
De Hyrcana fera deves ser nascido,
Criado no rigor de agreste mato,
De bronze deves ter a natureza,
Pois es mais que penhasco na dureza.

36.

Mas ay, querido Bem, Prenda amorosa,
Perdoa o desatino ao labio insano,
Que bem sey que o ser menos venturosa
Naõ te faz ser a ti mais deshumano:
Mas, ò Flebia, estás louca? inda piedosa
Intentas desculpar este Tyrano?
Louca devo de estar, ah fementido,
Tu a loucura es do meu sentido.

37.

Tu es o mais cruel, es o mais duro
Que lagrimas de amor tem desprezado,
Teu peito he mais que pedra, he mais que muro,
Aonde nunca entrou doce cuydado:
A caso aballo em ti meu pranto puro
Fez? Não por certo; & ainda es adorado!
Ah cego Amor, ah louco pensamento,
Louco estás, pois adoras teu tormento.

Mas

38.

Mas inda assim em taes penalidades
Não sey que tem, Enfrido, os teus rigores,
Que estimo os teus desprezos, & crueldades,
Como se forão mimos, & favores:
Tanto que nessas tuas impiedades
Por ti me sinto mais morrer de amores;
Porque o extremo me faz, com que te trato,
Ser mais amante em verte mais ingrato.

39.

A me ver eu de ti correspondida
Com reciproco amor, com fé constante,
Correspondencia fora então devida
Em de pendencia igual mostrarme amante:
Mas porque amante mais que agradecida
Pareça neste amor sem semelhante,
Já te não quero, não, correspondente,
Por mostrar que te adoro independente.

40.

Mas ay que de cruel, & incompassivo
Te não posso livrar, Enfrido amado,
Pois de hũa alma te vas ingrato, & esquivo,
A meterte nas mãos do Ibero irado:
Passo esta dor, & ainda fallo, & vivo!
Como jà me não mata o meu cuydado?
Mas ay que he tão cruel a minha pena
Que à vida, & não à morte me condena.

A vida

41.

A' vida me condena; porque a ſorte
Por não dar fim na morte à dor ſentida,
Me dá a vida por mais tyrana morte,
Que a tanto mal me fora a morte vida:
Mas porque neſta dor, que me he tão forte,
Te deva algum amor, Prenda querida,
Attende a hũa alma, que hũ favor te pede,
Tudo nas deſpedidas ſe concede.

42.

Detem-te, eſpera, pàra, Eſquivo amado,
Mais duro a meu clamor que as penhas duras,
A meus rogos abranda o peyto armado,
Já não digo aos afagos, & ás ternuras:
Porque deſtas por minhas já enfadado
Te irás; porèm ſe, Enfrido, outras procuras,
Outras ſim acharás mais liſongeiras,
Mas nunca como às minhas verdadeiras.

43.

Ay rigoroſo Enfrido, ay Flebia triſte!
Suſpendaõ-te os meus ays, Prenda querida,
Que ſe eſta alma me levas, que atrahiſte,
Como ficar ſem alma pòde a vida?
Porèm vida ſem alma hoje me aſſiſte,
A fim de mais ſentir tua partida,
Que a dor, que a toda a magoa me condena,
Me deyxa a vida, porque ſinta a pena.

Pára,

44.

Pára, ò Prenda gentil dos brandos ares,
Pára, ò furto das ondas fugitivo,
Que ſe cortando vàs do Tejo os mares,
Arriba aos dous, que d'alma em vão derivo:
Deixa os Ceruleos de Neptuno altares,
E eſte d'alma navega mar nativo,
Attende, eſquiva Prenda, ao que te imploro,
Não poſſa mais hum mar que os dous, que choro.

45.

Mas ſe eſquivo te vás, & eu deſpedindo
Hum mar fico de lagrimas ardentes,
Por mais que dos meus olhos vás fugindo,
Delles te hão de ſeguir ſempre as correntes:
Os ſuſpiros, que os Ceos eſtão ferindo,
Te hão de alcançar correyos diligentes:
Mas ay que mais então meu dano augmento,
Mais agoa dando ao mar, mais força ao vento.

46.

Porèm ſe o proprio alento, que reſpiro,
Se as caudaloſas lagrimas, que choro,
Daõ impulſo mayor a teu retiro,
Ar dandote meus ays, ondas meu choro,
Que atè ſou contra mim eu meſmo, infiro;
Pois na reſpiração, com que minoro
Meu dano, minha dor, meu mal conheço,
Que atè no que alivio mais padeço.

Mas

47.

Mas para que duplico os meus pezares?
Soltos ao vento, aos mares proferidos,
Se levão minhas lagrimas os mares,
Se em fim o vento leva meus gemidos:
Levem-me as ondas, pois, levem-me os ares,
Já laſtimados, jà compadecidos,
Levem-me aonde là, meu Bem, caminhas,
Que eu azas formarey das penas minhas.

48.

Mas foge, vaite já, paſſa eſſe Tejo,
Exemplar deſtas lagrimas, que choro,
Que em meus ſuſpiros tẽs ar de ſobejo,
Que largo preamar tẽs em meu choro:
Mas pára, pára ahi, que irme deſejo
Comtigo, Ingrato Bem, que eſquivo adoro,
Que ao menos como ſervo na eſtacada
Te levarey o arnez, o eſcudo, a eſpada.

49.

Ah ſe, adorado Enfrido, me levàras
Comtigo a pelejar com o Inimigo,
Ah como para mim te acreditáras
Se me levàras a morrer comtigo!
Tu dos golpes contrarios te amparáras
Com eſte peyto meu, pois no perigo
Temer não pòde o belico homicida
Quem ſe vè dos teus golpes tão ferida.

50.

Temer não pòde, não, a adverſa eſpada
Inda no encontro mais enfurecido,
Hũa alma, que anda às frechas coſtumada,
Hum peito, que anda aos golpes tão ſofrido:
Que inda que a mortes mil fora arriſcada,
De toda a ſorte fora, ò Bem querido,
Que não ſeria muyto em teu ſoccorro
Que morreſſe por ti, pois por ti morro.

51.

Se me levàras, a mayor piedade
Moſtràras que era a que teu peyto encerra;
Pois hoje não tivera da ſaudade
No campo d'alma tão continua guerra:
Que fama, que honra, gloria, ou que vaidade
He a que dos meus olhos te deſterra?
Suſpende o paſſo, pois, doce Inimigo,
A guerra deyxa, & faze a paz comigo.

52.

Mas vaite já cruel co a paz, que intenta
Deixarme o teu rigor neſta ancia forte,
Vay, que lá pagarás a dor violenta,
De que me es cauſa, a fogo, a ferro, & morte:
Que na batalha mais ſanguinolenta
De ti me ha de vingar a dura ſorte,
A Flebia chamarás continuamente
Sem te poder valer, ah dor vehemente!

Mas,

·53·

Mas, ò prenda infeliz da fermoſura,
Pois hoje em mim te ves taõ deſprezada,
Que vale o teu brazaõ? ſe ſem ventura
Naſceſte para ſer taõ ultrajada?
Mas ſe neſta, que ſinto, affronta dura
Es a offendida tu, ſe tu a vingada:
Mas que delirios ſaõ os que proſigo?
Que he iſto, ò Ceos, aonde eſtou, que digo?

·54·

Louca ainda preſumo, inda levanto
Babylonias de prendas peregrinas!
Oh da humana vaidade cego encanto,
Que inda as vãs-glorias fundas nas ruinas!
Pois, Fermoſura vaã, ſe ves no pranto
Agonizar as Troyas! que imaginas?
Achando nos Imperios o eſcarmento,
Como levantas machinas no vento?

·55·

Mas que faço em chorar? ſe na vingança
Pòde ter deſafogo a minha offenſa,
Ao Ceo juro, ò cruel, que ſem tardança
Has de ver deſta injuria a recompenſa:
Não terás do meu odio ſegurança
Na parte mais occulta, ou mais intenſa,
Nem o Ceo te dará de mim deſvio,
Que a exemplo teu te hey de imitar no impio.

56.

Mas que digo? eſtou louca? ah vão conceito!
Se em ti minha alma tenho, & minha vida,
Que golpe te darey? que eſte meu peyto
Primeyro a dor não ſinta da ferida:
Que bem então houvera em mim perfeyto
Comtigo eſtando mal? Prenda querida,
Por certo que nenhum; & aſſim comtigo
Conſervar quero a paz, charo Inimigo.

57.

Se eſta queres trocar por guerra dura,
Reſpondeme, adorado Fementido,
Queres mais que de hũa alma a fé mais pura?
Deſejas mais que hum coração rendido?
Podias ter a vida mais ſegura
Que neſte peyto? esfera de Cupido,
Ou podias achar nos teus treſpaços
Mais ſuave deſcanſo que em meus braços?

58.

Não por certo; que Amor os convertia
Para delicia tua em brando leyto,
Onde o ſom da minha alma te fazia
Adormecer aqui ſobre o meu peyto:
Lá da Campanha eſſa aſpera armonia,
E o duro eſtrondo, a que andarás ſogeito,
O meſmo te fará; mas ah que ouvindo
Eſtes eſtrondos, n'alma os vou ſentindo.

Parece

59.

Parece que ouço aqui da tuba irada,
E do rouco tambor o ſom vehemente,
Os igneos golpes de hũa, & d'outra eſpada,
O zunir pelo ar do chumbo ardente:
Parece vejo a terra enſangoentada,
Voar as armas, & cahir a gente,
Diviſo tudo, que o temor preſume,
Toda a guerra neſta alma ſe reſume.

60.

Mas ſobre tudo vejo, ah triſte Enfrido,
Ay de mim, que farey em taes rigores?
Se do que he d'alma ſuſto preſumido,
Forem certos annuncios meus temores:
Vejo, ay de mim, (& niſto interrompido
De hum ay o alento) torna, ò meus Amores,
Vejo, ay de mim, que em palida figura
Eclipſas deſſes ſoes a luz mais pura.

61.

Ay que vejo em teu peyto criſtalino
De rubins larga fonte caudaloſa,
Onde o golpe cruel do meu deſtino
Porta te abrio á alma doloroſa:
Diſſe; & inclinando o roſtro peregrino
A dor lhe rouba a grã, bem como a roſa,
Quando encalmada ao Sol, enferma ao dia,
Murchando a pompa perde a louçania.

62.

Frio ſuor em perolas vertendo,
Os olhos fecha em fim; oh quanto avaros
Então ſe virão dos ſeus rayos! ſendo
Os mais brilhantes Soes, os Ceos mais claros:
Fechaſte os olhos, Flebia, & eſcurecendo
Ficou o ar, o Sol, & os orbes raros;
Abre eſſes Ceos, verás com luz mais pura
Brilhar o ar, luzir a noute eſcura.

63.

Em tanto para as rayas concorria
De hũa, & d'outra Provincia a gente brava,
Povoando o deſerto, que algum dia
Sò de gado, & paſtores ſe habitava:
A trombeta, & tambor na gruta fria
Perturbando o ſilencio retumbava,
Fazendo ao valle, ao monte, ao campo, & à ſerra
Repetir arma arma, guerra guerra.

64.

Alli da fria Beira a inculta gente,
Ao agreſte exercicio coſtumada,
Marchar ſe via em belica torrente,
Qual de gado groſiſſima manada:
D'armas vinha formando hum boſque ardente,
Que bem que nellas pouco doutrinada,
Tanto ao Marcio primor menos ſe ajuſta,
Quanto para o trabalho he mais robuſta

Viaſe

65.

Via-ſe a fera gente, que habitava
As montuoſas terras abundantes,
Que fertiliza o Douro, o Minho lava,
Gente feroz de intrepidos ſemblantes:
Eſta os aridos campos adornava
De galas, & penachos tremolantes,
Tal que nas varias cores, que veſtia,
Errante Primavera parecia.

66.

A gente, que a provincia Tranſmontana
Produz à ſombra de impinados montes,
Por eſcabroſas ſerras vaga, & mana,
Occupando diſtantes orizontes;
Cujo immenſo tropel na marcha ufana
Secando os rios, eſgotando as fontes,
Hora ſe ve decendo, hora ſobindo,
Talando valles, montes opprimindo.

67.

Guerreyra multidão de gente aduſta,
Gente, que eſcura fás o Sol, & o dia,
Dos Algarves, região, que ao Mouro aſſuſta,
Em dilatadas hoſtes ſe eſtendia:
Da Tranſtagana gente a mais robuſta
Por toda a parte os campos diſcorria,
Tendo o ferro, que já ſervio no arado,
Nas mãos, que apacentáram rudo gado.

68.

Mas ſobre tudo agente mais luzida
Era a que ſe conduz da Eſtremadura,
Grata no modo, no veſtir pulida,
Gente, que excede a outra na brancura;
Taõ alinhada, como bem veſtida
Duplicava do campo a fermoſura,
Bem como o verde Abril, que em varias flores
Eſmalta o prado de diverſas cores.

69.

O Hiſpano General, que attento, & experto,
Já fervoroſo o exercito advertia,
Depois de o ver formado em campo aberto,
Ordenou que marchaſſe ao novo dia;
Mal o Sol foy no oriente deſcuberto,
Quando viſtoſamente ſe eſtendia
No largo campo em ordem perfilada
Debayxo dos pendoens a gente armada.

70.

Pondo ás rayas terror, medo às fronteyras,
Os paſſos a Olivença encaminhavão
Os batalhoens, que em horridas fileyras
Pizando a terra os montes abalavão:
No meyo em varias linhas as guerreyras
Eſquadras dos Infantes ſe amparavão,
Dilatando por valles, & por montes
Hum populoſo mar de humanas frontes.

Não

71.

Não levanta mais ondas o Oceáno,
Agitadas do vento procelloso,
Quando no Inverno com furor tyrano
Boreas altera o mar tempestuoso;
Como formava o campo Castelhano
De vultos hum diluvio populoso,
Coroando montes, valles occupando,
Campos cobrindo, serras inudando.

72.

Em tanto o Sol, que 'o voo remontava
Ao crisol de seus rayos refulgentes,
A vista em visos tremulos cegava,
Reverberando nos metaes luzentes;
Pareceo que em faiscas se ateava
O ar, que cheyo de atomos ardentes,
Se ostentava entre lucidos fulgores
Golfo de luzes, bosque de explendores.

73.

Errante bando os montes discorria
D'algũs Campiões ligeiramente armados,
Que em gyro todo o campo descobria,
Como he uso, explorando os Emboscados;
E para franquear a estreyta via
Pelos agrestes sitios intricados
Diante vaõ os gastadores duros,
Troncando plantas, arrazando muros.

A ata-

74.

A atacar os ſoccorros contingentes
Por varias partes vaga Turba experta,
Afugentando as Guardas, que eminentes
Obeliſcos occupão ſempre á lerta:
Quatrocentos Campiões dos mais valentes
A fim de nos fazer a marcha incerta
D'Elvas correndo os campos, & as fronteiras,
Rebanhão gados, queymão ſementeiras.

75.

Aſſim de Badajòs para Olivença
Vinha o Inimigo o paſſo dirigindo
Por entre a cerração da nuvem denſa
Do pò, que ao ar ſubia, o Ceo cobrindo:
Qual o Sol quando em nevoas ſe condenſa,
Que mal ſe eſtá ſeu luſtre diſtinguindo,
Tal dos finos metaes a chama pura
Se vè luzir na polvoreda eſcura.

76.

Não de outra ſorte lá na altiva esfera
Entre borraſcas fuzilar ſe attende
A nuvem, que o vapor ſulphureo gera,
E prenhada de fogo a viſta offende:
Que quando tenebroſa reverbera
No tremulo fulgor, em que ſe acende,
Hora aberta entre incendios reſplandece,
Hora fechada em trevas eſcurece.

Como

77.

Como o lustre das armas scintillava
Por entre o espesso pò, que em vagos montes
O luminoso exercito occultava
Nublando os mais distantes orizontes:
Mas vendo-se o fulgor, que tremolava
Nos metaes, que forjára o duro Brontes,
Sò se não via a gente, que se encerra
Na densa nuvem, que produz a terra.

78.

Do excelso cume do soberbo muro,
Donde a campanha mais se descortina,
Attenta Sentinella o campo escuro
Là abayxo vè, qual horrida neblina:
Mas vendo scintillar o metal puro,
E cheya de explendor toda a campina,
A cima, acima, ò gente, proclamava,
Que chega do inimigo a turba brava.

79.

Por outra parte o bellico instrumento
Eco guerreiro aos ambitos desàta,
A cujo som o marcio ajuntamento
As portas serra, as armas arrebata:
Com cega confusaõ, clamor violento
Cada qual de occupar seu posto trata,
Já no mais alto do marmoreo vulto
Se via armado o bellico Tumulto.

Cada-

80.

Cadavez mais no pò, que ſe revolve,
Scintillava o metal reſplandecente,
Como no Inverno o mar a enchente envolve,
Que entre turvo ſe alterna tranſparente:
Tè que jà perto o veo, que ſe reſolve,
Os brutos ſe diſtinguem d'entre a gente,
E entre os relinchos dos frizões ferozes
Se ouve hum mixto rumor de varias vozes.

81.

Já as trombetas nos cantos alternadas
Com os tambores ſe ouvem confundidas,
Já as bandeyras ao vento deſpregadas
Voar ſe vem do Zephiro batidas:
As hoſtes jà ſe attendem ordenadas,
Em diverſas falanges divididas,
Já por entre o rumor das armas ſoa
Do ferro a dura voz, que tudo atroa.

82.

Pareceo que atè o Sol, o Ceo, & o dia
Perdia a luz, os rayos enfiava,
Que abſorto o Guadiana ao ſom, que ouvia,
De medroſo a corrente atraz voltava:
Das tubas ao clangor, que o ar rompia,
Gemia o monte, a gruta retumbava,
E aos tiros, que ſoavão n'alta esfera,
Deyxava a ave o ninho, o alvergue a fera.

Toca

83.

Toca a inveſtir a tuba Caſtelhana
Com bravo ſom, eſtrondo temeroſo,
De horror cobrindo a terra Luſitana,
De ecos o globo enchendo luminoſo:
Aſſuſtou-ſe a Provincia Tranſtagana,
Parou hum pouco o Tejo caudaloſo,
E as penhas, que ao ſinal eſtremecérão,
Guerra guerra, arma arma reſpondérao͂.

84.

Quando a bater começa o Marcio bando
Da fortiſſima Praça o excelſo muro,
Que alternamente os bronzes deſparando,
Nos orbes não cabia o eſtrondo duro:
Mas o Caſtello as ballas aturando,
Cada vez ſe oſtentava mais ſeguro,
Sendo nos golpes, qual marinha roca,
Quando no Inverno o mar contra ella choca.

85.

Erão os valeroſos Defenſores,
Que na Praça aſſiſtiao͂ ſitiada,
Deſtros ſoldados, bravos tiradores,
Promptiſſimos na lança, iguaes na eſpada.
Entre tres eminencias ſuperiores
A Praça ſobre hum plaino eſtá fundada
A hum lado montes dous lhe fazem roſto,
Tendo a ſerra chamada Olor no oppoſto.

A ar-

86.

A artelharia de hũa, & d'outra parte
Ethnas vibrando, rayos produzindo,
Feridas mil, & mortes mil reparte,
Pernas, braços, cabeças dividindo:
Tè que já cada qual hum novo Marte
A eminencia dos muros investindo,
Pondo mantas, escadas arrimando,
Por ellas vay subindo espesso bando.

87.

Já por todos os lados se attendia
Das muralhas Tentando a altura immensa
A vasta multidão, que parecia
Bem como de Estorninhos nuvem densa:
Ou qual tambem na abobada sombria
Do fecundo cortiço a copia extensa
Se vè ferver das aves susurrantes,
Circunvalando os favos abundantes.

88.

Mas promptos ao rebate os Defensores
Ao volante Tumulto resistindo,
Com pedras, traves, fervidos licores
Os vão d'alta muralha sacudindo:
Da reserva acodindo os Successores,
Hũs se vem despenhando, outros subindo,
Quaes com os grãos das aridas espigas
Sobem cahindo as providas formigas.

89.

A gente quaſi toda deſtruida,
Do dano eſtimulada o aſſalto innova,
Que da ruina a furia renaſcida
Lhe dá a novo furor materia nova:
Os olhos cada qual fechando á vida
Na affronta, que padece, a morte approva,
E deſprezando toda a ſegurança,
Sò trata cegamente da vingança.

90.

Qual Libico animal, que na eſpeſſura
De lanças, que poſtrarlhe a furia intenta,
Quanto mais lhe he contraria a guerra dura,
Mais no eſtrago o furor ſe lhe accreſcenta:
Tal o Hiſpano a mural ſubindo altura,
Tão pouco teme a rapida tormenta,
Que na mayor ruina, que padece,
De nova furia o peyto fortalece.

91.

Não lhe vale reparo, eſcudo, ou arte,
Que os Defenſores ao ſoccorro attentos
Os fazem deſpenhar por toda a parte
A' violencia de varios inſtrumentos:
Qual ſemivivo, qual já morto parte,
Buſcando das muralhas os cimentos,
E os que á ruina eſcapaõ vaõ fugindo,
A terra d'armas, & borqueis cobrindo.

92.

Sobem terceyra vez; & a noſſa gente
Com esforço gentil, valor mais alto,
Os torna a rebater furioſamente,
Como nos dous primeyros, neſte aſſalto:
Jà canſado o Inimigo à furia ardente,
Naõ de valor, porèm de forças falto,
Cedendo ao Luzo braço, que o quebranta,
Deſtruido do ſitio ſe levanta.

93.

Eſte tão vigoroſo movimento
Fauſto principio foy da noſſa guerra;
Por onde com alterno movimento
Foy aſſaltada hũa, & outra terra:
Tè que em Campo-Mayor com alto intento
Junta a gente, que a mais Provincia encerra,
Mathias de Albuquerque à acção mais digna
Sahir com ella a campo determina.

94.

Tendo, pois, as eſquadras preparadas
O grande Herôe, que tudo prevenia,
Manda aos Cabos que em hoſtes ordenadas
Dellas lhe fação moſtra ao novo dia:
Mal ſe ouvirão d'Aurora as alvoradas,
Quando formado o Campo ſe eſtendia
Perante o General, que a tudo atento
Via paſſar o Marcio ajuntamento.

Jà

95.

Já da Cavallaria a turba brava
Se via vir aos ares levantando,
Já cada qual dos terços ſe abalava,
D'armas brilhante boſque dilatando:
Quem tão famoſa gente governava
Tambem te irey, ò Nynfa relatando,
Pola remir do monumento duro
Do Lethes vil do eſquecimento eſcuro.

96.

General do tropel quadrupedante
Dando o Monteyro Mòr plumas ao vento,
Reveſtido de ſolido diamante,
Domava de hum Ethonte o bravo alento:
A quem D. João da Coſta o paſſo errante
Suſpendendo de hum Bayo o movimento
Por digno General da artelharia
Segue, excedendo a Marte em valentia.

97.

Todo o tumulto em ordem preferido
Logo paſſando foy d'altos Mavortes,
Que em nove regimentos dividido,
Seguião ſeus Baſtões por Marcios Nortes:
He Ayres de Saldanha eſclarecido
Quem dos primeyros guia os peytos fortes
Em hum Bruto feroz, que manifeſta
Corpo aduſto, alvos pès, ſylvada teſta.

98.

Sobre hum cavallo, que em candor vencia
A branca neve do Apenino ingente,
D. Nuno Maſcarenhas conduzia
Dos ſegundos a Turba altivo, & ardente:
Luis da Sylva Telles ſe ſeguia
Em hum cardão de eſpirito impaciente,
Que taſcando parece ſe alimenta
Da branca eſcuma, que na bocca oſtenta.

99.

João de Saldanha de Souſa.

João aquelle Herôe, que a Fama eſtima
Entre os Saldanhas por fatal guerreyro,
Dominava hum Melado, que ſe anima
D'aura veloz do zefiro ligeyro:
Já Franciſco de Mello, a quem ſublima
Ardor ſem par, esforço ſem primeyro,
Num ſoberbo Murzello ſe apreſenta,
Cujo intrepido peyto Marte alenta.

100.

Martim Ferreyra em hũ Lazão ardente
Em ordem ſucceſſiva os Seus guiava,
A quem Euſtaquio Pique em continente
Regendo hum Andaluz acompanhava:
Hum Rodado governa, corpo ingente,
Que aos ares brancas crines deſatava,
David Celè, que o fauſto concluhia,
Dando plumas ao ar, trofeos ao dia.

Perſi-

101.

Perfilando o quadrupede tumulto
Gaſpar Pinto Peſtana, alto guerreiro, *Gaſpar Pinto Peſtana Comiſſario Geral.*
Picava outro Alazão de eſtranho vulto
No andar ayroſo, no correr ligeyro:
Diogo Gomes deſde a Infancia adulto *Diogo Gomes de Figueiredo Tenente do Meſtre de Campo General.*
No exercicio, & primor de Cavalleiro,
Meneando o baſtão, que altivo empunha,
A vaſta turba dos peões compunha.

102.

Sendo aſſim as eſquadras ordenadas,
O General, que attento a marcha via,
Moſtrou chea, de as ver tão bem formadas,
A alma de gloria, o roſtro de alegria:
E ſendo perante elle convocadas
As Inſignias naquelle meſmo dia,
O intento lhes deſcobre, & que marchaſſe
O Campo ao novo Sol, quando aſſomaſſe.

103.

Bayxava a noyte, & a gente, que eſperava
A matutina luz da nova Aurora,
Na eſperança do Sol não ſoſſegava,
Deſejoſa de ver tão feliz hora:
Tudo em mudo ſilencio repouzava,
Sò vigilante o Campo o ſono ignora,
De importuna accuſando a noyte fria,
Que eterna a ſeu deſejo parecia.

CANTO IX.

ARGUMENTO.

MArcha a Montijo o Marcio ajuntamento,
Onde derrota o bravo Castelhano,
Que, morto o Luzo Rey, tomando alento
A Olivença, & Mouraõ conquista ufano:
Restaura-se Mouraõ, & o Luzo attento
De Saõ Miguel ao Forte, contra o Hispano
Deu batalha, triunfou; vem o Inimigo
Sobre Elvas, acodimos-lhe ao perigo.

1.

INda de escassa luz vinha tingindo
A Aurora os pardos veos da noyte escura,
Quando o tambor os ares confundindo
A gente convocava á marcha dura:
Ao guerreyro sinal logo acodindo,
Tomar seu posto cada qual procura;
Já as bandeyras se viaõ despregadas,
Formado o Campo, as hostes arvoradas.

O es-

2.

O estandarte Real, lisonja ao vento,
Nos ares tremolando apparecia,
Mostrando as sacras Quinas, com que alento
Nos corações de todos influhia:
Com alto, & com profundo acatamento
Tocallo o Sol, & o vento parecia;
E que as soberbas plantas, & altos montes
Reverentes lhe estão dobrando as frontes.

3.

De Pedestres seis mil, & Cavalleyros
Mil & cento o tumulto se compunha,
O qual formado de esquadrões guerreiros,
Em divididos corpos se dispunha:
Seis peças de Campanha, dous morteyros
A soberba vanguarda á vista expunha,
De combater diversos instrumentos,
Bagagẽs, munições, & mantimentos.

4.

Governando as esquadras militantes
Em hum bruto, que a neve escurecia,
O General se ostenta entre os Infantes,
Para Vilar delRey tomando a via:
Naos Genovezas nunca, ao vento errantes,
Sulcárão com mais garbo a esfera fria,
Como hia dando o Marcio ajuntamento
Galhardetes ao ar, plumas ao vento.

5.

O Lugar grande, & rico facilmente
Entrado foy da turba valerosa,
Puebla saquea, & entrega ao fogo ardente
Roca de Mançanete populosa:
Destruido o paiz, em continente
Passa a Montijo a gente fervorosa,
Onde ao primeyro impulso das guerreyras
Esquadras forão rotas as trincheyras.

6.

Quando hum vago rumor aqui se ouvia,
Em que o Campo Hespanhol soberbo, & ousado
Para nos dar batalha se movia
No mesmo sitio à empresa accommodado:
Mathias de Albuquerque, que attendia
Capaz o posto, nelle denodado
Por dous Soes suspendeo a marcha errante;
Mas vendo que tardava, passa avante.

7.

Era lá quando em Mayo o Astro ardente
Já vinte & seis auroras numerava,
Dia, em que a Igreja em culto reverente
Do Sacramento o triunfo celebrava:
Quando a Campo-Mayor levando a frente,
O Lusitano Exercito marchava
Pela vasta campanha em gyro incerto
A buscar o Inimigo em campo aberto.

Erran-

8.

Errante o Arrayal já no alto dia
Hia descortinando o campo extenso,
Quando ao longe hũa nevoa vè sombria,
Que se elevava ao ar, qual vapor denso:
Ser a Inimiga gente conhecia,
Que em vasta multidão, tumulto immenso,
De pò espessas nuvẽs levantando,
Vem campinas, & montes occupando.

9.

Em quanto os dous Exercitos possantes
Observava hum do outro o movimento,
O nosso lhe contou seis mil Infantes,
E Equestres vinte & cinco vezes cento:
Que dispostos em classes militantes
Formava todo o Marcio ajuntamento
Hum meyo gyro, que a atacar batalha
Em hũa linha só se estende, & espalha.

10.

Posta em dez esquadrões se perfilava
Dos nossos a soberba Infantaria,
A' qual pelos dous lados amparava
A turba da feroz Cavallaria;
Que em dous corpos fazendo vista brava,
Em onze batalhões se repartia,
Duas linhas entre elles dilatando
A melhor gente do pedestre bando.

11.

Junto a Montijo em fim o Campo armado
Dos bravos Espanhoes aventureyros
Occupava o paiz, Lobon chamado,
Apto sitio aos estrepitos guerreyros:
Já o memoravel dia era chegado,
Em que o Ceo quiz mostrar os verdadeyros
Testemunhos de nunca ser vencido
O Reyno seu nas armas tão temido.

12.

Vistoso o Campo de hũa, & de outra parte,
Marchava cada qual a passo lento,
Dando rayos ao Sol, glorias a Marte,
A fórma de hum, & d'outro movimento:
Brilha o metal, tremola o estandarte,
Retumba a caixa, a tuba alterna o alento,
E o Sol, que sempre ao alto caminhava,
No meyo da manhaã já se ostentava.

13.

Alto fazendo a Lusitana gente
Caras volta ao Contrario, a que attendia,
E o General em tudo diligente
De fileira em fileira discorria:
E mal aos Seus em pratica eloquente
O ardor inspira, em que seu peyto ardia,
A nossa artelharia se despara,
Fazendo nelles mortandade rara.

14.

Ao vago ſom do eſtrondo retumbante
Tremeo hum pouco o Antartico Orizonte,
Dos hombros ſacudio o globo Atlante,
Atràz voltou o curſo Phlegetonte,
Charonte o remo ſuſpendeo poſſante,
Largou Siſypho a pedra do alto monte,
E là no Ceo Orion à furia irada
Deyxou cahir da mão a eſtranha eſpada.

15.

Porèm compoſta a Hiſpana Infantaria,
De improviſo o Inimigo nos carrega,
E logo da feròz Cavallaria
A noſſa rota foy com furia cega:
O Luzo Campo aqui ſe confundia,
Qual Bayxel, que contrario mar navega,
Que a vèla rota, o leme jà perdido
Entre as ondas fluctua ſubmergido.

16.

Ganhada em fim com miſera derrota
A noſſa artelharia, & retirada
A turba equeſtre, a Infantaria rota,
Delles era a vitoria apelidada:
Mas o grande Albuquerque, que iſto nota,
De algũs ſeguido com violencia irada
Por toda a parte o campo diſcorria
A ſuſpender a gente, que fugia.

Caval-

17.

Cavalleyros juntando ſó quarenta
Avança o General a deſunida
Turba, que na campanha ſe apacenta,
Nos roubos, & deſpojos divertida:
Fere, mata, deſtroe, prende, affugenta
A gente à Luza eſpada jà rendida,
E os bramantes metaes, que recupera,
Contra ella faz jogar com perda fera.

18.

O Baraõ de Molinguen General da Cavallaria, a quẽ o Marquez de Torrecuſa General do exercito o havia encarregado.

Desbaratado em fim o Caſtelhano,
O equeſtre General fomos ſeguindo,
Que temendo da morte urgente o dano
Paſſou o Guadiana, & os Seus fugindo:
O Rey dos aſtros já para o Oceáno
Vinha o brilhante carro conduzindo,
Seis horas numerando aquelle dia,
Que o conflicto cruel durado havia.

19.

D. Joaõ da Coſta General da artelharia, ferido na cabeça.

Mas tu, famoſo Coſta, Marte invito,
Raro Portento de inclitas façanhas,
A quem da Muſa a voz, da Fama o grito
Inda he curto pregão de acções tamanhas!
Se de robins deixaſte o campo eſcrito,
Eſmaltando-o de rúbricas eſtranhas,
Elle para cingirte a fronte cria
A eſquiva planta, a que ama o Pay do dia.

E vòs,

20.

E vòs, Saldanhas tres, que dando as vidas
Dignas por taes acções de immortal gloria,
Vivey eternos, vendo-as renaſcidas
Nos annaes incorruptos da memoria:
E vòs outros, que às Muſas mais ſubidas
Devereis algum tempo a voſſa hiſtoria,
Hoje aceitay da minha o mudo eſpanto,
Que a admiração chegar ſó pode a tanto!

Ayres de Saldanha Meſtre de Campo. João de Saldanha da Gama Capitaõ de Cavallos. Bertholameu de Saldanha Capitaõ de Infantaria.

21.

Depois deſta victoria tão famoſa,
E de varios Lugares ſometidos,
Fazendo o Sol na esfera luminoſa
Quatro vezes tres ſulcos concluidos;
Rendeo a vida á Parca rigoroſa
O grande Rey, deyxando entre gemidos
Orphão do melhor Rey o Luzo Imperio,
Falto do melhor Sol noſſo emiſpherio.

22.

Entra a nova em Caſtella, & fervoroſo
A recebe o Monarcha Caſtelhano,
Entendendo no golpe rigoroſo
Recuperar o Reyno Luſitano:
A cujo effeyto Campo numeroſo
Manda juntar ſoberbo, altivo, & uſano,
Entrando em Badajoz a todo o inſtante
Varias levas de gente militante.

Já

23.

Já do Marcio equilibrio ſe elevava
O claro Author do dia ao ponto ardente,
Illuminando o campo, que adornava
O verde Abril de eſmalte differente:
Abril, que em doze gyros ſe oſtentava
Nos vigores da idade florecente,
Com que Flora em promeſſas de bonanças
Enche a fertil Pomona de eſperanças.

24.

Quando de Badajoz ſobre Olivença
De S. German o Duque conduzindo
Vinha o vaſto tropel da turba immenſa,
Talando valles, montes opprimindo:
Da eſcura polvoreda a nuvem denſa
Remontando-ſe ao ar, ao Ceo ſubindo,
Em tenebroſos vèos, em vagos montes,
Nublava o Sol, turbava os Orizontes.

25.

Chegado á Praça o Exercito potente,
Nos começa a bater com furia irada;
Mas acodindo logo a noſſa gente,
A força lhe rebate denodada:
Não perdoa o Inimigo diligente
A induſtria algũa na milicia uſada,
Que não tente, proſiga, emprenda, & faça,
Circunvalando em gyro a grande Praça.

26.

Para atalhar a furia Caſtelhana
Em tanto à Praça d'Elvas ſem detença
Varia gente de toda a parte mana
Em vaſta multidão, em copia extenſa:
Já congregada a turba Luſitana,
Ao ſoccorro attendendo de Olivença,
Da forte Praça ſahe a gente fera,
A quem de S. Lourenço o Conde impera.

27.

Jà o frondoſo Abril ſe deſpedia,
Quando o guerreyro Exercito marchava,
Que de dez mil Infantes conſiſtia,
E de dous mil Cavallos ſe formava:
Chega a aviſtar a Praça, & de alegria
O duro bronze em ſalvas retumbava,
Tè que bayxando a noyte, a Luza gente
Vigiava a manhaã no claro Oriente.

28.

Inda apenas rayava a luz primeyra,
Quando jogando de hũa, & d'outra parte
A brava artelharia com guerreyra
Furia golpes produz, mortes reparte:
Ouvio o eſtrondo a esfera derradeyra,
Eſtremeceo do mundo a extrema parte,
E aſſuſtado ficou, temendo o dano,
No Atlante o Mouro, em Lybia o Africano.

Tè

29.

Tè que o confuſo horror da noyte eſcura
As tenebroſas ſombras deſpregando
Se entrepoz ao furor da gente dura,
D'aquelle dia os rayos apagando:
Quando do Sol terceyro a luz futura
Seus primeyros fulgores deſatando,
Em fórma militar ſe vio cuberto
D'armas, plumas, Campiões o campo aberto.

30.

Eis de hũa, & d'outra parte os Contendores
Em gyro alterno o campo fatigavão,
Dando ao ar vaga ſelva de eſplendores
Nas eſpadas, que Soes reverberavão:
Ao tropel dos Cavallos corredores
Gemia a terra, os montes abalavão,
E pelos ares, onde os ecos ſoão,
Aſtilhas, ferros, & faiſcas voão.

31.

Mas vendo o mal, que a Hiſpana artelharia
Nos faz, cedendo á rapida violencia
Marchamos ao naſcer do quinto dia,
Da Praça confiando a reſiſtencia:
E para Badajóz tomando a via,
Do riſco deſprezando a contingencia
Reſolvemos tomalla por aſſalto,
Que logo ſe lhe deu com valor alto.

Depois

32.

Depois de dous assaltos vigorosos,
Em que igualmente fomos rechaçados,
Retrocedendo a marcha valerosos
Voltamos a acodir aos Sitiados:
Mas quando á grande Praça fervorosos
Com generoso ardor fomos chegados,
A achamos jà tomada do Inimigo
Resistindo atè o ultimo perigo.

33.

D'alli a Mourão marchando a turba immensa,
Bateria lhe deu tão repentina,
Qual chuveyro, que solta nuvem densa
Contra a pompa de Flora, que arruina:
Mas vendo incontrastavel a defensa,
Hũa mina atacando, & outra mina,
A' que hia contra o Forte dando fogo,
Rapida pelos ares voou logo.

34.

Ao violento furor, & impulso ardente
Do Castello as junturas se apartàrão,
E do muro cahindo hum lanço ingente,
Tremeo a terra, os montes retumbàrão:
E ficando a muralha no ar pendente
As ameas à terra se encurvàrão,
Qual sobre o rio o cavernoso monte
Promette estragos, inclinando a fronte.

Onde

35.

Onde o muro ſe vè mais arruinado
Aſſeſtando o Inimigo a artelharia,
Lhe abre porta, por onde denodado
Todo o poder das hoſtes o enveſtia:
Porèm de dentro a Turba no eſcalado
Muro de ſorte a brécha defendia
Que, oppoſta aos que o furor entrar provoca,
Lhes dá jazigo na arruinada roca.

36.

Os Meninos, & Velhos deſarmados
Entre o femineo ſéxo temeroſos,
Do guerreyro clamor amedrontados,
Os Ceos ferem com gritos laſtimoſos:
Com iſto os Defenſores perturbados
Rendem a Praça aos golpes vigoroſos,
Vendo que o muro em precipicio vago
Reduzia a ſoberba a cinza, & eſtrago.

37.

Era a freſca eſtação, em que florida
Nos campos reverdece a Primavera,
Quando hũa, & outra empreſa concluida
Se vio pelo valor da gente féra:
Mas quando o Sol na méta mais ſubida
Dourava o ſummo grao da quarta esfera,
As armas ſe recolhem Caſtelhanas,
Blaſonando vencer às Luſitanas.

Mas

38.

Mas pouco lhe durou esta vangloria,
Que da nossa Nação o alento activo
Por dar estranho assumpto a eterna historia
Se aprestou para o Outono successivo:
Porèm de que trofeo, triunfo, ou gloria
Não te viste Credor? ò Luzo altivo,
Dize-o tu, brava Hespanha esclarecida,
Mais por nòs que por ti no mundo ouvida.

39.

Mas quando jà Pomona caducava,
Bayxando sempre o Sol à Zona fria,
E o lento Outubro vinte & dous contava,
Fazendo cadavez mais breve o dia;
Vasconcellos regendo a gente brava *Joanne Mendes de Vasconcellos.*
Para Mourão a marcha dirigia,
Onde apenas chegando, em continente
A Praça recupera facilmente.

40.

E como ainda ao generoso peyto
A Praça lhe faltava de Olivença,
Com restaurar Mouraõ não satisfeyto,
Emprende a Badajoz em recompensa:
Já para conseguir tão alto effeyto
Na seguinte estação sem mais detença
Marchavão pelas terras Castelhanas
Em vasta copia as armas Lusitanas.

41.

Qual o rio, que em ondas fugitivas
Tributa ao mar o feudo tranſparente,
Que ſendo hũas às outras ſucceſſivas,
Forma vagante exercito apparente:
Tal pelo campo as hoſtes ſempre altivas
Marchar ſe vem em bellica torrente,
Sendo o tropel dos férvidos Ethontes
Dos orbes confuſaõ, terror dos montes.

42.

Contarte aqui dos noſſos a excellencia,
O generoſo brio, o timbre ufano,
A braveza, o valor, a perſiſtencia,
O raro alento, o esforço ſoberano;
Referirte a lealdade, a reſiſtencia,
Os feytos, as acçoens, o eſtrago, & o dano,
Que obráram no diſcurſo deſta empreza,
Mais que elegancia fora ſingeleza.

43.

Não deixarey com tudo, alta Rainha,
Em ſilencio as acçoens de mayor gloria;
Poſto que em meu louvor naõ me convinha
Por ſuſpeyto narrar taõ alta hiſtoria:
Mas por preceyto teu, & gloria minha
Contarey as mais dignas; que a memoria
A relatar as mais, que a Fama eſcreve,
He limitada a lingoa, o tempo he breve.

Era

44.

Era o dia, em que a Igreja ſoberana
Celebrava de Antonio a ſublimada
Memoria, quando a gente Luſitana
Lá junto a Badajóz era chegada:
Nas ribeyras, que rega o Guadiana,
Se via a Marcia turba dilatada,
Entrada franca dandolhe o terreno
No verde gremio de ſeu campo ameno.

45.

Soberba a grande Praça alli ſe exalta
(Objecto, em que primeyro raya o dia)
A'qual hũa muralha antiga, & alta
Cinge de inexpugnavel pedraria;
Da parte eſquerda o Guadiana a eſmalta
Com a prata, que envolve clara, & fria,
Da dextra o Calamon, & o Rio Caya
Com o Xévora o vè da Luza raya.

46.

Defronte hum Forte exiſte, que o apelido
D'aquelle Santo tem, mais raro Atlante,
Que nos hombros tomando o Deos naſcido,
Vadeou o Jordão d'agoa abundante:
O qual ſe eleva aos ares tão ſubido
Que ſobre os altos montes dominante,
Eminente coloſſo, deſcortina
De ſeu largo paiz toda a Campina.

47.

Não tão ſublime o Libano apparece
Entre os mais obeliſcos levantado,
Como as esferas dominar parece
O Forte, á grande empreſa aſſinalado:
De ſinco baluartes ſe guarnece,
A toda a expugnação fortificado,
De hũa encuberta eſtrada ſoccorrido,
E de hum profundo foſſo defendido.

48.

Aqui chegada a Luſitana gente;
Da Praça Equeſtre turba numeroſa
Formada vem fazendo á noſſa frente
Soberba, ouſada, horrenda, & temeroſa:
Em tanto morde o bruto de impaciente
De ſeu furor a remora luſtroſa,
Parecendo na colera violenta
Que do ardor, que reſpira, ſe alimenta.

49.

Qual ao rouco metal, que lhe inſpirava
Novo furor no eſtrepito incitante,
Sem ſe poder abſter na furia brava,
Ao ar as ferreas mãos alça arrogante:
Qual dos olhos faiſcas ſcintillava,
Qual de eſcuma enche o peyto palpitante,
Qual dobra o collo, qual batendo a planta
Fére a terra, que em pò ao ar levanta.

50.

Eis ſae a campo ouzado Aventureiro,
Que altivo em preſunções nos deſafia,
A quem dos noſſos hum Campiaõ ligeiro
Fez voltar pela já pizada via:
Turba carrega o forte Cavalleiro,
E travados os mais com furia impia,
Os Eſpanhoes fugiraõ pela Ponte,
Bem como o Rio, a que deſpenha o monte.

51.

Ao clamor do metal, que o ar rompia,
Retirado ao quartel o Luzo forte,
Começou a jogar a artelharia
De S. Chriſtovaõ contra o excelſo Forte:
Quando trazendo o Sol o quinto dia,
Em que o fomos batendo deſta ſorte,
De Badajóz o Duque ſae de Oſuna
A atalhar o furor, que o Forte expuna.

52.

Com impulſo feroz, ardor vehemente
Inveſtimos o Hiſpano altivo, & ouzado,
Qual o Nilo voraz, quando rompente
Avança as povoaçoens, que traga irado:
A furia da quadrupede torrente
Suſtenta o Eſpanhol; mas apertado
Da turba, que ſobre elle carregava,
Coſtas lhe dà, fugindo à gente brava.

53.

Cada qual do tropel fugindo impio
D'armas vay a Campanha ſemeando,
Qual ao Touro o Paſtor no ardente Eſtio
Lhe deyxa tudo a vida libertando:
Com os Seus pelo vaõ do ondoſo rio
O Duque a nado as ondas vay cortando,
Animado Bayxel, que em taes extremos
Do peyto quilha faz, dos braços remos.

54.

Qual a Corça dos cães affugentada
A praya buſca, frexa em ligeyreza,
Onde dos galgos vendo-ſe apertada
Vadea as ondas com veloz preſteza:
Ou qual Lobo voráz, que dà manada
Foge acoçado, & atraz deyxando a preza
Por a vida ſalvar da morte urgente
Lhe eſquece a bruta gula, ou ſede ardente.

55.

Tal o Duque na fuga intempeſtiva
O vao ſulcando o Rio penetrava,
Onde eſquecido da arrogancia altiva,
Sò fugir ao perigo procurava:
Seguindo-o na corrente ſucceſſiva
Eſte ſurgia, aquelle mergulhava,
Como entre as ondas, que cos ventos crecem,
Os nadantes Golfinhos apparecem.

Qual

56.

Qual cruza o Rio, & vay buſcando a terra,
Qual ao profundo vao ſe precipita,
Qual ſe ſubmerge, qual nos mais ſe afferra;
Qual bebe o Rio, que outra vez vomita;
Qual blasfemando vay da dura guerra,
Qual chama a hora, em que naſceo, maldita,
Hum culpa a ſorte, o outro accuſa o Fado,
Eſte maldiz o Rey, aquelle o Eſtado.

57.

Voltamos ao quartel, deyxando o Hiſpano
Cheyo o campo de horror, & de ruina,
Quando por derradeyro deſengano
Tomar o Forte em fim ſe determina:
Ah como por hum timbre o ſer humano
A propria morte contra ſi machina!
E na que Deos lhe ordena (como vemos)
Obra por lhe eſcapar tantos extremos!

58.

Trazia o Sol do dia celebrado
A memoravel veſpora feſtiva,
Em que foy o Mayor ao mundo dado,
Que no ventre adorou a Eſſencia altiva:
Quando em nocturnas ſombras rebuçado
Pelo callado horror da noyte eſtiva
O noſſo Campo em rapida cohorte
Rompe a linha, entra a ponte, aſſalta o Forte.

59.

Dos feros brutos o tropel furioſo,
Das roucas Tubas o clangor terrivel,
Do duro bronze o eſtrepito eſtrondoſo,
Da irada gente o impeto inſofrivel;
Atroa a terra com clamor paſmoſo,
Os orbes fere com eſpanto horrivel,
Atemoriza o mar com furia eſtranha,
Enſurdece com gritos a Campanha.

60.

Porèm como a Fortuna contrapeza
Na variavel roda os beneficios,
Pois ſó em ſer mudavel tem firmeza,
Não nos forão ſeus dõs então propicios:
Pois de hũa, & d'outra parte (a noyte aceſa
Com bombas, & ſulfureos artificios)
Em nòs ſe vio, cauſando ao Ceo deſmayos,
Dos Gigantes a acção, de Jove os rayos.

61.

Não tanto ao duro eſtrondo fulminante
Se alterão de Neptuno os fundos mares,
Quando o potente braço de Tonante
Converte os Ceos em fogo, em chuva os ares:
Quanto os noſſos com animo conſtante
Mais ſe enfurecem, vendo que a milhares
Sobre os eſcudos ſeus, ſeus elmos fortes
Chovião rayos, & cahião mortes.

62.

Já nos braços da Aurora o novo dia
Do primeyro çandor o Ceo rayava,
E o ar ſubtil, que as folhas revolvia,
Os nocturnos luzeyros apagava;
O Sol, que os Ceos de rocicler tingia,
Da pyra de Criſtal reſuſcitava,
Phenix, que renaſcendo dos deſmayos
Azas faz do eſplendor, pennas dos rayos.

63.

Quando cedendo à furia Caſtelhana
Retiramos o Exercito guerreyro,
E paſſando os criſtaes do Guadiana
De S. Gabriel ganhamos o Moſteyro.
Agora attende, ò Nynfa ſoberana,
Ao que o meu Campo obrou aventureyro,
Que ſó de recordar tão alta hiſtoria
Se inflamma o peito em fogo, a alma em gloria.

64.

Era a aduſta eſtação do Eſtio ardente,
Em que o brilhante Principe do dia,
Dominando o Leão no globo ingente,
Circulos vinte & dous jà feyto havia;
Quando o noſſo Arrayal ſoberbamente
Em batalhões formado ſe eſtendia,
Com intento buſcando ſublimado
De S. Miguel o Forte aſſinalado.

65.

Em tres bravas Decurias dividida,
A multidão quadrupede marchava,
Entre a qual a pedeſtre repartida,
Em ſoberbas eſquadras ſe formava:
Aſſim a Marcia Pompa deſtemida
Talando o Campo, ao Forte caminhava,
Onde chegando, eſpera em continente
Para o aſſalto final do bronze ardente.

66.

Quando ao duro clamor d'artelharia
De improviſo os ſoldados avançárão,
Perdeo o Sol a cor, turbou-ſe o dia,
Tremeo a terra, os montes abalàrão,
Gelou o Guadiana a enchente fria,
Varias feras as grutas abortàrão,
E as triſtes mãys, que o ſom tremendo ouvirão,
Nos peitos os filhinhos imprimirão.

67.

Apto ſitio à defenſa accommodado
Ligeyra occupa a Luſitana gente,
Qual dece à terra o etherio fogo irado,
Ou ſe deſpenha ao mar brava a torrente:
O Inimigo, que eſtava deſcuydado,
Percebe dos metaes o eſtrondo ardente,
Com ſubito clamor toca arma o Forte,
Da Praça ſahe a bellica cohorte.

O guer-

68.

O guerreiro tumulto a nòs opposto
Precipitado vem, furioso parte;
E em vão ganhar nos determina o posto
Sem força lhe valer, industria, ou arte:
Pois fazendo-lhe nòs à furia rosto,
Cada qual parecendo hum novo Marte,
Quaes penhascos, o sitio sustentamos,
Em quanto os outros batalhões formamos.

69.

Em tanto a hũ terço, que veloz marchava
A soccorrer o Forte, ousado, & ardente,
Hum nosso batalhão com furia brava
Avança, & desbarata juntamente:
D'oytocentos soldados, que contava,
Hum só lhe não ficou, que a Luza gente
Não rendesse, ferisse, & aprisionasse,
E por terra em pedaços não postrasse.

70.

Já de hũa, & d'outra parte os Contendores
Com cega confusaõ se atropellavão,
Onde aos golpes dos ferros cortadores
Em faiscas os ares se ateavão:
Nos tiros, no tropel, & nos clamores
Toava o centro, os orbes retumbavão,
Entre nuvẽs de fumo erguendo a terra
Vagos montes de pò, que a turba encerra.

O con-

71.

O concavo metal com furia eſtranha
Globos aborta em bronze concebidos,
Cujo ardente furor cobre a Campanha,
Quaes paveas, de mortos, & feridos:
Conta o conflito em ecos a montanha,
Nas cavas grutas dobrão-ſe os gemidos,
O fumo turba o ar, & a ſombra impura
Converte o claro dia em noyte eſcura.

72.

Acende-ſe a batalha ſanguinoſa
Diſcorrendo o furor por toda a parte,
Tendo ainda neutral, & duvidoſa
No equilibrio a vitoria o fero Marte:
Mas por chegar à meta mais glorioſa
Quem braços tronca, quem cabeças parte,
Eſtas pela Campanha vão ſaltando,
Aquelles pelos ares vão voando.

73.

As ballas, que corrião ſibilantes,
Eſtrago fazem tal nos que encontravão,
Que tirandolhe a vida fulminantes
Ainda a humana fórma lhes tiravão:
Onde a cortados troncos ſemelhantes,
Com laſtimoſo horror ſe diviſavão
Entre humanas reliquias miſturados
Broncos pedaços de animaes troncados.

Os

74.

Os brutos cos cadaveres pendentes,
Huns a larga Campanha discorrião,
Outros com mil corcovos de impacientes
Da sella os meyos corpos despedião:
Nestes, & noutros lances differentes
Todos varia fortuna alli corriaõ
Aos furores da Praça, que jogava
Cincoenta peças com violencia brava.

75.

Quando à excelsa muralha a turba immensa
Escadas arrimando, a darlhe assalto
Tão veloz acomete a altura extensa
Que a sobe, ao parecer, quasi d'hum salto;
Porèm os Defensores nuvem densa
De pedras arrojando do mais alto,
A' terra fazem vir em continente
Escadas, & soldados juntamente.

76.

O assalto se renova, & os Escolhidos,
Que a succeder aos taes se destinárão,
Nos concavos reparos escondidos
De improviso as escadas occupàrão:
Quando da mesma sorte rebatidos
Hũs traz d'outros ao chão se despenhárão,
Quaes pomos, que da planta o vento vago
Sacode à terra com diffuso estrago.

Do

77.

Do excelſo muro em rapida torrente,
Traves, & pedras ſobre nòs chovião,
Fervida cal, licor, betume ardente,
Enxofres, que do Inferno pareciaõ:
Mas ſoportando impulſo tão vehemente,
Os guerreyros ſoldados pertendiaõ,
Pegados nas ameas do alto muro,
Deſpedaçallo ás mãos com vigor duro.

78.

Mas vendo da muralha a reſiſtencia
Ser ao combate igual, ſe determina
Que do fogo voraz a atroz vehemencia
A ſoverta no abyſmo da ruina:
E dando à execução a diligencia
(Dura ley da moderna diſciplina)
Lhe abrimos larga mina finalmente,
Que atacamos de pò ſulphureo ardente.

79.

O Forte ſe rendeo attento ao dano,
Que infallivel temeo no pò violento,
Entregando-ſe ao braço Luſitano,
Coſtumado a vencer o Hiſpano alento:
Era jà quando o Sol lá no Oceáno
Buſcava o criſtalino monumento,
Ficando ſó por gloria aos Defenſores
Tres horas reſiſtir aos Vencedores.

Aſſim

80.

Aſſim ſe pelejou, tè que bayxando
A noyte, affugentou a luz do dia,
De negra ſombra os ares enlutando,
Com que o eſtrago do Campo ſe encobria:
Em tanto hum ſom confuſo, & miſerando
De doloroſos ays ſe percebia,
Taõ ſentido, que quando ſe eſcutava
Os corações mais duros laſtimava.

81.

Tè que da Aurora a dubia claridade
Da eſcura noyte as ſombras extinguindo,
Do Campo a laſtimoſa mortandade
Foy pouco a pouco aos olhos deſcobrindo:
Extincta jà de todo a obſcuridade,
Quando a viſta os objectos diſtinguindo,
De mortos admirou funeſtamente
Cuberto o campo, & deſtruida a gente.

82.

Soltas cabeças, pallidos ſemblantes,
Troncadas pernas, braços divididos,
Tremulas mãos, entranhas palpitantes,
Olhos avulſos, roſtros denegridos;
No mar do proprio ſangue fluctuantes
Nadavão pelo campo confundidos,
Sem no horror ſe lhe ver deſta mudança
Do que forão ſinal, nem ſemelhança.

Pois

83.

Pois o pò com o ſangue, que afeava
Dos Mancebos gentis os roſtros bellos,
De horror tanto os cobrio que lhe moſtrava
Negras as faces, hirtos os cabellos:
Moſtra o que para o Ceo voltando eſtava
A bocca immunda, os dentes amarellos,
E o que jaz para o chão, como rayvando,
Mordia a terra as ervas arrancando.

84.

A quem, ſenão a ti, ſe deve o luſtre,
O' valeroſo Herôe, deſta vitoria,
Raro Andre de Albuquerque, ſempre illuſtre,
De Caſtella terror, de Lycia gloria?
Por mais claras acções, que o Lethes fruſtre,
As tuas là no Templo da memoria
Farão a tua gloria ſempiterna
Em quanto arder do Sol a chama eterna.

85.

Antonio da Frãca Capitaõ de Infantaria. Franciſco Sodré Pereyra Capitam de Cavallos. Alvaro de Miranda Henriques Capitaõ de Cavallos.

Tu Franca, tu Sodrè, que o heroico alento
Déſtes à morte, à Fama dando a vida,
Eſta com vozes mil com lingoas cento
A gloria vos decante merecida:
E tu grande Miranda, alto Portento
Da patria por ti mais eſclarecida,
Vive immortal por eſſa invicta eſpada,
Mais que a do meſmo Alcides affamada.

Tu

86.

Tu Sol de Cadaval, que rubricaste
A terra de teu sangue illustre, & altivo,
Colhe a triunfante rama, que ganhaste
Nessa, que foy de Phebo emprego esquivo:
Cinge-a, ò Mello tambem, pois que esmaltaste
O peyto manancial de nacar vivo,
O peyto, em que inundante se repete
Hum Nilo de robins com boccas sete.

O Duque de Cadaval.

Dinis de Mello.

87.

Tu Correa, tu Moura, Payva, & Mello,
Tu Sousa, cujo sangue valeroso
Inundou, do valor sendo modello,
Os cercos do teatro bellicoso:
Nas sempiternas rubricas do prello
Se lerá vosso nome generoso,
E a vòs se vòs reserva Musa estranha,
O' Conde, ò Sousa, ò Costa, ò tu Saldanha.

Francisco Correa da Sylva. Francisco Correa de Moura. Manoel de Payva Soares. Jorge de Mello Capitães de Cavallo. Jorge de Sousa Capitaõ de Infantaria. O Conde Camareiro Mòr Ayres de Sousa. Roque da Costa Barreto. Luis de Saldanha de Albuquerque.

88.

Quando do alado Monstro a voz corria,
Que eleyto General D. Luis d'Aro
Exercito potente conduzia
A dar a Badajoz soccorro, & amparo:
Em tanto o Lusitano, que previa
Correr perigo o Exercito preclaro,
Pois entre enfermos, mortos, & feridos,
Se achavão doze mil diminuidos.

89.

O ſitio levantou, que perſiſtente
Eſteve em quanto cento & vinte gyros
O grande Luminar reſplandecente
Deu pelos vaſtos orbes de zafiros;
Quatro vezes havendo do Occidente
Feyto a caſta Diana os ſeus retiros,
E outras tantas no ethereo globo armado
O arco erıante de criſtal formado.

90.

A Elvas recolhida a turba extenſa,
Na Praça cada vez mais ſe ateava
O fero mal, a pallida doença,
Que nas vidas humanas ſe cevava:
Qual por arido campo, ou ſelva denſa
Excitada do vento a chama brava
Vay com gula voraz, com ſede ardente,
Bebendo o ar, tragando a mata ingente.

91.

Tanto que no limite de hum ſó dia
A's vigoroſas mãos do mal violento
Com aſpecto cruel a Parca impia
Alentos devorou tres vezes cento:
Tè que por não haver na terra fria
Já para tantos corpos monumento,
As féras daõ (que horror!) com fome dura
No ventre aos Mortos viva ſepultura.

92.

Em tanto o Aro os campos inundava,
Quatorze mil Infantes conduzindo,
E cinco mil Equeſtres, gente brava,
A Badajóz a marcha dirigindo:
Paſſando o Gaya, o Campo aquartelava
Sobre Elvas, conquiſtala preſumindo,
Por ver a confuſaõ, que a Praça enlea,
De tudo falta, ſó de Enfermos chea.

93.

Neſte tão grande aperto a campo armado
Sae de Eſtremoz o Inclito Menezes,
Conde de Cantanhede ſublimado,
Pela Fama acclamado tantas vezes:
D'aquelles Scipiões acompanhado,
Luzos Aquilles, Martes Portuguezes,
Cujo eſtranho valor, & invicta eſpada
Sempre ha de ſer no mundo venerada.

94.

Memoria, que es dos tempos inimiga
Tanto a pezar do infame eſquecimento,
Lembrame as cauſas tu, para que diga
A fórma do Mavorcio ajuntamento:
Porque á vindoura idade a idade antiga
Conte, lembrando ao ſeculo avarento,
Quaes forão os Baſtões da gente brava,
Em que o Marcio governo ſe librava.

95.

Com grato ardor, com férvido ſemblante
O famoſo Albuquerque ſe oſtentava
General do tropel quadrupedante,
Dos brutos governando a copia brava:
Meſtre de Campo General conſtante
D. Rodrigo de Caſtro as ordẽs dava,
Conde de Meſquitella eſclarecido,
Dos bravos Heſpanhoes ſempre temido.

96.

Dando plumas ao ar, rayos ao dia,
Os bronzes de Vulcano ſenhorea
Affonſo, General da artelharia,
Que Furtado, & Mendoça ſe nomea:
Diniz de Mello a gente conduzia,
Que a Tranſtagana Ceres liſongea,
Cujo tropel turbando os orizontes
Fez os rios parar, tremer os montes.

97.

Achim Tamaricurt, Cabo Eſtrangeiro,
De deſtreza, valor, & esforço armado
Rege igualmente o férvido, & ligeyro
Povo a continuas guerras coſtumado:
Manoel Freyre & Andrada, alto guerreiro,
Com Gil-Vas Lobo, Alcides affamado,
Os incultos Equeſtres conduzia,
Que entre ſerras alverga a Beyra fria.

98.

Do maritimo Algarve a gente aduſta
De Pedro de Lalanda as leys guardava,
Gente, a que o meſmo clima faz robuſta
Lá nas áridas coſtas, que o mar lava:
Joaõ da Sylva, Herôe, que á Marte aſſuſta, *Joaõ da Sylva de Souſa. Joaẽ de Vanicheli.*
A quem Vanicheli acompanhava,
Commiſſarios os Dous, altos guerreyros,
Tres mil região bravos Cavalleyros.

99.

Em terços dezaſeis ſe dividia
O pedeſtre tumulto militante,
Que de oyto mil o numero fazia,
Gente docil, leal, da patria amante:
Pedro de Mello hum deſtes conduzia,
Homẽs todos de eſpirito arrogante;
D. Manoel Henriques outro impera
De valentes Varões, de gente fera.

100.

O famoſo Galvão com modo altivo *Antoniõ Galvaõ. Fernando de Meſquita Pimentel. Bertholameu de Azevedo Coutinho. Gaſpar de Caſtro Barboſa.*
Do terceyro regia a turba ingente,
A quem Fernando ſegue ſucceſſivo,
Dominando a mais forte, & deſtra gente:
Guia o quinto Azevedo, rayo activo,
Do peyto reſpirando fogo ardente,
O Caſtro a marcha atraz continuando,
D'altos Scipiões conduz eſpeſſo bando.

Luis de Sousa de Menezes. Luis de Mesquita Pimentel. Alvaro de Azevedo Barreto. Antonio de Sà Pereyra. Gregorio de Castro de Moraes. Afonso de Barros Trovaõ Tenente do Mestre de Campo General que governava o terço q̄ era de Manoel Velho que havia falecido em Estremoz. Luis Barroso Sembrano Capitaõ Mòr, que governava o terço de Mertola. Balthesar de Sà Sotto Mayor Sargento

101.

Varia plumajem tremolando ao vento,
Reverberando Soes do peyto de asso,
Seguido de bizarro ajuntamento,
Cobre o Sousa do campo largo espasso:
Inspirando nos Seus o proprio alento
Com elles Pimentel lhe segue o passo,
A quem Barreto logo succedia
Com hum terço, que a todos excedia.

102.

Em continente o inclito Pereyra
D'armas outro tumulto ministrava,
A quem Moraes com pompa lisongeyra
Seguia o gyro, os passos repizava;
O Barros d'alta condição guerreyra
O duodecimo terço governava,
Ao qual Sembrano, & o Sá, Herôes famosos,
Atraz os Seus uniaõ valerosos.

103.

O famoso Leytão com brio ardente
O penultimo bando conduzia,
A quem o Dorta segue em continente,
Que o bellico apparato concluhia:
Dos Mestres Generaes era Tenente
Figueyredo, portento em valentia,
A quem no mesmo posto, esforço, & affeto,
Compete o graõ Lobato, & o grão Barreto.

Mas

104.

Mas ſobre a multidão mais reſplandece
O valeroſo Conde eſclarecido,
Cujo collo entre a turba lhe apparece,
De longe facilmente conhecido:
O peyto de aſſo fino fortalece,
D'alvas plumas o elmo guarnecido,
Doma hum bruto, que em brancos accidentes,
Qual Ethna, occulta eſpiritos ardentes.

105.

Alli de bronzes ſete a artelharia
Com toda a prevenção, todo o inſtrumento,
Entre a guerreyra multidão ſe via,
Pondo imagens de horror ao penſamento:
Na retaguarda em fim ſe deſcobria
De vultos hum confuſo ajuntamento,
Bagagẽs, munições, & gado immenſo,
Cobrindo toda a pompa o campo extenſo.

Mòr que governava o de Moura. Manoel Nunes Leytaõ Sargento Mòr que governava o terço do Conde da Torre. Manoel da Sylva Dorta Sargento Mòr que governava o terço de Franciſco Pacheco Maſcarenhas. Diogo Gomes de Figueyredo. Manoel Lobato Pinto. Accenſo Alvares Barreto.

CANTO X.

ARGUMENTO.

DA-SE batalha, & Elvas se soccorre,
Ficando o Castelhano derrotado,
Onde o Albuquerque illustremente morre,
Sendo de todo o Exercito chorado:
Da turba, que à funerea acçaõ concorre,
A' sepultura foy acompanhado,
E dà fim, relatando esta vitoria,
O Embayxador facundo à alta historia.

1.

DOurava infante o Sol o claro Oriente,
Quando marchando o Campo se estendia,
Dando na Marcia pompa refulgente
Resplendores ao Sol, rayos ao dia:
D'armas, brutos, metaes, & varia gente,
O monte, o valle, & o campo se cobria,
Nuvẽs de pò aos ares levantando
Dos brutos o tropel, da gente o bando.

2.

Ao grande ardor, à marcha accelerada
Serra aſpera não ha, corrente groſſa,
Oppoſto muro, ou brenha emmaranhada,
Que ſerlhe ao paſſo impedimento poſſa:
Mais facil ſendo abſter do Tejo a irada
Furia, quando ſoberbo o fluxo engroſſa,
Ou do Nilo o furor, quando inundante
Engole o mar, que ſe lhe oppoem diante.

3.

Aſſim marchava a Turba, & no Occidente
Já agonizando o Rayo luminoſo,
Chegava o grande Exercito potente
De Alcaraviſa aos campos fervoroſo:
Alli ſe foy juntando à forte gente
De Equeſtres, & de Infantes numeroſo
Concurſo, que aquartela, & que reſenha
Villa-Viçoſa, Borba, & Jurumenha.

4.

Manda na luz ſeguinte a gente dura
Campo-Mayor, Arronches, & Monforte,
De grande corpo, brava catadura,
Para engroſſar a bellica cohorte:
Tè que no Sol terceyro á grande altura,
Que eminente deſcobre a Praça forte,
Chegamos, onde o Exercito contrario
Vimos de eſpeſſa turba, & vulgo vario.

Delles

5.

Delles o noſſo Exercito aviſtado,
Foy com bellico applauſo recebido;
Atroando hum, & outro Campo armado
Os altos Ceos com aſpero alarido:
Vagão pelo contorno dilatado
Os roucos ecos do tambor ferido,
Fórma a tuba cadencias militares,
Não cabe o eſtrondo nas regiões dos ares.

6.

Qual a eſquadrão de Lenhos navegantes,
Contraſtando o furor do vento irado,
Por dubio mar, & ignoto clima errantes
Longe apparece o porto deſejado;
Que em altas vozes, ſalvas retumbantes
Delles alegremente he feſtejado,
Tal de hũa, & de outra parte recebido
O Campo foy com bellico ruido.

7.

Formidavel a Praça dominava
Do largo Campo o fauſto bellicoſo,
Que formado no plaino ſe eſprayava,
Qual no Inverno o Danubio caudaloſo:
No baixo, & alto a viſta diviſava
Armas, cavallos, povo numeroſo,
Viaõ-ſe os Eſquadrões nos orizontes
Cobrindo ſerras, occupando montes.

Apenas,

8.

Apenas, pois, aqui ſendo chegados,
Por bocas de metal, lingoas de fogo
Demos ſulphureo aviſo aos Sitiados,
Ao qual nos reſpondeo a Praça logo:
Neſte alvoroço os miſeros ſoldados,
De improviſo tomando deſafogo,
No agradavel clamor d'artelharia
Alento cobrão, ſaltão de alegria.

9.

Não tão grato ſe faz no ſeco Eſtio
Fero trovão, que chuva pronoſtica,
Quando ao duro calor de Julho impio
Boccas abrindo a terra a ſede explica:
Nem tão ſonoro às Adẽs ſobre o rio
Soa o brando rumor da copia rica,
Como agradavel foy á afflicta gente
O feſtivo clamor do bronze ardente.

10.

Nem tanto o jà mortal Febricitante
No licor, que os incendios lhe modera,
Recebendo vigor, no meſmo inſtante
Os perdidos alentos recupera;
Quanto a cercada gente ao militante
Auxilio, em que o remedio conſidera,
Das paſſadas moleſtias jà eſquecida
Novos alentos cobra, & nova vida.

Já

11.

Já a noyte as lentas ſombras deſatava,
D'eſtranhas confuſoẽs cobrindo o mundo;
E o Paſtor do trabalho deſcançava,
Jazendo no ſilencio mais profundo:
Muda no ninho a ave repouſava,
Dormia o peyxe là no pego fundo,
Emmudecia o Ceo, calava o vento,
Tudo eſtava em profundo eſquecimento.

12.

Sò de hũa, & d'outra parte a Marcia gente
Do ſono o natural ſocego ignora,
Deſejando já ver no claro Oriente
A matutina luz da nova Aurora:
Nunca a dia feſtivo o Aſtro ardente
Pareceo tão remiſſo na demora,
Como o ſeguinte Sol no longo eſpaſſo
Da noyte, ao parecer, deteve o paſſo.

13.

Mas em quanto da noyte o eſcuro alento
Eſtorvo foy ao dia deſejado,
Alterno o ſom do bellico inſtrumento
Sobornava a eſperança ao Campo armado:
Tudo era eſtrondo, tudo movimento,
Ruido, confuſaõ, clamor, cuydado,
Que o ſocego da noyte perturbava
Na gente, que à batalha ſe apreſtava.

Em

14.

Em quebradas cadencias repetia
Guerra, guerra a trombera Lusitana,
Soa o tambor, que os ares confundia,
Responde al arma, al arma a tuba Hispana:
Em toda a noyte a bellica armonia
D'ecos encheo a terra Transtagana,
Celebrando-se de hũa, & d'outra parte
A Belona festins, cultos a Marte.

15.

Em tanto á vista exposto o pão Divino,
Entre obsequios Christãos, ritos devotos
Hũs obrigão com dõs a Deos benino,
Outros à Mãy protestão puros votos:
Qual visitar promette peregrino
As Imagẽs, & os Templos mais remotos,
Qual contricto, lavando em pranto o vicio,
A emenda a Deos promette em sacrificio.

16.

Entre o femineo séxo a froxa a idade
Dos velhos, & meninos temerosos,
Invocando a suprema Potestade,
Pedem benigno amparo aos Ceos piedosos:
Assim da noyte a densa obscuridade
Se passou, tè que já nos luminosos
Campos a Estrella d'alva apparecia,
Precursora gentil do melhor dia.

17.

Já entre as dubias ſombras reſolvendo
Em aljofar celeſte a nevoa eſcura
Rayava o Sol, de perolas enchendo
Do alegre campo á flórida cultura:
Quando por entre o Ceo reſplandecendo
Se via a bella Aurora branca, & pura,
De carmezins toldando o claro Oriente
Ao Sol, que vinha ver á Marcia gente.

18.

Quando o grande apparato bellicoſo
Se via na paleſtra aſſinalada,
Cobrindo o campo com horror viſtoſo
A vaſta multidão de gente armada:
D'armas hum boſque denſo, & luminoſo
Subìa ao ár da turba debellada,
Onde os metaes, que rayos ſcintillavão,
Mais por Soes que por armas ſe julgavão.

19.

Soltando o alento em numeros canoros,
Por labios de metal com rithmo vario
Reſpira a tuba canticos ſonoros,
A que reſponde o Exercito contrario:
A idade juvenil formada em còros
Muda de cor ao canto temerario
Dos guerreyros clarins, cuja armonia,
Se a cor lhe turba, os peytos lhe acendia.

De

20.

De impacientes nas bellicas fileyras
Os ferozes cavallos se alteravão
Aos repetidos ecos das guerreiras
Tubas, que n'alma a furia lhe incitavão:
Quaes scintillando rayos das testeyras,
Dobrando o collo os freyos mastigavaõ,
Quaes mostravão, raspando a terra dura,
Irada a vista, horrenda a catadura.

21.

Quando apenas o Astro luminoso
Vio do teatro os bellicos ensayos,
Frio, absorto, assustado, & temeroso
Turbou as luzes, suspendeo os rayos:
E erguendo-se hum vapor caliginoso,
Que deu lutos ao Ceo, ao Sol desmayos,
Na densa cerração da nevoa fria
Do ar fogia no mesmo instante o dia.

22.

Logo a explorar o Luzo ajuntamento
D. Joaõ Pacheco para nòs caminha
Com quatro batalhões, aonde attento
Julga que a nevoa a marcha nos sostinha:
Fiado neste incauto pensamento
Foy cada qual desemparando a linha,
A seus quarteis os Terços recolhidos,
Os fortins só ficando guarnecidos.

D. Joaõ Pacheco Tenente General da Cavallaria Castelhana.

Quan-

23.

Quando o Sol com esplendido semblante
Mais bello despertando do desmayo
A madeyxa desata rutilante;
Hum dia produzindo em cada rayo:
Extincta a nevoeyra ao mesmo instante,
Os Luzos se dispoem ao fero ensayo,
Pelo vento as bandeyras se derramão,
Soaõ tambores, & trombetas bramão.

24.

Já nove horas o Sol contava ao dia,
Ao dia na memoria eternizado,
Quando pela campanha se estendia
Debayxo dos pendões o Campo armado:
O General, que à parte attento via
Em esquadrões o exercito formado,
Ligeiramente o Campo rodeando,
As Militares ordẽs lhe foy dando,

25.

Assim marchando o Exercito Potente,
Os brutos dando à terra as plantas duras,
Das testeyras soltando hum golfo ardente,
Vibravão Soes das lizas ferraduras:
Das cayxas, & clarins o som vehemente
Penetrando cavernas, & espessuras
Leva ao Campo contrario escasso aviso,
Que ao succinto rumor fica indeciso.

Mas

26.

Mas dos brutos o estrepito, & nitridos
Com as vozes dos Marcios instrumentos
Pouco a pouco no assedio percebidos
Soaõ pelas regiões dos vagos ventos:
Os quaes distinctamente sendo ouvidos
Dentro dos Hespanhoes alojamentos,
As Sentinellas, que os quarteis habitaõ,
Com fero alento a rouca tuba incitaõ.

27.

Neste subito aperto inopinado
A guarnecer as linhas o Inimigo
Corre confusamente arrebatado,
Pendente sobre si vendo o perigo:
Qual ás armas se lança, qual no alado
Bruto ou resiste, ou busca á morte abrigo,
Ouvindo-se entre estrepitos ferozes
Medonha confusaõ de varias vozes.

28.

Correndo os Cabos vem mais importantes
Seguidos de tumulto numeroso,
A despenhados rios semelhantes
Buscando o mar, que se lhe oppoem furioso:
Juntos os Cavalleyros, & os Infantes,
Nos faz rostro o Inimigo bellicoso,
Formando-se sem fundo em huma frente
O Exercito Hespanhol contra o rompente.

29.

Nas eſpaldas, porèm, ſe encorporava
Multidaõ de oytocentos, que regia
De Oſuna o Duque, & em frente ao muro eſtava
Outro, que o meſmo numero fazia;
Aquelle a rebater a furia brava,
Que enveſtir as trincheyras poderia;
Eſte por ſegurar áquelle os lados
A's ſortidas ſe oppoem dos Sitiados.

30.

Em tanto o noſſo General Prudente
De fileyra em fileyra diſcorrendo
Andava perfilando a Marcia gente,
Examinando tudo, & tudo vendo;
E parando onde a turba diligente
Melhor podia ouvillo, (a inſignia erguendo)
Deſata ém alta voz (grato o ſemblante)
Do ſabio peito a pratica elegante.

31.

Bravos Scipiões, Mavortes Luſitanos,
Que em defenſa da patria generoſos
Tendes com raros feytos mais que humanos
Os Martes excedido fabuloſos:
Tanto que ſometido em poucos annos
Os Lugares haveis mais populoſos,
E nas Praças vencidas, & domadas
Do voſſo Rey as Quinas levantadas.

32.

Nenhum de nòs expoz à guerra impia
Por vaõ rumor da Fama a dextra armada,
Nem por querer a alhea Monarchia,
Que isso era gloria indigna á nossa espada:
O virtuoso fim, que aqui nos guia,
Sò foy o defender a Patria amada;
Vede, pois, se em tão justo fundamento
Devemos ter por certo o vencimento.

33.

Como espero de vòs, meus Companheyros,
Creyo que o dia o Ceo vos tem presente,
Em que de vossas obras pregoeyros
Seraõ as queyxas da Inimiga gente:
Mas se de vossos Pays, & Avòs primeyros
Vos lembraõ as acções, & esforço ardente,
Que seguro mayor que esta memoria
Para julgarmos jà nossa a victoria?

34.

Os vossos recorday Progenitores,
E vede que estes saõ os Inimigos,
De quem por tantas vezes vencedores
Foraõ nossos Avòs, nossos antigos:
Consideray que as palmas, & os louvores
Se medem pela altura dos perigos;
Pois quanto os fins saõ mais difficultosos,
Tanto mais os triunfos saõ gloriosos.

35.

Se bem que aqui perigo temerario
Naõ ſe deſcobre à humana intelligencia,
Que o tumulto, que olhais, de vulgo vario
Foy conduzido ás armas com violencia:
E ſe foy conſtrangido, ou voluntario,
O podeis inferir pela experiencia
Naõ menos de tres mil, que a nòs fugidos
Foraõ, ſinal de ſerem conſtrangidos.

36.

Aſſim que o numeroſo ajuntamento,
Que eſte campo circunda dilatado,
Faz temor na apparencia ao penſamento,
Mas tudo he ſombra bem conſiderado:
Que importa a multidaõ? ſe o movimento
He ſem fórma, confuſo, & perturbado,
Cauſa, porque eſſa turba mal regida
Da propria confuſaõ ſerá vencida.

37.

De mais que a mayor parte he coſtumada
A delicias, & empregos deleytoſos,
Que vem mais da vaidade provocada,
Que do valor aos actos bellicoſos;
A outra ao exercicio agreſte dada,
Nunca empunhou os ferros generoſos;
Em fim gente de acções de Marte indina
Sem arte, ſem vigor, nem diſciplina.

A elles,

38.

A elles, pois, ò Filhos, que em perigos
Vos viſtes tantas vezes já mayores,
A elles, que eſtes ſaõ os Inimigos,
De quem ſois por coſtume vencedores:
A's armas Luzos, á batalha Amigos,
Rayos os taes vos julguem nos furores,
Os quaes jà deſſe voſſo braço irado
Tantas vezes os golpes tem provado.

39.

Ea, pois, arma, arma, ò Luzo alento,
Que de voſſas mãos pende eſta vitoria.
Aſſim diſſe, inflammando o penſamento
De todos, a quem foy a voz notoria:
Já ſente cada qual novo ardimento
Pelas veas ferver, que interna gloria
No peito lhe introduz, n'alma lhe excita,
A cuja voz a gente arma arma grita.

40.

Qual a voz no alto monte levantada,
Que na mudez da ſoledade ouvida,
Nas cavernas das penhas duplicada,
Sahe em dobrados ecos repetida:
Tal de Hum ſómente a voz articulada,
De todos elles foy correſpondida;
Pois apenas dizendo arma arma o Conde,
Arma arma logo a Turba lhe reſponde.

41.

Absterse o Arrayal jà não podendo
No furor, que nos olhos lhe arde, & abunda,
E moderallo o General querendo,
Mais lhe excitava a chama furibunda:
Qual fervente licor, que escuma erguendo
Sobre as orlas do vaso, altivo inunda;
Tal o Conde assim já notando a gente,
Arma manda tocar em continente.

42.

Deu sinal o clarim quebrando o alento
No sonoro metal, que rompe os ares,
Cujos ecos fizeraõ sobre o vento
Estremecer os Ceos, erguer os mares;
O monte respondeo por boccas cento,
Alteraõ-se as Decurias Militares,
Mudaõ todos de cor, & o Sol turbado
De novo a luz perdeo como enfiado.

43.

Quando as hostes o impulso desatando,
O vallo avanção, que o Inimigo encerra,
Quaes com faxina o fosso vaõ cegando,
Quaes com petrechos vaõ abrindo a terra,
Quaes dentro das trincheyras vaõ saltando,
Quaes, como rios, baxaõ d'alta serra;
Acodem logo os terços da vanguarda
Carregando o Espanhol, que o encontro aguarda.

Qual

44.

Qual o terreo vapor, quando violento
Do centro ſae com furia repentina,
Que do mundo abalando o fundamento,
Cidades, & inda Imperios arruina:
Ou do Nilo o furor, cujo incremento
(Bravo terror da esfera Neptunina)
Cubrindo os campos, que inundante alaga,
Lugares, Villas, & Cidades traga.

45.

Tres vezes reſiſtindo à Infantaria
Por entre fumos, ballas, & clamores,
Chegando fomos, qual em montaria
Formaõ cordaõ no campo os Caçadores:
Quando montando o vallo com porfia,
Paſſando á eſpada os bravos Defenſores,
O rompemos, & entramos com tal furia
Que dalla à voz da empreza fora injuria.

46.

Dinis de Mello entrou, qual rayo aduſto
Lá da gravida nuvem deſpedido,
Que fulminando o alamo robuſto,
De clamor deixa o campo enſurdecido:
Achim Tamaricurt dos montes ſuſto,
Manoel Freyre, rayo enfurecido,
Gil-Vas Lobo a campanha atropellando
Braços, pernas, cabeças vaõ troncando.

47.

Aſſim o vallo os noſſos cometendo
D. Joaõ Quintanal Commiſſario Gèral da Cavallaria Caſtelhana. Como Leões entràraõ na trincheyra;
D. Joaõ Quintanal a furia vendo
Da ſerra bayxa com veloz carreyra:
Mas D. Joaõ da Sylva, enveja ſendo
De Marte, avança a multidaõ guerreyra,
Qual torrente dos montes deſatado,
Que com rapido eſtrondo inveſte o prado.

48.

Começa-ſe a travar com furia immenſa,
Brotando fogo, o horrifico combate;
De fumo ſe levanta nuvem denſa;
Treme a terra ao tropel, que o campo bate:
A Campanha de eſpadas ſe condenſa,
Repete o monte em ecos o rebate,
De clara a esfera ſe tornou ſombria,
Eſcureceo-ſe o Sol, turbou-ſe o dia.

49.

Deſpedação-ſe as armas, & as eſpadas
Abortando faiſcas das entranhas
As esferas povoão dilatadas
De ardentes ſerpes, viboras eſtranhas:
Abrem rios de ſangue as cutiladas,
Dentes de Cadmo brotão as montanhas,
Horriſona a trombeta intima guerra,
Exhala ao Ceo relampagos a terra.

Ber-

50.

Bertolo de Azevedo parecia
Qual Tigre comettendo a copia brava,
Quando Antonio Galvão por outra via,
Qual ſegador, ao chão tudo arrazava:
Galvão, que em roxas rúbricas tingia
O peyto, que de ſangue ſe banhava,
Correndo ſorte igual bravo o Azevedo,
Que inda ferido mete á morte medo.

51.

Por outra parte corre ſem tardança,
Exemplo de ſi dando furibundo,
D. Joaõ da Sylva, cuja atroz pujança
Fez o Tejo parar, tremer o mundo:
Pois o braço, onde tem toda a eſperança,
O braço em valentia ſem ſegundo,
Pareceo deſta vez no esforço irado
Nas fragoas de Vulcano fabricado.

52.

Da Torre o excelſo Conde eſclarecido,
Cuja eſpada nos elmos fogo eſcreve,
Do eſmalte de ſeu ſangue guarnecido,
Do bruto cae, que alli a morte teve:
Mas com furia mayor da terra erguido
Noutro ginete monta prompto, & leve;
Inveſtindo os Campiões, que vè defronte,
Qual onda a rocha, qual coriſco ao monte.

53.

Em contraria fortuna Aventureyro
Fernando da Sylveyra a eſpada eſgrime,
Parecendo no Hypogripho ligeyro
Hum rayo, que outro rayo doma, & opprime:
Mas, ò famoſo Herôe, alto guerreyro,
Dos Anibaes exemplo mais ſublime,
Se a vida te roubou a morte avara,
Hoje a da fama logras mais preclara.

54.

Fogem os Heſpanhoes, & o Luzo experto
Seguindo vencedor aos fugitivos,
Hũs ſaltão da trincheyra ao campo aberto,
Outros a ſerra medem ſucceſſivos:
Mas perſeguindo-os nòs em tanto aperto,
Homẽs não ſendo, não, mas rayos vivos,
Acclamando a vitoria em gyro vago,
Tudo enchemos de horror, aſſombro, & eſtrago.

55.

Acodelhe hum tropel de turba extenſa,
Que outra vez a formar os força, & obriga,
Onde ſegunda vez com furia immenſa
Se renovou a bellica fadiga:
Mas cahindo de golpes copia denſa
Sobre a timida jà turba inimiga,
Dos noſſos o furor não ſuſtentando,
Por toda a parte o campo vão deyxando.

Bra-

56.

Bravo Dinis de Mello, a quem ſeguia
De ferozes Campiões torrente brava,
Inveſte com intrepida ouzadia
Com a gente, que o Oſuna governava:
Por toda a parte em tanto a Infantaria
Com hum, & outro Forte pelejava;
Os quaes com tanto ardor ſe defendiaõ
Que muralhas de Jove pareciāo.

57.

A hum, que guarnecia brava gente,
Manoel Freyre, & Gil-Vas a hũ tempo avança,
Hum qual Lobo ao redil com ſede ardente,
Outro qual Touro, quando o fere a lança:
Onde o de S. João Conde excellente
Vay com Simão Correa ſem tardança;
Simão Correa, cujo invicto braço
A tantos deſatou da vida o laço.

58.

Alvaro de Azevedo hum Forte ataca,
Ao qual com tal valor o terço arrima
Que arrancando aqui hũa, alli outra eſtaca
Vay com as duras mãos, que Marte anima:
Tè que cegando o foſſo ao Forte aplaca
A violencia, em que já ſe deſanima,
E com bravo furor tudo eſtragando
O campo vay de mortos ſemeando.

59.

Pedro Cesar, por Cesar Lusitano
A Andre Gatino se une, & em fogo ardendo
Vay onde com esforço mais que humano
Hum Forte estava o Mello combatendo:
E alli investindo os Dous a hum troço Hispano,
Cahio morto Gatino; & o Cesar tendo
Do morto Herôe por proprias as feridas,
Logo o vingou troncando oytenta vidas.

60.

Arde o Campo, encruece-se a batalha,
Ferve a gente, & o tropel, que alli se ondea,
Hũas vezes se ajunta, outras se espalha,
Qual revolver costuma o vento a area:
Lamina, peyto, arnez, escudo, ou malha
Não ha, que seja estorvo à morte fea;
Que tudo quanto a vista determina
Saõ mortos, sangue, horror, armas, ruina.

61.

Vendo Andre de Albuquerque haver perdido
Terra Luis de Sousa, ousado parte,
E no centro do terço introduzido
O faz cobrar a já perdida parte:
Mas ay que mortalmente aqui ferido
Se acha aquelle da guerra novo Marte
Sobre o bruto, que jà com dubio enleyo
Estranhava liberto as leys ao freyo.

Mas

62.

Mas extatico, qual caduca Torre,
No bruto como vivo o corpo exalta,
Que em ſeu illuſtre peyto inda naõ morre
A virtude, que aos Fortes nunca falta:
Tè que do ſangue, que furioſo corre,
O corpo jà mortal ſentindo a falta,
De todo (ah dor cruel!) ſe deſalenta
No vigor, que o cadaver lhe ſuſtenta.

63.

Do bruto á terra vem, & em pè ficando
Inda a hũa parte, & outra perpendente,
Eſtá, qual debil cana, tremolando,
Atè que os pès lhe faltão finalmente:
Cahio o Herôe por terra aſſemelhando
Planta, que poſtra no Apenino Ingente
Do bravo Eolo o fero ſopro irado,
Ou freyxo ás mãos do ruſtico troncado:

64.

Cahio em fim por terra o corpo altivo
Merecedor do ſolio mais ſuperno,
Onde com termo foy alternativo
Pouco a pouco bebendo o ſono eterno:
Qual a funeſta luz, que o fugitivo
Alento aviva, & turba em viſo alterno,
Que hora animada, que hora agonizante
Entre extremos palpita vacillante.

Como

65.

Como quem moſtra ao Ceo pios enſayos
A dextra applica ao peyto, a outra eſtende,
E abrindo os olhos os fermoſos rayos
Quiz ver do Sol, que n'alma luz lhe acende:
Porèm logo os fechou, & em mil deſmayos
Num braço alçar o corpo em vão pertende,
E numa, & noutra queda repetida
Lhe geme o golpe abrindo-ſe a ferida:

66.

Tè que do invicto Herôe triunfando a ſorte
Em vomito alternado, que o ſuffoca,
Por ſymptoma cruel da dura morte
Corre o ſangue hora á chaga, & hora á boca:
Onde tremulo o corpo, a ancia forte
A alma a duros arrancos lhe provoca,
E entre hum frio ſuor em turvo gyro
Olhando, deu o ultimo ſuſpiro.

67.

Chorarão-te, alto Herôe, com peyto brando
Os peytos a durezas coſtumados;
Porèm tu là no Ceo rindo, & triunfando
Eſtarás ao clamor dos noſſos brados:
Vive, pois, onde eſtão todos gozando
Socego neſſa gloria arrebatados,
Que neſte mundo, d'alma cego encanto,
Tudo he pena, clamor, miſeria, & pranto.

Deſcan-

68.

Descança, pois, no Ceo, que a nossa sorte,
E naõ a tua, a lagrimas convida;
Que esta, que o vulgo errado tem por morte,
He nesse sacro Imperio a melhor vida:
Mas em quanto do mundo errando o norte
Nesta andamos miseria aborrecida,
Porque inda desses Ceos nos favoreças
Pedimos-te que a Deos por todos peças.

69.

O Illustre Corpo foy a hum Templo antigo,
Que na Praça existia sublimada,
Nos pios braços de hum, & d'outro Amigo,
Qual Presa ás mãos do Lobo ensangoentada:
Leva-lhe a espada Hum, que do Inimigo
Tantas vezes no sangue foy banhada,
Outro as armas, que a puro sentimento
Perdèraõ algum tanto o luzimento.

70.

Ao Templo se conduz, em que sepulto
Fosse com todo o fausto merecido,
Aonde o Herôe do bellico tumulto
Com doloroso pranto foy seguido:
Depositado alli no sacro Culto
O Cadaver ficou esclarecido,
Tè que, expulso o Inimigo das trincheiras,
As honras se lhe dessem derradeyras.

Já

71.

Já pouco a pouco a furia declinava,
Por nòs se hia a victoria declarando;
Fugindo o Aro já se retirava
Ligeyro a nova a Badajóz levando:
Já aqui a Infantaria se amparava
Dos Fortins, que inda estavaõ pelejando,
Que posto que rendido algũs se haviaõ,
Outros inda rebeldes resistiaõ.

72.

Já finalmente por diversas partes
Delles se hia o poder diminuindo,
Os Nossos já acclamados novos Martes
Hiaõ de medo os Hespanhoes vestindo:
Já postrados se vem seus estandartes,
Já a nossa tuba vivas repetindo,
Vagar se ouvia em clausulas velozes
Hum festivo clamor de varias vozes.

73.

Quando por entre ballas, & pelouros,
Cujo espesso chuveiro o ar cruzava,
Qual de Ceres se vè contra os thesouros
Granizar pedra o Ceo em copia brava,
Cingindo o General de Marte os louros
Com o soccorro á Praça caminhava,
Onde entrando triunfante, geralmente
Solemnizado foy de toda a gente.

74.

No Templo principal o Conde altivo
Entra da Marcia turba acompanhado,
A quem ſegue com jubilo feſtivo
Da invicta Praça o povo libertado:
Alli cantando em coro alternativo
O Hymno a acções de graças dedicado,
Em reverente acçaõ gratulatoria
A Deos louvor ſe dá pela vitoria.

75.

Dom Sancho Manoel deyxando a Praça
A Pedro Jaques, rayo de Mavorte,
Com D. Luis d'Almeyda ao Campo paſſa,
Onde Pedro de Mello expugna hum Forte:
Inda n'algũs Fortins, qual no da Graça,
Durava a reſiſtencia aceſa, & forte;
Mas partindo a contenda a noyte eſcura,
O fim ſe aguarda para a luz futura.

76.

Quando da noyte os lutos tenebroſos,
Pondo imagẽs de horror ao penſamento,
Os objectos faziaõ duvidoſos
Ao funeſto brilhar do Firmamento:
Sentidos ays, gemidos doloroſos,
Troncados ecos, tragico lamento,
Enfermas vozes, laſtimoſo pranto,
Enchiaõ o arrayal de fero eſpanto.

77.

Os gritos duplicados nas cavernas,
Os ecos repetidos nas montanhas,
D'hũs se atendem quebrar as vozes ternas,
De outros se ouvem gemer queyxas estranhas:
Onde entre estas da dor ancias internas
Iracundo clamor pelas campanhas
Mixto se ouvia em horrido alarido,
Assombro d'alma, confusaõ do ouvido.

78.

Mas quando jà da Aurora a claridade
Pelos cumes dos montes se estendia,
Quanto encobrio da noyte a obscuridade
Foy revelando á vista a luz do dia:
Que fero horror! que estranha mortandade!
Que funesto theatro alli se via!
Que vista infausta! estrago deshumano!
Que lastimoso mar de sangue humano!

79.

Alli se vem cabeças denegridas
De seus humanos troncos separadas,
Disformes golpes, horridas feridas,
Braços, pernas, & mãos despedaçadas:
Onde d'algũs agonizando as vidas,
Entre sentidas queyxas mal formadas
Seus ays se ouviaõ taõ funestamente,
Qual sae de infausta tumba voz doente.

Fazen-

80.

Fazendo a morte o que não póde a vida,
Ve-ſe o Inimigo do Inimigo ao lado,
O homicida eſtá junto do homicida,
Ve-ſe o vencido ao vencedor chegado:
Mas ay Flebia que a idade mais florida
Murcha tambem ſe vè! qual flor no prado,
Ay que morto aqui jaz teu bello Enfrido!
Como o tenro jaſmim do Sol ferido.

81.

Sendo apenas os montes reveſtidos
Do primeyro candor d'Aurora pura,
Do General os terços conduzidos
Marchavaõ a dar fim á Empreſa dura:
Porèm de medo os Eſpanhoes veſtidos,
Valendo-ſe dos vèos da noyte eſcura,
Profugos os quarteis deſemparáraõ,
Onde o apparato bellico deyxáraõ.

82.

Da guerra vay o Ibero blasfemando
Em clamores ferindo os Ceos potentes,
Ao Aro, & Rey de impios accuſando,
De crueis, de tyrannos, de inclementes:
Em cujo Reyno a infauſta nova entrando,
Clamaõ os pays, conſpiraõ os parentes,
Tudo em fim ſaõ correntes caudaloſas
De pranto em filhas, mãys, irmãs, & eſpoſas.

83.

Joaõ Ferreyra da Cunha, & Andre Gatino Capitães de Cavallos.

De vòs, que o heroico ſangue derramaſtes,
Bravo Joaõ Ferreyra peregrino,
E forte Andrè Gatino, que chegaſtes
A extremo igual por força do deſtino,
Que hey de dizer? ſenaõ que remontaſtes
A Fama ſobre eſſe orbe diamantino?
Lá, pois, vivey dos mais em companhia,
Onde he mais bello o Sol, mais claro o dia.

84.

Luis de Souſa de Menezes Meſtre de Campo.

E tu Souſa immortal, rayo animado,
Em quem ſe vio a morte irreſoluta,
Se na vida te foy adverſo o Fado,
Na morte a Fama os premios te tributa:
O globo, que te abrio no eſquerdo lado
Fonte de illuſtre ſangue nunca enxuta,
Se te pode levar a clara vida,
Te deyxou a da Fama eſclarecida.

Ambos os Condes Meſtres de Campo. Joaõ Correa da Silva, Bartolomeu de Azevedo, Antonio Galvaõ Meſtres de Campo. Luis Frãciſco Barẽ Aſſenſo Alveres Barreto Tenente do Meſtre de Campo General.

85.

E vòs, que a terra de robins cobriſtes,
O' Torre excelſo, ò S. Joaõ Preclaro,
Altos egregios Condes, que entaõ viſtes
Voſſo ſangue na terra ſer mais claro;
Vòs Correa, Azevedo, que tingiſtes
De graã o peyto, á patria ſendo amparo,
Galvaõ, Barem, Barreto, em cujo alento
Naõ tem poder as leys do eſquecimento.

86.

Com todos os que a terra rubricàraõ,
Dando fontes de nacar à Campanha,
Onde os Persas, & Gregos naõ chegáraõ,
Vivey assombros das Nações estranhas:
Calem-se as altas Musas, que cantàraõ
Verdadeyras acções, ou vãs façanhas,
Que meu humilde plectro, tosco, & rudo,
Sò por vos nomear excede a tudo.

87.

Depois do vencimento concluido,
No Sol seguinte o General piedoso
Trata de dar á terra o esclarecido
Corpo do Herôe com fausto decoroso:
A'quelle Templo foy, onde assistido
Era o esquife do vulgo doloroso,
Onde o illustre Cadaver collocado
Da multidaõ em roda era chorado.

88.

Enfermas vozes, misero lamento,
Roucos soluços, funebres gemidos,
Em sumisso clamor, funesto accento,
Os peytos alli daõ enternecidos:
Qual na espessura se ouve o brando vento
Em murmureos saudosos aos sentidos,
Ou qual o rio, que ao morrer do dia
Terno lamenta em lugubre armonia.

89.

A laſtimoſa turba, que reprime
Neſte quaſi ſilencio a magoa interna,
A voz mais doloroſa, que a alma exprime,
Entrando o General, levanta, & alterna:
A machina, onde o Corpo jaz ſublime,
Adornada da rama ſempiterna,
Se cinge toda de ſutis poemas,
De ſabias inſcripções, varios emblemas.

90.

As armas, que ſe vem enſangoentadas,
Que a hiſtoria em freſcas rúbricas publicaõ,
No tronco de hum cipreſte penduradas
Alli ao tempo, & à Fama ſe dedicaõ:
Seguido o Corpo em fim de hoſtes armadas
Ao ſom das cayxas, que o pezar duplicaõ,
Foy conduzido com devoto Canto
Do Serafico aſſombro ao Templo Santo.

91.

Quando hum Velho jà curvo, a quem ſervia
Hum baculo de arrimo, o eſquiſe olhando,
E contemplando abſorto a Imagem fria,
Tres vezes move o aſpecto venerando;
Por entre as cãs hum mixto lhe ſahia
De lagrimas, & vozes, que avivando
A reprimida dor dos Circunſtantes,
Foy incentivo a lagrimas errantes.

Dito-

92.

Ditoſo, diz, ò tu, que neſſe encanto
De luzes vives jà, deyxando o mundo,
Theatro de afflições, valle de pranto,
De inceſſavel tormenta mar profundo:
Neſſe orbe, em que te ves, ſereno, & ſanto,
Logra a viſta de Deos ledo, & jucundo,
Que neſta, em que vivemos, treva eſcura
De tanto bem nos priva a carne impura.

93.

Por nòs, & não por ti, ſeja o lamento,
Por nòs, que inda habitamos cá na terra,
Naõ por ti, que lá neſſe etherio aſſento
Poſſues todo o bem, que o Empyreo encerra:
Lá tudo he gloria, paz, contentamento,
Cá inda a mayor paz he mayor guerra,
A nòs ſe deve a dor, o pranto, a pena,
Naõ a ti, que a paz logras mais ſerena.

94.

Deſcança, pois, em paz, Alma ditoſa,
Neſſa uniaõ, que eternamente dura;
Do teu merecimento o premio goza,
Vendo de Deos a immenſa fermoſura:
Neſſa de luz esfera a mais glorioſa
Vive, bella, gentil, candida, & pura,
Logra em fim a ventura, que alcançaſte,
Como temeſte a Deos, & a patria amaſte.

 Mas

95.

Mas já do dia os rayos apagados,
Da pacifica noyte o eſcuro alento
Deu termo aos olhos de chorar cançados,
Tregoas á dor, alivio ao ſentimento:
Em tanto os outros corpos ſepultados
Foraõ em hum, & outro monumento,
Cujo piedoſo acto concluido,
Caminha á Corte o Conde eſclarecido.

96.

Chega a Lisboa, aonde com vulgares,
E altos obſequios foy da Corte acceyto,
Honras do Rey logrando ſingulares;
Mas tudo te he, ò Conde, applauſo eſtreyto;
Quem para taes alentos militares
Tivera igual clarim, taõ alto peyto!
Quem para tal valor, taõ altos brios
Formar podera iguaes os elogios!

97.

Eſtas ſaõ as proezas mais glorioſas,
Que neſta guerra obrou a Luza gente;
Dando ao ſilencio as que por numeroſas
Naõ caberáõ na voz mais eloquente:
Mas tornando, ò Deidades generoſas,
Ao progreſſo do thalamo preſente,
Paſſando de hũa gloria a outra gloria,
Reſta agora dar fim a eſta hiſtoria.

98.

Já te contey, Princesa soberana,
Quando ao Monarcha Inglez propuz o intento,
O subito alvoroço, a gloria ufana,
Que indice foy do seu contentamento:
E como á patria minha Lusitana
Passey logo a tratar o ajustamento,
Como voltey com elle, & recebido
Fuy do Anglicano Rey esclarecido.

99.

Tambem te relatey a resistencia,
Com que delle a magnanima constancia
Combatida se vió, & com vehemencia
De firmeza se armou a toda a instancia:
Como com singular magnificencia,
De que sem vicio possa ter jactancia,
As Scenas excedendo, & as mais grandezas,
Foraõ na Corte as festas Portuguezas.

100.

Como chegando ao Tejo a illustre Armada
Foy da Corte altamente recebida,
Como foy o apparato da Embayxada,
E d'augusta Rainha a despedida;
Como todos com ella já embarcada
Tres Soes nos detivemos na sahida,
Como no quarto as velas dando ao vento
Sahimos, dividindo o salso argento.

101.

Com vento favoravel, mar bonança
As inquietas ondas navegando
Viemos algũs Soes, mas ſem tardança
Sua inconſtancia o mar nos foy moſtrando:
Os pòlos ſentem ſubita mudança,
Torna-ſe em brava furia o vento brando,
O dia ſe eſcurece, o mar ſe altera,
O Ceo ſe enluta, & ſe condenſa a esfera.

102.

Tè que do vento os Lenhos impelidos,
Rotos do mar, das ondas deſtroçados,
Fomos pelo infortunio conduzidos
A' dita de nos ver aqui hoſpedados:
Agora que em teu porto recebidos,
Nas tuas prayas ſomos amparados,
Erro fora envolver de qualquer ſorte
Com os logros do bem queyxas da Sorte.

103.

Mas antes ſer, gentil Princeſa, digo,
Vendome a tuas plantas generoſas,
O naufragio feliz, doce o perigo,
Por ſortirem diſgraças taõ ditoſas:
Tanto que os infortunios neſte abrigo,
Deyxando as meſmas ditas envejoſas,
Fazem ſer por liſonja da vangloria
Vaidade os danos, & as moleſtias gloria.

Aqui

104.

Aqui, pois, onde amparo á tempeſtade
Achamos no teu porto peregrino,
Promptos nos tẽs, ò inclyta Deidade,
Como agrado merece taõ benino:
Por ſacrificio acceyta da vontade
O que ſó foy violencia do Deſtino,
Que bem ſe moſtra neſta conjectura
Que os acaſos ſaõ lances da ventura.

105.

Aqui por mais, ò Nynfa, naõ canſarte
A teu favor nos tens agradecidos,
Onde proteſto ao Ceo que em qualquer parte
Seraõ de nòs teus dõs nunca eſquecidos:
Obedecido tenho em relatarte
Os progreſſos da guerra ſuccedidos,
E os moleſtos trabalhos da viagem,
Já doces por taõ proſpera hoſpedagem.

CANTO XI.

ARGUMENTO.

D'Altos Herôes ao Mello a Hierarchia
Mostra a Nynfa num Templo soberano,
E lhe descobre em clara profecia
Os progressos do Reyno Lusitano;
De Pedro a successaõ, que a Monarchia
Ha de estender por terras do Otomano:
E fazendo-se ao mar a Ingleza Armada
Chega do porto à praya desejada.

I.

OUvindo a Nynfa ao Hospede preclaro
Em alto estylo a gloriosa historia,
Por mostrarlhe o que occulta o tempo avaro
Dalli o conduz ao Templo da memoria:
Dandolhe a maõ, lhe diz, ò Herôe charo,
Vem comigo, ouvirás a mayor gloria,
Que a Portugal promette a nossa idade,
Thesouro da immortal posteridade.

2.

Naõ em muyta diſtancia ſe advertia
Hum monte, que era da aſpereza enſayo,
Cuja fronte primeyro illuſtra o dia,
Primeyro fere o matutino rayo:
Eſte ſó palmas, ſó loureyros cria,
Plantas izentas do mortal deſmayo,
Das quaes a quem taõ alto dom merece
A Fama inſignias faz, diademas tece.

3.

Era taõ alto, taõ ſoberbo o monte,
Que Atlante ſuſtentando o Firmamento,
Se elevava coluna do Orizonte,
Eſtreytando as regiões, que occupa o vento;
Onde de luz ornando a excelſa fronte,
Se oſtentava com tanto luzimento
Que à Syderea regiaõ chegando oytava
Cingia nuvẽs, de aſtros ſe emplumava.

4.

De Babel o edificio portentoſo,
O immenſo Calpe, de Hercules coluna,
O alto Apenino, o Olympo prodigioſo
Não tanto o cume ao claro tecto aduna:
Como elevado o monte ao luminoſo
Globo, qual Briareo, que o Empyreo expuna,
No vulto parecia ſem ſegundo
Fundamento do Ceo, padraõ do mundo.

A ſo-

5.

A ſoberana Nynfa ao Héroe altivo
Para eſte monte os paſſos conduzia,
Aonde hum Templo de alabaſtro vivo
Em Corinthios primores ſe attendia:
Que em depoſito aos ſeculos votivo
Sò Varões excellentes conſentia;
Intitulado pela antiguidade
Templo da Fama, Annal da eternidade.

6.

Ao pé chegão do monte, & a viſta erguendo
O illuſtre Herôe ſubillo duvidava,
Impoſſivel a empreſa parecendo
Pela aſpereza, & altura, que moſtrava:
Ao reparo do Herôe Ella attendendo,
Com activas palavras o animava;
Dizendo, Não te aſſombre eſta eminencia
Que tudo vencer pòde a diligencia.

7.

Replicalhe Elle então: Quem a eſpeſſura
Poderá contraſtar deſta aſpereza,
Que intratavel parece a planta dura
De féra, a quem fez dura a natureza?
Sorrio-ſe a Nynfa, & diz: Toda eſta altura
Quanto mayor, mais alta faz a empreſa,
Que a mais preclara acção, mais rara idea
He a que de impoſſiveis ſe laurea.

8.

O excelſo monte os Dous inveſtigando
Vaõ com trabalho, & paſſo vagaroſo,
Piſando abrolhos, matos penetrando,
Fazendoſe-lhe o fim difficultoſo:
Ella no Herôe os olhos empregando
Quanto o ſubir, lhe diz, he trabalhoſo!
Mas depois de vencida a empreſa grave,
Quanto he mais ardua, tanto he mais ſuave.

9.

Tanto mais he ſuave, & mais glorioſa,
Quanto ſaõ os obſtaculos mayores;
Pois conſeguida a empreſa generoſa
Dos Suores fabrica os reſplendores:
Qual o ouro na fragoa luminoſa,
Que os quilates requinta nos ardores,
Que por iſſo ſe vè que a natureza
O mais precioſo armou de mais dureza.

10.

Lavra o ſinzel a pedra toſca, & eſcura,
E quanto he mais do Artifice cortada,
Se vè que tanto mais na força dura
Dos golpes reſplendece illuminada:
Conſegue no rigor da fragoa pura
O ferro vil a fórma mais limada,
A virtude ſe apura na abſtinencia,
E diſto tudo he meyo a diligencia.

Subi-

11.

Subido em tanto o grande Herôe ſe achava
Ao mais alto do monte, em cuja eſtancia
Já por ſuave a empreſa avaliava,
Sendo a altura tropheo, gloria à diſtancia:
Em quanto alli do exceſſo deſcanſava,
Em rithmo acorde, em doce conſonancia
Canções lhe entoaõ as canoras aves
Ao brando ſom dos zephyros ſuaves.

12.

Depois que hum pouco ao peyto fatigado
Soſſego deo, ſentado no alto cume,
Levando-o a egregia Nynfa ao dextro lado
Como pede a policia, & he coſtume;
Dirige o paſſo ao Templo conſagrado
A'quella, que o immortal compoem volume,
Ao Templo, cuja antigua immunidade
Apoſta durações co a eternidade.

13.

Entrão no Templo, aonde eſtranhos Vultos
Em altos ſolios virão collocados,
Dandolhe a Fama por honroſos cultos
Os pregões do clarim, da tuba os brados:
D'hũs inda vivos, d'outros jà ſepultos
Os tranſuntos ſe oſtentão ſublimados,
Onde o ſinzel com primoroſo eſtudo
Sò faltava dar voz ao jaſpe mudo.

Tal

14.

Tal que do Herôe, de quem fingia o alento,
A fórma reproduz tão parecida
Que a enganos induzindo o penſamento,
Repreſentava ter a pedra vida:
Onde a peſar do infame eſquecimento
De cada qual a eſtatua eſclarecida
Moſtra, triunfando do poder da morte,
Eterna vida no alabaſtro forte.

15.

Com temeroſa acção levando o braço,
Hũs a eſpada empunhavaõ cortadora,
Outros tinhão na mão ſobre o regaço
A douta penna da Aguia voadora:
Outros dos Ceos medindo o longo eſpaço,
Dão o compaſſo aos graos, que a viſta ignora,
Outros tem as inſignias do Aſtrolabio,
Outros o buril dextro, o pincel ſabio.

16.

Aſſim pois com inſignias differentes
Os Illuſtres Varões ſe diviſavão
Nas famoſas eſtatuas excellentes,
Que immortaes as acções lhe eternizavão:
Aquelles, que por feytos preeminentes,
Não por morte, por tranſito paſſavão
Da vida temporal à eterna vida,
Que he da Fama a virtude eſclarecida.

17.

Cadaqual pelo Templo caminhando,
Olhava o Herôe para hũa, & outra parte,
Abſorto vendo, atonito julgando
Milagre a obra, providencia a arte:
Depois de largo eſpaço eſtar notando
A hum, que oſtenta eſpiritos de Marte,
Pergunta à Conductora, quem he Eſte,
Que o eſpaldar ſobre o toſco çurrão veſte?

18.

Eſte, reſponde a Nynfa, he Viriato,
Animado de ſangue Luſitano,
Que foy, depois de ter ruſtico trato,
Gloria do Luzo, ultraje do Romano:
O que o prefere envolto em ferreo ornato
He Anibal, que poſto que o Africano
Lhe chame ſeu, de rama Luſitana
Como Eſtes, que aqui ves, procede, & mana.

19.

O Terceyro, que a barba prateada
Tão venerando pelo peyto eſtende,
Luzo ſe diz, de quem a ſublimada
Luſitana Naçaõ brava deſcende;
De Baccho filho foy, cuja affamada
Eſtirpe ao Mouro doma, ao Turco rende,
Pezando-lhe para hum, para outro feyto
De lhe ſer todo o mundo campo eſtreyto.

20.

Claudio Suevo o quarto ſe appellida,
De Francezes mortifero flagello,
Que tantas vezes foy a tantos vida,
Quantas tambem a outros foy cutello:
O que adiante a malha tem veſtida,
Honra da Fama, do valor modello.
Lederico ſe diz, que por guerreyro
De Flandes veyo a ſer Conde primeyro.

21.

Eſſe, que opprime o férvido Inimigo,
Se diz Forjàs Vermuis de esforço, & arte,
Eſſoutro, que ſe ſegue, he D. Rodrigo,
Que ſogeytou hum Rey na morte a Marte:
O que nas cãs ſe inculca Auguſto, & antigo,
Cujo nome ſe admira em toda a parte,
Se appellida Moniz, Egas ſe chama,
Honra da patria, credito da Fama.

22.

Eſſe, que de hera cinge a fronte clara,
He Mem Moniz do meſmo tronco fruto,
Que de tal pay tal filho ſe eſperára
No valor, na lealdade, & no attributo:
O que hũa, & outra cicatriz preclara
Tem no peyto de ſangue nunca enxuto
He D. Fuas Roupinho, em que as feridas
Rubricas ſaõ do peyto eſclarecidas.

23.

O que em provectos annos fresca idade
Ostenta juvenil, guerreyro ensaya,
Desmentindo a senil debilidade,
Gonçalo Mendes se chamou da Maya:
O que na Monachal authoridade
Mostra o valor, brandindo a leve faya,
He Theotonio, que a lança invicta, & forte,
Na viva fragoa temperou da morte.

D. Theotonio Prior de S. Cruz de Coimbra.

24.

Giraldo tem por nome o Herôe, que junto
Mais adiante está sem intervalo,
Da Fama occupação, da enveja assunto,
Que o Sem pavor he justo nomeallo:
Olha dos Sousas o melhor transunto,
D. Mendo, D. Garcia, & D. Gonçalo,
O outro he Martim Lopes, cujo peyto
O mar, & o mundo tem por solio estreyto.

25.

O que adiante ves guerreyro, & santo
Na dextra a espada, na sinistra o bago,
O Bispo he D. Sueyro, que alto espanto
Foy desses, de quem foy acerbo estrago:
Esse, em cujo fervor reparas tanto,
Payo Correa he, que em giro vago
Fez, de infieis matando copia rara,
O Planeta parar, que nunca pára.

Aquel-

26.

Aquelles dous Herôes, que laureados
Se eſtão vendo de circulos frondoſos,
Exemplos ſaõ da patria venerados
Por firmes, por leaes, por valeroſos:
Hum he Martim de Freytas, cujos brados
Retumbão pelos cercos luminoſos,
Outro Pacheco, a quem por timbre a Fama
Capitão mais ſagaz no mundo acclama.

27.

Os que viſte atè aqui, Conquiſtadores
Forão do Luzo Imperio tão preclaro;
Vamos agora aos bravos Defenſores,
Cujos peytos lhe forão muro, & amparo:
Eſſe, que de morrer entre os furores
De Marte alegre oſtenta o vulto claro,
Nuno Gonçalves he, a quem o forte
Braço izentou das duras leys da morte.

28.

Suſpenſo o Mello os olhos apaſcenta
Em Hum, que em trono mais excelſo admira,
Que nas vivas acções, que repreſenta,
Parece que alma tem, valor reſpira:
E depois que com viſta abſorta, & attenta,
Por elle largo eſpaço os olhos gira,
Quem he eſte, rompeo, que aqui ſe aliſta,
Que em vello pulſa o peyto, treme a viſta?

29.

Eſſe, em quem todo eſtás arrebatado,
Diz ella, o mayor he de Fama aſſunto,
Flagello do Heſpanhol, terror do Fado,
De cuja dextra treme o Orbe junto;
Neſte marmore vive eternizado,
Neſte, que por eterno he ſeu tranſſunto,
Perdoa nomearte em voz groſſeyra,
O' grande D. Nuno Alveres Pereyra.

30.

Olha quanto a reſpeytos perſuade
Aquelle grave, & venerando Vulto,
Claro em virtude, envolto em Mageſtade,
Ah quanto ardor em ti ſe encerra occulto!
Mas ſe inda he curta a larga eternidade
A tão grande louvor, tão alto culto,
Eſſe, que gozas là no Empyreo Templo,
Seja o premio de teu merecimento.

31.

Mas ay, que a dor ao Ceo em vão reſpira
Por ti, do mundo maravilha eſtranha;
Ah quanto Portugal inda ſuſpira
Por ti, que morto foſte vida a Heſpanha:
Em quanto a luz brilhar, que os Orbes gira,
A patria não terá perda tamanha,
Merecias tu ſó por melhor Marte
Que a Fama te erigiſſe hum Templo á parte.

O da

32.

O da purpurea insignia, que parece
Cid nas acções, Aquilles no respeyto,
D. Lopo Dias he, que á Patria ofrece
Por mais constante muro o firme peyto:
Este, que em ferro envolto resplandece,
A cujo braço o mundo he campo estreyto,
Rayo de muros, torres, & castellos,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

33.

Esse, que armado, & intrepido se ostenta,
Antão Vaz he de Almada, & o que se segue
He Rui Pereyra, que o clarim alenta
Da Fama, a cujos ecos vive entregue:
O que segundo Heitor ser representa,
Por mais applausos, que lhe a inveja negue,
He quem já mais ha visto a cara ao medo,
Marte, ou Martim Gonçalves de Macedo.

34.

Essoutro, em quem de illustre se exagera
A rama, que o laurea, he o affamado
Joaõ Rodrigues de Sà, a quem venera
A Patria, o tempo, o mundo, a Fama, & o Fado:
Esse, que o louro enlaça, cinge a hera,
He por melhor Alcides nomeado
Vasqueanes da Costa, cujo alento
Da Fama he voz, do mundo foy portento.

35.

Olha adiante os Dous como arrogantes
A eſpada empunhaõ com acção temida,
Pedro Rodrigues he o que ves antes,
E eſſoutro Gil Fernandes ſe appellida.
Tẽs viſto os que leaes da Patria amantes
A defendèraõ, dando a Marte a vida,
Nota os que com esforço mais que humano
O Imperio dilatàraõ Luſitano.

Pedro Rodrigues do Alãdroal Gil Fernandes d'Elvas.

36.

Olha o Conde D. Pedro, a cujo alento
Honroſo fogo d'alta gloria inflama,
Junto à aquelle, que eſtá ſevero, & attento,
Que he D. Duarte, Delle excelſa rama:
Aos tres Coutinhos ergue o penſamento,
Em cujo applauſo falta alento á Fama;
Vè D. Joaõ, que he gloria dos Menezes,
Por invicto acclamado tantas vezes.

Dous foraõ Cõdes hũ de Borba, outro de Marialva, o outro Governador da Villa de Arzilla.

37.

Lopo Barriga he eſſe, a quem divide
Aurea cadea o peyto ſublimado;
Eſte Nuno Fernandes de Ataide,
O outro Souſa, alto Herôe, Conde do Prado:
He Luis de Loureiro, o que reſide
Na rama, de que o nome he derivado;
Carvalhos ſaõ os mais, que lhe ſuccedem,
Mas Carvalhos, que a palma, & o louro excedem.

Eſtes

38.

Eſtes Varões, que eſtão a eſtoutro lado,
Saõ Aquelles, què abrindo novos mares,
Rumo ſeguindo nunca navegado,
Cultos lhe deo a Fama, o mundo altares:
Que errantes ao deſtino, & ás leys do Fado,
Vendo varias regiões, & eſtranhos ares,
Levàrão cá do Occaſo atè o Oriente,
Do ſeu Monarcha o Eſcudo preeminente.

39.

Quem, pois, direy que es tu, ſe meſmo o indica
O altar primeyro, que te erige a Fama?
Eſſa meſma o teu nome te publica,
O' ſem ſegundo Herôe Vaſco da Gama:
Mas oh que tudo inferior te fica,
Como em teus feytos teu valor proclama,
Grande Pacheco, de tropheos coluna,
Alvo infeliz dos golpes da Fortuna!

40.

Almeydas ſaõ os Dous, hum que o governo
Da India dilatou co a eſpada nua,
Eſſoutro o filho he, que ao tempo eterno
A fama de ſeu pay eſtende, & a ſua:
Os outros Cunhas ſaõ, cujo ſuperno
Ardor credito foy da patria tua,
Vè o Albuquerque, vè Lopo Soares,
Da terra confuſaõ, terror dos mares.

D. Franciſco de Almeyda primeyro Vice-Rey da India, & D. Lourengo de Almeida ſeu filho. Triſtaõ, & Nuno da Cunha. Aſonſo de Albuquerque que ſuccedeo a D. Franciſco de Almeyda no governo da India. Lopo Soares de Albergaria Governador da India.

Eſte

41.

Este he Diogo Lopes de Siqueyra,
Celebrado da Fama tantas vezes,
E o que se segue occulto na vizeyra
O grande D. Duarte he de Menezes:
O que adiante ostenta acção guerreyra
He Henrique, exemplar dos Portuguezes,
Os Mascarenhas vè, Nota os dous Pedros,
A Francisco, a Joaõ, honra dos Cedros.

D. Henrique de Menezes. Pedro, & D Pedro, D. Joaõ, & D. Frãcisco todos quatro Mascarenhas.

42.

Vè como Lopo Vaz se attende altivo,
Que he aquelle, que tem na dextra a espada,
Olha Heytor da Silveyra, rayo vivo,
Que de Heytor tem a fama aniquilada:
Essoutro, que se adverte successivo,
Que a cotta d'armas tem rota, & gastada,
O Capitão Antonio he da Silveyra,
Bravo terror da barbara bandeyra.

Lopo Vas de Sampayo.

43.

Essoutro, que ao mais alto se sublima,
He Antonio Galvão, que o mundo acclama,
Nota adiante os Dous, nos quaes se anima
A gloria de seu pay Vasco da Gama:
O que alli respeytoso medo intima,
Martim Afonso he, Marte na fama;
Nota o famoso D. Joaõ de Castro,
Vivo no jaspe, eterno no alabastro.

D. Christovaõ, & D. Estevaõ da Gama. Martim Afonso de Sousa.

Os

44.

Os que ſe ſeguem, todos a regencia
Tiveraõ da Oriental gentilidade,
Os quaes conhecereis pela apparencia,
Que naõ dá mais do tempo a brevidade:
Porèm injuſto he pela excellencia
Deſte o nome callar, que he paſmo à idade,
Deſte alto Herôe, que emfim por varios modos
Sò defendeo o que adquiriraõ todos.

45.

Comtigo fallo, attende ò valeroſo
D. Luis de Ataide, que no Oriente
Sò por te eternizares mais famoſo,
O jugo ſeguraſte á India gente:
Luis Freyre he de Andrade eſſe, que ayroſo
Reveſte o peyto invicto em ferro ardente,
Porèm deyxando os mais, que o dia paſſa,
Sò direy aos que foy a ſorte eſcaſſa.

46.

Olha a D. Paulo, que he brazão illuſtre
De Souſas, & Coutinhos ſublimado,
Que deu ao Minho nome, ao Lima luſtre,
Vida á morte, honra á patria, á Fama brado:
Por mais acções, que o infame Lethes fruſtre,
As ſem par gravará de Andre Furtado,
Que he eſſe, a quem provou da eſpada o fio
O Mouro, o Turco, o Idolatra, o Gentio.

Eſſou-

47.

Essoutro he D. Hieronymo, que excede
Na firmeza a constancia de hum rochedo,
Mas se a sorte seus dõs te não concede,
Naõ foras tu, não foras Azevedo;
Azevedo es emfim, mas não te impede
A falta destes dõs para obrar ledo,
Que mais val merecellos sem os ter,
Que possuillos sem os merecer.

48.

O que adiante logo a Fama exalta
Nuno Alveres Botelho se appellida;
E aquelle, que de sangue o peyto esmalta,
He Rui Freyre, que foy da patria vida:
Essoutro he Constantino, a quem não falta
Constancia na lealdade esclarecida,
Dos Sás illustre ramo florecente,
De quem urna he do Sol o claro Oriente.

49.

Esse, que a palma empunha por divisa,
E a fronte cinge de triunfante louro,
He Rodrigo da Costa, que eterniza
As que lhe tece o Sol diademas de ouro:
Olha como de sangue fertiliza
O forte peyto de robins thesouro,
E porque a Fama o nome mais lhe exalte,
Inda em si fresco ostenta o roxo esmalte.

Esse,

50.

Esse, que em rayos de aço resplendece,
O impenetravel embraçando escudo,
D. Francisco Coutinho se conhece,
Cujo estranho valor excede a tudo:
Mostrando entaõ que a voz lhe desfalece
A Nynfa se ata a hum suspenso estudo,
Onde girando hum pouco o pensamento,
Em voz mais alta solta novo alento.

51.

Estes Varões, que ves agora juntos,
Chamados saõ os Doze de Inglaterra;
Collige dos magnanimos transuntos
Que valor cada qual no peyto encerra:
Quem voz de bronze para taes assuntos
Tivera, ò Numes immortaes da guerra,
Mas se os pontos vos saõ da lyra estreytos,
Clarins vos sejaõ vossos proprios feytos.

52.

Dos Dous, que iguaes na effigie sublimada
Mostraõ serem no vulto Heròes preclaros,
Aquelle Alvaro Vás se diz de Almada,
Conde de Abranches por seus feytos raros:
Essoutro que soberbo empunha a espada,
A quem saõ os annaes do tempo avaros,
He Duarte Brandaõ, cujas proezas
Credito saõ das Armas Portuguezas.

53.

Os que em mais alto ſolio reſplendecem
Com modo altivo, aſpecto ſoberano,
Pelo eſcudo, & coroas ſe conhecem
Serem os Reys do mundo Luſitano:
Eis-aqui viſto tens os que merecem
Viver izentos do poder tyrano
Do tempo eſquivo, naõ os que encoſtados
No tronco eſtaõ de ſeus Antepaſſados.

54.

E porque vaõ correndo as lentas horas
Em nomear os mais naõ me detenho,
Porque o tempo naõ ſofre mais demoras
Que as que por te ſervir tomado tenho:
Que inda que na detença, que me imploras,
Obedecerte fora o meu empenho,
Neſte Templo á Memoria conſagrado
Deternos muyto naõ conſente o Fado.

55.

Dalli para hum altar o vay guiando,
Que ſer o principal ſe conhecia,
Em que os olhos o Mello apaſcentando,
Corinthia fórma de alabaſtros via:
Seis ſoberbas columnas ſuſtentando
Eſtaõ tres arcos, onde ſempre o dia
A materia ferindo, que cegava,
Soes produzia, Auroras ſcintillava.

Neſte

56.

Neste altar com magnifica estructura
Hum trono se elevava fabricado
De materia brilhante, rica, & pura,
De cujos rayos era alumiado:
Onde occupando a excelsa architectura
Hum Oraculo estava, a Fama, & o Fado,
No Oraculo se via hum livro em metro,
E na Fama hum clarim, no Fado hum cetro.

57.

Alli postrada a Nynfa, reverente
Tres vezes ao altar a fronte inclina,
E em grave estylo, methodo eloquente
Assim orou soltando a voz divina;
O' Tu, alto Motor omnipotente,
Cujo bastaõ os astros predomina,
Inviolaveis fazendo os teus decretos,
Ao mundo taõ fataes, como secretos;

58.

E Tu, ò simulacro soberano,
Dos futuros Interprete sagrado,
Que escreves nesse annal o bem, & o dano,
Que aos Imperios destina o summo Fado:
Ambos me concedey que possa o arcano
Desse volume ler não revelado
Inda a nenhuma humana creatura
Por successos da idade ter futura.

Permiti

59.

Permitti que os progressos contingentes,
Destinados á Luza Monarchia,
Me sejaõ neste occulto annal patentes,
Que contem do Universo a profecia:
Aos Numes estes rogos eloquentes
Formando a Nynfa, ao trono se subia,
Aonde aos pès do Oraculo postrada,
Lhe toma o annal com venia anticipada.

60.

O Catalogo abrindo, por mysterio
No Capitulo dà; que ver procura,
Em que as acções do Lusitano Imperio
Estampadas á idade estaõ futura:
Nelle com modo grave, & estylo serio
Pondo os olhos, & a voz dando á escritura,
A' dextra alli o Herôe preclaro tendo,
Desta sorte o Capitulo foy ledo.

61.

Morto Joaõ, ao Reyno Lusitano
ElRey D. Joaõ o IV. As redeas tomará Luiza invita,
A Serenissima Senhora D. Luiza Francisca de Gusmaõ sua molher. Que admiraçaõ será do Imperio Hispano,
Do illustre Portugal gloria inaudita:
Por cuja morte o Cetro Castelhano
Contra ella mandará gente infinita,
De que o Luzo triunfando em viva guerra,
Seus soberbos pendões porá por terra.

Atè

62.

Atè que do governo fatigada,
A Affonſo o largára, que em governando,
Reſiſtindo ao valor da Luza eſpada
Virá pelo Alentejo a turba entrando:
Onde a Cidade de Evora cercada,
Cuja excelſa muralha ao ar voando,
As portas lhe abrirá no meſmo inſtante,
Pelas quaes entrará o Ibero ovante.

63.

A Alcacere do Sal o bravo Hiſpano
Virá vagando em bellica torrente,
Onde ſem reſiſtencia entrando ufano,
Fará por ſeu paiz eſtrago ardente:
Porèm exprimentando mayor dano,
Verà trocada a ſorte em continente,
Que ao paſſar do Degebe o Luzo altivo
Eſtrago lhe fará mais exceſſivo.

64.

Daqui os dous Exercitos levando
Sempre à viſta hum do outro o paſſo incerto,
Lá no deſtricto do Canal parando,
Batalha ſe darão em campo aberto:
A qual glorioſamente em fim ganhando
Com eſtranho valor o Luzo experto,
Dará ſeu forte braço ſem ſegundo
Deſenganos a Heſpanha, annaes ao mundo.

65.

Desta campina o cerco cavernoso
Repetirá por toda a eternidade
D.Sancho Manoel. Do bravo Sancho o nome vitorioso,
Maravilha mayor de toda a idade:
Onde aquelle lugar por espantoso,
Theatro atroz de estranha mortandade,
Por terror do Hespanhol, assombro, & medo,
Aos vindouros será mostrado ao dedo.

66.

Daqui se seguirá que em continente
Evora, que estará no jugo oppressa,
Restaurada ha de ser gloriosamente,
Acção digna de andar na fama impressa:
Neste tempo a Rainha preeminente,
Do Lusitano Imperio alta cabeça,
Por lhe o Filho fazer guerra mais dura
A' paz se acolherá de hũa clausura.

67.

Em tanto contra o Luzo o Hispano armado
Na Provincia da Beyra bellicosa
Castel-Rodrigo demandando ouzado,
A baterá com furia sanguinosa:
Mas, qual penhasco ás ondas costumado,
Defendendo-se a Praça valerosa,
Resistirá com força esclarecida,
Tè que será do Luzo soccorrida.

Oppon-

68.

Oppondo-se ao soccorro o Castelhano,
Batalha se darà taõ estupenda
Que por ella ao famoso Lusitano
Lhe prometto que mais seu nome estenda:
Onde por derradeyro desengano,
Vendo dos seus o Ibero a perda horrenda,
Que o campo deyxarà lhe certifico
Cheyo de mortos, de despojos rico.

69.

Pedro Jaques Author serà da empresa, *Pedro Jaquez de Magalhães.*
Aquelle Herôe de esforço esclarecido,
Por cujo ardor, estranha fortaleza,
Sempre ha de ser da Fama engrandecido;
Aquelle, que da guerra na aspereza
Nunca assustar o fez Marcio alarido.
Nem suar elmo, molestar vizeyra,
Nem da tuba enfiar a voz guerreyra.

70.

No largo campo, emfim, de Montes-Claros
Sexta batalha dando o Lusitano,
Serà nos feytos, que ha de obrar preclaros,
Repetido terror do povo Hispano:
Sendo assombro por seus triunfos raros
Do Assyrio, Persa, Grego, & do Romano;
Cujo nome, por elle, sem segundo
Esquecido ha de vir a ser no mundo.

71.

Marialva hade ſer alta cabeça,
Como da de Elvas foy, deſta vitoria;
Porque arvorando dous tropheos mereça
Ser eterno mil vezes na memoria:
O nome de Annibal no mundo eſqueça,
De Scipiaõ ſe calle a excelſa gloria,
Ceſſem de Orlando as inclitas façanhas,
Que inda as deſte alto Herôe ſaõ mais eſtranhas.

72.

Seguirſeha que ao Rey do Imperio Hiſpano,
Philippe o Quarto, Sol mais ſublimado,
Se quebraràõ os nòs do laço humano,
Da vida ao fim chegando aſſinalado:
Em tenra idade Carlos Soberano
Ficará ſucceſſor do regio Eſtado,
Que em tanto regerá com zelo, & fama,
A Mãy, do tronco de Auſtria auguſta Rama.

A Senhora Dona Marianna de Auſtria Rainha de Caſtella.

73.

Em tanto là virá deſſe emiſpherio
Gallicano a de Aumalle alta Duqueza,
A lograr com Affonſo o alto Imperio
Da illuſtre Monarchia Portugueza:
Porèm jà não verá quem por myſterio
Paſſou em tudo as rayas da grandeza,
Luiza, aquella em fim Matrona forte,
Por haver jà pagado o feudo á morte.

A Sereniſſima Princeſa Maria Franciſca Iſabel de Saboya, Duqueza de Nemours & de Aumalle Rainha de Portugal.

Mas

74.

Mas ay que deſte Reyno a policia,
Bem como Nao ſem leme çoçobrada,
Por cauſa de hũa inſana fantaſia
Confuſa ſe ha de ver, & perturbada:
Onde depoſto o Rey da Monarchia,
E delle a intacta Eſpoſa ſeparada,
Por força ſe verà deſte embaraço
Entre Pedro, & Maria atarſe o laço.

75.

Deſte Hyminêo por fruto ſoberano
A unica ſem par bella Iſabella
A luz virá naquelle dia ufano,
Em que a melhor nos Reys domina eſtrella:
Eſta ſerá do Imperio Luſitano,
Se o Ceo lho naõ tirar, Rainha bella,
Mas ſim lho tirará, que deſtinado
Lhe tem mais alto grao, mais digno eſtado.

A Senhora D. Iſabel Infante de Portugal.

76.

Depois de choques mil, varias ſortidas,
Abertos muros, torres expugnadas,
Rotos Caſtellos, terras deſtruidas,
Ganhadas Praças, Villas ſaqueadas,
De Cidades a eſtragos reduzidas,
De povoações em cinzas ſepultadas,
De rendidos quarteis, de entrados Fortes,
De ruinas, eſtragos, danos, mortes.

77.

Entaõ ſe tratará da guerra ardente
A paz dos Heſpanhoes taõ deſejada,
Que em annos vinte & ſete duramente
Os fios provaráõ da Luza eſpada:
Onde ganhando a Luſitana gente
Seis batalhas, ſerá ſempre acclamada,
A' patria ſendo, a Fama, ao tempo, ao mundo,
Gloria ſem par, exemplo ſem ſegundo.

78.

Depois de taõ confuſa tempeſtade,
Em que ha de fluctuar o Luzo Imperio,
Conſeguirá feliz tranquilidade
Pedro o cetro empunhando (alto myſterio!)
Qual depois de nocturna eſcuridade,
De ventos, & trovões neſte emisferio
Novos alentos cobra a bella Flora
Ao feſtivo naſcer da alegre Aurora.

79.

Annos paſſando algũs, Afonſo á morte
Darà da vida o ſolito tributo;
Sentindo brevemente da Conſorte
O Auguſto Pedro o doloroſo luto:
Mas por conſolaçaõ de dor taõ forte
Lhe ficará da Eſpoſa o doce Fruto,
A portentoſa Prenda, a rara Filha,
Rayo do Sol, do mundo maravilha.

A occu-

80.

A occuparlhe do leyto a parte vaga
A Flor melhor virá lá de Alemanha,
Por quem ſe abraza Amor, o Sol ſe apaga,
Em prendas rara, em fermoſura eſtranha:
Maria aqui te auſpica voz preſaga
Que has de ter teu zenith na antiga Heſpanha,
Mas oh tão certo, como eſtranho caſo!
Que zenith não foy queda para o Occaſo?

A Sereniſſima Senhora D. Maria Sofia Iſabel de Neoburg Rainha de Portugal.

81.

Eſta produzirá ſete Luzeyros,
Que hão de predominar ſete Hemiſpherios,
Quatro partindo bravos, & guerreyros,
Do Mundo as partes quatro em quatro Imperios:
Os quaes là pelos povos derradeyros
De hũs ſendo aſſombros, d'outros vituperios,
Faraõ ſoar ſeus feytos peregrinos,
De annaes capazes, de poemas dinos.

82.

Sò Tu, de illuſtre Cedro Auguſta rama,
Da Palatina Flor Tronco fecundo,
Podias, ſendo enveja ao mundo, & á Fama,
Dar Reys à Europa, a quem ſe humilhe o mundo:
Neſte auſpicio feliz já Lycia clama,
D'altos vivas enchendo o Ceo rotundo,
Que ha de pòr leys, & feudos ſingulares,
Ao mundo Portugal, o Tejo aos mares.

83.

O que tiver primeyro o naſcimento
Na matutina luz da tenra idade
Encontrando no berço o monumento
Ephymera ſerá na brevidade:
Porèm ſubindo ao ſacro Firmamento
O cetro logrará da eternidade,
Achando-ſe na luz do melhor dia
Succeſſor da mais alta Monarchia.

84.

Porèm como, ò Planeta ſoberano,
Sendo tú do Hyminéo primeyro fruto,
Por primicia do Imperio Luſitano
Naõ havias de ſer do Ceo tributo?
Neſſe, pois, em que habitas ledo, & uſano,
De eternos rayos circulo incorruto,
Do Reyno, que deyxaſte, naõ te eſqueças,
Que he juſto que por teu o favoreças.

85.

O ſegundo ſerá taõ ſitibundo
De eſtender ſeu Imperio preeminente,
Que ha de ſer breve o mar, eſtreito o mundo,
A ſeu braço fatal, ſeu peyto ardente:
Quinto Joaõ ſerá, mas ſem ſegundo
No valor ſe ha de ver aſſombro á gente,
Sogeytando a ſeus pés com vivas guerras
Incognitas Nações, eſtranhas terras.

Quem

86.

Quem ſe naõ Tu, Joaõ, que em tenra idade
Do teu ardor jà moſtras claro indicio,
Podia aſſumpto ſer da eternidade
Neſſe, que occupas, vigilante officio?
Por hum pouco inclinando a Mageſtade
Ouve de humilde voz ſublime auſpicio,
Em que teu alto Imperio ſem ſegundo
Porá jugos ao mar, freyos ao mundo.

87.

Vive, pois, alto Rey, ſempre triunfante,
Guardado ao Mouro atroz, ao Turco iroſo,
Para lhe ſer teu braço militante
Da indomavel cerviz jugo afrontoſo:
Olha que o povo vaõ, que habita o Atlante,
Temendo o teu Imperio poderoſo,
Sómente aos viſos deſſa eſpada fina
Já arrogancia ſogeyta, o collo inclina.

88.

Atè aqui por primor da Monarchia
Se ha de ver na florida idade Aquella,
Que será luz do Sol, Alva do dia,
Aquella taõ gentil bella Iſabella:
Mas ay que a fouce audaz da Parca impia
Hade cortar em flor eſta Flor bella,
Poſtrando de hum ſó golpe á força dura
Mundos de amor, & Ceos de fermoſura.

Se

89.

Se por alto explendor do teu Oriente,
O' ditoſa Princeſa eſclarecida,
Te has de ver com eſtrella providente
Procedida de Reys, com Reys naſcida;
Outra eſtrella has de ter mais preeminente,
Pois vindo de Coroas tres ſeguida,
Te has de partir com gloria ſublimada
De palmas onze mil acompanhada.

90.

O que a Joaõ ſeguir no naſcimento
Hum Franciſco ha de ſer, que em tenros annos
Moſtrará no valor o raro alento
De ſeus Progenitores ſoberanos:
No Mouro atroz, no Povo truculento,
Fazendo eſtragos, repetindo danos,
Será, atroando os ambitos ſupernos,
Raro prodigio aos tempos ſempiternos.

91.

Virá depois a inclita Thereſa,
Fermoſiſſima Luz, Flor peregrina,
No explendor oſtentando da belleza
Luſtres de Sol, agrados de bonina:
Mas ay que Sol, & Flor, bella Princeſa,
Em flor te ha de cortar a Parca indina;
Mas que flor, ou que Sol em breve alarde
Não murcha na manhã, morre na tarde?

Se

92.

Se, pois, no abril da idade, ò bella Infante,
Se no eſplendor da vida a morte impia
Ha de ficar dos annos teus triunfante,
Na manhã eclipſando o tenro dia:
Se has de naſcer á Aurora ſemelhante,
Se has de gozar de Flor a primazia,
Que flor paſſa da idade de huma Aurora?
Que Aurora excede as clauſulas de hũa hora?

93.

Hum Antonio ha de ſer o quinto Rayo,
Que a redea aos Infieis terá ſegura;
Pois de o nome lhe ouvir mortal deſmayo
Terá da Lybia ardente a plebe dura:
Tal que izento o fará no Marcio enſayo
Das leys caducas da alagoa eſcura
Seu alto esforço, ſeu valor profundo,
De aſſombro enchendo o mar, de enveja o mundo.

94.

Franciſca, qual eſtrella matutina,
A ſexta Luz ſerá, que na belleza
Oſtentando accidentes de Divina,
Ha de exceder os dõs da natureza:
O Ceo, pois, que te fez tão peregrina,
O' bella Infante, ò inclita Princeſa,
Te auſpica que do occaſo derradeyro
De Reys haſde illuſtrar o mundo inteyro.

O ſepti-

95.

O ſeptimo explendor da Luza esfera
Ha de ſer Manoel, que em tenros annos
Fará mudar de cor a gente fera,
Que os campos fertiliza Mauritanos:
Tal que o barbaro Rey, que a Lybia impera,
Receando os ſeus feytos ſoberanos,
Ainda eſtando em paz tranquillo, & quedo,
Lhe ha de o cetro da mão cahir de medo.

96.

Eſtas Eſtrellas, pois, do Luzo Imperio,
Dos ſoberanos Reys preclaras Filhas,
Seraõ nos Orbes de hum, d'outro emiſpherio
Sete Planetas, ſete Maravilhas:
Dos quaes cinco vivendo por myſterio,
Dous verão em mortalhas as mantilhas,
A quem cabendo o que eſte globo encerra,
Dous reynaráõ no Ceo, cinco na terra.

97.

Manoel Telles da Sylva primeyro Marquez de Alegrete Embaixador & Conductor deſta Senhora.

A ti ſe deve, ò inclito Alegrete,
O verſe Portugal com gloria tanta,
Em conduzir a Flor, que em Frutos ſete
Fecundou de Bragança a Regia Planta:
O Tejo, que inda os vivas te repete,
Te poſtra aos pès a tumida garganta,
Porque deſſe Alegrete as ſuperiores
Plantas beijandolhe eternize as flores.

Virá

98.

Virá buſcar em tanto a patria amada
O reſplendor da auguſta Catherina,
Viuva, mas com gloria ſublimada
De reduzir o Eſpoſo á Fé Divina:
Será no Regio alcaçar hoſpedada
Pela preclara Aurora Palatina,
Aquella eſtranha Pheniz, digo aquella
Aguia em tudo Imperial, Maria bella.

99.

Mas ah como a ſeus olhos brevemente
Lha ha de uſurpar a morte impia, & fera,
Deyxando neſta auſencia amargamente
Em triſte noyte a Luſitana esfera:
Quem a dor, que inda hoje Lycia ſente,
Bella Rainha repetir podèra,
Mas a dor, que a ſilencio nos condena,
Nem eſte alivio admitte a tanta pena.

100.

Aqui com letras d'ouro vendo eſcrito
O papel o alto Herôe, no livro attento
A mayores acções eleva o eſprito,
Em quanto a Nynfa embarga o grave alento:
A qual depois de hum pouco haver reſtrito
A mudo aſſombro o vago penſamento,
O ſilencio rompendo, á lauda entregue,
Mais a voz levantando aſſim proſegue.

Mas

101.

Mas para a acçaõ do Luzo a mais glorioſa
Carlos II. A Carlos, alto Rey do Imperio Hiſpano,
Hade cortar a Parca rigoroſa
Da tranſitoria vida o laço humano:
Donde poſto na ſede mageſtoſa
Philippe V. O de Anjù ſe ha de ver com falſo engano,
Carlos III. A quem o de Auſtria a guerra deſafia,
Por ver que lhe pertence a Monarchia.

102.

Ah quanto Portugal ſerás buſcado
Para o fim glorioſo deſta empreſa,
Que tal he, alto Rey, teu Regio Eſtado
No poder, no valor, & na grandeza!
De Anglia, França, Alemanha procurado
Serás, porèm, ò gente Portugueza,
Como te haõ de deyxar, ſe em toda a parte
Por invicta te acclama o fero Marte?

103.

Todos confeſſem, pois, tua excellencia,
Teu excelſo poder publiquem todos,
Que hoje claro ſe vè na dependencia,
Que todos tem de ti por varios modos:
Dos Romanos ſe eſqueça a preeminencia,
Calle-ſe o nome dos famoſos Godos,
Ceſſe tudo o que a Fama canta, & preza,
A' viſta da alta gente Portugueza.

104.

Finalmente os tres Reynos aliados,
Portugal, Inglaterra, & o largo Imperio,
A reſtaurar iraõ determinados
D'Auſtria ao Luzeiro o Hiſpanico Emiſpherio:
O qual de errantes lenhos encurvados
Cobrindo o ſalſo campo, o golfo etherio,
Pelo Tejo entrará de glorias cheyo,
Pondo jugos ao mar, as ondas freyo.

105.

Mas já naõ ha de ver a fermoſura
D'aquella eſtranha Luz, gentil Thereſa,
Que lhe ha de ter de pouco a Parca dura
Tornado em ſombra os rayos da belleza:
Paſſados alguns Soes, na luz futura
Partiráõ os dous Reys á grande empreza,
Cujos fins por então não conſeguidos,
Ambos ſerão à Corte recolhidos.

106.

D'aqui ſe ſeguirá que nas fronteyras
Em guerra viva de hũa, & d'outra parte,
Arvorando-ſe as bellicas bandeyras,
Se ha de ver ſanguinoſo o fero Marte:
Mas, ò ditoſa tu, que nas primeyras
Da guerra acções ſeguindo outro eſtandarte,
Ao Ceo voando, Auguſta Catherina,
Irás lograr as pazes, de que es dina.

Mas

107.

Mas ay que hum lucto a outro ſucceſſivo,
Outro ſe ſeguirá tão doloroſo
No lamentavel golpe intempeſtivo
Do mais benigno Pay, Rey mais piedoſo:
O' Pedro, ou Pedra, donde o pranto vivo
Nos nace cada vez mais caudaloſo,
Eu não ſey qual em ti mais nos perſuade,
Se a dor, ſe o deſengano, ſe a ſaudade!

108.

Por ſucceſſor da Luza Monarchia
Ha de ficar Joaõ, Rey preeminente,
Fruto gentil da auguſta Hierarchia
Do Palatino Ramo Florecente;
O qual enchendo o Reyno de alegria,
Co a Flor da Planta d'Auſtria deſcendente,
Illuſtre Prima ſua em grao direyto,
Atarà do Hymineo o laço eſtreyto.

109.

A Sereniſſima Senhora D. Marianna de Auſtria hoje Rainha de Portugal.

Entrando pelo Tejo a Regia Armada,
A excelſa Marianna peregrina
Será da Lycia Corte feſtejada
Com aquella grandeza, de que he dina:
Qual vide ao Real tronco vinculada
Vive annos mil, ò Planta Palatina,
Porque produzaõ ſempre ſingulares
Os dous Ramos ſem par frutos a pares.

Vive

110.

Vive Aguia Imperial ao eſcudo unida,
Que Chriſto aſſinalou ao Luſo Imperio,
Taõ reſpeytada, como obedecida
Pelos confins de todo eſte Emiſpherio:
Aguia melhor em Pheniz convertida,
Te trouxe o Ceo por provido myſterio;
Porque dès deſſe thalamo fecundo
Rainhas às Naçoens, & Reys ao mundo.

111.

Tu do Alegrete Planta produzida,
Alegrete tambem, cuja alta Rama
Pelos troncos mais Regios eſtendida,
Em peregrinas Flores ſe derrama:
Tu, que aqui tranſplantaſte a eſclarecida
Flor, que pela melhor o mundo acclama,
Logra o meſmo brazaõ, que te compete,
Pois de tão bella Flor es o Alegrete.

Fernaõ Telles da Sylva ſegundo Marquez de Alegrete Embaixador & Conductor deſta Senhora.

112.

Maria, immenſo mar da fermoſura,
Manará deſta fonte ſoberana,
Que em altos preamares de ventura
Hade inundar a terra Luſitana:
Maria, ſe outro mar em ti ſe apura
Tão bello, qual a bella Marianna,
Em dous mares de prendas tão profundos
Mapas ſó te podiaõ ſer dous mundos.

113.

Por ſucceſſor do Imperio preeminente,
Auguſtiſſimo Rey, alto Monarcha,
Pedro ſe ha de ſeguir em continente,
Pedro, que ha de tomar o leme à barca:
Mas ay que, qual Jaſmim ao Sol naſcente,
Por dura ley da inexoravel Parca
O cetro perderá, mas neſſe dia
Irá lograr mais alta Monarchia

114.

Succederá Joſeph no claro Imperio,
Que lhe eſtá pela ſorte deſtinado,
Sendo ſupremo Sol deſſe Emisferio,
Que Chriſto tem por ſeu aſſinalado:
Creſce, pois, do Infiel por vituperio,
De Lethes excepçaõ, terror do Fado,
Para que lá na mais perfeyta idade
Exaltes no valor a Mageſtade.

115.

Carlos a Luz ſerá, que a Natureza
Por Planeta ha de pòr na quarta esfera,
Quarto parto, portento da grandeza,
Aquem por ſeu Cultor a Igreja eſpera:
Vive pois, que do mundo a redondeza
Já por ſummo Paſtor te conſidera,
Sendo na Ley Chriſtãa (como contemplo)
Moyſes ſegundo do Romano Templo.

Porèm

116.

Porèm hum pouco atráz retrocendo,
Tornando à, que toquei, mais rara empreza,
A Nympha ao Mello diz, que promettendo
Eſtá alta gloria á gente Portugueza:
Atende, ò grande Heroê, que eu te irey lendo
A que o mundo ha de ver mayor proeza
No da guerra eſtranhiſſimo progreſſo,
Que terá fim com proſpero ſucceſſo.

117.

Indo aqui onde o Mello mais attento
Applicava ſuſpenſo o prompto ouvido,
Quando com repentino movimento
O livro ſe fechou por ſi impellido:
Dizlhe a Nympha, notando o tal portento,
Atè aqui, ò Varão, te he concedido
Os futuros ſaber, que tem o Fado
Ao Reyno Luſitano deſtinado.

118.

Pois que o mais aqui jà te fiz patente,
E o Sol ſeu reſplendor nos vay negando,
Podeſ-te ir embarcar, & a tua gente,
Antes que a noyte venha ao mar bayxando:
Que eu te prometo, ò Héroe preeminente,
Que tenhas mar tranquillo, & vento brando,
Pelos quaes a Proſmouth portado ſejas
A ſalvamento, & paz como deſejas.

119.

Forão dalli para onde os companheyros
Andavaõ co as mais Nymphas divertidos
Em festejos, & bailes lisongeyros,
E de amor em mil jogos entretidos:
Atè que finalmente os Forasteyros
Das soberanas Nymphas despedidos
Com saudades mil, com mil abraços,
Se apartàram votando eternos laços.

120.

Metidos nos bateis vão para a Armada,
Da Ilha nunca os olhos apartando,
Tè que a noyte, de sombras enlutada,
Escurecendo o ar, lha foy negando:
A maritima gente ás Naos chegada,
Pelas cubertas huns se vaõ deytando,
A mudez buscão outros do aposento,
A seus Empregos dando o pensamento.

121.

Em quanto os scintillantes Luminares
Nas exequias arderaõ do alto Apolo,
E da funesta noyte os negros ares
Lhe cobriraõ de luto o mauseolo;
Cada qual ao rumor dos brandos mares,
E ao som das auras do sereno polo,
No passado estiveram praticando,
Pelos novos fulgores esperando.

Quando

122.

Quando toucada de ouro a bella Aurora
Pudibunda no Oriente apparecia,
E mal os montes, em que impera Flora,
De eſcaſſo reſplendor rayava o dia:
Elles olhando a parte donde fora
Deyxada a Ilha, quando em nevoa fria
A viraõ pouco a pouco ir desfazendo,
Ao Ceo ſubindo, o ar eſcurecendo.

123.

Atè que ás frechas da aura luminoſa
Sobre as ondas no ar deſvanecida
A nuvem de vapor caliginoſa
Cahio em tenro aljofar reſolvida:
Veſtido o ar ficou de neve, & roſa,
Mais claro o Sol, a esfera mais luzida,
Da viſta a Ilha em fim deſapparece,
Tal que nem onde eſtava ſe conhece.

124.

Na Coſta, que alli exiſte, alegre a gente
Em ligeyros bateis deſembarcava,
Recebe-a mais alegre, & mais contente
A multidão de Inglezes, que a habitava:
De povo ſe enche a praya de repente,
Vivas a vaga esfera retumbava,
Entre doces clarins ſoando logo
Em ſalvas as regiões, a terra em fogo.

125.

Trajado o vulgo com Real grandeza
Concorre a ver a Inclyta Rainha;
Chega a beijarlhe a mão toda a nobreza,
Moſtrandolhe o prazer, que n'alma tinha:
Ella a todos recebe, eſtima, & preza,
Tratando a cada qual como convinha,
Com tal agrado, tal benevolencia,
Que era cada palavra hũa influencia.

126.

Algumas, pois, alli paſſando Auroras
A preclara Rainha ſe deteve,
Onde as feſtas do goſto aduladoras
Fazião curta a noyte, o dia breve:
Atè que hum dia nas primeyras horas
A Armada refreſcando hũa aura leve,
Favoravel o mar, propicio o vento,
A convida a entregarſe ao ſalſo argento.

127.

Do Piloto o clamor, do Meſtre o grito
Acorda de improviſo os Marinheyros,
Que promptos, como em bellico conflito,
A ſeus poſtos correndo vaõ ligeyros:
Hũs tirão pela amarra ao ſom do apito,
Outros pendem de altiſſimos madeyros,
Soltando velas, ancoras levando,
Nautico eſtrondo aos ares levantando.

D'aquel-

128.

D'aquella Costa as quilhas apartadas,
Tão gentilmente os mares vão rompendo
Que o vento brando, as ondas sossegadas,
Parece que lhe vão obedecendo:
Hũas de finos toldos emplumadas,
Outras largas bandeyras estendendo,
Parecião nos varios galhardetes
Vagos Abris, nadantes ramalhetes.

129.

Já da viagem quasi as derradeyras
Ondas os lenhos hiaõ navegando,
Para as ledas, & frigidas ribeyras
De Prosmouth as proas inclinando:
Quando ao longe se avistão vir ligeyras
Cinco Naos, que as da Armada vem buscando,
Mal se conhecem, quando de alegria
D'ambas as partes soa a artelharia.

130.

Depois de ser tres vezes festejado
Este encontro com salvas retumbantes,
O grão Duque de Yorth, Jacob chamado,
Seu Secretario envia ás Naos possantes:
O qual a breve lenho trasladado,
Rompendo vay as ondas fluctuantes,
Tè que chegando á Nao busca a Rainha,
Entrando aonde o Regio hospicio tinha.

131.

Inclinado ante a Fronte ſoberana,
Lhe conſagra profunda reverencia,
E com grata altivez, modeſtia urbana,
Orna a voz de grandiloqua eloquencia:
Dizendo, ò bella Aurora Luſitana,
Que conduzida aqui da ſacra Eſſencia
Vēs a aplacar com provido myſterio
As varias confuſoēs do noſſo Imperio;

132.

O Grão Duque de verte deſejoſo
Para beijarte a mão vènia te pede,
Onde te renda em culto affectuoſo
A vontade por dom, que a tudo excede:
E tu por teu vaſſallo venturoſo,
Alta Rainha, o meſmo me concede,
Que em mais que Rey do mundo a ſorte minha
Julga vaſſallo ſer de tal Rainha.

133.

A preclara Senhora ouvindo attento
Do eloquente Varaõ o exordio grave,
Em conceytos ſoltando o doce alento,
Applica á ſabia voz facunda chave:
E depois que em benigno tratamento
Lhe deu repōſta em methodo ſuave,
Outorgandolhe a venia, que lhe pede,
Com ella ao Duque o Embayxador deſpede.

Elle

134.

Elle dando a repoſta ao Duque altivo,
Jacob a breve lenho a vida entrega,
E entre doces clarins, clamor feſtivo,
Com Regio fauſto para a Nao navega:
Ferindo remos doze o golfo eſtivo,
O Real Bargantim ao bordo chega,
Onde humilhado o Duque ſe apreſenta
A' Aquella, que a Real grandeza oſtenta.

135.

Alli depois que á ſingular Rainha
As graças deu o Duque ſublimado,
Da Nao alegre a ſeu bayxel caminha
De illuſtre fidalguia acompanhado:
As Naos do rumbo proſeguindo a linha,
Sulcáraõ algũs Soes o mar ſalgado,
Atè que as altas torres aviſtando
Alegres foraõ pelo porto entrando.

CANTO XII.

ARGUMENTO.

EM Anglia se celebra o casamento,
Onde firme na empresa Catherina,
Favor pedindo ao sacro Firmamento
Hũa Visaõ lhe falla peregrina:
A qual de seu constante pensamento
O desejado fim lhe vaticina,
Carlos em fim com gloria soberana
Espirando, protesta a Fè Romana.

I.

CIrculos vinte & quatro o Joven Louro,
Que por campos de luz Ethontes guia,
Tinha feyto, rodando o carro de ouro
Pelo signo, em que o Ceo os Gemios cria:
Quando cortando o liquido thesouro,
Que Prosmouth dispende em prata fria,
A Regia Armada em fim chegava usana
Ao porto Inglez da praya Lusitana.

Solta

2.

Solta ao vento a bandeyra ſe encreſpava,
No ar o galhardete ſe eſtendia,
Volante o toldo os Aſtros emplumava,
Vaga a flamula as nuvens reveſtia,
De varia cor o ar ſe matizava,
O mar de inchadas velas ſe cobria,
Onde as proas as ondas levantando,
Cada qual rompe o mar, que bebe arfando.

3.

O ſulphureo clamor do fero Marte
Por boccas de metal os orbes gyra,
A cujo ſom, que ſe ouve em toda a parte,
Treme o Ceo, geme a terra, o mar ſuſpira:
O ſonoro clarim nos pontos d'arte
Em clauſulas armonicas reſpira,
Dando em cadencias do quebrado alento
Aos orbes ſuſpenſaõ, aſſombro ao vento.

4.

Das torres, & das naos a artelharia
Feſtiva brama, bellica contende,
Eſcurece-ſe o Sol, turba-ſe o dia,
O mar em mil relampagos ſe acende,
Rude celeuma, nautica armonia,
Se levanta das naos, que mal ſe entende,
O Nauta colhe a vela, que ſe ondea,
Surge a Armada, o bidente morde a area.

As

5.

As grutas, onde as tubas retumbavão,
Ao mar tornando as clausulas canoras,
Pelos ares clarins multiplicavão,
Fazendo as altas regiões sonoras:
De varia gente as prayas se inundavão,
O mar se enchia de Aguias nadadoras,
Causando a gala, a pompa, a bizarria,
Gloria ao mar, lustre ao Sol, realce ao dia.

6.

Quando hũ breve Bayxel, que as ondas fende,
De flammulas sutis ornando os ares,
Ave nadante á terra o voo estende,
Sendo lisonja ao vento, adorno aos mares:
Do qual o Regio Sol, que em luz se acende,
Os rayos trasladando singulares
Passa a hũa carroça, em que guiada
Ao Paço foy com pompa sublimada.

7.

Apenas esse Pheniz luminoso
Havendo já seis vidas numerado,
O Rey áquelle sitio venturoso
Chegou de toda a Corte acompanhado:
Onde depois que em culto affectuoso
Fez o obsequio devido ao Emprego amado,
Na tarde subsequente em solio Regio
Solemniza o Hyminêo com fausto egregio.

Dalli

8.

Dalli caminha a pompa mageſtoſa
A hum retiro, em que a placida corrente
Do celebrado Tamaſis, luſtroſa,
Formava a Flora eſpelho tranſparente:
Onde aſſiſtio em quanto a luminoſa
Cinthia tres vezes ſe moſtrou patente,
Tè que na Corte os Reys eſclarecidos
Foraõ com graves feſtas recebidos.

9.

Lento voava hum anno, & outro anno
Nas leves azas da ligeyra idade,
Em que veloz correndo o tempo ufano,
Paga o tributo à immenſa eternidade:
Naquelle, em tanto, d'alma doce engano,
Laço de amor a Luza Mageſtade
Gozava do Hyminêo entre as delicias
As liſonjas do amor, d'alma as caricias.

10.

Mas na piedoſa empreſa, a que anhelava,
Em que taõ fervoroſa perſiſtia,
Subito eclipſe o goſto lhe nublava,
Vendo que o Eſpoſo o rito vão ſeguia:
Coſtante no remedio machinava,
Sem deſcançar no meyo diſcorria,
De ſogeytar-lhe o arbitrio da vontade
Ao ſoberano Imperio da verdade.

Unindo

11.

Unindo a mayor pena à mayor gloria
Hia do Amor gozando o doce laço,
A origem conſervando na memoria,
Que lhe ſervia ao goſto de embaraço:
Mas como dependia eſta victoria
Só do favor do Omnipotente braço,
No auxilio, em que inceſſavel perſevera,
Conſtante fia, fervoroſa eſpera.

12.

Neſta larga eſperança as breves horas
Lhe pareciaõ mil eternidades,
Que na pena os inſtantes das Auroras
Os Seculos excedem das idades:
Porque as rodas do tempo voadoras
Contradiçoens unindo, & variedades,
Giraõ com differente movimento
Ageis no goſto, tardas no tormento.

13.

Oh natureza humana, que em teu dano
Parece que inda o tempo o giro alterna;
Pois no mal, & no bem com vario engano
O curſo de ſeu circulo governa:
Voa no bem hum anno, & outro anno,
No mal hũa ſó hora dura eterna,
Que ſempre a vida humana em tudo amarga
No goſto breve foy, na pena larga.

Aſſim

14.

Assim a soberana Catherina,
Toda entregue a taõ alto pensamento,
No coraçaõ sentia a dor mais fina,
Sem desafogo achar no seu tormento:
Quando hum dia suspensa, & peregrina
A' soledade dando o sentimento,
Parou onde hũa penha na dureza
Serve de Idolo à dor, de ara à tristeza.

15.

Aqui, pois, onde as plantas sentinellas
Se faziaõ da bronca penha viva,
Formando do verdor das folhas bellas
Docel frondoso á prata fugitiva;
Movendo Ceos, compadecendo estrellas,
Na intensa dor, na fragoa sensitiva,
Ao saudoso rumor das doces agoas
Catherina chorava as suas magoas.

16.

Sobre a maõ branca a face florecente
Chorosa, & pensativa tendo em tanto,
Por corrente melhor dava à corrente
A fermosa corrente de seu pranto:
Onde naquella acçaõ indifferente,
Naquelle da mudez absorto encanto,
Parecia na dor, que a magoa exhorta,
No pranto viva, no silencio morta.

Orva-

17.

Orvalhando-lhe o aljofar peregrino
Das brancas faces as purpureas flores,
O peyto lhe sulcava cristalino,
Sendo hum candor Iman d'outros candores:
Nunca o Sol padeceo no matutino
Alento eclipse tal em seus fulgores,
Como no Sol se viraõ da belleza
Nuvens de pranto, sombras de tristeza.

18.

Triste sim, porèm tal que bem podera
Do triste fazer gala a fermosura,
Pois dandolhe outra graça a pena fera,
As sombras foraõ alma da pintura:
Tal que nesta do Amor nublada esfera
As trevas excedendo a luz mais pura,
Quiz por melhor Artifice a tristeza
Apurar os pinceis da natureza.

19.

Depois de hum pouco dar ao pensamento
Do seu cuydado o affecto emmudecido,
Da pia voz soltando o brando alento
Assim rompeo, na dor dando hum gemido;
O' clara fonte, se esse ondoso argento
He a meu pranto objecto parecido,
Quero nestas correntes, que desato,
Ver se acho alivio algum no meu retrato.

Mas

20.

Mas para que a meu pranto alivio eſpero?
Se a toda a dor a cauſa me condena,
Conſolaçaõ á magoa já naõ quero,
Que he o alivio deſcredito da pena:
Mas, ò Ceos, ſe no meu martyrio fero
Padecer ſem remedio a ſorte ordena,
Remedio ſeja o mar, que eſtou chorando,
Mas ay que he forte a dor, o alivio brando.

21.

Ao continuo correr deſte meu choro
A minha dor murmure eſta corrente,
No ramo cante o paſſaro ſonoro
Ao ponto, em que ſuſpiro triſtemente:
O dia alegre dure em quanto eu choro,
Em quanto eu peno a Aurora o riſo oſtente,
Viva contente, & eu triſte em dor taõ grave
A Aurora, o dia, o Sol, o rio, a ave.

22.

Logrando a tenra idade das Auroras
Paſſa alegre a florida primavera,
De ſeu amor gozando adula as horas
A planta, o tronco, o peyxe, a ave, a fera:
Naõ foras tu aſſim? que aſſim naõ foras,
Oh triſte Catherina, ay quem me dera!
Mas ay que ſendo eu mais por natureza
Vivo com menos goſto, & mais triſteza!

23.

Mas como cà na terra achar procuro
Refrigerio efficaz a meus peſares?
Se inda là compayxaõ meu pranto puro
Naõ acha em vòs, ò puros Luminares;
Parou, & aqui para o Celeſte muro
As mãos levanta, & os olhos, que dous mares
Vertiaõ, com que a terra prateava,
E as perolas á fonte accreſcentava.

24.

Quando alli por hũ pouco contemplando
Na belleza dos aſtros luminoſos,
D'alma novas razões deſentranhando,
De inſenſiveis os quer fazer piedoſos:
Onde ao ſupremo Interprete invocando,
Que attento lhe ouve os ecos laſtimoſos,
As muralhas penetra de Zafiros,
Proſeguindo o clamor deſtes ſuſpiros;

25.

O' Tu, ſagrado Sol, mais que o Sol puro,
Da terra, mar, & Ceo Senhor ſuperno,
Gloria infinita do Celeſte muro,
Alto Motor do globo ſempiterno,
De cuja dextra treme o reyno eſcuro,
A cujos pès ſe poſtra todo o Inferno;
Mas ſuſpenda-ſe a voz, porque o Infinito
Naõ ſe reduz a numero preſcrito!

Atè

26.

Atè quando a meu rogo endurecidos
Os Astros hey de ver do Firmamento?
Tè quando teraõ termo os meus gemidos,
A magoa, a pena, a dor, o sentimeuto?
Oh penetrem meus ays taõ repetidos
Os sacros muros desse Empyreo assento,
Para que nesta dor, nesta ancia possa
Chegar a pena minha à gloria vossa.

27.

Oh quem fora; mas logo interrompida
De hum soluço a rethorica eloquente,
Pallida a cor, a voz emmudecida,
Parou, dando ao silencio o rogo ardente:
Ficando aqui de todo amortecida,
O coraçaõ lhe opprime a dor vehemente,
O coraçaõ; que em lagrimas desfeyto
Se ouvia suspirar dentro no peyto.

28.

Gratamente a belleza çoçobrada
Nas tormentas da dor, no mar da pena,
Naufragáraõ na face desmayada
Ondas de rosa em mares de açucena:
Ficando no candor taõ sublimada
Do bello rostro a lamina serena
Que no roubo gentil da face pura
Vida o desmayo foy da fermosura.

29.

Aſſim os reſplendores ſepultados
Nas tenebroſas ſombras da triſteza,
Une as peſtanas, & os dous Soes nublados,
Tregoas deu às payxões da natureza:
Porèm na ſuſpenſaõ dos ſeus cuydados
Inda o ſentido dava á ſua empreſa;
Pois por ſinal de que inda a tanto aſpira,
De quando em quando o peyto lhe ſuſpira.

30.

Quando neſta da dor mortal violencia
Por virtude da vaga fantaſia
Em fórma humana, ſolida apparencia,
Hum Corteſaõ do Ceo lhe apparecia:
Que exhalando de ſi rara influencia,
Preſtava luz ao Sol, candor ao dia;
Pois de eſtranho explendor, & neve pura
Cobria o peyto, ornava a fermoſura.

31.

O Sacro Paranimpho ſe librava
Nas tranſparentes azas, que batendo
As ethereas regiões illuminava,
Dous relampagos bellos parecendo:
Quando da voz, que aromas reſpirava,
O eſpirito ſonoro reſolvendo,
Aſſim lhe embarga a dor, dandolhe ao rogo
Por linguas de eſplendor razões de fogo;

Piedo-

32.

Piedosa Catherina, abate a pena,
Que remontas ao Ceo em varios giros,
Pois rompendo essa machina serena,
Tens penetrado o Alcasar de Zafiros:
Chegado o tempo he jà que Deos ordena,
Benignamente atento a teus suspiros,
Que, arvorando o tropheo, ganhada vejas
A gloriosa conquista, que desejas.

33.

Disse, & aqui clausulando o doce alento,
Rompe com movimento accelerado
As fluidas regioens, que occupa o vento,
Explendor dando ao dia duplicado:
Nunca ostentou taõ grande luzimento
Relampago do Polo desatado,
Quando reverberando no Orizonte
Córa o ar, doura o Ceo, illustra o monte.

34.

Quando soltando a bella Catherina
Do profundo letargo o laço urgente,
Vendo ainda ir voando a Luz divina
Pelos confins da esfera refulgente,
Assim rompeo, dizendo: O peregrina
Consolaçaõ de meu martyrio ardente,
(Aqui elevando o corpo, abrindo os braços)
Oh quem teu voo atàra nestes laços!

35.

Mas as azas brandindo a Luz ſagrada
Sulcando vay a ſucceſſiva esfera,
Soltando ao vento a tunica banhada
No celeſte explendor, que ao dia impera:
Até que lá na machina eſtrellada
Engolfa a luz, que em rayos reverbera,
Qual fulgor, que nos ares apparece,
Que ao ponto, em que ſe vè, ſe deſvanece.

36.

Ella em tanto os affectos, & cuydados
Suſpenſa dava à esfera refulgente,
Tendo os olhos no Ceo arrebatados,
Muda a voz, preſa a viſta, errante a mente:
Aſſim como os Apoſtolos ſagrados,
Vendo lingoas chover de fogo ardente,
Tinhaõ na maravilha nunca viſta
Atadas as acçoens, ſuſpenſa a viſta.

37.

Quando o ditoſo Rey, que acaſo andava
Da bella Flora alli vendo os primores,
A melhor Flora vio, que abſorta eſtava,
Dando os olhos ao Ceo, o pranto às flores:
Ella no Rey, que eſtranho a contemplava,
Não adverte, que atenta aos reſplendores,
D'alma gozando aquelle doce enleyo,
De ſeu ſentido tinha o corpo alheyo.

38.

Elle admirando alli o Emprego amado
Nos extasis do absorto pensamento
Muda no ermo estar do seu cuydado,
Solitaria no mar de seu tormento;
Della ficou transsumpto assemelhado
No silencio, na dor, no sentimento,
Te que do mudo assombro o laço forte
Lhe desatou o affecto desta sorte;

39.

Como te vejo nesta soledade
Solitaria, chorosa, & pensativa?
Causando magoa à terra, ao Ceo piedade,
Vivo retrato desta penha viva?
Quem tal tristeza, tal penalidade,
Quem pranto taõ estranho te motiva?
A causa sayba, pois, que tanto ignora
Quem com fé tanta, tanto amor te adora.

40.

He muy justa, responde Catherina,
A causa desta dor (deste tormento
Melhor fora dizer, que dor tão fina
Inda excede ao martirio mais violento)
Deyxame, pois, chorar causa tão dina
De toda a pena, todo o sentimento,
Oh deyxame chorar, que he pouco o pranto,
Bem que o que admiras te pareça tanto.

41.

Mas, pois, queres ſaber donde naſcidas
Eſtas reliquias ſaõ, que verte a magoa,
Sendo de hum ſó principio procedidas,
De fogo a cauſa tem, o effeyto d'agoa:
Mas ay que as verto em vaõ, ay que perdidas
As vejo em teu regalo, & minha fragoa:
Oh ſejaõ eſtas, que hoje a dor deſpenha,
Fuzis, que fogo tirem deſſa penha.

42.

Em tudo iguaes ſejamos, charo Eſpoſo,
Que nas almas, que Amor identifica,
Com laço eſtreyto, vinculo amoroſo,
Conformes os affectos communica:
Se a Fé do amor he dom mais extremoſo,
Amor ſem fé, qual fé ſem fogo, implica,
Que eſtes dons mais que tudo inextimaveis
Affectos d'alma ſaõ inſeparaveis.

43.

Que importa, Eſpoſo meu, que em hũa unidas
Sacro Hyminêo ligaſſe as noſſas palmas,
Se vinculando o amor as noſſas vidas,
A Fè divide o nò das noſſas almas?
Oh nunca eſtas ſe vejaõ deſunidas,
Logrem juntas na Fé glorioſas palmas,
Deſta ſupplicao logro me concede,
Não me negues hum bem, que a tudo excede.

Diſſe,

44.

Disse, & suspenso o Rey atando o alento
Da proposta os artigos examina,
E confuso girando o pensamento
O que ha de responder não determina:
Porèm banhando em luz o entendimento
Rompe, dizendo, os fins, que o Ceo destina,
Como effeytos de Causa soberana
Tem mayor força do que a força humana.

45.

Dizendo, a voz suspende, & n'alta idea
Da peregrina Esposa envolve o rogo,
Sentindo que outro affecto o senhorea,
Que n'alma lhe introduz divino fogo:
Em mil contradiçoens o affecto enlea,
Na confusaõ naõ acha desafogo,
Ouve o discurso, que a razaõ lhe dita,
Ao trono atende, o mal, & o bem medita.

46.

Qual a amorosa pomba, que alinhando
O grato peyto aos aureos resplendores,
Na scintillante pluma està mostrando
Hum confuso matiz de varias flores:
Donde esmeraldas, & robins vibrando,
Ao collo hum mixto dá de dubias cores,
Que apparentes à vista, & successivas
Em duvidas se alternaõ fugitivas.

47.

Neſte confuſo chaos, neſta contenda,
Em que abſorto vacilla a idea vaga,
O melhor norte ſegue, mas a venda,
Que o vaõ temor lhe poem, a luz lhe apaga:
Entre hum bello explendor, & ſombra horrenda,
Quanto a razão fomenta o medo eſtraga,
Ficando em fim nublada em tanto enleyo
A luz da Fé das nevoas do receyo.

48.

Aſſim da vida o curſo proſeguindo
Neſte ou frio temor, ou cego engano,
A's inſtancias da Eſpoſa reſiſtindo
Se foy paſſando hum anno, & outro anno:
Mas Ella ſempre auxilio aos Ceos pedindo
Lhe inſinuava o rito ſoberano,
Convencendo-lhe o heretico aforiſmo
D'aquelle, em que vivia, cego abiſmo.

49.

Eis que a hora feliz jà ſe chegava,
Em que o Ceo fim ditoſo lhe deſtina,
Quando hum ardor, que o peyto lhe inflammava,
Lhe banha a mente de alta luz divina:
A' luz, que hum novo influxo lhe inſpirava,
Mudança n'alma ſente repentina,
Mudança, com que o Ceo lhe deu por ſorte
Rebelde a vida, & obediente a morte.

Por

50.

Por Elle a pia Eſpoſa a Deos rogando,
N'alma, que ſe lhe acende, a voz lhe imprime,
A qual em doces clauſulas ſoando
Actos de Fé reconditos lhe exprime:
Elle os olhos aos Ceos alevantando,
Na afflição, que os affectos lhe reprime,
Os muros penetrando ſempiternos,
Estes d'alma exhalou ſuſpiros ternos;

51.

O' Tu Padre, ò Tu Filho, ò Tu, que unido
Ao Pay, & a o Filho, hum ſois ſó Lume ardente,
Hum ſó Lume, & tres Rayos definido,
Tres Rayos, & hum ſó Lume independente:
E Tu, ò Virgem Mãy, de quem naſcido
O Verbo foy por obra omnipotente,
Teu puro ventre dandonos fecundo
Hum Homem Deos, hum Redemptor do mundo.

52.

Tu, que Aurora es do Sol mais ſublimado,
A quem do mundo he curta a redondeza,
Que em teu clauſtro puriſſimo encerrado
Trouxeste o meſmo Author da natureza:
Tu, que entre as negras ſombras do peccado
Os Rayos reveſtiſte da pureza,
Sendo (oh prodigio!) quando concebida
Na graça à natureza preferida.

A vòs

53.

A vòs clamo, a ti invoco, ò Virgem pura,
Dos Homens Protectora ſoberana,
Que nos rogos, no amparo, & na ternura
Es fonte de piedade à gente humana:
Peço-te pela dor, pela amargura,
Que ao pé da Cruz paſſaſte mais tyrana,
Que a Deos rogues por mim; pois ſe afiança
O' Virgem bella, em ti noſſa eſperança.

54.

E a ti, Eſpirito Angelico preſtante,
Fortaleza do braço Omnipotente,
De Lucifer terror ſempre triunfante,
Supremo Archanjo em tudo preeminente:
E a ti, que entre os mais Santos, ſacro Athlante,
Te acclamaõ por Mayor, voz ſendo à gente;
E a ti, humana Pedra peregrina,
Pedra, em que a Igreja ſe fundou divina.

55.

E a vòs, ò Almas bemaventuradas,
Eſtrellas immortaes da Empyrea Corte,
Que foſtes pela Fé martirizadas,
Victimas ſendo ao Ceo com peyto forte:
E a vòs, ò Santas Virgens, que enclauſtradas
Elegeſtes da vida a melhor ſorte;
E a vòs, que a ley divina miniſtraſtes,
E a mais triunfante morte divulgaſtes.

E a ti

56.

E a ti, ò Santa Mãy, de que apartado
Vivi, paſſando o gyro dos meus annos,
Profanando o teu culto ſublimado
Com os abſurdos vãos dos meus enganos;
Como Filho obediente aqui poſtrado
Jà teus ritos venero ſoberanos,
Jà me ſogeyto em fim com todo o extremo
As altas leys do teu poder ſupremo,

57.

Se lá aquelle Paſtor o pezo grave
Da ovelha, que do apriſco achou perdida,
Tomou aos hombros, ſendo-lhe ſuave,
Pola ver ao rebanho reduzida;
O gram Paſtor, que tem da Igreja a chave,
Nella recolha a hũa alma arrependida,
A Ovelha a ſeu rebanho reſtaurada,
Que a mais perdida foy, mais deſgarrada.

58.

E ſe o Prodigo jà de tudo exhauſto
Achou no amor do Pay piedoſo abrigo,
Depois que foy do Amor cego holocauſto,
Contricto abominando o erro antigo;
Se lhe ſegui da vida o curſo infauſto,
No recurſo tambem agora o ſigo,
Teu gremio buſco, ampara, ò Mãy clemente,
Se a hum Filho jà rebelde, hoje obediente.

Eſſe

59.

E ſe tibio atè aqui covarde o alento
Obſervou o ſilencio deſta offerta,
Paſſe-me por caſtigo o ſentimento
De ter n'alma eſta divida encuberta:
Oh venturoſa morte, que inſtrumento
Foſte da melhor vida, alerta alerta,
Que hontem defunta, & hoje renaſcida,
Se á vida morte foſte, á morte es vida!

60.

E tu, ò Paõ celeſte, deſtinado
Ao Homem vil de tanta gloria indigno,
Diſſe (ao ver que lhe expunhão conſagrado
Eſſe rico do Ceo manjar Divino)
O' ſacro Sol, que em Lua disfarçado
Teu reſplendor occultas peregrino
Entre puros eclipſes de candores,
Nuvens, que mais affinão teus ardores;

61.

Do melhor Ethna effigie es portentoſa,
Que entre incendios de amor ſem deſafogo
Sò por fineza mais maravilhoſa
Por fóra a neve tens, por dentro o fogo;
Entra em minha alma jà, Prenda amoroſa,
Entra, amada Reliquia, & verás logo
Neſte apoſento teu, que o ſer te deve,
Incendios produzir a meſma neve.

Entra

62.

Entra em minha alma impura, & maculada
Pela terrena ſombra, que a profana,
Que ſendo neſſa luz purificada,
Das fezes triunfará da liga humana:
(Tomando aqui a Particula Sagrada)
Ah como ſinto, diz, Luz ſoberana,
Que nos ardores de huma doce calma
Em ſuave eſplendor ſe banha eſta alma!

63.

Pois tua Divindade Mageſtoſa
O apoſento occupou deſte edificio,
Naõ permittas que em chama rigoroſa
Eſte ſe abraze, em que habitaſte, hoſpicio:
Que inda que eſta morada eſcandaloſa
Foſſe centro do mal, fonte do vicio,
A caſa, em que ſe hoſpeda a Mageſtade,
Izenta logra as leys da immunidade.

64.

E tu, que neſſa Cruz por meus peccados
A peſo de robins me redemiſte,
Onde a teus Inimigos obſtinados
Pleno perdaõ ao eterno Pay pediſte;
Teus auxilios me inſpira ſublimados
Neſte ponto, em que o mal, & o bem conſiſte,
Se hum ſoldado ſalvaſte endurecido
Eu ſou quem eſſe lado te ha ferido.

Se

65.

Se a hum facinoroſo Delinquente
Na Cruz lhe prometeſte o Paraiſo,
Nella inda eſtás, ò Victima innocente,
E eu neſte extremo de morrer preciſo:
Se na Cruz pelos mâos eſtás pendente,
Mais mereço o perdaõ, que em ti diviſo,
Eu ſou o malfeytor, ſou o culpado
Mayor do que eſſe, que tiveſte ao lado.

66.

A eſte, pois, applico a bocca ancioſa,
(E aqui lhe chega ao lado o frio alento)
Para que a ſede apague a alma ſequioſa
Na fonte do amoroſo Sacramento:
No lenho deſſa Cruz, Nao milagroſa,
Neſſe mar de robins a ſalvamento
Eſpero pela tua alta piedade
Vencer dos erros meus a tempeſtade.

67.

Recebe, pois, Senhor, em laço eſtreyto
Do meu amor os ultimos abraços;
Mas ay que por te haver aberto o peyto
Vejo que já me eſtás abrindo os braços!
Eſtes meus, que a teus pés lanço ſogeito,
Sejaõ do noſſo amor eternos laços,
Nelles heyde eſpirar, & aqui rendido
Hey de exhalar o ultimo gemido.

Hoje

68.

Hoje em ti ſe ha de ver neſſa piedade
O mais alto brazaõ d'hũ peyto altivo;
Pois no perdaõ realça a Divindade,
E o Divino repugna o vingativo:
Senaõ fora, Senhor, minha maldade,
Como havias moſtrar o compaſſivo?
Vè que a dever me vẽs neſta indulgencia
O mayor auge da mayor clemencia.

69.

E Tu, ò Catherina amada Eſpoſa,
Que a conhecer me déſte o culto ſanto,
De Deos eſpera o premio venturoſa
De obra taõ alta, beneficio tanto:
Neſta voz, que profere doloroſa,
A todos obrigava a novo pranto,
E a viſta perturbando em vago gyro
Deu ſobre a Imagem o ultimo ſuſpiro.

70.

Sentidas vozes, ecos laſtimoſos
Pelos Regios portaes aqui ſe ouviraõ,
Mas aos aſtros voando luminoſos
A Alma venturoſa, os Ceos ſe abriraõ:
Sonoras feſtas, canticos glorioſos
Pelas vagas regiões ſe repetiraõ,
O Ceo reverberou nova alegria,
Brilhou mais bello o Sol, mais claro o dia.

71.

Oh dia, que quizeste na memoria
Eternizarte por mayor portento!
Sendo lá nesse Ceo todo vitoria,
Se cá na terra todo sentimento:
E tu, ditoso Rey, que nessa gloria
Possues o mayor contentamento,
Triunfante logra em ditas successivas
Quantas cá foraõ magoas excessivas,

72.

Bayxava a noyte, & as sombras tenebrosas
Dos homẽs os cuydados atalhando
Davaõ sossego ás aves amorosas
No consorcio feliz do ninho brando:
Sò Catherina em ancias saudosas,
N'alma mais viva a dor exprimentando,
Entre continuos sonhos vacillante,
Dar tregoas naõ podia ao peyto amante.

73.

Quando do novo alvor na matutina
Luz inda escassà em sonhos lhe apparece
Toda brilhante a Alma peregrina,
Taõ bella como o Sol quando amanhece:
Cingida de hũa veste cristalina,
Cuja indistincta cor mal se conhece,
Pois na grata, que alterna, variedade
De todas scintillava a qualidade.

Nin-

74.

Ninguem vio apparencia taõ fermosa
De variedades tantas matizada,
Nem a idea a imagina mais vistosa
Em agoa pura, ou no cristal formada;
Como a celeste Imagem luminosa,
Soltando ao vento a tunica estrellada,
Vinha o globo estilifero rompendo,
Ao ar candidas roupas estendendo.

75.

Iris Celeste nunca à clara esfera
Mais bello cinto deu de varias cores,
Quando brilhante o Sol lhe reverbera
Na curva fórma a luz dos resplendores:
Nem taõ vistosa a Aurora apparecèra
Entre Jacintos, rosas, & candores,
Como ostentava a tunica indistinta
Hum confuso matiz de varia tinta.

76.

Nesta visaõ taõ bella, & transparente
Se lhe afigura a Alma soberana;
Mas tal que bem mostrava claramente
A forma antiga da apparencia humana:
Em tanto a amante Esposa dando a mente
A' sonhada illusaõ, que a vista engana,
Falava hora com sigo, hora co a fria
Sombra, cuja Alma a voz talvez lhe ouvia.

77.

Quando da voz soltando o doce alento
Aquella taõ gentil Visaõ gloriosa,
A cuja vista he aspero, & violento
O som da humana voz mais sonorosa;
Nella com hum olhar benigno, & atento
Naõ me conheces, diz, ò chara Esposa?
He possivel que já me desconheças?
Pois vendome a abraçarme naõ te apressas!

78.

Ella em sonhos lhe torna: Esse luzido
Fulgor, que como Sol te afermosea,
Tanto a humana apparencia te ha excedido
Que apenas a recorda tarda a idea.
Disse; & os braços com modo enternecido
Estende à Luz, que a mente lhe recrea,
E tres vezes, que a Fórma em vaõ cingia,
Das mãos, como se ar fora, lhe fugia.

79.

Elle lhe diz: Naõ como te parece
De materia terrena estou composto,
Que o que ves, que corporeo te apparece,
He só vulto apparente á idea exposto:
Que este objecto, que á mente se te offrece,
He simplez, de materia naõ desposto,
Sou Espirito nù, Fórma invisivel,
Que ver olhos mortaes naõ he possivel.

E por-

80.

E porque deste mundo inda es vivente,
Maculada do horror da impura terra,
Ver só por este meyo te he decente
As Almas immortaes, que o Empyreo encerra:
Agora que esta luz resplandecente
Da vista a nevoa humana te desterra,
Por mim, ò chara Esposa, os olhos gyra,
Olha quanta belleza em mim se admira.

81.

Tal sou por obra tua, Tu do encanto
Do rito, que seguia, me tiraste,
Tu da vista de Deos, & de seu santo
Reyno, em que alegre habito, me dignaste:
Amando logro lá jubilo tanto,
Quanto tu lograrás, pois mo causaste,
Entrando nessa esfera diamantina,
Onde mais alto grao se te destina.

82.

A Deos, até que nessa gloria ornada
Te admire de outra tanta fermosura,
Onde vejas amando, & sendo amada,
O pouco, que amar sabe a vaã Creatura.
Disse; & Ella acordando alvoroçada
A fugitiva Imagem ver procura,
Que no intenso dos rayos incluida
Desapparece em nada resolvida.

83.

Não de outra ſorte o leve fumo ão vento,
Ou aos rayos do Sol a nevoa rara,
Aquelle deſvanece o tenue alento,
Eſta desfaz a raridade clara:
Como a Luz no ſeu proprio luzimento
Incluſa, em ſi desfeyta ſe tornàra,
Deyxandolhe no ardor do amante peyto
De alivio, & de ſaudade hum mixto effeyto.

84.

Goza, pois, neſſe Reyno de explendores,
Alma ditoſa, o bem, que lá ſe encerra,
Dando deſſas esferas ſuperiores
Glorias ao Ceo, & jubilos à terra:
Vive neſſes abiſmos de fulgores,
Centro de todo o bem, que o mal deſterra,
Renaſcendo immortal no Empyreo Templo
Maravilha do Ceo, do mundo exemplo.

85.

E Tu, ò Catherina, que a armonia
Ouvir deſſe alto Coro mereceſte,
Logra de teu Eſpoſo a companhia
Neſſe globo de luz, onde o meteſte:
Se nas confuſas ſombras da heregia
Os mais rebeldes animos venceſte,
Quantas guiaſte ao Ceo ditoſas Almas,
Tantas te ſejaõ lá triunfantes palmas.

Vive

86.

Vive gozando em fim a gloria immenſa,
Que ver naõ pòde a humana viſta immunda,
Qual Aguia regiſtrando a chama intenſa
Deſſe Sol, que de luz o Empyreo inunda;
Em quanto deſta cá diſtancia extenſa
Neſſa esfera, em que habitas tão jucunda,
Te não vamos a ver radiante, & clara,
Moſtrando outra belleza inda mais rara.

87.

Não mais, Muſa, não mais, que ſinto o alento
Aqui faltarme jà desfalecido,
Deſafinado o metrico inſtrumento,
E o peyto de cantar enrouquecido.
E Vòs, que poſto lá no Regio aſſento,
Tendes de humilde voz a hiſtoria ouvido,
Vede a voſſa Proſapia, & vede a gloria,
Que tanto vos reſulta deſta hiſtoria.

88.

Sede de exemplos taes hum novo exemplo
A voſſos Succeſſores ſoberanos,
Eſcudo ſendo do Romano Templo
Contra o furor dos bravos Otomanos:
Pois neſſa tenra idade vos contemplo
Taõ generoſo ardor, em poucos annos
Sereis no verde Abril aſſumpto eterno
A' patria, ao mundo, ao tempo ſempiterno.

89.

Empunhay essa espada cortadora,
Onde temos certissima esperança,
Vereis de cà atè aonde nasce a Aurora
Todos rendendo o collo à vossa lança:
A qual por todo o mundo vencedora
Dilatarà dos annos na mudança
As soberanas leys do vosso Imperio
Por climas desse Antarctico Emispherio.

90.

Hum repetindo, & outro heroico feyto,
Fazey que vossos Pays de vòs se dinem,
Fazendo arder as ondas lá do Estreyto
Com os metaes, que os Barbaros fulminem;
Que eu fico que as facçoens do vosso peyto
Os Imperios do mundo predominem,
Domando a gente de hum, & d'outro pollo,
Pondolhe à boca o freyo, o jugo ao collo.

91.

De Infieis sendo a çoute, & vituperio,
O vosso invicto braço sem segundo,
Inda mayor fareis vosso Emispherio
De Martes mil, de Engenhos mil fecundo:
Olhay quem sois, qual he o vosso Imperio,
Que neste exemplo, sendo assombro ao mundo,
Dareis, vencendo os seculos da idade,
Templos à Fama, annaes à eternidade.

Laus Deo, Virginique Matri sub titulo Conceptionis.

SERIE DA HISTORIA PRINCIPAL deste Poema.

PRincipio do casamento. pag. 15.
Commissaõ delle ao nosso Embayxador, que residia em Inglaterra, pag. 16.
Proposta do Embayxador a ElRey de Inglaterra, ibid.
Diversaõ d'ElRey de Castella, pag. 64.
Constancia d'ElRey de Inglaterra, ibid.
Conclusaõ do ajuste, pag. 65.
Festas de fogo, luminarias, & touros, com que se celebrou na Corte de Lisboa esta noticia, pag. 66.
A chegada da Armada Ingleza ao porto de Lisboa, pag. 72.
Desembarque do Embayxador de Inglaterra, pag. 75.
Embayxada, pag. 76.
Dia do embarque da Serenissima Rainha da Gram-Bretanha, p. 78.
Apparato das ruas, & arcos triunfaes, que se levantáraõ, pag. 79.
Sahida da Rainha do Paço para a Sè, pag. 85.
Fausto, com que se armou o Paço, pag. 86.
Despedida da Rainha, & da Rainha Māy, pag. 87.
Estado da Rainha de Inglaterra, pag. 89.
Entrada na Sè, & apparato da Igreja, pag. 92.
Sahida da Sè para a Ponte, onde embarcou, pag. 105.
Fachada da Ponte, pag. 106.
Embarque da Rainha, pag. 107.
Despedida das Pessoas Reaes, pag. 108.
Detença, que teve a Armada no porto, pag. 124.
Sahida da Armada, pag. 132.
Tormenta, que lhe sobreveyo, pag. 176.
Digressaõ, que por causa della fez a hũa costa chamada a Bahia dos Montes, pag. 190.
Festejo, com que os habitadores daquella costa recebèraõ a Rainha, pag. 373.
Progresso da Armada, pag. 374.
Encontro da Armada com o Graõ Duque de Yorth Irmaõ d'ElRey de Inglaterra, pag 375.
Visita do Duque à Rainha, pag. 377.
Entrada da Armada no porto de Prosmouth, pag. 378.
Desembarque da Rainha, pag. 380.

Dd Chega-

Chegada de ElRey de Inglaterra a aquelle sitio, ibid.
Celebridade do casamento, ibid.
Passagem, que fez ElRey, & a Rainha a hum retiro, pag. 381.
Entrada na Corte de Inglaterra, ibid.
Instancias, que a Rainha fez a ElRey a fim de o reduzir à Fé Catholica, pag. 391.
Razaõ da sua contumacia, pag. 393.
Morte de ElRey, pag. 394.
Protestaçaõ, que fez da Fé com todas as demonstrações, & actos de Catholico Romano, pag. 395.
Regresso da Rainha a esta Corte, pag. 365.
Morte desta Senhora, pag. 367.

INDEX DOS EPISODIOS DAS HISTOrias verdadeiras, & das cousas mais notaveis que se introduzem na historia principal deste Poema.

As estatuas de todos os Reys de Portugal ideadas por stemmas dos arcos triunfaes, que se levantáraõ na ida da Serenissima Rainha da Gram-Bretanha, pag. 79.
Historia da acclamaçaõ d'ElRey o Senhor D. Joaõ o IV. pag. 96.
Historia da perversaõ de Inglaterra, pag. 160.
As guerras procedidas da acclamaçaõ, pag. 225.
Preparaçaõ para a guerra, pag. 227.
Concurso militar de todas as Provincias para as rayas, pag. 246.
Marcha do Inimigo de Badajoz para Olivéça, & fórma della, p. 248.
Assalto, que deu á Praça, pag. 253.
Derrota do Inimigo, pag. 255.
Retiro do seu Exercito, pag. 256.
Marcha do nosso Exercito para Montijo, & fórma delle, pag. 260.
Os Cabos, que o governavaõ, pag. 257.
Noticia da marcha do Exercito Inimigo, pag. 262.
Encontro dos dous Exercitos, pag. 263.
Numero da gente Inimiga, & fórma d'ambos os Exercitos, ibid.
Batalha de Montijo, pag. 264.
Marcha do Inimigo de Badajoz para Olivença, & assalto, que lhe deu, pag. 268.

Sahida

Sahida d'Elvas do noſſo Exercito para ſoccorrer Olivença, o numero da gente, & o combate da Praça, pag. 269.
Choque entre a noſſa, & a inimiga gente, pag. 270.
Retirada, que fez o noſſo Exercito de Olivença para Badajoz, & aſſaltos, que lhe deu, ibid.
Regreſſo do noſſo Exercito para Olivença, que achou tomada já do Inimigo, pag. 271.
Marcha do Inimigo de Olivença para Mouraõ, & bateria, que lhe deu, ibid.
Rendimento da Praça, pag. 272.
Reſtauraçaõ da Praça, pag. 273.
Marcha do noſſo Exercito ſobre Badajoz, ibid.
Deſcripçaõ da Praça, pag. 275.
Deſcripçaõ do Forte de S. Chriſtovaõ, pag. 276.
Bateria, que demos ao Forte, pag. 277.
Soccorro da Praça, máo ſucceſſo do Inimigo, & fugida do Duque de Oſſuna, pag. 277.
Aſſalto, que demos ao Forte, pag. 279.
Mao ſucceſſo no aſſalto, pag. 280.
Retirada do noſſo Exercito, pag. 281.
Marcha ſobre o Forte de S. Miguel, & a fórma della, ibid.
Aſſalto, que lhe demos, pag. 282.
Oppoſiçaõ, q̃ nos fez o Inimigo ſobre o ſitio, q̃ occupamos, p. 283.
Eſtrago, que ſe fez a hum troço do Inimigo, que vinha a ſoccorrer o Forte, ibid.
Batalha, que ſe travou, ibid.
Aſſalto, que demos ao Forte, pag. 285.
Rendimento do Forte, pag. 286.
Soccorro do Inimigo a Badajós, pag. 289.
Levantamento do ſitio, & retirada do noſſo exercito para Elvas, pag. 290.
Marcha, & ſitio do exercito Inimigo ſobre a Praça d'Elvas, & o numero da gente, pag. 291.
Sahida do noſſo Exercito de Eſtremos para a ſoccorrer, ibid.
Os Cabos, que governavão o exercito, pag. 292.
Numero dos de Cavallo, & dos Infantes, pag. 293.
O trem do Exercito, pag. 295.
Marcha, que fez, pag. 296.
Alto do noſſo Exercito à viſta do Exercito Inimigo, pag. 297.

Preparaçaõ para a batalha, pag. 300.
Marcha do nosso Exercito para dar batalha, pag. 304.
A forma do Exercito Inimigo, pag. 305.
Pratica, que fez o nosso General aos soldados, pag. 306.
Batalha, pag. 310.
Primeyra acclamaçaõ da vitoria, pag. 314.
Morte do famoso Andre de Albuquerque, pag. 316,
Deposito do corpo, pag. 319.
Fugida de D. Luis de Aro General do Exercito Inimig o.p. 320.
Segunda acclamaçaõ da vitoria, ibid.
Introducçaõ do soccorro na Praça, ibid.
Mortandade, pag. 322.
Funeral de Andre de Albuquerque, pag. 325.
Serie dos Heroes Portuguezes mais illustres por armas conquistadores deste Reyno, pag. 338.
Os Defensores delle, pag. 341.
Os que mais o dilatáraõ, pag. 344.
Os Governadores, & Vice-Reys da India, & seus Defensores, p. 345.
Progresso das guerras, pag. 352.
Tomada d'Evora, pag. 353.
Batalha do Canal, ibid.
Restauraçaõ de Evora, pag. 354.
Batalha de Castel-Rodrigo, pag. 355.
Batalha de Montes Claros, ibid.
Vinda da Serenissima Senhora Maria Francisca Isabel de Saboya para Portugal, pag. 356.
Nascimento da Senhora Infante D. Isabel, pag. 357.
Conclusaõ das pazes, pag. 358.
Morte d'ElRey o Senhor Dom Affonso, ibid.
Morte da Serenissima Senhora Maria Francisca Isabel de Saboya Rainha de Portugal, ibid.
Vinda da Serenissima Senhora Dona Maria Sofia Isabel de Neoburg para Portugal, pag. 359.
Nascimentos de todos os Senhores Infantes filhos desta Senhora, & d'ElRey o Senhor D. Pedro, pag. 360.
Morte da Senhora Infante D. Isabel, pag. 361.
Morte da Serenissima Senhora D. Maria Sofia Isabel, Rainha de Portugal, pag. 365.
Morte de Carlos II. Rey de Castella, pag. 366.

Introducçaõ no Reyno do Duque de Anjù, hoje Philippe V. ibid.
Oppoſiçaõ do Sereniſſimo Duque de Auſtria, hoje Carlos III. ibid.
A morte da Senhora Infante D. Thereſa, pag. 367.
Chegada de Carlos III. a eſta Corte, ibid.
Principio das guerras procedidas da ſua oppoſiçaõ, ibid.
Morte d'ElRey o Senhor D. Pedro, pag. 368.
Succeſſaõ d'ElRey o Senhor D. Joaõ N. Senhor, ibid.
Vinda da Sereniſſima Senhora D. Mariana de Auſtria N. Senhora para Portugal, ibid.
Naſcimentos de ſuas Altezas filhos d'ElRey, & deſta S. pag. 369.

INDICE DAS IDEAS, IMAGENS, FICçóes, & Epiſodios fabuloſos, que entretecem a principal, & as mais Hiſtorias verdadeyras do Poema.

Supplica, que Santa Urſula fez a Deos ſobre a reverſaõ de Inglaterra, pag. 8.
Conceſſaõ da ſupplica, pag. 10.
Bayxa o Archanjo S. Miguel à terra por mandado de Deos, ibid.
Inſpira por ſonhos em ElRey o Senhor D. Joaõ o caſamento da Infante ſua filha com ElRey de Inglaterra, pag. 12.
Communica ElRey D. Joaõ o ſonho à Rainha, pag. 15.
Vè por ſonhos o Rey de Inglaterra a Infante orando a Deos, p. 17.
Admira hũ reſplandor ſobre a cabeça da Infante, pag. 19.
Relata o Rey o ſonho a ſeu Irmaõ Jacob, pag. 22.
Retratalhe a belleza, com que a vio, ibid.
Encarecelhe o amor, com que lhe ficou, pag. 29.
Approvalhe Jacob o acerto, pag. 31.
Faz concelho Plutaõ com os mais demonios ſobre o caſamẽto, p. 33.
Temem a reducçaõ de Inglaterra, pag. 44.
Trataõ de o divertir, pag. 49.
Toma hum delles a ſi a diligencia, ibid.
Forma-ſe em hum Dragaõ, pag. 50.
Apparece a hum Mago, pag. 52.
Perſuadelhe o dano, que todos elles temiaõ do caſamento, pag. 54.
Empenha-ſe o Mago em o divertir, pag. 57.

Caminha a Castella, & intima ao Rey o prejuizo, que se lhe podia seguir da liga do casamento entre Portugal, & Inglat. p. 58.
Mallograda a diligencia do Mago, embarcada já a Rainha, & dando à vella a Armada, faz Plutaõ segundo concelho, pag. 109.
Levantaõ os demonios hũa tempestade fóra da barra ao sahir da Armada, pag. 123.
Ora Santa Ursula a Deos pela Rainha, pag. 124.
Promettelhe Deos o soccorro, pag. 125.
Revelalhe o bom successo da sua chegada a Inglaterra, a reducçaõ do Rey, & a seu exemplo a de outros muytos, & por tempos a de todo o Reyno de Inglaterra, pag. 126.
Manda Deos cinco Anjos a affugentar os ventos diabolicos para sahir a Armada, pag. 127.
Sahe a Rainha, pag. 132.
Lamenta Lisboa a sua saudade, pag. 133.
Insiste Plutaõ no seu intento, induz a Protheo á destruiçaõ da Armada, pag. 143.
Busca Protheo a Neptuno, pedelhe altere os mares, apontalhe as causas, incita-o com razões, vaticinalhe outras mais, pag. 144.
Despacha Neptuno a Tritaõ por mensageiro a Eolo Rey dos ventos, para que com elle concorresse a submergir a Armada, p. 150.
Parte Tritaõ, & vay buscar a Eolo, ibid.
Propoem-lhe a petiçaõ de Neptuno, pag. 151.
Convem Eolo na supplica, pag. 152.
Apparece hum Dragaõ à Armada, ibid.
Falla o Dragaõ aos Navegantes, pag. 153.
Desapparece, & começa-se a revolver o tempo, pag. 154.
Arma-se hũa terrivel tempestade, pag. 176.
Sahem as Tagides do seu Tejo a pedir a Neptuno, & aos mais Deoses do mar aplaquem a tormenta a favor da Armada, pag. 182.
Promettelhe Neptuno bonança, & hospicio, pag. 189.
Recolhem-se as Ninfas ao Tejo, pag. 190.
Manda Neptuno as Ninfas do mar a conduzir a Armada para hũa Ilha, que Tethis sua mulher tinha preparado aos navegãtes, ibid.
Descreve-se a Ilha com todas as suas delicias, pag. 193.
Hospedagem, que fizeraõ as Ninfas aos Navegantes, pag. 220.
Relata o Embaixador Portuguez as guerras presẽtes a Tethis, p. 225.
Sentimentos de Flebia na ausencia de Enfrido, pag. 233.
Leva Tethis ao General ao Templo da Fama, pag. 332.

Entra

Entra no Templo, vè as eſtatuas dos Heroes Portuguezes, p. 336.

Chegaõ ambos ao Altar principal, & tira a Ninfa das mãos de hum Oraculo, que nelle ſe collocava, hum livro, que continha os progreſſos de todos os Reynos, pag. 350.

Lè nelle a Ninfa os ſucceſſos futuros de Portugal, progreſſo das guerras, vindas das Rainhas a eſta Corte, naſcimentos, & mortes das Peſſoas Reaes, pag. 352.

Deſpedem-ſe das Ninfas os Navegantes, pag. 372.

Deſapparece a Ilha, pag. 373.

Já em Inglaterra a Rainha, ſahe a paſſear a hũa ſoledade, pag. 383.

Nella lamenta a ſua magoa na contumacia do Rey, ibid.

Repreſenta ao Ceo o ſeu ſentimento, pag. 386.

Padece hum deliquio, & nelle a conſola hum Anjo, pag. 387.

Seguralhe o fim do ſeu deſejo, pag. 389.

Apparecelhe o Rey naquelle retiro, pag. 390.

Perguntalhe a cauſa da ſua triſteza, pag. 391.

Propoem-lhe a Rainha a cauſa, ibid.

Deſere-lhe indifferente, pag. 393.

Fallecido o Rey apparece em ſonhos à Rainha, pag. 402.

Falla à Rainha, pag. 404.

Deſapparece, pag. 405.

F I M.

Erratas.	*Emendas.*
Canto I. Oitava 72. verſo 4. de Amor, lea-ſe	do Amor.
Canto II. Oitava 23. verſo 3. de feroz	da feroz
Canto III. Oitava 69. verſo 7. irrevevente	irreverente.
Canto III. Oitava 82. verſo 6. Pyroens	Pyrois.
Canto IV. Oitava 102. verſo 1. com duro	com dura.
Canto V. Oitava 3. verſo 5. quando	quanto.
Canto V. Oitava 74. verſo 6. de eſcura	da eſcura.
Canto VII. Oitava 91. verſo 5. da ira	de ira.
Canto VIII. Oitava 22. verſo 7. ennobrece	ennobrecem.
Canto VIII. Oitava 44. verſo 1. prenda	preza.
Canto VIII. Oitava 71. verſo 8. inudando	inundando.
Canto VIII. Oitava 73. verſo 6. intricados	intrincados.
Canto VIII. Oitava 97. verſo 5. E Ayres	He Ayres.
Canto IX. Oitava 83. verſo 5. voltando	voltado.
Canto X Oitava 14 verſo 2. a trombera	a trombeta
Canto X. Oitava 16. verſo 1. a froxa a idade	a froxa idade.
Canto X. Oitava 21. verſo 8. fugia	fugio.
Canto XI. Oitava 60. verſo 8. ledo	lendo.

LICENÇAS.

VIstas as informações pode-se imprimir o Poema intitulado Carlos Reduzido, de que faz mençaõ esta petiçaõ, & impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa 6. de Outubro de 1713.

Hasse. Ribeyro. Rocha. Barreto.

DAmos licença que se possa imprimir o Poema de que esta petiçaõ trata, & impresso torne para se conferir, & darmos licença que corra, & sem ella naõ correrà. Lisboa 19. de Mayo de 1714.

M. Bispo de Tagaste.

QUe se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois tornarà à Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso naõ correrà. Lisboa 21. de Janeyro de 1716.

Andrade. Botelho. Noronha. D. Guedes.

VIsto estar confórme com o original pòde correr. Lisboa 3. de Julho de 1716.

Hasse. Monteyro. Ribeyro. Fr. Rodrigo de Lencastre.
Guerreyro. Sousa.

POde correr. Lisboa 6. de Julho de 1716.

M. Bispo de Tagaste.

TAxaõ este livro em hum cruzado em papel. Lisboa 8. de Julho de 1716.

Andrade. Botelho. Noronha. D. Guedes.